UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MIZAEL MANOEL SANTOS DA COSTA

# GRAVURAS RUPESTRES NA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU: escolhas técnicas e morfológicas nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN-Brasil

RECIFE
2018

MIZAEL MANOEL SANTOS DA COSTA

# GRAVURAS RUPESTRES NA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU: escolhas técnicas e morfológicas nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN-Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

**Área de Concentração**: Registros gráficos rupestres na Pré-História

**Orientadora**: Profª. Drª. Maria Gabriela Martin Ávila.

**Coorientador**: Prof. Dr. Fábio Mafra Borges.

RECIFE
2018

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

C837g Costa, Mizael Manoel Santos da.
Gravuras rupestres na Bacia do Rio Piranhas/Açu: escolhas técnicas e morfológicas nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN-Brasil / Mizael Manoel Santos da Costa. – 2018.
309 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Gabriela Martin Ávila.
Coorientador: Prof. Dr. Fábio Mafra Borges.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2018.
Inclui referências e anexo.

1. Arqueologia. 2. Sítios arqueológicos – Rio Grande do Norte. 3. Arte pré-histórica. 4. Gravuras rupestres. I. Ávila, Maria Gabriela Martin (Orientadora). II. Borges, Fábio Mafra (Coorientador). III. Título.

930.1 CDD (22. ed.) (BCFCH2020-265)

MIZAEL MANEL SANTOS DA COSTA

**GRAVURAS RUPESTRES NA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU: escolhas técnicas e morfológicas nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN-Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Arqueologia.

Aprovada em 31/08/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

_____
Profª. Drª. Gabriela Martin Ávila
(Orientadora – Departamento de Arqueologia – UFPE)

_____
Profª. Drª. Anne-Marie Pessis
(Examinador Interno – Departamento de Arqueologia – UFPE)

_____
Prof. Dr. Fábio Mafra Borges
(Examinador Externo – Departamento de História – UFRN)

_____
Prof. Dr. Valdeci dos Santos Junior
(Examinador Externo – Departamento de História – UERN)

_____
Profª. Drª. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos
(Suplente Interno – Departamento de Departamento de Arqueologia – UFPE)

_____
Prof. Dr. Fernando Antônio Guerra de Souza
(Suplente Interno – Departamento de Departamento de Arqueologia – UFPE)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus guias espirituais da Umbanda, que estão sempre iluminando minha caminhada nessa terra, me auxiliando e dando conforto nas horas que mais preciso, em especial a meus pais Xangô e Ogum, ao Caboclo Araúna, a Pai André do Cruzeiro, ao Erê Marquinhos, ao Cigano Alessandro, e a Exú Sete Cruzes, que sempre estão comigo, nas horas boas e ruins.

A minha mãe Francineide e a meu pai Manoel, que mesmo com poucas condições conseguiram dar a educação necessária para que eu pudesse alcançar meus objetivos, investindo, mesmo quando não podiam, para garantir a conclusão do meu mestrado.

A minha esposa Luana, que abdicou da minha companhia durante a gestação do nosso filho para que eu pudesse estar em Recife cursando as disciplinas do mestrado. Além de ter trabalhado até o último dia da gestação para me ajudar financeiramente.

A meu sogro Armane, a minha sogra Ana (*in memoriam*), e a minha cunhada Loany, que acolheram a mim e a minha esposa em sua casa, lugar que ainda hoje resido, onde tive todo o apoio necessário para a conclusão do mestrado.

A minha orientadora Prof.ª Gabriela Martin, que tornou possível a conclusão desse trabalho, proporcionando orientações e observações cirúrgicas a respeito do que eu deveria fazer em minha pesquisa, mostrando a seriedade que devemos ter enquanto pesquisadores.

A meu coorientador Prof. Fábio Mafra Borges, um ser único, um verdadeiro pai acadêmico, que me cativou ainda na graduação com suas aulas de Pré-História, Arqueologia e História Indígena, sendo responsável pela minha mudança de área de atuação acadêmica, da História para a Arqueologia. Nunca esquecerei das orientações e conversas que o Prof.º Fábio me proporcionou, momentos que foram essenciais para a elaboração das hipóteses que norteiam esse trabalho.

Ao Prof. Valdeci dos Santos Junior, que me ensinou procedimentos de análise gravuras durante algumas visitas a sítios arqueológicos da região Seridó, além de me coorientar em alguns momentos da dissertação.

A todos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, professores, servidores e técnicos. Agradeço especialmente ao Prof. Carlos Rios, que me deu um grande apoio psicológico com seus conselhos, sendo o primeiro a me indicar para trabalhos na Arqueologia.

Aos professores que dividiram seus conhecimentos, suas experiências e vivencias na Arqueologia, algo que acredito ser essencial para a formação dos mestrandos. Agradeço em

especial aos professores Anne-Marie Pessis, Carlos Rios, Daniela Cisneiros, Demétrio Mutzenberg, Gabriela Martin, Gisele Felice, Sérgio Serafim e Viviane Casto.

A Luciane Borba, secretária do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, que sempre me ajudou quando precisei de auxílio em questões institucionais.

Ao servidor Arnaldo Oliveira, que conheci no ano de 2013 durante uma visita a um sítio arqueológico que descobri. Seu Arnaldo foi um dos primeiros a me dar incentivo para ingressar no mestrado em arqueologia, me acompanhando durante todo o mestrado, sendo um refúgio familiar para mim naquele departamento.

Ao meu amigo/irmão Joadson Vagner, que foi meu parceiro nessa empreitada, passando pelas mesmas dificuldades e desafios que o mestrado em arqueologia me proporcionou. Se não fosse o seu apoio psicológico com certeza eu teria abandonado tudo, como planejei algumas vezes. Foi graças a Joadson que conheci o sítio arqueológico Pedra Ferrada, e a partir disso, outros sete (07) sítios foram descobertos, servindo como objeto de estudo para essa dissertação.

Ao meu amigo Sérgio Olímpio, que foi o meu contato com os moradores da área onde os sítios arqueológicos estão inseridos. Foi a partir do conhecimento que tenho com Sérgio que os moradores liberaram minha entrada nas propriedades onde os sítios arqueológicos estão inseridos.

A minha amiga Mônica Nogueira, e a sua mãe Cleide Almeida Araújo, que me acolheram em sua casa durante o meu primeiro ano de mestrado, quando paguei as disciplinas em Recife. Sou eternamente grato a elas, pois não é qualquer pessoa que abre as portas de seu lar, abdicando da privacidade e sossego, para abrigar mais dois. Tudo que eu falar ou fazer será pouco para compensar o que elas fizeram por mim e por Joadson, pois sem o lar que elas nos proporcionaram não seria possível a nossa estadia em Recife.

A meus amigos Marcellus D'Almeida, Francisco Matos e Mariana Zanchetta, que me deram abrigo em suas residências durante as minhas idas a Recife no segundo ano de mestrado. Não era só abrigo, eram ilhas de diversão e empatia, onde eu me sentia mais leve, pois eles passaram ou estavam passando pelas mesmas experiências que a pós-graduação nos proporcionam, servindo assim como "portos seguros" onde eu "ancorava" com minhas frustrações e saia com pensamentos positivos e energias recarregadas.

Aos meus amigos e colegas que tive a honra de conhecer durante o mestrado, em especial a Ana Claudia Sales, Ilca Pacheco, Pollyana Calado, Lucas Bonald, Ramon Teixeira, Mariana Freitas, Gisele Costa, Nicodemos Chagas, Rayanne Aguiar, Ilana Elisa, Nathalia Nogueira, Maria Fernanda van Erven, Leandro Souza e Fabiano Nascimento, todos tiveram

uma passagem marcante em minha vida, e estarão sempre em minhas lembranças, orações e pensamentos positivos.

As pessoas que estiveram comigo em campo, me auxiliando nas prospecções e registros dos sítios arqueológicos dessas pesquisas, meus amigos Alexander Costa, Edmilson Bezerra, e meu tio Francinildo (Huminho).

A Henrique Roque, um amigo que a Arqueologia me deu, responsável pelo drone que realizou as fotos e filmagens aéreas dos painéis estudados nessa pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que essa pesquisa fosse possível, meu muito obrigado!

## RESUMO

A pesquisa tem como tema os registros rupestres gravados existentes nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, localizados no município de Jucurutu-RN-Brasil. O problema central almeja responder os seguintes questionamentos: os conjuntos gráficos dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe integram o mesmo perfil gráfico dos sítios com gravura rupestres já estudados na área arqueológica do Seridó? Ou apresentam um perfil gráfico específico, como ocorre nos sítios do Riacho do Chaves em Jucurutu-RN? (SANTOS JR., et al. 2016). O objetivo geral é definir um perfil gráfico para os sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, bem como identificar possíveis momentos pictóricos distintos e grafismos recorrentes relacionados às pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011). Os objetivos específicos são: 1. Evidenciar possíveis momentos pictóricos distintos; 2. Demonstrar as técnicas predominantes para a confecção das gravuras rupestres, 3. Identificar as gravuras rupestres recorrentes; 4. Demonstrar diferentes escolhas espaciais no interior das Áreas Gravadas. Abordou-se na metodologia a análise imagética dos sítios arqueológicos, segregando as Áreas Gravadas (AG), as Áreas de Concentração Gráfica (ACG) e os Grafismos Rupestres. A partir dos dados obtidos foram evidenciados até três (03) momentos pictóricos distintos nos sítios pesquisados, além de duas possíveis identidades gráficas, apresentando perfis gráficos distintos de pesquisas sobre registros rupestres gravados na área arqueológica do Seridó (MARANHÃO, 2003; BRITO, 2011).



Palavras-chaves: Córrego do Peixe. Perfil Gráfico. Gravuras Recorrentes. Momentos Pictóricos.

## ABSTRACT

The research has as its theme the recorded rock records existing in the archaeological sites of Córrego do Peixe, located in the municipality of Jucurutu-RN-Brazil. The central problem aims to answer the following questions: do the graphic sets of the archaeological sites of Córrego do Peixe integrate the same graphic profile of the sites with rock engravings already studied in the archaeological area of Seridó? Or present a specific graphic profile, as occurs in the locations of Riacho de Chaves in Jucurutu-RN? (SANTOS JR., et al. 2016). The general objective is to define a graphic profile for the archaeological sites of Córrego do Peixe, as well as to identify possible distinct pictorial moments and recurring graphics related to the researches of Maranhão (2003) and Brito (2011). The specific objectives are: 1. To highlight possible distinct pictorial moments; 2. Demonstrate the predominant techniques for making rock engravings, 3. Identify recurrent rock engravings; 4. Demonstrate different spatial choices within the Recorded Areas. In the methodology, the image analysis of archaeological sites was approached, segregating the Engraved Areas (AG), the Graphic Concentration Areas (ACG) and the petroglyph. From the data obtained, up to three (03) distinct pictorial moments were evidenced in the researched sites, in addition to two possible graphic identities, presenting distinct graphic profiles of research on rock records recorded in the archaeological area of Seridó (MARANHÃO, 2003; BRITO, 2011).



Keywords: Córrego do Peixe. Graphic Profile. Recurring Engravings. Pictorial Moments.

## LISTA DE FIGURAS


Figura 1 - Mapa de distribuição dos Sítios Arqueológicos com gravuras rupestres em Jucurutu-RN. ..... 35

Figura 2 - Vista de parte da parede da Barragem das Oiticicas em construção, Jucurutu-RN. ..... 36

Figura 3 - Mapa de distribuição dos Sítios Arqueológicos com gravuras rupestres no Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. ..... 37

Figura 4 - Mapa representando a Área Arqueológica do Seridó, que engloba os Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. ..... 38

Figura 5 - Mapa esquemático da localização da Bacia Hidrográfica do Rio Piancó-Piranhas-Açu. ..... 53

Figura 6 - Mapa das Zonas Climáticas do Seridó Potiguar. ..... 57

Figura 7 - Mapa dos Ecossistemas do Seridó. ..... 60

Figura 8 - Mapa das Unidades Litoestatigráficas de Jucurutu-RN. ..... 64

Figura 9 - Desenho de José de Azevedo Dantas representando o painel do Sítio Arqueológico Fundões VII, Carnaúba dos Dantas-RN-Brasil. ..... 65

Figura 10 - Mapa da distribuição dos sítios arqueológicos com registros rupestres na área arqueológica do Seridó. ..... 68

Figura 11- Repertório de grafismos recorrentes e grafismos em posicionamento recorrente. ..... 70

Figura 12 - Demonstração do método de melhoramento de fotografias Câmera Raw, do programa Adobe Photoshop CC. ..... 82

Figura 13 - Demonstração do 3° passo, que consiste na seleção das camadas a partir das colorações distintas com o auxílio da Ferramenta Varinha Mágica. ..... 83

Figura 14 - Demonstração do 4° passo, que consiste na diferenciação das camadas a partir da pintura das partes selecionadas. ..... 83

Figura 15 - Imagem representando a parede do açude (seta vermelha) e uma residência ao fundo (seta amarela), Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 86

Figura 16 - Representação da área mais afetada pela ação das enchentes do Córrego do Peixe, ressaltando as marcas hidrológicas. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. 87

Figura 17 - Vista parcial do afloramento rochoso no qual o Sítio Pedra Ferrada está localizado. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 88

Figura 18 – Distribuição espacial dos painéis do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 89
Figura 19 - Imagem geral do Painel 1. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 90
Figura 20 - ACG 1, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 92
Figura 21 - Grafismos reconhecíveis: a) Mão estilizada, b) Antropomorfo, c) Zoomorfo; ACG 1, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 92
Figura 22 - ACG 2, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 93
Figura 23 - AGC 3, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 94
Figura 24 - Imagem geral do Painel 2. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 95
Figura 25 - Imagem aérea do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 97
Figura 26 - ACG 1, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 98
Figura 27 - Imagem geral da ACG 2, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 99
Figura 28 - GRCP1, ACG 3, painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 100
Figura 29 - a) GRCP1, ACG 1, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada; b) GRCP1, ACG 3, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 100
Figura 30 - Imagem aérea da ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 101
Figura 31 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003), ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR9 (MARANHÃO, 2003), ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 102
Figura 32 - Imagem aérea da ACG 5, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 103
Figura 33 - Imagem aérea da ACG 6, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada-RN. ..... 104
Figura 34 - ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Imagem frontal; b) Imagem aérea. ..... 105
Figura 35 - Grafismos recorrentes. ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. 106
Figura 36 - Detalhe de Tridígitos que formam "pegadas de aves". ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 107
Figura 37 - Imagem aérea da ACG 8, Painel 2, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 108
Figura 38 - Detalhe das Recorrências. ACG 8, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 109
Figura 39 - Sobreposição do grafismo recorrente GR16 aos GR11. ACG 8, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada. ..... 110

Figura 40 - Detalhe de sobreposição de grafismos. ACG 8. Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 110
Figura 41 - Vista geral, ACG 9, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 111
Figura 42 - a) Grafismo recorrente isolado na extremidade norte do painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente, ACG 9, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003). ..... 112
Figura 43 - Imagem aérea do Painel 3. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 113
Figura 44 - Imagem aérea da ACG 1, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 115
Figura 45 - a) Grafismo recorrente ao GR4 de Maranhão (2003) ACG 1, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente GR4 (MARANHÃO, 2003). ..... 115
Figura 46 - Imagem aérea da ACG 2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 116
Figura 47 - Detalhe de antropomorfo e recorrência 10 (BRITO, 2011) sobrepostos. ACG 2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 117
Figura 48 - Imagem aérea da ACG 3, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 118
Figura 49 - a) Grafismo recorrente ao GR11 (MARANHÃO, 2003). ACG 3, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GR11 (MARANHÃO, 2003). ..... 118
Figura 50 - Imagem aérea da ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 119
Figura 51 - Detalhe de grafismo incompleto. ACG 4, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 120
Figura 52 - Imagem aérea da ACG 5, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 121
Figura 53 - Imagem aérea, ACG 6, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 122
Figura 54 - Detalhe de grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003). ACG 6, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 122
Figura 55 - Imagem aérea da ACG 7, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 123
Figura 56 - Detalhe de fitomorfo e representação de linha de "solo". ACG 7, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 124
Figura 57 - ACG 8, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 124
Figura 58 - Comparação de grafismos: a) Antropomorfo do painel 3, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo emblemático, Sítio Mirador, Parelhas-RN (MARTIN, 2008). ..... 125
Figura 59 - Imagem aérea do Painel 4, ACGs analisadas, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 127

Figura 60 - Imagem geral do Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 128
Figura 61 - Imagem geral da ACG 1, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 129
Figura 62 - Dimensão Temática da ACG1. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); c) Zoomorfo. ..... 130
Figura 63 - Zoomorfo. ACG1, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 130
Figura 64 - Imagem geral da ACG 2, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada Jucurutu-RN. ..... 131
Figura 65 - Imagem geral da ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 132
Figura 66 - Grafismos recorrentes. a) GRCP2, ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; c) GRCP2, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 133
Figura 67 - Fitomorfo. ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada Jucurutu-RN. ..... 133
Figura 68 - Imagem geral da ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 134
Figura 69 - Grafismos Reconhecíveis e Recorrentes. ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Tridígitos representando pegadas de aves; b) Tridígitos representando pegadas de aves; c) Grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR2 (MARANHÃO, 2003). ..... 135
Figura 70 - Detalhe de grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003), localizado abaixo de um bloco de granito. ACG4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada., Jucurutu-RN. ..... 136
Figura 71 - ACG 5, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 137
Figura 72 - Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003. ACG 5, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 137
Figura 73 - ACG 6, Painel 4, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN. b) Vista aérea da ACG 6, b) Vista frontal da ACG 6. ..... 138
Figura 74 - Grafismo naturalista (representação de pé humano). ACG 6, Painel 4, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 139
Figura 75 - ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Vista parcial da ACG 7; b) Vista Aérea da ACG 7. ..... 140
Figura 76 - Grafismos naturalistas (representação de pés/pegadas humanas). ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 141
Figura 77 - a) Fitomorfos com forma de cacto; b) Detalhe da copa do fitomorfo. ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 142

Figura 78 - Imagem parcial da ACG 8. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....142
Figura 79 - a) Grafismo Recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR9 de Maranhão (2003), ACG 8, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), ACG 8, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....143
Figura 80 - ACG 9: a) Vista aérea da ACG, b) Vista parcial da ACG. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....144
Figura 81 - Vista aérea da ACG 10. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.....145
Figura 82 - Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃ0, 2003). ACG 10, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....146
Figura 83 - ACG 11, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....147
Figura 84 - ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....147
Figura 85 - Grafismos recorrentes. a) GRCP1, ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; c) GRCP1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.....148
Figura 86 - Grafismo reconhecível "pegadas de ave". a) ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) ACG 4, Painel 4, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN. .....148
Figura 87 - ACG 13, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....149
Figura 88 - Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003). ACG 13, Painel 4, Sitio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....149
Figura 89 - Imagem geral da ACG 14. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....150
Figura 90 - Grafismos isolados: a) Zoomorfo, b) Fitomorfo, c) Grafismos Naturalista (representação de pegada/pé). Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..151
Figura 91 - Grafismos recorrentes: a) GR16, b) GR18 (MARANHÃO, 2003). Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....151
Figura 92 - Painel 5, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Imagem geral do Peine 5; b) detalhe do centro do Painel 5.....152
Figura 93 - Vista geral do painel 6. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....153
Figura 94 - Grafismos Recorrentes: a) GR4; b) GR11; c) GR16 (MARANHÃO, 2003). Painel 6, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.....154
Figura 95 - Vista geral do Painel 7. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....155

Figura 96 - Recorrências: a) Grafismos recorrentes ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 7. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003). ..... 156
Figura 97 - Vista geral do Painel 8. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 156
Figura 98 - Grafismo recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003). Painel 8, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 157
Figura 99 - Painel 9, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 158
Figura 100 - ACGs pesquisadas no Painel 9. Sito Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 159
Figura 101 - ACG 1, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 160
Figura 102 - ACG 2, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 160
Figura 103 - ACG 3, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 161
Figura 104 - ACG 4, Painel 9, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 161
Figura 105 - Vista geral do painel 10, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 162
Figura 106 - Grafismos recorrentes ao grafismo GR16 de Maranhão (2003). Painel 10, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 163
Figura 107 - Visão aérea do Painel 11. Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN. ..... 164
Figura 108 - Grafismos reconhecíveis: a) Fitomorfo; b) Zoomorfo. Painel 11, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 165
Figura 109 - Vista geral do painel 12, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 166
Figura 110 - Grafismo Naturalista (Pé/Pegada). Painel 12, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 167
Figura 111 - Grafismos isolados: a) Fitomorfo, b) Antropomorfo. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 168
Figura 112 - Detalhe da vetorização do painel 4, exposição dos três momentos pictóricos distintos e hipotéticos. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 171
Figura 113 - Detalhe da vetorização do painel 7, exposição dos dois momentos pictóricos distintos e hipotéticos. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 171
Figura 114 - Vista geral do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 173
Figura 115 - Painel 1, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 174
Figura 116 - Vista geral do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 175
Figura 117 - Fitomorfo, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 176
Figura 118 - Vista geral da mancha gráfica 3, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 177
Figura 119 - Demonstração de momentos pictóricos distintos, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 179

Figura 120 - Vista parcial do Sítio Arqueológico Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 180
Figura 121 - Mapa da distribuição dos painéis do sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. 182
Figura 122 - Vista geral do Painel 1. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 183
Figura 123 - Detalhe do intemperismo no painel 1 do Sítio Córrego do Peixe I. Jucurutu-RN. ..... 184
Figura 124 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR1 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR1 de Maranhão (2003), Painel 1, Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 184
Figura 125 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) grafismo recorrente ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 185
Figura 126 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismos recorrentes ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 185
Figura 127 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b, c e d) Grafismos recorrentes ao GR18 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 186
Figura 128 - Grafismos recorrentes GRCP3. Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 186
Figura 129 - Vista geral do painel 2. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 187
Figura 130 - Grafismos Recorrentes: a) Grafismo recorrente GR1 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo Recorrente ao GR1 de Maranhão (2003), Painel 2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 188
Figura 131 - Grafismos Recorrentes: a) GRCP2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b e c) GRCP2, Painel 2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 188
Figura 132 - Vista aérea do Painel 3. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 189
Figura 133 - Vista geral do Painel 3. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 190
Figura 134 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GRCP2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) e c) Grafismos recorrentes GRCP2, Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I. ..... 191
Figura 135 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 3, Sìtio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 192

Figura 136 - Grafismos Recorrentes: Grafismo recorrente GR4 (Maranhão, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR4 de Maranhão (2003), painel 3, Sítio Córrego do Peixe I. ..... 192
Figura 137 - Grafismos recorrentes: a) Grafismos recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); b, c, d, e, f, g e h) Grafismo recorrente ao GR9, Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN ..... 193
Figura 138 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b e c) Grafismos recorrentes ao GR16 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 194
Figura 139 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR18 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 194
Figura 140 - Vista geral do Painel 4. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN ..... 195
Figura 141 - Imagem aérea do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 196
Figura 142 - Vista Aérea das ACGs do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. 197
Figura 143 - Vista parcial da ACG 1, Painel 5, sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 198
Figura 144 - Grafismos reconhecíveis: a) Representações naturalistas (pegadas/pé), b) Antropomorfo. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 199
Figura 145 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b, c e d) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão(2003), Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 199
Figura 146 - Vista aérea da ACG 2. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN..... 200
Figura 147 - Imagem geral do Painel 6. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 201
Figura 148 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARAHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 6, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 202
Figura 149 - Detalhe da reutilização de um grafismo, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 202
Figura 150 - Momentos pictóricos distintos. Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 204
Figura 151 - Momentos pictóricos distintos. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 204
Figura 152 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 206

Figura 153 - Mapa de Localização dos painéis pesquisados no Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 207
Figura 154 - Detalhe do pinel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 209
Figura 155 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 210
Figura 156 - Vista geral do Painel 2, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 211
Figura 157 - Grafismos recorrentes: a) recorrência 10 de Brito (2011); b e c) grafismo idêntico a recorrência 10 de brito (2011), painel 2, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 211
Figura 158 - Vista geral do painel 3, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 212
Figura 159 - Disposição dos grafismos recorrentes na área gravada. Painel 3, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 213
Figura 160 - Vista geral do Painel 4. Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 214
Figura 161 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 4, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 215
Figura 162 - Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) grafismo semelhante a recorrência 10 (brito, 2011), Painel 4, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 215
Figura 163 - Painel 5, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 216
Figura 164 - Recorrências GR 2 e GR 6 (MARANHÃO, 2003), Painel 5, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 217
Figura 165 - Painel 6, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 218
Figura 166 - Painel 7, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 219
Figura 167 - Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 220
Figura 168 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b), c) e d) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 221
Figura 169 - Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b e c) Grafismos idênticos a recorrência 10 de Brito (2011), Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 221
Figura 170 - Detalhe de pontos de regravação, painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 222

Figura 171 - Vista geral do painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 223
Figura 172 - Grafismos recorrentes, Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. .... 224
Figura 173 - ACGs do Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 225
Figura 174 - Vista geral do painel 10. Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 226
Figura 175 - Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b, c e d) Grafismo recorrente a recorrência 10 de Brito (2011), Painel 10, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 227
Figura 176 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 10, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 227
Figura 177 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão (2003), Painel 10, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 228
Figura 178 - Grafismo irreconhecível, isolado, Sítio Córrego do Peixe II Jucurutu-RN.... 229
Figura 179 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b e c) Variação do GR18 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN..... 229
Figura 180 - Recorrências: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) Grafismo recorrente a recorrência 10 de Brito (2011), Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN..... 229
Figura 181 - Fitomorfo, isolado, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN..... 230
Figura 182 - Momento pictórico. Painel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 233
Figura 183 - Diferenciação de momentos pictóricos distintos, Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II. Jucurutu-RN. ..... 234
Figura 184 - Momentos pictóricos distintos. Painel 10, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN..... 235
Figura 185 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN..... 236
Figura 186 - Lajedo, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. ..... 237
Figura 187 - Afloramento, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. ..... 238
Figura 188 - Área gravada 1, ações intempéricas, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. ..... 239
Figura 189 - Grafismo tipo GR18, Área gravada 1, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. ..... 240
Figura 190 - Área gravada 2. Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN..... 240

Figura 191 - Dimensão temática da área gravada 2, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) Antropomorfo.....241
Figura 192 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN. .....243
Figura 193 - ACGs, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.....244
Figura 194 - Delimitação do espaço gráfico, ACG 1, AG1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN. .....245
Figura 195 - ACG 2, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN. .....246
Figura 196 - Detalhe de gravação posterior ao desplacamento da rocha, ACG 2, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN. .....246
Figura 197 - Painel 2, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.....247
Figura 198 - Antropomorfo, grafismo isolado, Sítio Córrego do Peixe IV. Jucurutu-RN..248
Figura 199 - Detalhe das copas dos fitomorfos, AG 2, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.....249
Figura 200 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe V. Jucurutu-RN.....250
Figura 201 - Vista geral do Painel 1, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.....251
Figura 202 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b e c) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.....252
Figura 203 - Grafismo recorrente GRCP2. Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN. .....252
Figura 204 - Vista geral do Painel 2. Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.....253
Figura 205 - Momentos pictóricos, Painel 2, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN. .....255
Figura 206 - Vista aérea do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .....256
Figura 207 - Imagem parcial da ACG1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.....258
Figura 208 - Representação de pegada, ACG 1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ...258
Figura 209 - Vista geral da ACG 2, Sítio Lajedo do Getúlio. Jucurutu-RN. Foto: Valdeci dos Santos Junior, 2016. .....259
Figura 210 - ACG 2, Sítio Lajedo do Getúlio. Detalhe de grafismos reconhecíveis e interação gravura suporte. .....260
Figura 211 - ACG 3, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .....261
Figura 212 - Detalhe do GRCP2. ACG 3, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.....261
Figura 213 - Vista parcial da ACG 4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .....262
Figura 214 - Recorrências, ACG 4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.....263
Figura 215 - Grafismos reconhecíveis, a) Zoomorfo, b) grafismo naturalista (pegada). ACG4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .....264

Figura 216 - Vista parcial da ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio. Detalhes de agentes intempéricos e delimitadores do da ACG. ..... 265
Figura 217 - Representação de pegada, ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ... 266
Figura 218 - Pegadas compondo cena, ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .... 266
Figura 219 - a) Fitomorfo; b) Grafismo recorrente (piroga). ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 267
Figura 220 - Recorrências GR 11 e GR 16 (MARANHÃO, 2003), GRCP 1 e recorrência 10 (BRITO,2011); ACG5, Sítio Lajedo Do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 268
Figura 221 - GR 7 (MARANHÃO, 2003), ACG5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 268
Figura 222 - ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio. Jucurutu-RN. ..... 269
Figura 223 - Representação de mão humana, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 270
Figura 224 - Grafismos Recorrentes, GR 2, GR 12 e GR 16 do repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003). Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 270
Figura 225 - Sobreposição de gravuras, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .. 271
Figura 226 - Concentração de grafismos semelhantes, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 272
Figura 227 - Grafismos semelhantes em áreas de declive da rocha suporte, ACGs 4 e 6, Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 272
Figura 228 - Vista geral da ACG 7, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 273
Figura 229 - Grafismos Recorrentes. a) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; b) GRCP2, ACG 7, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 274
Figura 230 - ACG 8 e marcas intempéricas no suporte, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 275
Figura 231 - Grafismos reconhecíveis, ACG8, Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 276
Figura 232 - Recorrência 10 (BRITO, 2011), ACG 8, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN ..... 276
Figura 233 - ACG 9, Desplacamento e esfoliação hídrica, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 277
Figura 234 - Grafismos: A) GR 16 (MARANHÃO, 2003) com variação morfológica; B) Zoomorfo (quelônio); ACG 9, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 278
Figura 235 - Vista geral da ACG 10, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 279
Figura 236 - ACG 11, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN, Jucurutu-RN. ..... 280

Figura 237 - GR 11 (MARANHÃO, 2003), ACG 11, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 281
Figura 238 - Fitomorfo isolado, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 282
Figura 239 - Momentos Pictóricos distintos, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 285
Figura 240 - Local de acumulo hídrico, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 286
Figura 241 - Mapa das unidades litoestratigráfica da área dos sítios do Córrego do Peixe. ..... 288
Figura 242 - Antropomorfos identificados nos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. a) Painel 1, Sítio Pedra Ferrada; b) Painel 3, Sítio Pedra ferrada; c) Painel 3, Sítio Pedra Ferrada; d) Grafismo isolado, Sítio Pedra Ferrada; e) Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I; f) Área gravada 2, Sítio Córrego do Peixe III; g) Grafismo isolado, Sítio Córrego do Peixe IV. ..... 292
Figura 243 - Fitomorfos dos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. a, b, c, d, e, f) Sítio Pedra Ferrada; g) Sítio Pedra Ferrada II; h) Sítio Córrego do Peixe I; i) Sítio Córrego do Peixe IV; j, l) Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 293
Figura 244 - Quantitativo geral dos grafismos recorrentes existentes nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. ..... 295
Figura 245 - Zoomorfos. a) Representação zoomorfa de ave, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Representação zoomorfa de lagarto, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Representação zoomorfa de anfíbio, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN, d) Representação Zoomorfa de quelônio, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 300
Figura 246 - Grafismos emblemáticos. a) Antropomorfo, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo emblemático, Sítio Mirador, Parelhas-RN (MARTIN, 2008); c) Piroga, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN; d) Piroga, Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas-RN (MARTIN, 2008). ..... 301

## LISTA DE GRÁFICOS


Gráfico 1 - Dimensão temática do Sítio Pedra Ferrada., Jucurutu-RN ..... 169
Gráfico 2 - Dimensão Temática do Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. ..... 170
Gráfico 3 - Dimensão temática do sítio Pedra ferrada II, Jucurutu-RN. ..... 178
Gráfico 4 - Quantitativo da dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 203
Gráfico 5 - Quantitativo da dimensão temática do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..... 203
Gráfico 6 - Quantitativo técnico do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 231
Gráfico 7 - Dimensão temática do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. ..... 232
Gráfico 8 - Dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. ..... 242
Gráfico 9 - Dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN. ..... 254
Gráfico 10 - Dimensão Técnica do Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 283
Gráfico 11 - Dimensão Temática do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. ..... 284
Gráfico 12 - Grafismos reconhecíveis do Sítio Lajedo do Getúlio. ..... 284
Gráfico 13 - Dimensão técnica dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe..... 289
Gráfico 14 - Dimensão temática dos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. ..... 291
Gráfico 15 - Quantitativo dos grafismos reconhecíveis dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. ..... 291

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variáveis técnicas da pesquisa. ..... 76
Quadro 2 - Organograma representando a dimensão temática da pesquisa. ..... 78
Quadro 3 - Organograma representando as variáveis da dimensão cenográfica da pesquisa. ..... 79
Quadro 4 - Organograma geral das variáveis centrais da pesquisa. ..... 80

## LISTA DE TABELAS


Tabela 1 - Dimensões das ACGs do painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....91
Tabela 2 - Dimensões das ACGs do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada.....95
Tabela 3 - Dimensões das ACGs do painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....112
Tabela 4 - Dimensões das ACGs do Painel 4, Sítio Pedra Ferrada.....128
Tabela 5 - Dimensões das ACGs do Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. .....158
Tabela 6 - Tabela representando os momentos pictóricos hipotéticos identificados nos painéis analisados do sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.....170
Tabela 7 - Dimensões das áreas gravadas dos painéis do sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. .....181
Tabela 8 - Dimensões das ACGs do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. ..196
Tabela 9 - Momentos pictóricos do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN. .....204
Tabela 10 - Dimensões dos painéis do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. .....208
Tabela 11 - Dimensões das ACGs do Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN..224
Tabela 12 - Momentos pictóricos dos painéis do sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN. .....232
Tabela 13 - Dimensões dos painéis do Sítio Córrego do peixe IV. .....244
Tabela 14 - Dimensões das ACGs do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN. .....257

## LISTA DE SIGLAS

| | |
|---|---|
| ANA | Agencia Nacional de Águas |
| AG | Área Gravada |
| ACG | Área de Concentração Gráfica |
| CDP | Córrego do Peixe |
| CERES | Centro de Ensino Superior do Seridó |
| CODEPEME | Coordenadoria de Defesa dos Direitos dos Moradores Atingidos Pela Obra da Barragem |
| DENOCS | Departamento Nacional de Obras Contra as Secas |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDEMA | Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente |
| GR | Grafismo Recorrente |
| GRCP | Grafismo Recorrente Córrego do Peixe |
| IFRAO | International Federation of Rock Art Organizations |
| IHGPB | Instituto Histórico e Geográfico Paraibano |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| MMA | Ministério do Meio Ambiente |
| NEA | Núcleo de Estudos Arqueológicos |
| PB | Paraíba |
| PI | Piauí |
| PRONAPA | Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas |
| RN | Rio Grande do Norte |
| SEMARH | Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos |
| SUDENE | Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |
| UFRN | Universidade Federal do Rio Grande do Norte |

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO ..... 33**

1.1 A BARRAGEM DAS OITICICAS ..... 42

**2 O REGISTRO RUPESTRE E AS GRAVURAS: CONCEITOS ..... 44**

2.1 AS TRADIÇÕES "ITAQUATIARAS" E A SUBTRADIÇÃO INGÁ, ANTIGAS TERMINOLOGIAS ..... 49

**3 ÁREA DA PESQUISA, ASPECTOS AMBIENTAIS E ARQUEOLÓGICOS ..... 52**

3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS SÍTIOS ..... 52

3.2 A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PIRANHAS/AÇU ..... 52

**3.2.1 Hidrografia na Área Arqueológica do Seridó ..... 54**

3.3 O CLIMA NA BACIA DO PIRANHAS/AÇU ..... 55

**3.3.1 O clima na Área Arqueológica do Seridó ..... 56**

3.4 A VEGETAÇÃO DA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU ..... 58

**3.4.1 A vegetação na Região Seridó Potiguar ..... 59**

3.5 A GEOLOGIA DA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU ..... 61

**3.5.1 Geologia na Área dos Sítios ..... 63**

3.6 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO ..... 65

**4 METODOLOGIA ..... 72**

4.1 A PROSPECÇÃO ..... 72

4.2 O PERFIL GRÁFICO ..... 73

**4.2.1 Dimensão Técnica ..... 73**

*4.2.1.1 Matéria-prima do Suporte ..... 74*

*4.2.1.2 Cadeia Técnica Operacional ..... 75*

*4.2.1.3 Instrumental Técnico ..... 75*

**4.2.2 Dimensão Temática ..... 76**

**4.2.3 Apresentação Gráfica ..... 78**

4.3 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS ..... 80

**5 ANÁLISES DOS SÍTIOS ..... 85**

5.1 DADOS GERAIS E PERFIL GRÁFICO DOS SÍTIOS ..... 85

**5.1.1 Sítio Pedra Ferrada ..... 85**

*5.1.1.1 Localização ..... 85*

*5.1.1.2 Geomorfologia ..... 85*

*5.1.1.3 O Sítio ..... 87*

*5.1.1.4 O Acervo Gráfico ..... 90*

*5.1.1.4.1 Painel 1 ..... 90*

*1.1.1.4.1.1 ACG 1 ..... 91*

*5.1.1.4.1.1 ACG 2 ..... 92*

*5.1.1.4.1.2 ACG 3 ..... 93*

*5.1.1.4.2 Painel 2 ..... 94*

*5.1.1.4.2.1 ACG 1 ..... 98*

*5.1.1.4.2.2 ACG 2 ..... 98*

*5.1.1.4.2.3 ACG 3 ..... 99*

*5.1.1.4.2.4 ACG 4 ..... 101*

*5.1.1.4.2.5 ACG 5 ..... 102*

*5.1.1.4.2.6 ACG 6 ..... 103*

*5.1.1.4.2.7 ACG 7 ..... 104*

*5.1.1.4.2.8 ACG 8 ..... 108*

*5.1.1.4.2.9 ACG 9 ..... 111*

*5.1.1.4.3 Painel 3 ..... 112*

*5.1.1.4.3.1 ACG1 ..... 114*

*5.1.1.4.3.2 ACG 2 ..... 116*

*5.1.1.4.3.3 ACG 3 ..... 117*

*5.1.1.4.3.4 ACG 4 ..... 119*

*5.1.1.4.3.5 ACG 5 ..... 120*

*5.1.1.4.3.6 ACG 6 ..... 121*

*5.1.1.4.3.7 ACG 7 ..... 123*

*5.1.1.4.3.8 ACG 8 ..... 124*

*5.1.1.4.4 Painel 4 ..... 126*

*5.1.1.4.4.1 ACG 1 ..... 129*

*5.1.1.4.4.2 ACG 2 ..... 131*

*5.1.1.4.4.3 ACG 3 ..... 131*

*5.1.1.4.4.4 ACG 4 ..... 134*

*5.1.1.4.4.5 ACG 5 ..... 136*

*5.1.1.4.4.6 ACG 6 ..... 137*

*5.1.1.4.4.7 ACG 7 ..... 139*

*5.1.1.4.4.8 ACG 8 ..... 142*

*5.1.1.4.4.9 ACG 9 ..... 143*

*5.1.1.4.4.10 ACG 10 ..... 144*

*5.1.1.4.4.11 ACG 11 ..... 146*

*5.1.1.4.4.12 ACG 12 ..... 147*

*5.1.1.4.4.13 ACG 13 ..... 148*

*5.1.1.4.4.14 ACG 14 ..... 149*

*5.1.1.4.4.15 Grafismos Isolado do Painel 4 ..... 150*

*5.1.1.4.5 Painel 5 ..... 151*

*5.1.1.4.6 Painel 6 ..... 153*

*5.1.1.4.7 Painel 7 ..... 154*

*5.1.1.4.8 Painel 8 ..... 156*

*5.1.1.4.9 Painel 9 ..... 157*

*5.1.1.4.10 Painel 10 ..... 162*

*5.1.1.4.11 Painel 11 ..... 163*

*5.1.1.4.12 Painel 12 ..... 166*

*5.1.1.4.13 Grafismos isolados do Sítio Pedra Ferrada ..... 167*

*5.1.1.5 O Perfil Gráfico do Sítio Pedra Ferrada ..... 168*

**5.1.2 O Sítio Arqueológico Pedra Ferrada II ..... 171**

*5.1.2.1 Localização ..... 171*

*5.1.2.2 Geomorfologia ..... 172*

*5.1.2.3 O Sítio ..... 173*

*5.1.2.3.1 Painel 1 ..... 173*

*5.1.2.3.2 Painel 2 ..... 174*

*5.1.2.3.3 Painel 3 ..... 176*

*5.1.2.4 O perfil gráfico do Sítio Pedra Ferrada II ..... 177*

**5.1.3 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe I ..... 179**

*5.1.3.1 Localização ..... 179*

*5.1.3.2 Geomorfologia ..... 179*

*5.1.3.3 O Sítio ..... 181*

*5.1.3.3.1 Painel 1 ..... 183*

*5.1.3.3.2 Painel 2 ..... 186*

*5.1.3.3.3 Painel 3 ..... 188*

*5.1.3.3.4 Painel 4 ..... 194*

*5.1.3.3.5 Painel 5 ..... 195*

*5.1.3.3.5.1 ACG 1 ..... 197*

*5.1.3.3.5.2 ACG 2 ..... 200*

*5.1.3.3.6 Painel 6 ..... 200*

*5.1.3.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe I ..... 202*

**5.1.4 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe II ..... 205**

*5.1.4.1 Localização ..... 205*

*5.1.4.2 Geomorfologia ..... 205*

*5.1.4.3 O sítio ..... 206*
*5.1.4.3.1 O Painel 1 ..... 208*
*5.1.4.3.2 O Painel 2 ..... 210*
*5.1.4.3.3 O Painel 3 ..... 212*
*5.1.4.3.4 O Painel 4 ..... 213*
*5.1.4.3.5 O Painel 5 ..... 215*
*5.1.4.3.6 O Painel 6 ..... 217*
*5.1.4.3.7 O Painel 7 ..... 218*
*5.1.4.3.8 O Painel 8 ..... 219*
*5.1.4.3.9 O Painel 9 ..... 222*
*5.1.4.3.10 O Painel 10 ..... 226*
*5.1.4.3.11 Grafismos isolados ..... 228*
*5.1.4.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe II ..... 230*
**5.1.5 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe III ..... 235**
*5.1.5.1 Localização ..... 235*
*5.1.5.2 Geomorfologia ..... 235*
*5.1.5.3 O sítio ..... 238*
*5.1.5.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe III ..... 241*
**5.1.6 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe IV ..... 242**
*5.1.6.1 Localização ..... 242*
*5.1.6.2 Geomorfologia ..... 243*
*5.1.6.3 O sítio ..... 243*
*5.1.6.3.1 Painel 1 ..... 244*
*5.1.6.3.2 Painel 2 ..... 247*
*5.1.6.3.3 Grafismo isolado ..... 247*
*5.1.6.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe IV ..... 248*
**5.1.7 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe V ..... 249**

*5.1.7.1 Localização ..... 249*
*5.1.7.2 Geomorfologia ..... 250*
*5.1.7.3 O sítio ..... 251*
*5.1.7.3.1 Painel 1 ..... 251*
*5.1.7.3.2 Painel 2 ..... 253*
*5.1.7.4 O perfil Gráfico do Sítio Córrego do Peixe V ..... 253*
**5.1.8 O Sítio Arqueológico Lajedo do Getúlio ..... 255**
*5.1.8.1 Localização ..... 255*
*5.1.8.2 Geomorfologia ..... 255*
*5.1.8.3 O sítio ..... 257*
*5.1.8.3.1 ACG 1 ..... 257*
*5.1.8.3.2 ACG 2 ..... 258*
*5.1.8.3.3 ACG 3 ..... 260*
*5.1.8.3.4 ACG 4 ..... 262*
*5.1.8.3.5 ACG 5 ..... 264*
*5.1.8.3.6 ACG 6 ..... 268*
*5.1.8.3.7 ACG 7 ..... 272*
*5.1.8.3.8 ACG 8 ..... 274*
*5.1.8.3.9 ACG 9 ..... 276*
*5.1.8.3.10 ACG 10 ..... 278*
*5.1.8.3.11 ACG 11 ..... 279*
*5.1.8.3.12 Grafismos Isolados ..... 281*
*5.1.8.4 O perfil gráfico do Sítio Lajedo do Getúlio ..... 282*
**6 O PERFIL GRÁFICO GERAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO CÓRREGO DO PEIXE: ANÁLISES E COMPARAÇÕES E RESULTADOS. ..... 287**
6.1 DIMENSÃO TÉCNICA ..... 288
6.2 DIMENSÃO TEMÁTICA ..... 290

6.3 APRESENTAÇÃO GRÁFICA ..... 296
6.4 MOMENTOS PICTÓRICOS ..... 297
**6.4.1 Caracterização dos momentos pictóricos ..... 297**
*6.4.1.1 Características Técnicas: ..... 297*
*6.4.1.2 Características Espaciais: ..... 298*
**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS ..... 299**
**REFERENCIAS ..... 303**
**ANEXO A - PROTOCOLO DE SÍTIOS COM REGISTROS RUPESTRES – FUNDAÇÃO SERIDÓ ..... 307**

# 1 INTRODUÇÃO

Na região Nordeste do Brasil, os sítios arqueológicos com grafismos rupestres, ou registros rupestres são encontrados frequentemente, divididos em duas macro tipologias: os grafismos gravados e os pintados. Os grafismos rupestres pintados são elaborados a partir da aplicação de pigmento no suporte rochoso, já os grafismos gravados são elaborados a partir da abrasão/desgaste do suporte rochoso, ocasionando sulcos em baixo relevo (PESSIS, 1992).

Os registros rupestres gravados do Nordeste brasileiro são compostos de gravuras dispostas em afloramentos rochosos e matacões, nas margens dos rios. Na bacia hidrográfica do Rio Piranhas/Açu, tem-se identificado um grande potencial arqueológico para sítios com grafismos gravados, mas, infelizmente, muitos desses sítios serão destruídos com o passar das eras, seja pelo intemperismo, ou mais recentemente por ações humanas.

Podemos elencar vários tipos de ações antrópicas que destroem ou alteram os sítios arqueológicos, e as ações mais frequentes no Nordeste brasileiro são: a destruição da cobertura vegetal para a criação de pastos para animais, a extração dos suportes rochosos para a construção civil e pavimentação de estradas, e a construção de grandes reservatórios de água como açudes e barragens para o abastecimento das populações.

As intervenções humanas no meio ambiente afetam diretamente os sítios arqueológicos, destruindo, na maioria das vezes, painéis rupestres que nem mesmo foram descobertos, causando perdas irreparáveis de dados sobre populações pretéritas.

Atualmente, a construção de um grande reservatório de água no Rio Piranhas/Açu, a Barragem das Oiticicas, fará com que alguns sítios arqueológicos com registros rupestres gravados sejam submersos na cidade de Jucurutu, Rio Grande do Norte.

Com a iminente inundação de, pelo menos, oito (08) sítios arqueológicos a céu aberto, com um grande acervo de gravuras rupestres, localizados na área de alagamento da barragem, surgiu o interesse pela pesquisa e pelo registro dos sítios arqueológicos dessa região, sanando, mesmo que minimamente, o impacto ao patrimônio arqueológico da área.

A localização dos sítios aconteceu graças aos relatos de alguns moradores do distrito de Barra de Sant'Ana, no município de Jucurutu-RN, durante uma ação de extensão promovida

pela UFRN[1]-CERES[2] Campus Caicó, intitulada "O deslocamento da comunidade Barra de Santana em Jucurutu-RN", em dezembro de 2013**.**

Essa ação de extensão tinha como objetivo investigar o reassentamento da população da comunidade Barra de Sant'Ana, que teria seu espaço inundado devido à construção da Barragem de Oiticicas, com a finalidade de registrar em um documento o que pensam os moradores de tal local sobre o deslocamento de sua comunidade.

Durante as entrevistas, de maneira informal, foi descoberto que um sítio arqueológico estaria na área de alagamento da barragem. O sítio citado era o Pedra Ferrada, que já estava registrado no IPHAN[3]. A partir da descoberta desse sítio o IPHAN organizou trabalhos e projetos de salvamentos que estão em andamento.

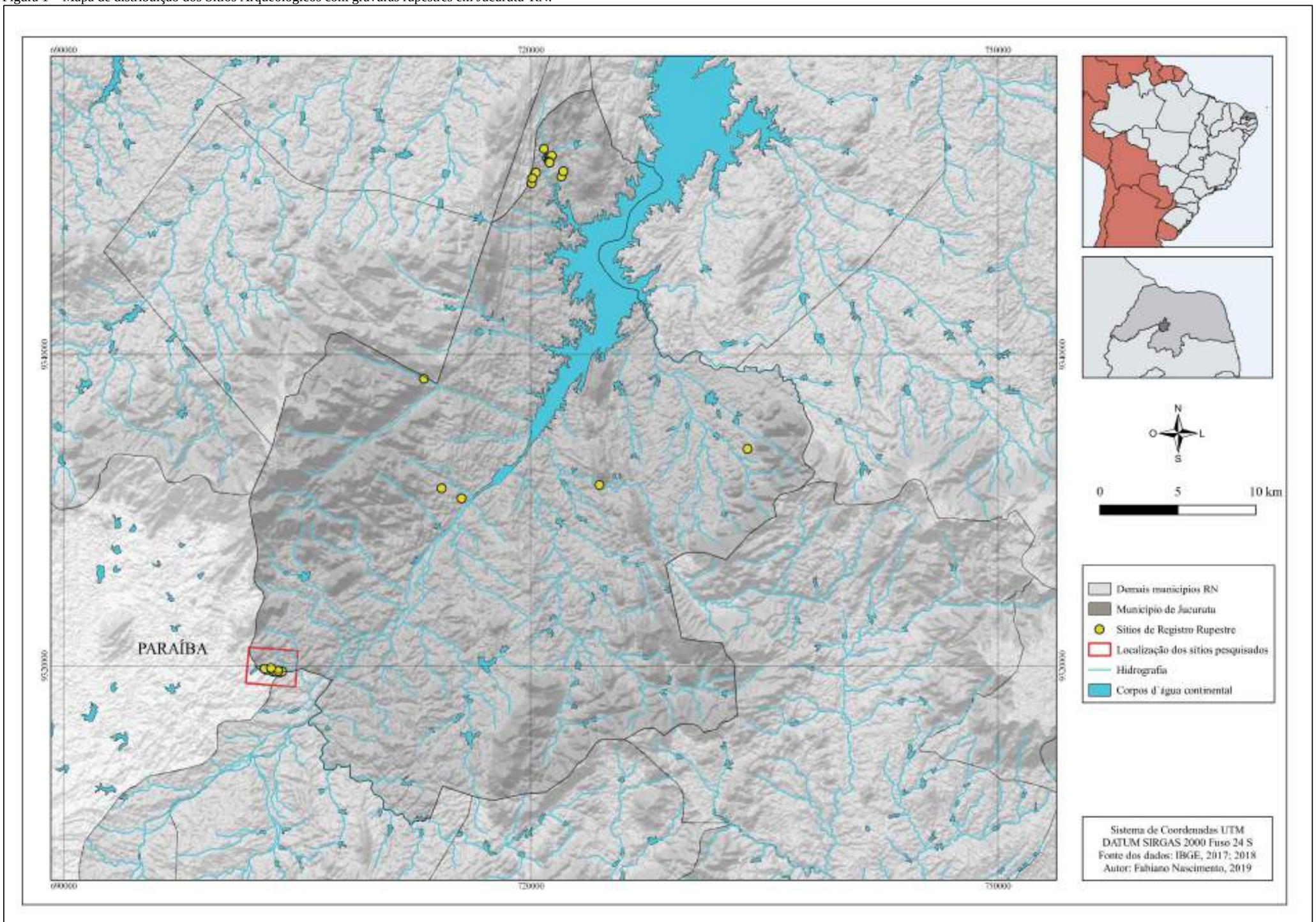
A partir do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada, mais oito (08) sítios arqueológicos foram identificados na área do Córrego do Peixe. Até o presente momento, o município de Jucurutu tem vinte e cinco (25) sítios arqueológicos contendo gravuras rupestres, todos assentados em riachos e afluentes do Rio Piranhas/Açu (Figura 1). Desses sítios, oito (08) serão diretamente afetados pela construção da Barragem das Oiticicas (Figura 2). Os sítios arqueológicos são: Pedra Ferrada I e II, Córrego do Peixe I, II, III, IV, e V, e o Lajedo do Getúlio (Figura 3).

Apesar do grande número de sítios com gravuras rupestres em Jucurutu e na área arqueológica do Seridó, poucos trabalhos sobre o tema foram publicados. Dos poucos trabalhos existentes, podemos destacar as dissertações de mestrado de Raoni Bernardo Maranhão Valle (2003) e, posteriormente, a dissertação de Francisco de Paula Brito (2011). Essas pesquisas buscavam traçar o(s) perfil(is) gráfico(s) para as gravuras da área arqueológica[4] do Seridó (Figura 4).

.

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
[2] Centro de Ensino Superior do Seridó.
[3] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
[4] "Uma área arqueológica, como categoria de entrada para o início e continuidade sistemática de uma pesquisa, deve ter limites flexíveis dentro de uma unidade ecológica que participe das mesmas características geo-ambientais. Com o andamento das pesquisas e o estudo sistemático dos sítios arqueológicos, podem-se obter crono-estratigrafias fatíveis de determinar ocupações humanas espaço-temporais, demonstrativas da permanência humana em toda ou parte dessa área. Podemos também chegar a conhecer os processos de adaptação humana e o aproveitamento dos recursos" (Martin, 2008).

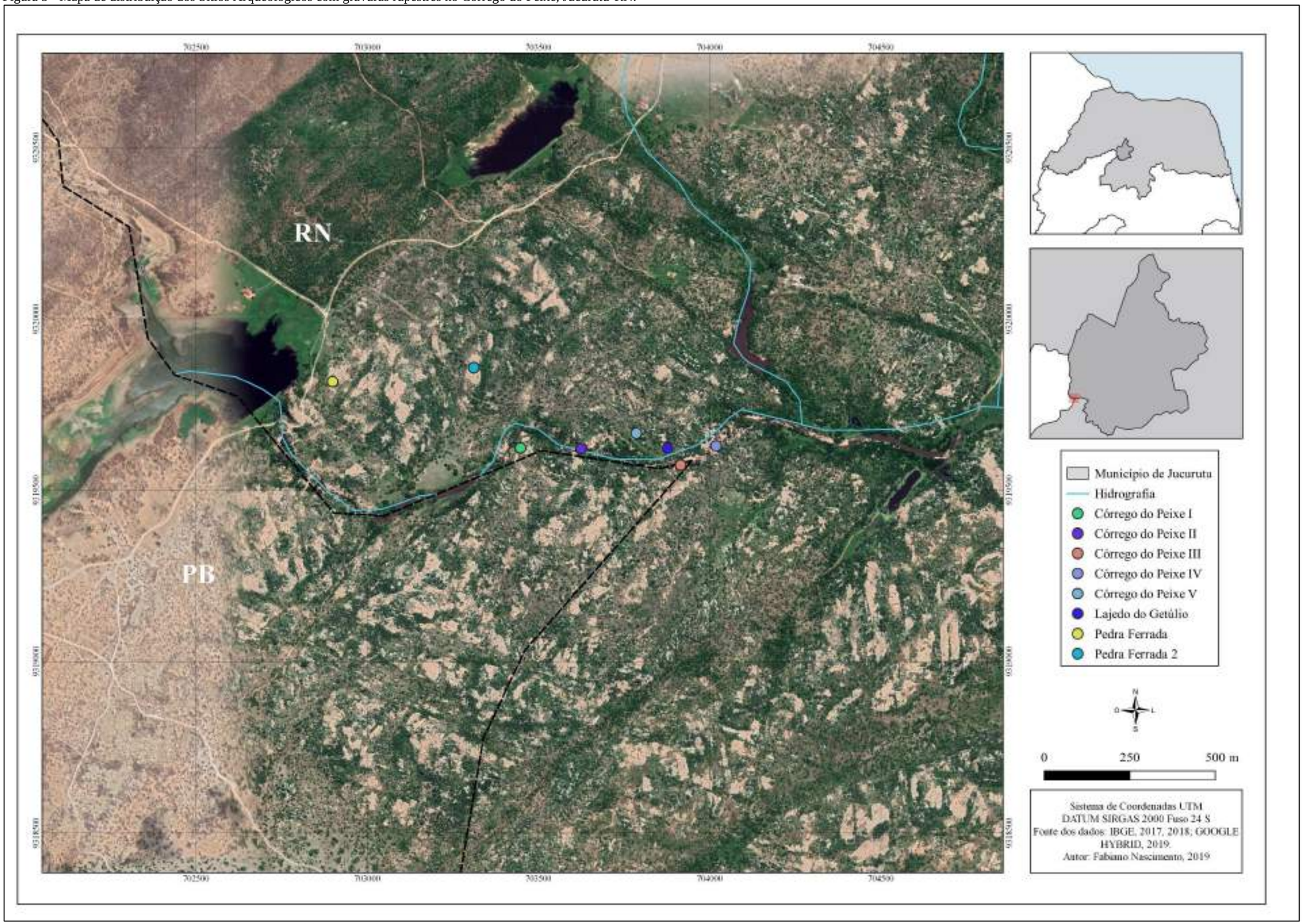
Figura 1 – Mapa de distribuição dos Sítios Arqueológicos com gravuras rupestres em Jucurutu-RN.




Fonte: IBGE, 2017; 2018. Elaboração: Fabiano Nascimento, 2019.

Figura 2 - Vista de parte da parede da Barragem das Oiticicas em construção, Jucurutu-RN.

Figura 3 - Mapa de distribuição dos Sítios Arqueológicos com gravuras rupestres no Córrego do Peixe, Jucurutu-RN.




Fonte: IBGE, 2017, 2018; GOOGLE HYBRID,2019. Elaboração: Fabiano Nascimento, 2019.

Figura 4 - Mapa representando a Área Arqueológica do Seridó, que engloba os Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

Fonte: Núcleo de Economia Regional e Urbana da Universidade de São Paulo (NEREUS/USP) – Elaboração: Henrique Dantas, 2018.

Ambos autores (MARANHÃO, 2003; BRITO, 2011) conseguiram identificar um padrão morfológico recorrente para os grafismos das áreas estudadas. Além disso, todos os grafismos abordados nas pesquisas citadas tinham caráter irreconhecível, e com técnicas idênticas para as confecções dos mesmos.

Recentemente, no ano de 2016, o arqueólogo Valdeci dos Santos Jr. publicou um artigo em conjunto com mais três autores (CARLOS, OLIVEIRA, GONZAGA; 2016) sobre sítios com grafismos rupestres gravados, localizados no município de Jucurutu-RN. O trabalho consistia em uma pesquisa sobre as técnicas de execução e as temáticas existentes nas gravuras rupestres de oito sítios arqueológicos, todos localizados no riacho do Chaves.

O artigo propõe a hipótese de uma identidade gráfica comum entre os autores das gravuras. Foram identificadas duas que seriam a técnicas predominantes nas gravuras: o picoteamento e a raspagem. Além da escolha de um suporte específico, rochas marmorizadas, e um considerável número de grafismos reconhecíveis, o que não é comum para os sítios com gravuras rupestres da região.

Vimos nos resultados obtidos por Maranhão (2003) e Brito (2011), principalmente na identificação de grafismos recorrentes e técnicas de gravação (picoteamento, raspagem e polimento), que as duas pesquisas trabalharam com o mesmo perfil gráfico, ou um mesmo horizonte cultural. Já o perfil gráfico obtido por Santos Jr. (et.al. 2016), nos sítios do Riacho do Chaves, mostrou-se distinto dos sítios analisados por Maranhão e Brito. Embora façam parte da mesma bacia hidrográfica, as escolhas culturais, como o tipo de suporte e o ambiente em que os indivíduos estão inseridos, podem ter influenciado nessa diferenciação temática, proporcionando o desenvolvimento de um novo perfil gráfico, com grafismos e técnicas específicas.

Assim, surgiram nossas perguntas: os conjuntos gráficos dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe integram o mesmo perfil gráfico dos sítios com gravura rupestres já estudados na área arqueológica do Seridó (Maranhão, 2003; Brito, 2011)? Ou apresentam um perfil gráfico específico, como ocorre nos sítios do Riacho do Chaves em Jucurutu-RN (SANTOS JR, et.al. 2016)?

Nossa hipótese é que os sítios do Córrego do Peixe têm, pelo menos, dois momentos pictóricos distintos, em que um é mais antigo que o outro. No período mais antigo, os grafismos apresentam formas recorrentes, que são similares aos grafismos identificados nas pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011).

Já no segundo momento pictórico, os sítios apresentariam grafismos puros, exclusivos da região do Córrego do Peixe, e muitos grafismos reconhecíveis como: zoomorfos,

antropomorfos, fitomorfos e grafismos naturalistas (representações de mãos e pés), similar ao perfil gráfico identificado nos sítios do Riacho do Chaves.

Dessa maneira, nossa hipótese é que os sítios podem ter sido utilizados por autores com perfis gráficos distintos, justificando o grande número de sobreposições, o que demonstraria uma reutilização dos sítios, em momentos distintos.

É importante salientar que não vamos chegar a datações diretas, ou indiretas. O que realizamos em nossa pesquisa foi uma análise e vetorização de imagens dos painéis e áreas gravadas dos sítios da pesquisa, que ressaltaram as diferentes camadas gráficas existentes nos painéis. Além disso, a datação de tais registros rupestres para nossa pesquisa se mostrou inviável por questões logísticas: além de ser muito difícil de ser realizada, pois existem poucos especialistas no mundo sobre assunto.

As únicas datações diretas para registros rupestres gravados no Rio Grande do Norte, e no Brasil, foram realizadas pelo Prof. Valdecir dos Santos Junior, em conjunto com os pesquisadores Robert G. Bednarik, Raoni Valle, Henri Lavalle e Daline Lima de Oliveira. As datações obtidas variam entre Holoceno Médio (5040 + 198 / -119 P.B., data mais antiga) e o início da colonização europeia da região[5] (476 P.B., data mais recente). O método utilizado consiste na análise da microerosão das gravuras (Santos Jr. et. al., 2018).

A nossa pesquisa se justifica pela iminente inundação de um acervo gráfico com características peculiares que os diferenciam dos demais sítios da região, pois, além de apresentarem grafismos irreconhecíveis, alguns sítios apresentam uma quantidade significativa de grafismos reconhecíveis, como antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos. Além disso, é importantíssimo o desenvolvimento de pesquisa em uma área tão rica em sítios arqueológicos, e tão pouco estudada, como o município de Jucurutu.

Assim, nossa pesquisa revelou-se importante para a arqueologia do estado do RN, e do Nordeste brasileiro, por estarmos definindo um perfil gráfico para sítios com gravuras rupestres de um local que perderá dados importantes para preencher lacunas existentes sobre as populações pré-históricas do Seridó.

Nosso objetivo é traçar um perfil gráfico para os oito (08) sítios que estão inseridos na região do Córrego do Peixe, bem como compará-los aos resultados obtidos através dos trabalhos de Maranhão (2003), Brito (2011) e Santos Jr. (et al., 2016), que abordaram sítios localizados na Área Arqueológica do Seridó.

[5] Angicos, Chapada do Apodi e Serra de Sant'Ana, todas pertencentes ao estado do RN.

A comparação contribui na identificação de recorrências de grafismos, técnicas e apresentação gráfica na área do Rio Piranhas/Açu, além de ampliar os dados referentes aos registros rupestres gravados.

Nossa dissertação está dividida em 7 capítulos. O 1º capítulo é a introdução geral de como os sítio da pesquisa foram descobertos, além disso, fazemos uma descrição dos nossos principais objetos para a pesquisa, bem como a metodologia que vamos utilizar. Explicamos também nossas hipóteses a respeito dos sítios do Córrego do Peixe, e de como vamos comparar os dados obtidos com nossa pesquisa aos dados das pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011). No 1º capítulo também foi exposto o histórico da Barragem das Oiticicas e de como essa obra está impactando a área de forma social, ambiental e patrimonial.

No 2º capítulo abordamos a discussão teórica da nossa pesquisa, mostrando os aportes que serviram de base para nossa dissertação, onde o principal deles é tratar o grafismo gravados como um meio de comunicação que há tempos teve seu significado perdido. Explicamos também os conceitos de Tradição, Subtradição e Estilos Rupestres, categorias que segregam os grafismos a partir de suas características técnicas, morfológicas, espaciais e cronológicas. É também 2º capítulo que discutimos o conceito de Perfil Gráfico, que é a base de análise da nossa pesquisa.

O 3º capítulo consiste na de discussão a respeito dos aspectos geográficos, ambientais, geológicos e arqueológicos da nossa área de pesquisa. Nesse capítulo procuramos descrever os fatores ambientais partindo do macro, que seria a bacia do Piranhas/Açu, para chegar ao micro, que seria a área do Córrego do Peixe.

No 4º capítulo apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. Descrevemos como foi realizado o processo de prospecção, do registro fotográfico, da análise do acervo fotográfico, e de como utilizamos o programa Photoshop CC para auxiliar na diferenciação de períodos pictóricos distintos.

O 5º capítulo é composto pela descrição dos sítios de nossa pesquisa, e a descrição do perfil gráfico de cada um deles. Fazemos uma descrição da localização, geomorfologia e do sítio em si.

O 6º capítulo é referente ao perfil gráfico geral dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, e a partir desse perfil geral comparamos os dados obtidos aos das pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011) para se chegar a uma, ou mais identidades gráficas.

No 7º capitulo temos as conclusões e as perspectivas para novas pesquisas na área.

## 1.1 A BARRAGEM DAS OITICICAS

A Barragem das Oiticicas está em processo de construção na Fazenda Oiticicas, distante cerca de 18 km do município de Jucurutu e foi planejada para represar as águas do Rio Piranhas. Partindo de informações contidas no site da construtora[6] que realiza o projeto atual, KL Engenharia, sabemos que a mesma passou por várias etapas de construção, das quais a primeira se deu em 1950, como obra do Departamento de Obras Contra as Secas (DENOCS), passando por mais duas etapas, até serem retomados os trabalhos, no ano de 2014.

A realização da obra é do Governo Federal que, através do DNOCS, passou a responsabilidade de construção para o Governo do RN, por meio da Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH).

A Barragem das Oiticicas, ao final das obras, terá capacidade de acumular 560 milhões de metros cúbicos, com um espelho d'água de, mais ou menos, 5.998,81 hectares, distribuído, segundo a KL Engenharia (s.d.), entre os municípios de Jardim de Piranhas (2.668,98 ha), Jucurutu (1.183,85 ha) e São Fernando (2.145,98 ha), todos pertencentes à região do Seridó potiguar.

A Barragem das Oiticicas será o terceiro maior reservatório do RN, e o maior da região do Seridó. A obra foi orçamentada em R$292 milhões em recursos federais, com mais R$ 19 milhões do Governo do Estado do RN.

A represa vai proporcionar uma mudança no abastecimento da região, a qual sofre com a falta de água durante o período de estiagem, que ocorre entre os meses de junho e dezembro. Segundo Silva e Forbeloni (2017), a Barragem:

> auxiliará a irrigação de solos agricultáveis (expandido a agricultura irrigada), permitirá o desenvolvimento da piscicultura, servirá para o controle de enchentes no Vale do Açu, além de ser uma alternativa de reserva hídrica para o reservatório Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves em períodos de longa estiagem. (SILVA; FORBELONI, 2017, s.p.)

Mesmo com tantas vantagens, a Barragem das Oiticicas também desencadeará alguns infortúnios. O dano ambiental será incalculável. Segundo Silva e Forbeloni (2017), o desmatamento da área vai provocar a destruição "dos habitats da fauna terrestre e da ornitofauna", e, com isso, muitas espécies de animais iniciarão um processo migratório para

[6] KL ENGENHARIA. **Construção da Barragem Oiticica**. Disponível em:<http://kleng.com.br/index.php/2016/10/14/projeto-de-integracao-do-rio-sao-francisco-pisf-texto-modelo-2/>. Acesso dia: 30 jul. 2017.

áreas onde serão intrusos, o que vai gerar uma competição com a fauna desses lugares de destino. Além disso, animais mais lentos como cobras, lagartos, aracnídeos e alguns mamíferos de pequeno porte poderão ser extintos. Isto provocará um desequilíbrio na cadeia alimentar (SILVA; FORBELONI, 2017).

O impacto social também já foi mesurado: muitas famílias tiveram e/ou terão suas moradias inundadas. Segundo Silva e Forbeloni (2017, *apud* KL ENGENHARIA, s.d.):

> aproximadamente 850 famílias serão diretamente atingidas com a construção da Barragem de Oiticica, sendo a maioria destas residentes na zona rural e o restante no núcleo urbano Barra de Santana que será totalmente submerso. (SILVA; FORBELONI, 2017; *apud* KL ENGENHARIA, s.d.)

O povoado de Barra de Santana vai ser transferido para uma área distante cerca de 5,7 km a nordeste de sua localização atual, próximo de onde hoje está assentado o canteiro de obras e a parede da Barragem das Oiticicas. Os demais moradores das propriedades rurais atingidas tiveram o direito a uma indenização referente aos valores de suas propriedades, mas sabemos que alguns não sairão de bom grado; pois, em muitos casos, moradores viveram na área desde o nascimento, criando laços afetivos com o local.

A Coordenadoria de Defesa dos Direitos dos Moradores Atingidos pela Obra da Barragem-CODEPEME vem reivindicando ações de responsabilidade do Estado, seguindo o que ocorre com os processos e pautas relacionadas à Barragem das Oiticicas. As obras foram paralisadas em algumas ocasiões[7], graças à ação de moradores das áreas diretamente atingidas, em decorrência do atraso no pagamento das indenizações, referentes às suas casas e propriedades.

O impacto arqueológico é incalculável. Como exemplo, têm-se os sítios de nossa pesquisa, pois ninguém os conhecia e, pelo que parece, o Estado não tomou as medidas cabíveis para o levantamento arqueológico da área, o qual poderia identificá-los. Assim, perguntamo-nos: se em uma pequena área de mais ou menos sessenta e nove (69) hectares foram encontrados oito (08) sítios arqueológicos, quantos sítios não serão perdidos com a inundação?

---

[7] MARCOS DANTAS. **Moradores de Barra de Sant'Ana decidem manter paralização das obras da Barragem de Oiticica**. Disponível em:<https://marcosdantas.com/moradores-de-barra-de-santana-decidem-manter-paralisacao-das-obras-da-barragem-de-oiticica/>. Acesso dia: 30 abr. 2017.

## 2 O REGISTRO RUPESTRE E AS GRAVURAS: CONCEITOS

Registro rupestre, segundo Martin (1993), é um conceito utilizado para evitar confusões e discussões a respeito da expressão "arte rupestre", como uma mera forma de manifestação artística dos grupos humanos pretéritos. Como no registro cerâmico e lítico, essa terminação demonstra uma inclusão do registro rupestre no registro arqueológico, os quais devem:

> ser trabalhados com a finalidade de fornecer uma contribuição real à pesquisa arqueológica, (...) contribuir para formular novas hipóteses, assim como ser estudados a partir de hipóteses levantadas das análises de outros vestígios arqueológicos (PESSIS, 1993, p. 10).

Entendemos que o registro rupestre surge posteriormente à linguagem verbal. Até então, a fala era o único meio de comunicação entre os grupos humanos, e nela se tinha a transmissão de todo o conhecimento adquiro através das eras, em que um ou mais indivíduos mais experientes transmitiam o conhecimento aos mais novos, em um ciclo contínuo.

De acordo com Barbosa, "Os registros rupestres, enquanto uma linguagem visual, dependem da linguagem verbal para que seu conteúdo seja fixado na memória do indivíduo, a memória coletiva" (BARBOSA, 2013, p. 21), essa ideia do autor, que foi baseada em Pessis (2003), cita que:

> essas figurações, realizadas segundo convenções e códigos próprios dos diferentes grupos, teriam a função cultural de evocar acontecimentos, reais ou míticos, em torno dos quais a palavra, dita em condições rituais, completaria a mensagem, lembrada tanto em termos descritivos quanto interpretativos. (PESSIS, 200, p. 59)

Como materialização simbólica dessas tradições orais, vemos que as gravuras e as pinturas compõem os primórdios das manifestações gráficas da comunicação humana. Segundo Cisneiros, "a comunicação visual emergiu com o Homo sapiens entre 100.000 e 40.000 anos BP, operando em nível biológico como instrumento adaptativo" (2012, p. 47).

Os registros rupestres demonstram informações relacionadas aos elementos dos sistemas de códigos de comunicação visual referente aos grupos de origem, ainda que seu teor, em muitos casos, esteja inacessível. Segundo Leroi-Gourhan (1990), esse contexto oral encontra-se irremediavelmente perdido.

Seguindo o pressuposto de que os registros rupestres fazem parte de um sistema de comunicação visual/gráfico, como instrumento adaptativo, que é composto pelos registros rupestres e o ambiente em que estão inseridos, possuindo "características próprias manifestas

em propriedades mensuráveis do componente sistêmico" (MARANHÃO, 2003, p.21). Acreditamos que para elaborar as gravuras o indivíduo deveria ter o conhecimento prévio das rochas que serviriam de suporte para os grafismos, tendo inclusive a noção da dureza das mesmas, o que demostra um conhecimento geológico prévio.

O registro rupestre seria, assim, uma manifestação da apresentação social dentro de um sistema comunicativo (PESSIS, 1992), uma marca da adaptação do indivíduo no ambiente, relacionado com as fontes de recursos naturais, e servindo como demarcação de territórios e de rotas, além de terem também toda uma carga cultural/simbólica (MATOS, 2015).

O passar das eras fez com que os significados desses registros se perdessem junto com seus autores, cabendo aos arqueólogos a classificação e definição de parâmetros técnicos/cenográficos para a definição de perfis gráficos. Em muitos casos a interpretação dos grafismos é impossível, já que os mesmos fazem parte de um sistema de códigos de comunicação fechado, que é acessível apenas nas suas características morfológicas e temáticas (PESSIS, 1992).

Nesse contexto, formularam-se métodos de classificação do fenômeno rupestre, nos quais estudos sistemáticos criaram categorias para a segregação dos registros rupestres em grupos, unidos por características semelhantes, ou recorrências gráficas existentes entre sítios.

A Tradição Rupestre foi um dos primeiros termos utilizados para a classificação de grafismos rupestres no Brasil. Seu uso se estabeleceu a partir do início na década de 60 do século XX, e o primeiro arqueólogo a empregar esse conceito foi Valentin Calderón, que o definiu como:

> o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que os transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço. (CALDERÓN, 1970, s. p.).

Segundo Pessis (1992), com o estabelecimento das tradições rupestres, buscou-se a relação entre painéis existentes em sítios que tinham como autores os mesmos grupos, identificando características peculiares destes.

O termo Tradição Rupestre começou a ser abordado ganhando maior ênfase, a partir de programas de pesquisa como o PRONAPA[8] e grupos de arqueólogos como, por exemplo, a missão Franco-Brasileira. Segundo Cisneiros (2008), para o PRONAPA, a definição de tradição se dá pelo número de elementos ou técnicas, com persistência temporal.

[8] Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

Já a missão Franco-brasileira estabeleceu a tradição como “uma categoria de saída de uma pesquisa, ou seja, a partir de uma classificação geral, observar os elementos de idiossincrasias e crono-estilística” (CISNEIROS, 2008, p. 44). No entanto, ainda segundo Cisneiros, a tradição, para a missão Franco-Brasileira, acabou por se tornar “uma categoria de entrada engessada, onde os sítios eram definidos como pertencentes àquela ou a esta tradição” (CISNEIROS, 2008, p. 44).

As tradições, em se tratando de registro rupestre, para Guidon (1984), seriam definidas pelas classes de grafismos representados e pela proporção relativa que estas classes guardam entre si. Esse conceito era o mesmo aplicado ao horizonte cultural, que corresponde ao conjunto de atributos culturais de um grupo humano relacionado com o espaço geográfico e restrito a uma faixa cronológica (MARTIN, 2008; CISNEIROS, 2008).

Posteriormente, em conjunto com Pessis (1992), Guidon estabelece como tradição “as características oferecidas pelo conjunto de todas as manifestações gráficas existentes na área arqueológica” (PESSIS; GUIDON, 1992).

Pessis (1992, p. 42) ainda cita que as tradições foram definidas a partir das formulações de sínteses de comportamentos de vários “parâmetros de natureza proxêmica, cognitiva, técnica, kinésica e cenográfica, observando os conjuntos de todas as manifestações gráficas existentes na unidade regional” (PESSIS, 1992, p. 42). Coimbra (2010) define como tradição em arte rupestre as formas de expressão olhadas de forma coletiva i18’’ como pertencentes a uma entidade étnica específica.

A questão é que algumas tradições apresentaram variações em seus acervos gráficos, e estas são compostas por características que só existem em determinadas localidades, ou por uma diferença temporal. Essas variações foram definidas como Subtradições.

Durante os últimos trinta anos, autores como Prous (1992), Guidon (1992), Pessis (2003), Martin (2008) e Cisneiros (2008) definiram o conceito de subtradição. Segundo Prous (1992), a subtradição é uma variedade que existe no interior de uma tradição; já Pessis e Guidon (1992) definem as subtradições como classes segregadas segundo a localização regional dos grafismos de uma tradição. Para Martin (2008), a subtradição é um “termo introduzido para definir o grupo de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, que implica na presença de elementos novos.” (MARTIN, 2008, p. 235)

Cisneiros (2008) completa o pensamento de Martin (2008), ressaltando que as subtradições são baseadas em uma conjetura onde:

> os grupos culturais desvinculados de seu grupo de origem continuariam realizando grafismos com a mesma cenografia do seu grupo social de origem. Estes grafismos, porém, apresentariam novos elementos técnicos e temáticos incorporados a partir de novos ambientes e novas experiências (CISNEIROS, 2008, p. 116).

As subtradições ainda possuem uma classe em seu interior, o estilo. Para Pessis & Guidon (1992), o estilo é uma classe "que reflete a evolução de uma subtradição segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica" (GUIDON, 1992, s.p.). Martin (2008) cita que os estilos exibem características gerais da tradição, em conjunto com a presença de novas características específicas que marcam a sua diversidade.

Segundo Pessis (2003), o estilo é composto por um conjunto de componentes, associado ao contexto técnico, que caracteriza as culturas a ele relacionadas. Assim, o estilo demonstra padrões de comunicação social muito específicos de um grupo, em que as "categorias que, associadas a uma cronologia permitiriam precisar identidades gráficas" (CISNEIROS, 2008, p. 25).

Desse modo, entendemos o estilo como processo evolutivo (GUIDON, 1992) no interior de uma subtradição, agregando novas características técnicas e de apresentação gráfica (PESSIS, 2003), decorrentes de uma cronologia distinta de suas características originais. Interpretando os registros rupestres como um sistema gráfico de comunicação e a partir dos pressupostos linguísticos de Couto (2007), acreditamos que os estilos se comportam como a língua, que está sempre transformação. Segundo Couto:

> A língua evolui, a fim de continuar sendo veículo de expressão da população que a formou e a usa. Se ela parasse no tempo (...) deixaria de ser o veículo ideal para expressar o mundo dessa população. Pelo contrário, justamente do embate entre as diversas variedades, pelo surgimento de novos modos de encarar o mundo, de novidades tecnológicas e comportamentais, é que surgem as inovações na língua (COUTO, 2007, p. 355).

Além disso, como código de comunicação visual que segue uma sequência sistêmica, o estilo também existe graças à interação entre o registro rupestre e o ambiente em que o autor de tal prática está inserido.

No presente trabalho, optamos pelo uso de outra categoria classificatória para os registros rupestres: o perfil gráfico. Nos últimos anos, algumas pesquisas no Nordeste brasileiro tiveram como enfoque principal ou utilizaram de alguma forma essa metodologia de análise no desenvolvimento de suas pesquisas (MARANHÃO, 2003; SILVA, 2003, LEITE, 2004; CISNEIROS, 2008; BARBOSA, 2013).

O perfil gráfico é uma categoria de análise que permite o trabalho com registro rupestre, tanto em áreas pouco estudadas, quanto em áreas com pesquisas mais avançadas, sendo utilizado para aprofundar ainda mais o conhecimento a respeito das características de tradições e subtradições.

O perfil gráfico é uma categoria de análise inicial, uma categoria de entrada, em que uma classe de dados permite aceder a um sistema classificatório (PESSIS, 2003), seguindo uma estrutura caracterizada por elementos temáticos, cenográficos e técnicos, organizados segundo regras hierárquicas.

Pessis (1993) define o Perfil Gráfico como uma estrutura sistêmica[9] de atributos flexíveis ou categorias de entrada. Esses atributos são hierarquizados segundo menor grau de ambiguidade, orientados no sentido de segregar as características próprias do acervo gráfico de uma determinada área, os marcadores de sua(s) identidade(s).

Levando a discussão para o nosso campo de pesquisa, os registros rupestres gravados, Maranhão (2003), em sua pesquisa, segregou os marcadores ou as estruturas caracterizadoras do perfil gráfico, especificamente, para o registro rupestre gravado, que se dividiam basicamente em:

> 1) de ordem técnica (relativos aos procedimentos técnicos de execução do registro rupestre); 2) de ordem cenográfica (referentes ao agrupamento e isolamento das unidades no espaço gráfico, suas dimensões e disposições espaciais e geomorfológicas) e; 3) de ordem morfológica (relativas às formas das unidades gráficas). (MARANHÃO, 2003, p. 6)

Nesse contexto, Maranhão adaptou as três categorias da dimensão do fenômeno gráfico de Pessis (1992), oriundas dos estudos dos grafismos reconhecíveis, para a sua realidade, os registros rupestres gravados, os quais, na grande maioria, tem como principais representações os grafismos não reconhecíveis.

O perfil gráfico de um sítio é uma matriz de dados que dá suporte informacional para as categorias ou classes utilizadas para a segregação (MARANHÃO, 2012), no caso da nossa pesquisa, as três dimensões do fenômeno gráfico: temática, cenográfica, técnica.

Ainda segundo Maranhão (2012), a relação entre regiões com perfis gráficos diferentes, a partir da consideração de todos os dados obtidos em pesquisas, leva à criação de possíveis

[9] Segundo Watson, et al (1974), uma estruturação sistêmica pode ser entendida como uma ordenação de dados segundo um recurso metodológico, uma ferramenta ordenadora, oriunda de formalização matemática (Teoria dos Sistemas), que concebe os fenômenos da realidade em modelos de conjuntos (sistemas) compostos por componentes inter-relacionados entre si e a uma unidade ambiental, cujas variações ou recorrências podem ser mensuradas.

identidades gráficas em uma área arqueológica. Nesse sentido o perfil gráfico é a ferramenta adotada para identificar e sistematizar as relações designativas da identidade gráfica (PESSIS, 1993; CISNEIROS, 2008). A identidade gráfica é definida como

> "um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Essas características constituem padrões de representação gráfica que correspondem a certas características culturais" (Pessis, 1993, p. 12-13).

Assim, podemos inferir que o perfil gráfico é uma categoria inferior à identidade gráfica, a qual, por sua vez, é inferior sistemicamente às tradições rupestres. Segundo Maranhão (2012), o perfil gráfico é uma construção intra-sítio e a identidade gráfica é uma construção inter-sítios.

Como falamos anteriormente, o registro rupestre também é subdivido em duas categorias, que seguem critérios tecnológicos; os grafismos rupestres gravados e os pintados. Essas categorias se subdividem em mais duas categorias: os grafismos reconhecíveis e os irreconhecíveis.

Os grafismos reconhecíveis são aqueles que o pesquisador pode identificar como unidades gráficas, no momento em que os descobre, relacionando-os com algo que faz parte do seu mundo ou realidade. São facilmente identificados porque representam componentes essenciais de elementos do mundo sensível. Já os grafismos irreconhecíveis são aqueles que, pela distribuição uniforme ou pelo desgaste, não se conseguem perceber os limites necessários para sua classificação. (GUIDON 1984, 1986; PESSIS 1983, 1987).

Todas as metodologias criadas em torno do registro rupestre, para facilitar o entendimento do fenômeno gráfico dos grupos pretéritos brasileiros, ajudaram a não termos um processo desordenado de várias classificações equivocadas. No entanto, com o passar dos anos e com o avanço das pesquisas, algumas questões devem ser revistas, a respeito de algumas formas de classificação preliminares dos registros rupestres. No caso da nossa pesquisa, serão os registros rupestres gravados.

## 2.1 AS TRADIÇÕES "ITAQUATIARAS" E A SUBTRADIÇÃO INGÁ, ANTIGAS TERMINOLOGIAS

As gravuras rupestres são manifestações culturais rupestres que, pela complexidade de seus grafismos puros, ou não reconhecíveis, despertaram e ainda despertam as mais diferentes interpretações e teorias sobre sua origem e funcionalidade. Diante disso, sabemos apenas que

se constituem, em sua maioria, por grafismos puros, próximos a cursos de rios e córregos. As primeiras pesquisas sobre os registros rupestres gravados no Brasil, classificaram estes registros rupestres como itaquatiaras, e os dividiram em três subtradições: Itacoatiara do Oeste, do Leste e Congo (MARTIN,2008).

Existem outras formas diferentes de classificá-las. Autores como, por exemplo, o arqueólogo André Prous, chamam-na de tradição Geométrica (PROUS, 1992; MARTIN, 2008). Ela se caracteriza pela sua grande incidência em leitos de rios, córregos, cachoeiras, olhos d'água, etc. Quanto à temática, predominam os grafismos puros, e, em alguns casos, antropomorfos e fitomorfos.

O caráter hermético relacionado às gravuras é reforçado, pois, na grande maioria dos sítios, há a falta de sedimentos. Os locais escolhidos para a prática pictórica são próximos, ou até mesmo no interior dos cursos d'água. Isso torna impossível a realização de escavações que possibilitem uma associação das gravuras com vestígios que possam pertencer à cultura material dos indivíduos responsáveis por tal prática.

Durante anos, várias interpretações foram elaboradas, todas propondo significados e autores para tais gravuras. Alguns estudiosos acreditavam que as gravuras poderiam ser obras de seres de outro mundo, seres extraterrestres, ou de culturas do Velho Mundo, como Fenícios, Egípcios, Vikings, entre outros (MARTIN, 2008)

Dentre os significados atribuídos por alguns autores, a respeito das gravuras rupestres, podemos citar as gravuras como uma forma de reproduções de astros, escrita ou uma espécie de meio de comunicação, como forma de reprodução do mundo mágico e simbólico, ou como modo de culto às forças da natureza e do firmamento.

A partir de Martin (2008), que pensa nas itacoatiaras como uma forma de culto às águas, acreditamos que as gravuras, possivelmente, têm uma relação direta com as fontes de água. Isso se justifica, pois é raro encontrar um sítio com tais grafismos, que não estejam a poucos metros de distância de algum corpo hídrico.

Acreditamos que para os registros rupestres gravados, o uso do termo Itacoatiara, em algumas bibliografias iniciais, é um pouco ambíguo, pois em tupi a palavra Itacoatiara significa pedra pintada (MARNTIN, 2008), o que torna de certa forma esse termo inviável de ser utilizados para gravuras, que na maioria das vezes são elaboradas a partir da abrasão/desgaste do suporte rochoso, ocasionando sulcos em baixo relevo.

É de conhecimento de toda a academia que o Nordeste começou a sofrer alterações climáticas a partir do período holocênico, em que o clima que era tropical começou a se tornar árido, com terríveis estiagens cada vez mais frequentes (MUTZENBERG, 2007).

Martin (2008) explica que a tradição Itaquatiara do Leste está presente nos estados do Nordeste do Brasil a partir do estado do Ceará, depois Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, limitando-se ao Sul, com o Rio São Francisco, e a Oeste, São Raimundo Nonato. Além disso, a autora cita que existe uma subtradição dentro da tradição Itaquatiara do Leste, a Subtradição Ingá.

A Subtradição Ingá, segundo Martin (2003), é caracterizada por seus sítios localizados às margens de corpos hídricos ou cursos d'água. Os grafismos da Subtradição Ingá têm:

> tendência curva e complexa, pontos e pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que dão a impressão de linhas de contagem, denso preenchimento dos painéis com aproveitamento da maioria do espaço disponível e tendência ao *horror vacui*. (Martin, 2003, p. 22)

Martin ainda cita que a subtradição Ingá está presente nas regiões do Seridó Potiguar e Paraibano, bem como nos brejos paraibanos. No Seridó, ela teria dois estilos distintos, tanto pela técnica utilizada para a gravação, quanto pela diferente escolha dos suportes e dos sítios para as gravuras do Seridó.

Um desses estilos insere-se na subtradição Ingá; já o outro se identifica a partir de gravuras em abrigos e não nos cursos d'água, e apresenta como característica principal a preparação do suporte antes da elaboração das gravuras. Essa preparação é resultante de dois processos: a raspagem e o alisamento do suporte. Posteriormente ao alisamento, realizou-se a aplicação de uma camada de tinta vermelha sobre a qual foram realizadas as gravuras que, em alguns casos, recebia uma nova camada de pigmento, em seus sulcos.

Essa hipótese é aceita, mas, com novos dados obtidos a partir de nossa pesquisa, comparados aos resultados das pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011) na região Seridó, podemos acrescentar informações importantes a respeito desses estilos, algo que poderá acrescentar novos dados a essa proposição.

# 3 ÁREA DA PESQUISA, ASPECTOS AMBIENTAIS E ARQUEOLÓGICOS

No presente capítulo, vamos abordar as questões ambientais da pesquisa, mostrando onde os sítios estão localizados, em qual sistema hidrográfico estão inseridos, o clima, a geologia, a geomorfologia, a vegetação, o contexto paleontológico e arqueológico de nosso recorte espacial.

Nossa intenção é partir de um contexto ambiental geral, que seria a bacia do Rio Piranhas/Açu, e chegar a um contexto específico, a partir da área arqueológica do Seridó, e, posteriormente, o entorno dos sítios de nossa pesquisa

## 3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS SÍTIOS

Os sítios arqueológicos estudados em nossa pesquisa, como foi citado na introdução, estão localizados no município de Jucurutu, no estado do Rio Grande do Norte. O município está inserido na microrregião do Vale do Açu, mas pertence culturalmente[10] à região Seridó (IBGE, 2014). Jucurutu também está inserida na área arqueológica do Seridó, que engloba a maioria dos municípios da região homônima.

A região Seridó é composta pelas microrregiões do Seridó Ocidental, Seridó Oriental e partes da Serra de Santana e Vale do Açu, no estado do RN; e, na área paraibana, pelas microrregiões do Seridó Ocidental Paraibano e Seridó Ocidental Paraibano. Até o presente momento, é na parte do Seridó Oriental Potiguar que estão localizados as principais pesquisas arqueológicas da região, nos municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas.

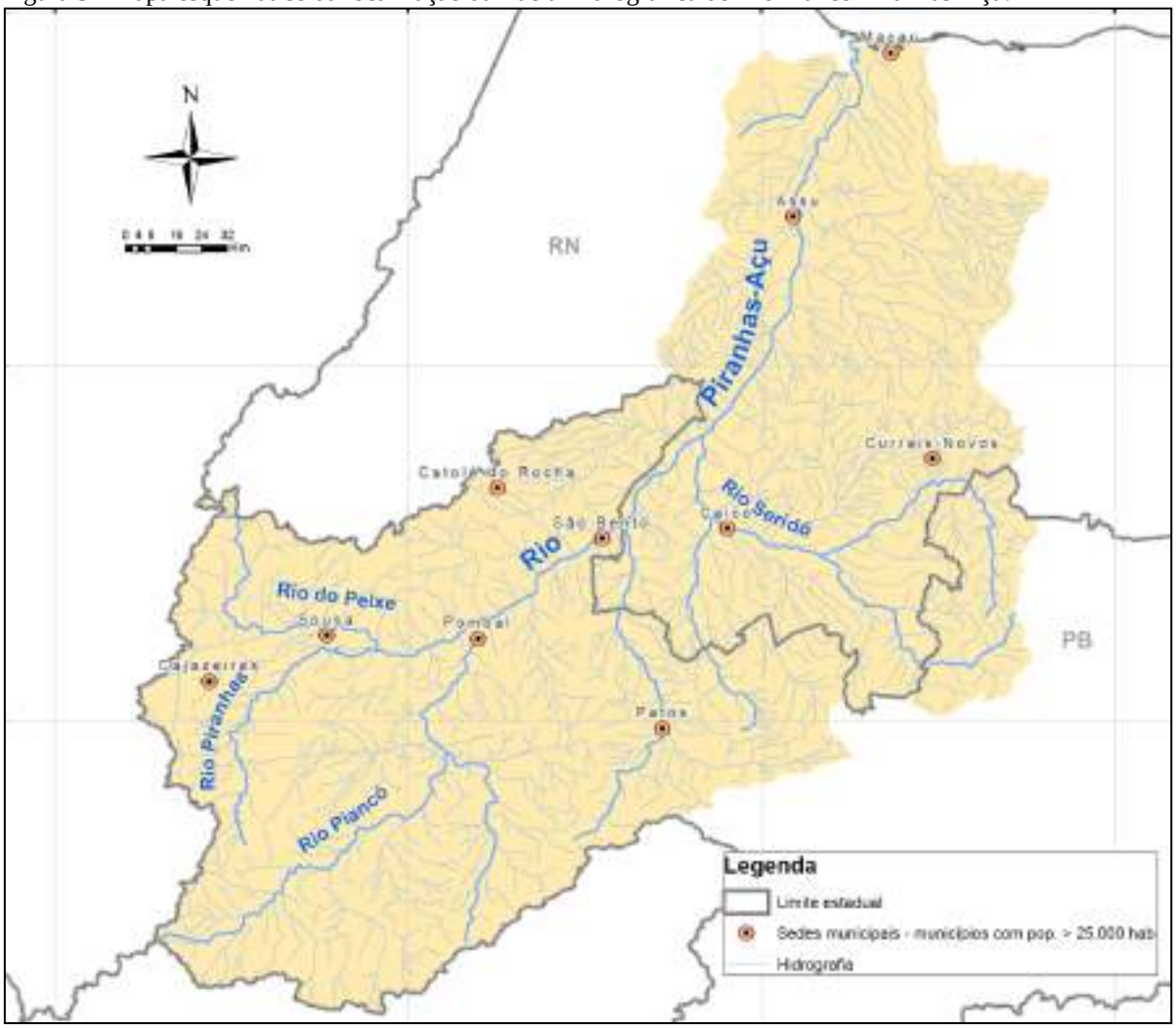
A área arqueológica do Seridó engloba os territórios citados acima, em ambos os estados. A diferença é a adição de alguns municípios da microrregião do Curimataú Ocidental, que faz parte do Agreste Paraibano. O Seridó tem, como principal bacia de drenagem, a bacia hidrográfica do Rio Piranhas/Açu, que será exposta a seguir.

## 3.2 A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PIRANHAS/AÇU

[10] OPEN BRASIL.ORG. **Secas do Seridó**. Disponível em:<http://secasdoserido.openbrasil.org/2016/08/caracteristicas-da-regiao-do-serido.html.> Acesso dia: 19 fev. 2018.

Compreendendo parte dos estados do Rio Grande do Norte (40%) e Paraíba (60%), a Bacia Hidrográfica do Rio Piranhas-Açu tem uma área de drenagem que corresponde a 43.681,50 Km2 (ANA, 2016; IBGE, 2013), totalmente inserida no semiárido nordestino (Figura 5).

Figura 5 - Mapa esquemático da localização da Bacia Hidrográfica do Rio Piancó-Piranhas-Açu.




Fonte: ANA, 2010.

O Rio Piranhas tem sua nascente no município de Bonito de Santa Fé, na Serra da Arara. O rio tem nome de Piranhas durante toda sua extensão paraibana e em parte do território norte-rio-grandense, até chegar na barragem Armando Ribeiro Gonçalves, onde recebe o nome de Açu. Sua desembocadura acontece no Oceano Atlântico, no município de Macau/RN.

Segundo o MMA[11] e a ANA[12] (2005), os principais afluentes do Rio Piranhas no estado da Paraíba são o Rio do Peixe, o Riacho do Juá, Riacho de Cajazeiras e Riacho Grande, todos

[11] Ministério do Meio Ambiente.
[12] Agência Nacional de Águas.

localizados na margem esquerda. Já na margem direita temos os rios Garganta, Pitomba e Piancó, além dos riachos São Domingos, Logradouro, Catolé e Bonfim.

Já na área do estado do Rio Grande do Norte, estão localizadas as áreas de médio curso, o curso inferior e a foz do rio (MMA; ANA, 2005). Na área do médio curso, os principais afluentes são os rios Seridó, Espinharas e Pataxó, todos localizados na margem direita do rio; na margem contrária, os principais afluentes são: Riacho dos Cavalos, Riacho do Umbuzeiro e Rio Paraú. Os principais afluentes do curso inferior, segundo o MMA e a ANA (2005), têm uma contribuição na vazão menor em relação aos demais afluentes já citados.

É na área de médio curso que se depositam os sedimentos carreados pelo rio, ocorrendo as formações sedimentares, e na foz do rio existem áreas de manguezais e grandes alagados.

O Piranhas/Açu é um rio intermitente, o que significa que ele passa por períodos de cheia e, durante os meses de estiagem, ele seca completamente. Isso é uma característica dos rios da região semiárida nordestina, onde as únicas exceções são o Rio São Francisco e Parnaíba.

Com a construção de barragens pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), o Rio Piranhas/Açu passou a ser perenizado pelo Açude Coremas-Mãe d'Água, localizado na cidade de Coremas, no estado da Paraíba; e pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves no Rio Açu, localizada nos municípios de Açu, Itajá e São Rafael, todos localizados no estado do Rio Grande do Norte.

### 3.2.1 Hidrografia na Área Arqueológica do Seridó

O Rio Seridó, como foi citado anteriormente, é um dos principais afluentes do Rio Piranhas/Açu. Sua área abrange os estados do RN e da PB, englobando 17 municípios, com uma área de drenagem de 9.923 km² (ANA, 2014). A nascente do Rio Seridó está localizada no município de Cubati-PB, mais precisamente na Serra dos Cariris ou Serra do Alagamar. Seus principais afluentes são os rios Acauã, São José, Sabugi, Carnaúba e Barra Nova, eles lavam todos os municípios pertencentes ao estado do RN, localizados na área arqueológica do Seridó.

A partir da nascente em Cubati-PB, o Rio Seridó percorre os municípios de São Vicente do Seridó-PB, além de Parelhas, Jardim do Seridó, São José do Seridó e Caicó, todos localizados no RN. Durante esse percurso, o Rio Seridó ganha volume a partir dos seus afluentes até chegar ao município de São Fernando-RN, onde o Rio une suas águas ao rio Piranhas/Açu.

É nos afluentes, riachos, córregos e demais corpos hídricos que compõem a microbacia[13] do Seridó que estão localizados os sítios com grafismos rupestres da região. Nos sítios de nossa pesquisa, o corpo hídrico mais próximo é o Córrego do Peixe, em alguns casos, os painéis estão localizados no interior do curso do córrego.

O Córrego do Peixe nasce na Serra de João do Vale, no município paraibano de Belém de Brejo do Cruz, e deságua no Rio Piranhas, no território norte rio-grandense, no município de Jucurutu.

## 3.3 O CLIMA NA BACIA DO PIRANHAS/AÇU

O Ministério do Meio Ambiente classifica que o clima predominante da bacia do Rio Piranhas/Açu, na parte norte-rio-grandense, é o semiárido (MMA, 2016), mas também leva em consideração a classificação de Thorthwaite que "confere à mesma dois tipos de clima, com dois subtipos" (MMA; ANA, 2005, p. 23).

Os dois tipos de clima seriam o *Tipo E*, classificado como um clima árido, com umidade atingindo índices que oscilam entre -40 e -60; já o *Tipo A'* é caracterizado por um clima megatérmico, determinado pelo acúmulo de evapotranspiração no ano, causada diretamente pela temperatura e pela duração do dia.

Os dois subtipos de clima são: *Subtipo d*, determinado pela variação anual do índice de aridez que fica entre 0 e 10; e o Subtipo a', caracterizado pela pequena ou baixa variação estacional (MMA; ANA, 2005).

Além disso, a parte norte-rio-grandense da bacia do Rio Piranhas/Açu, segundo o MMA e a ANA (2005), tem um regime pluviométrico:

> caracterizado pela heterogeneidade temporal e espacial, registrando-se uma pluviometria média de longo período na faixa de 400 a 600 mm anuais, com tendência de crescimento, da foz para a montante. Na bacia do rio Seridó acontece o inverso, com decréscimo da chuva conforme se caminha de jusante para a montante, chegando a pouco mais de 400 mm nas cabeceiras do rio Acauã e do próprio rio Seridó. Na região de Jucurutu e na do rio Espinharas há núcleos com mais de 700 mm (MMA; ANA, 2005, p. 23)

Já o clima na parte da bacia do Piranhas/Açu localizada no território paraibano apresenta variações de acordo com a região. O MMA e a ANA (2005) define que os principais tipos de

[13] A microbacia possui toda sua área com drenagem direta ao curso principal de uma sub-bacia, várias microbacias formam uma sub-bacia. Possuem a área inferior a 100 km2 (FAUSTINO, 1996).

clima da parte paraibana da bacia do Piranhas/Açu são, de acordo com a escala Köppen, quente e úmido (*BSwh'*), que apresenta chuvas entre o verão e o outono, apresentando as maiores chuvas entre fevereiro, março e abril, e estiagem até o mês de dezembro, Clima seco (*Bswh'g*); Clima tropical úmido (*Awig*), com variabilidade na temperatura média mensal e inverno seco; e, por último, o Clima seco (*BWwh'*) do tipo desértico (MMA; ANA, 2005). Nesse sentido, a parte paraibana da bacia apresenta uma variação espacial pluviométrica, pois as precipitações médias anuais variam de 400 mm até 850 mm.

### 3.3.1 O clima na Área Arqueológica do Seridó

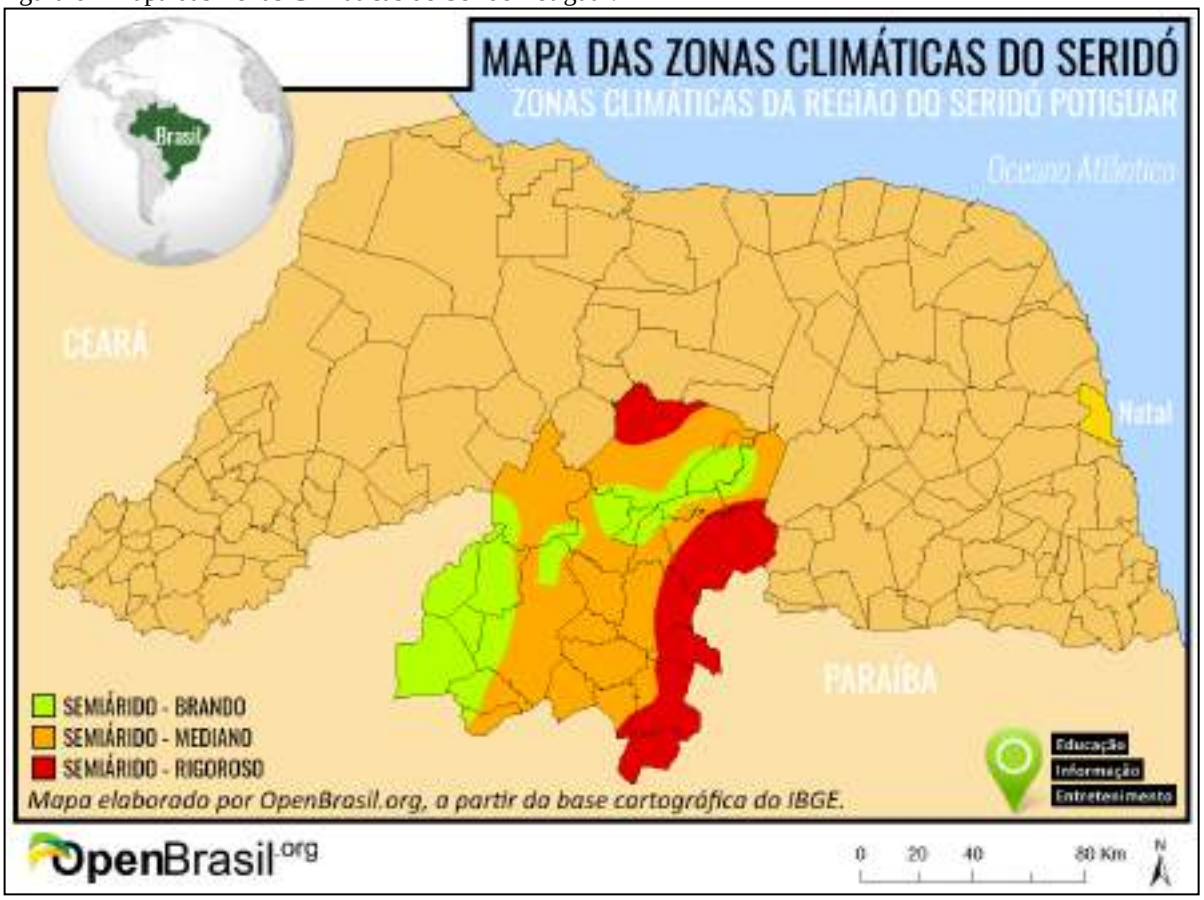
Segundo o portal OpenBrasil.org[14] (s.d.), o Seridó está inserido na área do Polígono das Secas, com elevadas médias de temperatura, o que ocasiona uma grande evaporação que se soma a uma distribuição de chuvas irregular.

Embora a região Seridó esteja localizada na área de clima semiárida, institutos como o IDEMA[15] (2013) classificam as pequenas oscilações climáticas que se diferenciam de acordo com localidades específicas. No caso da região Seridó, o IDEMA (2013) cita que existem quatro climas específicos que seriam: subsumido, subsumido seco, semiárido e semiárido intenso.

Já o portal OpenBrasil.org (s.d.), a partir de dados do IBGE[16], cita que o clima da região Seridó está dividido em três áreas homogêneas, divididas em: Semiárido Brando, Semiárido Mediano e o Semiárido Rigoroso; representados pelo mapa abaixo (Figura 6).

[14] OPEN BRASIL.ORG. **Secas do Seridó**. Disponível em:<http://secasdoserido.openbrasil.org/2016/08/caracteristicas-da-regiao-do-serido.html.> Acesso dia: 19 fev. 2018.
[15] Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Rio Grande do Norte.
[16] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Figura 6 - Mapa das Zonas Climáticas do Seridó Potiguar.




Fonte: OpenBrasil.org/IBGE, s.d.

O clima semiárido brando ocorre na parte oeste e serrana do Seridó, onde as chuvas têm uma variação pluviométrica que gira em torno de 800 a 1000mm. A média anual da temperatura é de 27,5ºC. A zona de clima semiárido mediano está localizada na parte central da região Seridó, a variação pluviométrica oscila entre 600 e 800mm, com medias térmicas anuais de 26ºC. O extremo norte e extremo leste da região Seridó têm como clima o semiárido rigoroso, a variação pluviométrica é de 400 a 600 mm; em anos onde a estação chuvosa é considerada dentro da normalidade, as médias de temperatura anuais são de 25ºC, o que pode variar de acordo com a cota altimétrica de cada localidade (OpenBrasil.org, s.d.).

Nas áreas das serras seridoenses, existe uma combinação de climas. Segundo o IDEMA (2013), nas áreas onde alcançam as maiores cotas altimétricas, o clima é o tropical chuvoso e o Subsumido seco, com a transição entre o Tropical Típico (*Aw*) e o Semiárido (*Bs*), a partir da escala Köppen, com índices pluviométricos que variam de 600 a 800 mm/ano (IDEMA, 2013).

Já o OpenBrasil.org (s.d.) cita que, na região da Serra de Sant'Ana, existe uma combinação de dois tipos de clima, o semiárido brando e o semiárido rigoroso, que variam de acordo com a cota altimétrica. As temperaturas médias variam entre 22ºC a 29ºC, mas, nos

meses de junho, julho e agosto, correspondentes ao período de inverno no hemisfério sul, as temperaturas podem chegar aos 12ºC (OpenBrasil.org, s.d).

O clima na área dos sítios de nossa pesquisa é o semiárido brando, com chuvas que começam entre os meses de dezembro e janeiro, perdurando até meados de abril e início de maio.

## 3.4 A VEGETAÇÃO DA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU

Na bacia hidrográfica do Rio Piranhas/Açu, a vegetação predominante é a Caatinga xerófila, especificamente a Caatinga hiperxerófila, que pode ser arbustiva e herbácea, com exceção nas áreas costeiras (MMA; ANA, 2005; ANA, 2014).

Segundo a ANA (2014), o bioma apresenta, na bacia do Piranhas/Açu, três fitofisionomias, que seriam: a savana-estépica florestada, savana-estépica arborizada e savana-estépica parque.

De acordo com o MMA e a ANA (2005), a parte paraibana da bacia do Rio Piranhas/Açu pertence ao bioma Caatinga, sem a presença de matas ciliares, apresentando um avançado processo de degradação da vegetação, principalmente a vegetação arbórea arbustiva, que é destruída constantemente para o cultivo de agricultura de subsistência e pecuária extensiva.

Na área norte-rio-grandense da bacia do Piranhas/Açu, o MMA e a ANA citam que "a cobertura vegetal predominante é a Caatinga Herbácea-Arbustiva, ocupando 57,9% da sua área, seguida da Caatinga Antropizada, ocupando 22.0% da mesma" (MMA; ANA, 2005, p. 24). As demais fisionomias de cobertura na área são a Caatinga Arbórea, Caatinga Antropizada, Salinas e Áreas Salinizadas, Dunas e Areais e, por último, as áreas de Agricultura.

A Caatinga Arbórea ocupa uma superfície na bacia do equivalente a 725,4 km², o que é equivalente a 4,2 % da área da bacia no RN. Essas áreas têm espécimes arbóreos que podem medir de 8 a 10 m de altura, com folhagem de formato pequeno, em alguns casos, apresentam espinhos (MMA; ANA, 2005). Os principais exemplares da flora dessas áreas são a aroeira (*Astronium urundeuva*), a braúna (*Schinopsis brasiliensis*), a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*) e o juazeiro (*Ziziphus joazeiro*).

A Caatinga Herbáceo-Arbustiva ocupa uma superfície de 10.132,4 km², essa área corresponde a cerca de 57,9% da bacia do Piranhas/Açu no RN. Como o próprio nome já diz, é predominante a vegetação herbácea com uma grande distribuição de arbustos e cactáceos. Os espécimes representantes dessa área são as formas arbustivas do pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), marmeleiro (*Croton sp.*), faveleira (*Cnidoscolus phyllacanthus*), mofumbo

(*Combretum sp.*) e jurema-preta (*Mimosa hostilis*), além do xique-xique (*Pilosocereus gounellei*) (MMA; ANA, 2005).

Segundo o MMA e a ANA (2005), a Caatinga Antropizada está localizada nas áreas de influência humana, em áreas mais povoadas ou manejadas para fins financeiros como desmatamento para a obtenção de lenha, pasto para criação animal, carvão, etc. Essa área ocupa 22% da área da bacia no RN.

As Salinas e Áreas Salinizadas também fazem parte de áreas antropizadas, que foram criadas ou aproveitadas pelo homem para obter capital financeiro. De acordo o MMA e a ANA, "são áreas ocupadas por indústrias salineiras ou próximas a elas, onde ocorre a deposição de grande quantidade de sal, que é incorporado ao solo por evaporação da água" (MMA; ANA, 2005, p. 25). Essas áreas ocupam aproximadamente 258,3 km², que corresponde a 1,5% da área da bacia, no território norte-rio-grandense. As principais espécies vegetais da área são herbáceas, entre as quais destacam-se o pirrichiu (*Batis maritima*) e o bredo (*Sesuvium portulacastrum*) (MMA; ANA, 2005).

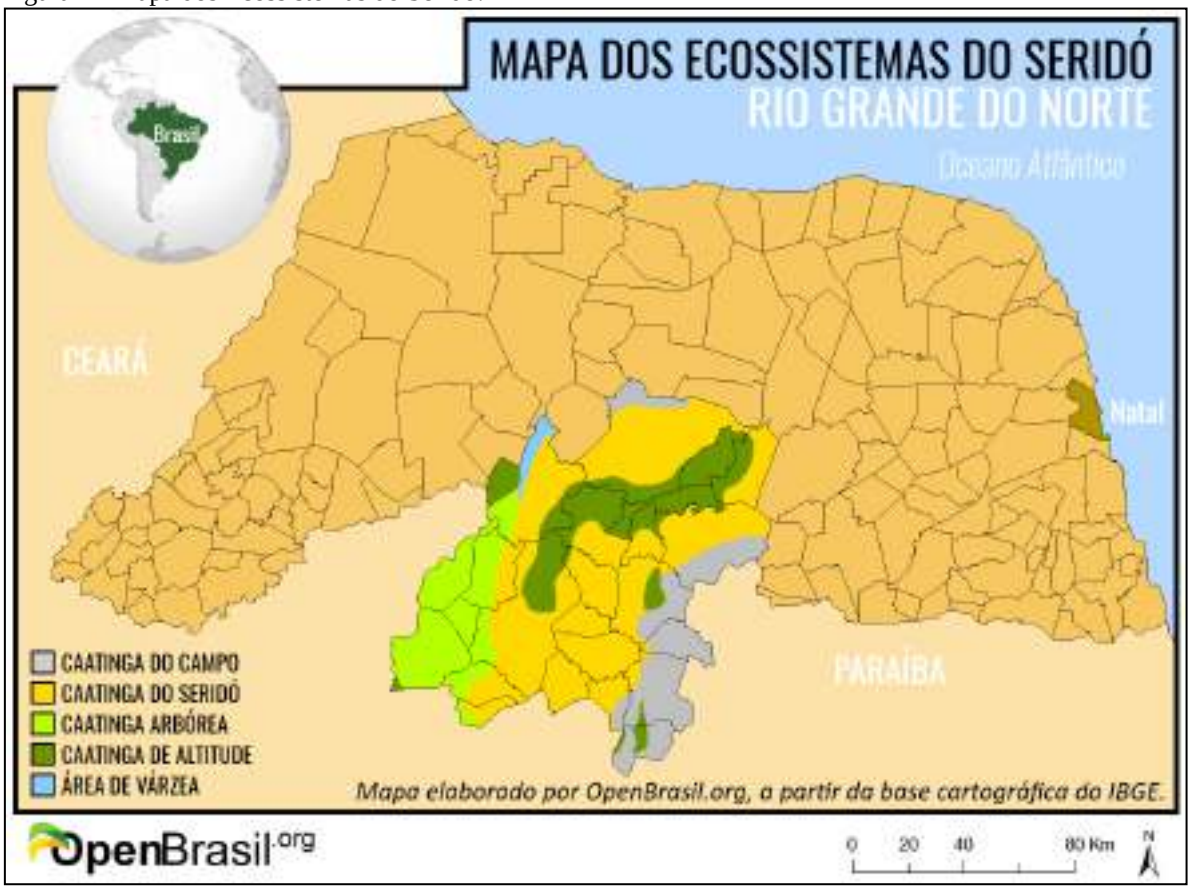
As áreas de dunas e areais são compostas de "depósitos arenosos de origem marinha, eólica e fluvial, acompanhada ou não de vegetação rasteira" (MMA; ANA, 2005, p. 25). Elas ocupam uma área de, aproximadamente, 6 km² na bacia do Piranhas/Açu, na área do RN.

Nas áreas de agricultura, existe a intensa atividade antrópica, com culturas cíclicas e permanentes, e diversos açudes, o que transformou essas áreas. De acordo com os dados do MMA e da ANA (2005), a área destinada para fins agrícolas é equivalente a 1.493,1 km², representando 8.5% da área da bacia, no RN.

### 3.4.1 A vegetação na Região Seridó Potiguar

O bioma predominante na região Seridó potiguar é a Caatinga. Mas, de acordo com o portal OpenBrasil.org (s.d.), na região Seridó Potiguar, ocorrem caatingas com características distintas, apresentando composições florísticas variadas. Elas estão divididas em Caatinga do Campo, Caatinga Arbórea, Caatinga de Altitude, Caatinga Seridó e Caatinga de Várzea, representadas pelo mapa abaixo (Figura 7).

Figura 7 - Mapa dos Ecossistemas do Seridó.




Fonte: OpenBrasil.org/IBGE, s.d.

A partir do portal OpenBrasil.org (s.d.), vemos que os tipos de caatinga se diferenciam a partir de peculiaridades, que podem partir da altitude, proximidade com cursos d'água, solo, etc. Segundo o portal, a Caatinga do Campo apresenta uma vegetação que mede de 2 a 5 m de altura, e suas espécies representantes são a imburana (*Commiphora leptophloeos*), o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), e o mandacaru (*Cereus jamacaru*), além de uma grande incidência de cactáceas.

A Caatinga Arbórea, para o OpenBrasil.org, é composta por árvores que medem de 3 a 10 m de altura, apresentando espécies da Caatinga e de outras áreas mais úmidas. Já a Caatinga de Altitude é a vegetação típica das serras, no Seridó Potiguar, ela é abundante nas serras de João do Vale, Sant'Ana, Formiga, Negra, Quintos e Garganta, e as plantas dessa área são as caducifólias[17] lenhosas, arbustivas, muito ramificadas e densamente emaranhadas.

[17] Espécies caducifólias correspondem a plantas que perdem as suas folhas na época mais desfavorável. Apenas as plantas podem ser designadas por caducifólias, podendo assumir outras designações como a de planta caduca ou decídua. A queda das folhas ocorre normalmente nos meses mais frios, sem chuva e com menor luminosidade. Disponível em: http://knoow.net/ciencterravida/biologia/especies-caducifolias/. Acessado em 19/03/2018 às 10h15.

O portal define como Caatinga de Várzea a vegetação que está localizada nos terrenos das margens do Rio Piranhas/Açu, em Jucurutu, que é composta por uma floresta ciliar de Carnaúbas. Por último, mas não menos importante, a Caatinga Seridó é definida pelo OpenBrasil.org como uma área de transição entre a Caatinga do Campo e a Caatinga Arbórea, apresentando espécies dessas duas composições florísticas, com árvores que têm porte médio e baixo, além de um grande número de cactáceos. Este é, segundo o OpenBrasil.org (s.d.), o principal ecossistema da região Seridó.

A área arqueológica do Seridó apresenta todos esses tipos de variações do bioma Caatinga, a exemplo disso, podemos citar os sítios arqueológicos existentes na área do município de Carnaúba dos Dantas-RN, que estão inseridos na Caatinga do Campo; e os sítios de nossa pesquisa, que estão inseridos na área de Caatinga Arbórea, no município de Jucurutu-RN; temos, assim, uma noção da variedade ambiental, do território delimitado como área arqueológica do Seridó.

A vegetação da área dos sítios da nossa pesquisa, às margens do Córrego do Peixe, apesar de estar em uma área de Caatinga Arbórea, apresenta uma grande incidência de cactáceas e plantas de porte mais baixo, podemos destacar algumas espécies como a jurema (*Mimosa tenuiflora*), mufumbo (*Combretum leprosum*), marmeleiro (*Croton sonderianus*), Pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), xique-xique (*Pilosocereus Gounellei*) e coroa de frade (*Melocactus zehntneri*).

## 3.5 A GEOLOGIA DA BACIA DO RIO PIRANHAS/AÇU

A geologia da bacia do Rio Piranhas/Açu é bastante variada, de acordo com a ANA (2016), existe a predominância de rochas ígneas e metamórficas, constituintes por gnaisses, xistos, migmatitos e granitos. Essas rochas compõem a Província Borborema e formam o embasamento cristalino que data mais de 550 milhões de anos (ANA, 2014).

Existem também rochas sedimentares que estão disseminadas “nas bacias fanerozóicas Potiguar e do Rio do Peixe, e nas formações cenozóicas Barreiras e Serra dos Martins” (ANA, 2016, p. 22); além disso, existem depósitos quaternários que estão distribuídos ao longo de toda a bacia do Piranhas/Açu, sob a forma de aluviões e coberturas detrítico-lateríticas (ANA, 2016).

A critério de informação, segundo o MMA e a ANA (2005), o terreno da bacia do Piranhas/Açu é constituído por uma grande área paleoproterozóica, e esse terreno é formado predominantemente por rochas ortoderivadas. A bacia é caracterizada geofisicamente:

> pela presença de rochas magnéticas que refletem o substrato de ortognaisses tonalíticos e frequência de rochas máficas. Na porção centro-leste observa-se a presença de uma ampla área de rochas não-magnéticas, que corresponde a maior ocorrência de granitóides da Suite Granitica Poço da Cruz (MMA; ANA, 2005, p. 28).

Existe uma faixa de dobramentos, que seria o Seridó, Granjeiro e São José do Campestre. Essa faixa é limitada a sul pelo lineamento de Patos e a oeste pela Zona de Cisalhamento Portalegre. A Faixa Seridó é composta pelos terrenos do Rio Piranhas e do Seridó (MMA; ANA, 2005).

A bacia do Piranhas/Açu tem também a mais antiga crosta da plataforma sul-americana, ela está localizada no Terreno São José do Campestre, que é o núcleo arqueano de Bom Jesus-RN. Na parte central da Paraíba, ocorre a área de incidência do feixe de cisalhamento Patos-Malta; ao sul e sudeste da bacia, e no rio Grande do Norte, ocorrem os complexos cristalinos pré-cambrianos que são o Complexo Caicó, São Vicente, Seridó e as Rochas Plutônicas e Filonianas (MMA; ANA, 2005).

O Complexo Caicó vai do limite sul da bacia do Piranhas /Açu e se estende a, aproximadamente, 2/3 da extensão total da bacia. O Complexo Caicó é formado por biotita-gnaisses, gnaisses facoidais, gnaisses quartzo-feldspáticos, gnaisses leptiníticos, migmatitos e sua estratigrafia demonstra que o complexo é do período Pré-Cambriano Inferior ou Médio.

O Complexo São Vicente é composto "por granitoídes e migmatitos com predominância de paleossoma básico, contendo lentes de leptinitos e anfibolitos indiferenciáveis" (MMA; ANA, 2005, p. 29), e corresponde a 1/3 da bacia do rio Piranhas/Açu.

O Complexo Seridó é constituído por três Formações, que seriam a Jucurutu, Equador e Seridó. Já as Rochas Plutônicas e Filonianas são "corpos alongados com direção concordante com a foliação das rochas encaixantes estão encaixadas nas rochas Pré-Cambrianas dos complexos Caicó e Seridó" (MMA, 2008, p. 29).

Na região sudeste da bacia, ocorre a Formação Serra do Martins. Ela é composta por arenitos caulínicos, grosseiros a conglomeráticos na base, arenitos ferruginosos mal estratificados e lateritas (MMA, 2008).

A parte norte tem como Formações Jandaíra (composta por calcários bioclásticos, calcarenitos, calcários dolomíticos, com clásticos como acessórios), Açu (formada pelo pacote sedimentar clástico basal da Bacia Potiguar) e Grupo Barreiras (rochas areno-argilosas, com cores variadas, esbranquiçadas, até avermelhada). Na parte litorânea, encontra-se a planície flúvio-marinha. Ela é constituída por sedimentos quaternários, representado pelos Aluviões.

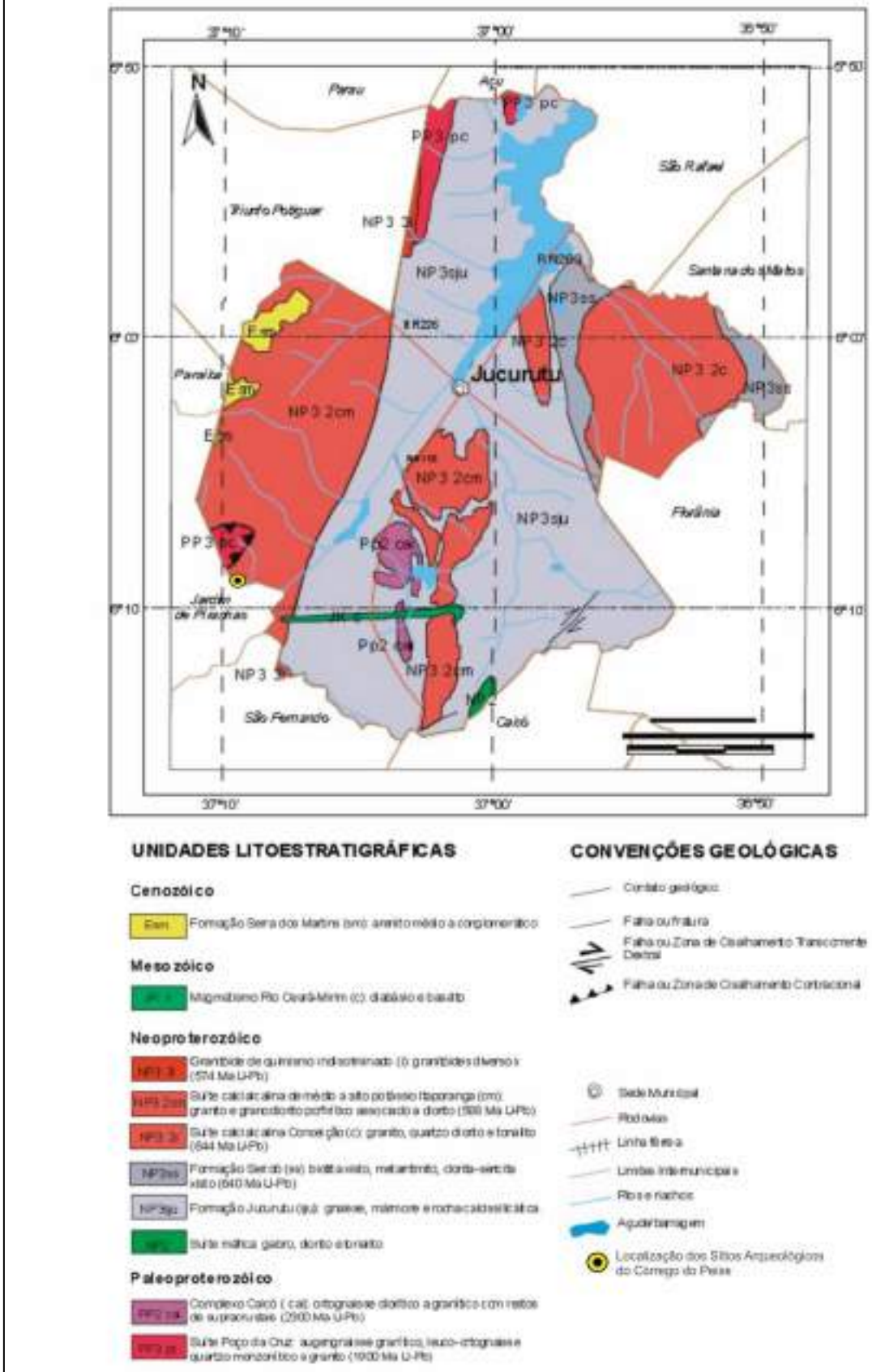
### 3.5.1 Geologia na Área dos Sítios

Os sítios de nossa pesquisa estão localizados no município de Jucurutu, o qual tem uma geologia bastante variada e se encontra:

> inserido na Província Borborema, sendo constituído pelos litotipos do Complexo Caicó(PP2/cai) das Suítes Poço da Cruz (PP3/pc) e Máfica, (NP2), das formações Jucurutu (NP3/sju) e Seridó (NP3s/ss) da Suíte calcialcalina Conceição(NP3 2c) e Suíte Médio e Alto potássio Itaporanga (NP3 2cm) dos Granitóides de Quimismo e Indiscriminado (NP3 3i), do Magmatismo Rio Ceará-Mirim (JK c) e dos sedimentos da Formação Serra dos Martins(Esm). (CPRM, 2005, p. 5)

Essas áreas geológicas do município de Jucurutu estão representadas pelo mapa abaixo (Figura 8). Os sítios arqueológicos da nossa pesquisa estão inseridos na área de Granitóides, com um solo Bruno não Cálcico - fertilidade média a alta, textura arenosa / argilosa e média / argilosa, fase pedregosa, bem drenados, relevo suave ondulado (CPRM, 2005).

Figura 8 - Mapa das Unidades Litoestatigráficas de Jucurutu-RN.



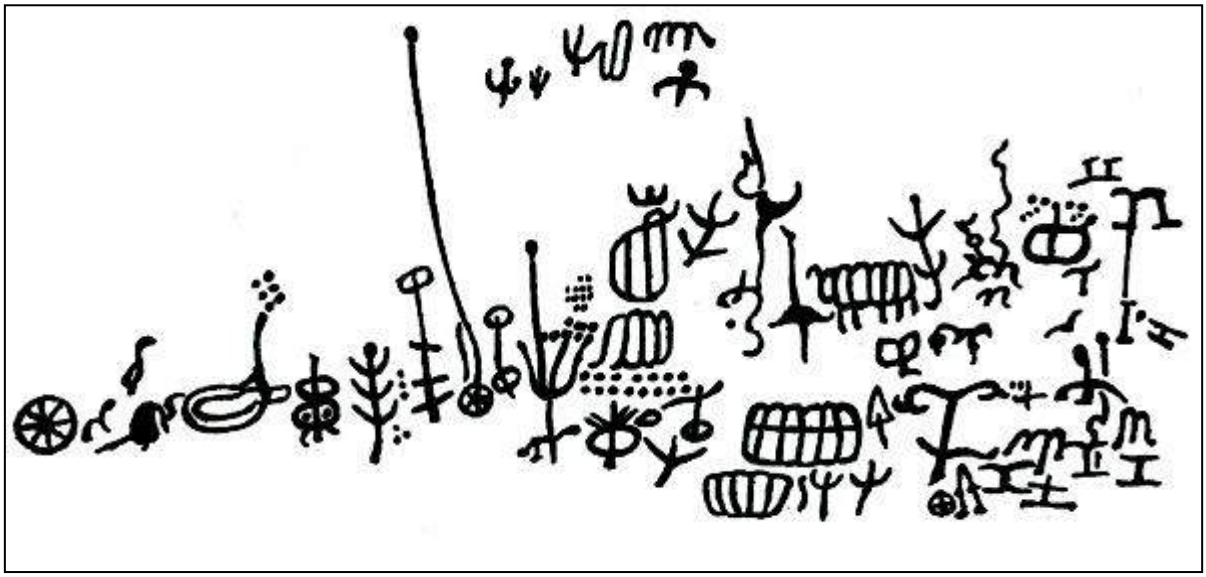

Fonte: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2005 – adaptado.

## 3.6 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

As pesquisas árqueológicas na região Seridó passaram a ser sistematizadas após a década de 1980, lideradas pela arqueóloga Gabriela Martin. Elas só foram possíveis graças à descoberta dos manuscritos de José de Azevedo Dantas, um autodidata que documentou a presença de sítios arqueológicos no Seridó Potiguar, mais precisamente nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Parelhas, Currais Novos e Acari. Além disso, ele viajou alguns municípios nos estados da Paraíba e Pernambuco (MARTIN, 2008).

José de Azevedo Dantas realizou uma descrição minunciosa dos locais visitados, elaborando, inclusive, reproduções dos painéis e grafismos existentes nos sítios (Figura 9). Com esses dados, foi possível a elaboração do seu livro "*Indícios de uma civilização antiqüíssima*", a partir dos manuscritos encontrados por Martin em 1975, numa reforma do IHGPB[18] (MARTIN, 1981-1982; 1984;1994).

Figura 9 - Desenho de José de Azevedo Dantas representando o painel do Sítio Arqueológico Fundões VII, Carnaúba dos Dantas-RN-Brasil.



Fonte: Dantas (1994)

A partir dos manuscristos, Martin, em conjunto com o, na época, Núcleo de Arqueologia do Mestrado em História da UFPE, iniciaram as prospecções nas áreas citadas por Azevedo Dantas, e, de fato, constataram que as informações eram verídicas (MARTIN, 1981-1982; MARTIN; 2008).

[18] Instituto Histórico Geográfico da Paraíba.

Segundo Martin (2008), com o grande número de sítios existentes, principalmente nos municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, foram estabelecidas duas hipóteses que nortearam as pesquisas na área: a primeira era que os grupos que produziram os grafismos classificados como sendo da Tradição Nordeste eram originários da região sul do Piauí, onde hoje está localizado o Parque Nacional da Serra da Capivara, e teriam percorrido uma distância de 1.200 km até chegar à Região Seridó. Já a segunda hipótese era baseada na teoria de que a região teria sido ocupada a partir de várias levas de indivíduos, ao longo de períodos distitos. Assim, durante o início das pesquisas, as primeiras sondagens ocorreram nos sítios com registros rupestres citados nos manuscritos de José de Azevedo Dantas (MARTIN, 1981-1982; 1984; 1987).

No tocante aos registros rupestres, as pesquisas tiveram como base as abordagens utilizadas para os sítios arqueológicos da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato-PI, elaboradas pelas doutoras Anne-Marie Pessies e Niede Guidon, a partir de que se entende que os grafismos rupestres "são a expressão e o resultado das escolhas temáticas, de realizações técnicas e de encenações imaginárias realizadas por determinados grupos sociais" (CISNEIROS, 2008).

Os sítios pesquisados, em sua grande maioria, são de registros rupestres, que, em muitos casos, estão associados a locais utilizados para rituais funerários; temos como principais exemplos de sítios que agregam essas duas caraterísticas o Sítio Arqueológico Mirador, localizado no município de Parelhas, e o sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas. Ambos os sítios continham vestígios de rituais funerários e são de cunho ritualístico, além de datações muito antigas.

A partir de datações radiocarbônicas em amostras de carvão associadas a esqueletos no sítio, o Pedra do Alexandre apresentou uma sequência de datações de, aproximadamente, 8.000 anos (2.620 ± 60 B.P. a 9.400 ± 90 B.P), e sua principal utilização era para fins fúnebres e práticas pictóricas (pinturas rupestres). Já no Mirador, foram identificados enterramentos infantis parcialmente queimados, que, contextualizados a amostras de carvões, foram datados em 9.410 B.P (MARTIN, 2008).

Segundo Martin (2008), o conjunto dessas datas definiu uma cronoestatigrafia da área arqueológica do Seridó. A principal hipótese parte da ideia de que o Seridó teria sido ocupado no Holoceno inicial, há 10.000 anos atrás.

Dos vários sítios identificados com registro rupestres[19], boa parte ou a maioria apresenta em seus painéis pinturas rupestres inseridas em uma nova Sub-Tradição da Tradição Nordeste, a Sub-Tradição Seridó. Essa sub-tradição tem como característica principal o formato peculiar na representação da cabeça dos antropomorfos, algo que remete ao formato de uma castanha do caju; um diferencial que demonstra características peculiares de uma região específica.

Na região, também existem sítios com grafismos relacionados à Tradição Agreste, com cronologia posterior à Tradição Nordeste, o que ocorre em outras partes do Nordeste brasileiro. As principais características da Tradição Agreste são grafismos de maiores dimensões (em comparação com a Tradição Nordeste), geralmente isolados, sem a composição de cenas, ou quando essas existem são formadas por poucas figuras reconhecíveis (AGUIAR, 1986, 1987).

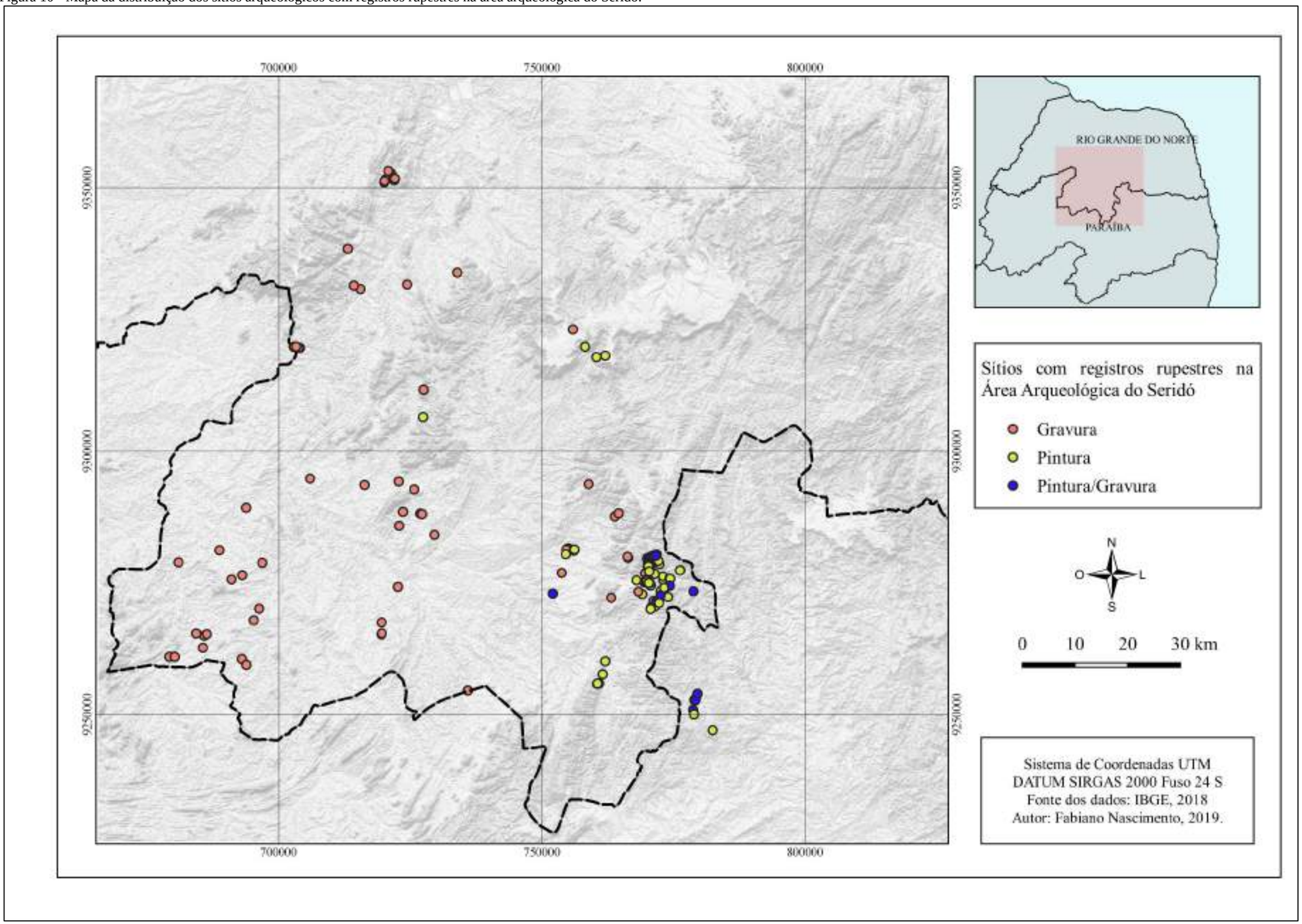
Como foi citado introdutoriamente, com a grande concentração de vestígios arqueológicos encontrados na área dos municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, as pesquisas tiveram como principal enfoque, os sítios com registros rupestres da Tradição Nordeste.

A Tradição Nordeste, em sua maioria, apresentam grafismos reconhecíveis, que podem ser associados a elementos da nossa cultura material. Esses grafismos em conjunto formam cenas que remontam o cotidiano daqueles indivíduos, sua cultura. Esses dados, relacionados às informações obtidas pelas escavações, poderiam dar informações que, relacionadas aos vestígios de cultura material encontrados durante as escavações, agregam maior confiança aos resultados.

Até o presente momento, sabemos da existência de, pelo menos, cento e sessenta e quatro (164) sítios arqueológicos com registros rupestres em todo o território da área arqueológica do Seridó. Dentre esses sítios, cerca de cento e onze (111) contêm grafismos rupestres gravados (Figura 10).

[19] Xique-Xique I, II, II, Talhado do Gavião, Mirador, entre outros.

Figura 10 - Mapa da distribuição dos sítios arqueológicos com registros rupestres na área arqueológica do Seridó.




Fonte: IBGE, 2018. Autor: Fabiano Nascimento, 2019.

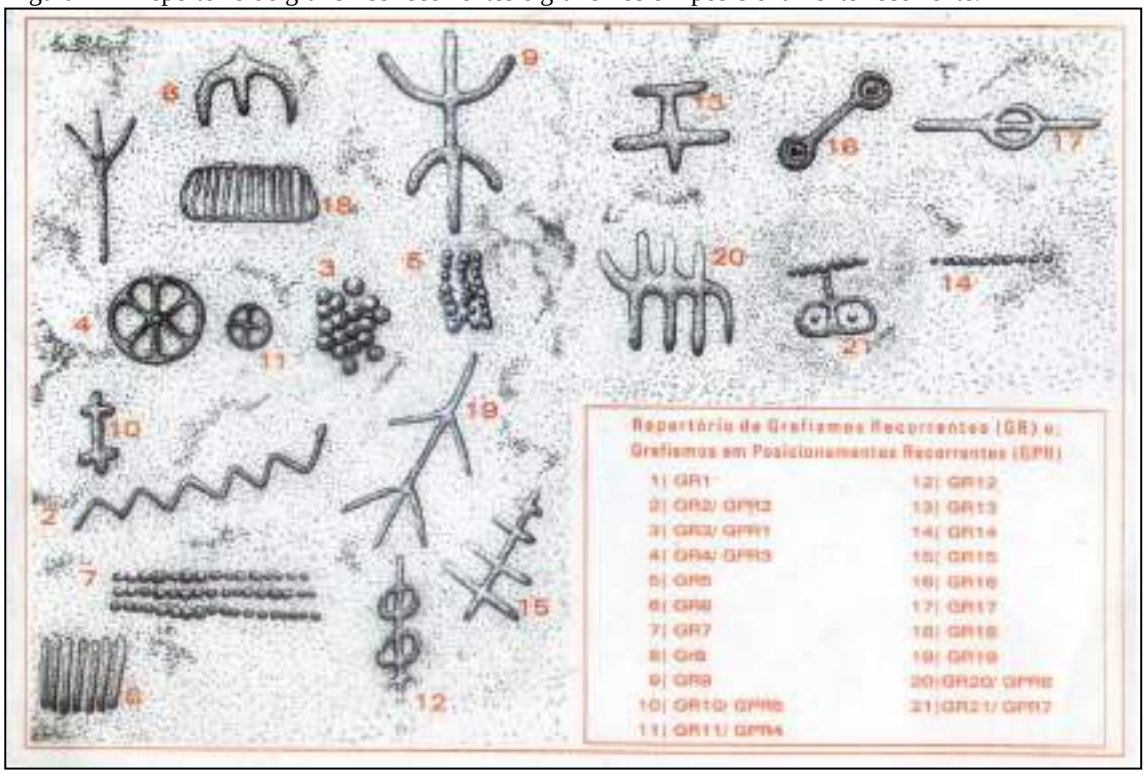
Mesmo com esse elevado número de sítios com registros rupestrse gravados, existem poucos trabalhos sobre o tema. Assim, as poucas pesquisas existentes tiveram resultados classificatórios de caráter inicial, diferente dos sítios com registros rupestres pintados, que já estão enquadrados em tradições, subtradições e até mesmo estilos.

Podemos citar como trabalhos iniciais sobre gravuras na área arqueológica do Seridó a pesquisa de Morais Neto (1994) e Nacimento e Luna (1998). Intitulado, "*Contribuição ao cadastramento das Itacoatiaras do "Vale Do Sabugi", na fronteira seridoense da Paraíba"*, o trabalho de Morais Neto cadastrou quinze sítios arqueológicos, que continham grafismos rupestres gravados nos municípios paraibanos de Passagem, Junco do Seridó, São José do Sabugi, Santa Luzia, Várzea e São Mamede. Posteriomente, Nacimento e Luna (1998) cadastraram outros de quinze (15) sítios arqueológicos que estão localizados na área do riacho do Bojo, no município potiguar de Carnaúba dos Dantas. O trabalho tem como título *"Levantamento Arqueológico do Riacho do Bojo, Carbaúba dos Dantas, RN, Brasil"*, descreveu o levantamento arqueológico que registrou, a partir do sítio arqueológico Casa Santa, classificado como pertencente à Subtradição Seridó de pintura rupestre, os quinze sítios localizados no curso do referido riacho (NASCIMENTO; LUNA, 1998).

Em 2002, como citamos na introdução, Maranhão escreveu o primeiro trabalho de caráter classificatório sobre sítios arqueológicos com registros rupestres gravados na área arqueológica do Seridó. Maranhão aplicou um método adaptado a partir das pesquisas de Pessis (2002) e Guidon (1986), para análise de registros rupestres gravados em nove sítios localizados nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó, todos no estado do RN, e no município de Picuí, localizado no estado da PB.

O trabalho consistiu na "análise das técnicas de execução com a segregação de áreas de concentração gráficas isoladas e/ou agenciadas recorrentemente dentro das manchas gráficas gravadas" (MARANHÃO, 2003, s.p.). Além disso, o autor também levou em consideração o entorno e a geomorfologia do sítio, além da petrografia do suporte rochoso. Com isso, Maranhão identificou um perfil gráfico para as gravuras dos sítios pesquisados, além de uma série de grafismos recorentes (Figura 11). Com isso, utilizamos o trabalho de Maranhão como principal referência para análise dos grafismos rupestres gravados na área arqueológica do Seridó.

Figura 11 - Repertório de grafismos recorrentes e grafismos em posicionamento recorrente.




Fonte: Maranhão (2003).

Em 2011, o pesquisador Francisco de Paula Brito apresentou sua dissertação de mestrado a partir de sítios com grafismos rupestres gravados na área ocidental do Seridó Potiguar, mais precisamente nos municípios de Serra Negra do Norte, Timbaúba dos Batistas, Jardim de Piranhas e Caicó, onde até então as pesquisas arqueológicas não haviam sido realizadas. A pesquisa é intitulada "*Análise de Gravuras Rupestres Pré-Históricas das Bacias Hidrográficas do Espinharas/Sabugi/Quipauá- Barra Nova no Seridó Ocidental-RN*", e nela foram identificados grafismos recorrentes identicos ao de Maranhão(2003) em todos os sítios, e além de chegar a uma técnica de confecção predominante, a raspagem. Vamos utilizar a recorrencia 10 de Brito (2011), pois das doze (12) recorrecias do seu trabalho, somente a recorrencia 10 não esta presente no repertório de grafismos de Maranhão (2003).

A partir de 2013, pesquisadores da UFRN iniciaram algumas pesquisas na área da Serra de São Bernardo, no município de Caicó-RN, e com a descoberta do Sítio Arqueológico Cachoeiras do Samanaú (COSTA; SILVA, 2016), que permitiu a identificação de sítios na área da Serra e posteriormente em outros municípios, incluindo também os sítio  o salvamento arqueológico do acervo rupestre da região diretamente impactada com a construção da Barragem das Oiticicas.

Devemos citar também o nome do arqueólogo Valdeci dos Santos Júnior, que vem contribuindo nos últimos anos para o registro de centenas de sítios arqueológicos no estado do

Rio Grande do Norte, com o foco nos sítios com registros rupestres gravados. Temos como referência, para nossa pesquisa, como citamos em nossa introdução, o artigo de Santos Jr. (et al., 2016) que aborda os sítios do Riacho do Chaves, localizados na bacia do Rio Piranhas/Açu, área que contém os mesmos aspectos ambientais que os sítios de nossa pesquisa, mas com algumas diferenças geológicas.

# 4 METODOLOGIA

A ideia principal da pesquisa é trabalhar com sítios inseridos na bacia do Rio Piranhas/Açu, dando continuidade às pesquisas de Martin (2008), Nascimento e Luna (1998), Maranhão (2003) e Brito (2011), partindo, assim, de uma metodologia onde os sítios estariam inseridos em uma mesma unidade ambiental, compartilhando de um mesmo contexto hídrico, ambiental e geológico. Essa linha de pesquisa é denominada Arqueologia de Área.

Martin (2008) define a Arqueologia de Áreas como uma linha de pesquisa arqueológica que se aplica a todo o território do Nordeste brasileiro, onde o meio ambiente é considerado uma variável adaptativa, manifestada pela relação de vários sítios arqueológicos pertencentes a um mesmo ecossistema.

Partindo dessa perspectiva, selecionamos os sítios arqueológicos localizados no Córrego do Peixe, em Jucurutu, pois esse riacho encontra-se inserido na bacia do Piranhas/Açu, a mesma bacia hidrográfica das pesquisas citadas acima, que, consequentemente, servem-nos de referência. Fundamentamos nossa escolha a partir de Maranhão (2003), onde vemos que o ambiente em que os indivíduos estariam inseridos, condicionava-os a criar estratégias culturais de sobrevivência e adaptação. E, isso estaria refletido no acervo gráfico de sítios localizados em uma mesma área arqueológica, no nosso caso, os sítios com grafismos rupestres gravados da bacia do Piranhas /Açu.

## 4.1 A PROSPECÇÃO

A partir da definição da linha de pesquisa, a segunda medida tomada foi a realização da prospecção na área do Córrego do Peixe, na qual foi percorrida uma distância de 5,1 km, partindo do sítio arqueológico Pedra Ferrada. Percorreu-se todo o curso do Córrego do Peixe até chegar ao Rio Piranhas/Açu. A partir do Córrego, vistoriou-se também as margens, adentrando 100 m em cada lado, com a finalidade de evidenciar sítios nas proximidades. Essa área corresponde a cerca de 1,4 km².

Para a divisão das concentrações gráficas levamos em consideração a paisagem dos locais onde os painéis estão inseridos, pois acreditamos que o entorno dos sítios pode ter influência na prática pictórica em si. Entre os sítios existem distâncias que variam de 69m e 235m, o que ocasiona mudanças consideráveis na paisagem, a partir desse critério dividimos as áreas em oito (08) sítios arqueológicos.

Além disso, ao trabalharmos com grafismos rupestres, e vamos falar isso posteriormente, o espaço entre grafismos nos painéis também é uma variável a ser considerada, já que pode evidenciar formas de segregação e utilização do espaço no interior dos painéis. Então, a escolha de locais específicos pode expressar escolhas culturais e principalmente geoespaciais. Assim, vamos considerar os oito (08) locais como sítios arqueológicos, e nesses locais escolhemos painéis nos quais estão inseridas as áreas gravadas, as áreas de concentração gráficas e os grafismos isolados.

Definimos área gravada, como um termo equivalente a mancha gráfica, utilizado para delimitar toda a área que contem grafismos gravados em um painel. Esse termo se encaixa melhor para a análise dos registros rupestres gravados pois nos parece errôneo utilizar o termo "mancha", que a todo momento nos remete a tinta, pigmento ou pintura.

Com a identificação dos sítios, o passo seguinte foi definir a ferramenta metodológica utilizada para a pesquisa, assim, optamos pela definição dos perfis gráficos dos sítios, com a finalidade de compará-los com os perfis gráficos definidos pelas pesquisas anteriores (NASCIMENTO E LUNA, 1998; MARANHÃO, 2003; BRITO, 2011; SANTOS Jr. et al. 2016), no intuito de contribuir para a delimitação da(s) identidade(s) gráfica(s) dos registros rupestres gravados da área arqueológica do Seridó.

## 4.2 O PERFIL GRÁFICO

Os perfis gráficos dos sítios do Córrego do Peixe foram definidos a partir dos parâmetros analíticos estabelecidos pelas três dimensões do fenômeno gráfico de Pessis (1992), que seriam as dimensões material (técnica), temática e apresentação gráfica (cenografia). Pessis os define como:

> "dimensão material do registro gráfico, que trata de todos os aspectos da realização técnica, a dimensão temática, integrada pelas escolhas feitas pelos autores pertencentes à determinada sociedade e a apresentação gráfica, relativa às formas de apresentação gráfica na qual se representam as escolhas temática" (PESSIS, 1992, p. 47).

### 4.2.1 Dimensão Técnica

Na dimensão técnica, levamos em consideração os procedimentos técnicos de execução dos registros rupestres gravados. Pessis (1992) cita que a principal característica para análise dos grafismos rupestres gravados é a técnica, ou a que tem mais importância, pois, na maioria

dos casos, a falta de reconhecimento dos grafismos não nos permite a compreensão de seus significados, o que nos condiciona a atribuir maior valor às características técnicas. Maranhão (2003) define que:

> "as técnicas de execução do gravado apresentam contrastes identificáveis, entre conjuntos de gravuras dispersas na geografia regional. Portanto, deu-se importância à técnica pela possibilidade de identificação do conjunto de ações pela qual os objetos analíticos deste trabalho foram feitos." (MARANHÃO, 2003, p.19)

Nas pesquisas que usamos como referência, principalmente Maranhão (2003), Brito (2011) e Santos Jr. (et al., 2016), essa dimensão teve um papel fundamental para a definição dos perfis gráficos dos sítios pesquisados. Optamos por escolher três variáveis para a análise técnica dos grafismos dos sítios, que seriam **cadeia técnica operacional**, a **matéria prima do suporte** e o **instrumental técnico** utilizado para gravar (PESSIS, 2002; MARANHÃO, 2003), que posteriormente se subdividem em outras categorias que citaremos a seguir.

#### 4.2.1.1 Matéria-prima do Suporte

A variável analítica relacionada à matéria-prima dá início a cadeia técnica da nossa pesquisa, pois, é a partir da composição do suporte que os indivíduos escolhem as melhores formas de desempenhar a prática gravadora, expressando diretamente a interação entre os indivíduos e o meio em que estão inseridos, demostrando o conhecimento adquirido a partir de eras, através de uma tradição pictórica, que selecionou rochas específicas para a gravação. Segundo Maranhão (2003):

> "Na matéria prima do suporte rochoso, manifestam-se as disponibilidades e escolhas de caráter geológico (petrográfico), constituindo uma variável que atua tanto como condicionante ambiental quanto como escolha técnica". (MARANHÃO, 2003, p. 20)

Nossa principal preocupação com a matéria-prima do suporte era saber o tipo de rocha em que os painéis foram gravados. Nossa intenção não é adentrar em uma discussão sobre a composição mineral de maneira minuciosa. Por hora, a identificação do tipo geológico granítico é suficiente, pois partimos da ideia de que esses grupos sabiam diferenciar tipos específicos de rochas, incluindo diferenças morfológicas em um mesmo suporte.

#### 4.2.1.2 Cadeia Técnica Operacional

Segundo Maranhão (2003), a cadeia técnica operacional equivale ao conjunto de formas, gestos e ações peculiares dos procedimentos técnicos de realização dos grafismos rupestres gravados. No Nordeste brasileiro, está representada pelas técnicas de picotagem ou picoteamento, lascamento lítico, raspagem e polimento (PESSIS, 2002). Nas pesquisas que servem como referência para essa dissertação, apenas o lascamento lítico não conta nos perfis gráficos finais.

É importante salientar que os sítios do Córrego do Peixe estão sujeitos a todos os agentes intempéricos possíveis, pois estão localizados a céu aberto. Com isso, parte do acervo gráfico está comprometido. Assim, tivemos o cuidado de selecionar apenas os grafismos que apresentavam um bom estado de conservação, ou com alteração intempérica não tão drástica, já que é praticamente impossível encontramos tais registros rupestres sem algumas alterações.

Como seis (06) dos oito (08) sítios da nossa pesquisa estão localizados nas margens do Córrego do Peixe, o principal agente intempérico responsável pelo estado de conservação dos grafismos e, consequente identificação da técnica de execução, é a ação da água. Seja pela correnteza do córrego ou pelo escoamento das águas pluviais, o que ajuda a polir de maneira natural os grafismos.

Maranhão (2003) cita que, em muitos casos, a ação de agentes intempéricos compromete a análise técnica dos grafismos por oferecer uma ação intensa nas áreas internas dos baixos relevos, no interior dos sulcos dos traços das gravuras.

Com isso, subdividimos a cadeia operacional em três variáveis, referentes às principais técnicas de execução existentes na Área de Concentração Gráfica[20] (ACG), na Área[21] Gravada (AG) e no Sítio[22], que seriam as técnicas de picotagem ou picoteamento, lascamento lítico, raspagem e polimento. Nesse contexto, evidenciaremos as principais técnicas dos sítios, compondo, assim, uma das peças do perfil gráfico.

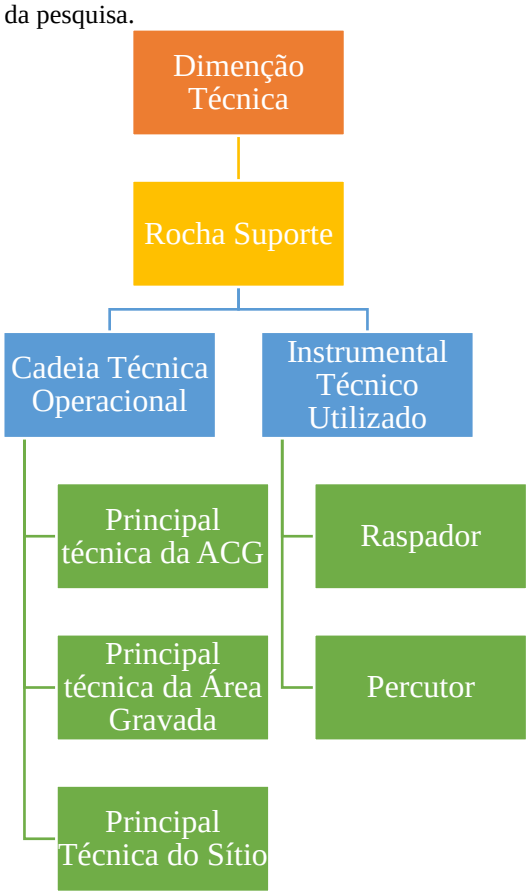
#### 4.2.1.3 Instrumental Técnico

[20] A Área de Contração Gráfica é uma zona de maior concentração de grafismos no interior de uma área gravada, e essas área gravada pode ter mais de uma área de concentração gráfica, além de grafismos isolados. É a partir das ACGs que definimos também o isolamento de grafismos.
[21] A Área gravada é a junção de todas as ACGs e grafismos isolados em um painel.
[22] O Sítio é o táxon maior, que englobaria as áreas gravadas e depois, as áreas de concentração gráfica.

A variável referente ao instrumental técnico é a responsável pela confecção do grafismo em si. Sem o instrumento, a variável cadeia técnica operacional não acontece, pois, para Maranhão (2003), ela completa a solução material utilizada para a gravação dos registros rupestres, e sua escolha é determinada pela técnica de gravação utilizada, onde a espessura do traço e a profundidade são direcionadas a partir desses instrumentos, além dos gestos, ações e procedimentos técnicos utilizados para a gravação dos registros rupestres.

De maneira geral, nossas variáveis técnicas se organizam a partir desses três parâmetros analíticos citados acima, procurado evidenciar: 1) as principais técnicas de confecção das áreas gravuras, 2) o tipo de rocha do suporte e 3) o tipo de instrumento utilizado para a gravação dos grafismos. O quadro 1 demonstra como estão organizadas as variáveis técnicas da nossa pesquisa.

Quadro 1 - Variáveis técnicas da pesquisa.




### 4.2.2 Dimensão Temática

Para a dimensão temática, Cisneiros (2008) cita que é essa dimensão equivalente “aos elementos cognitivos essenciais para o reconhecimento dos grafismos” (CISNEIROS, 2008, p.

57). Mas, nas gravuras, esse reconhecimento é praticamente impossível, pois esse tipo de registro rupestre tem como principal característica o não reconhecimento dos grafismos.

Esse é o problema de se pesquisar tal tema, pois esses grafismos são símbolos de uma cultura pretérita, cujo significado está perdido e jamais será recuperado. Assim, buscamos seguir como um dos critérios utilizados para a análise de registros rupestres dos sítios selecionados, a **continuidade do traço**, que é bastante utilizada na análise das pinturas rupestres (PESSIS, 2002; MARANHÃO, 2003)

Mas os sítios do Córrego do Peixe têm características peculiares que os diferenciam dos demais sítios da região, pois, além de apresentarem grafismos irreconhecíveis, alguns sítios apresentam uma quantidade significativa de grafismos reconhecíveis, como antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos.

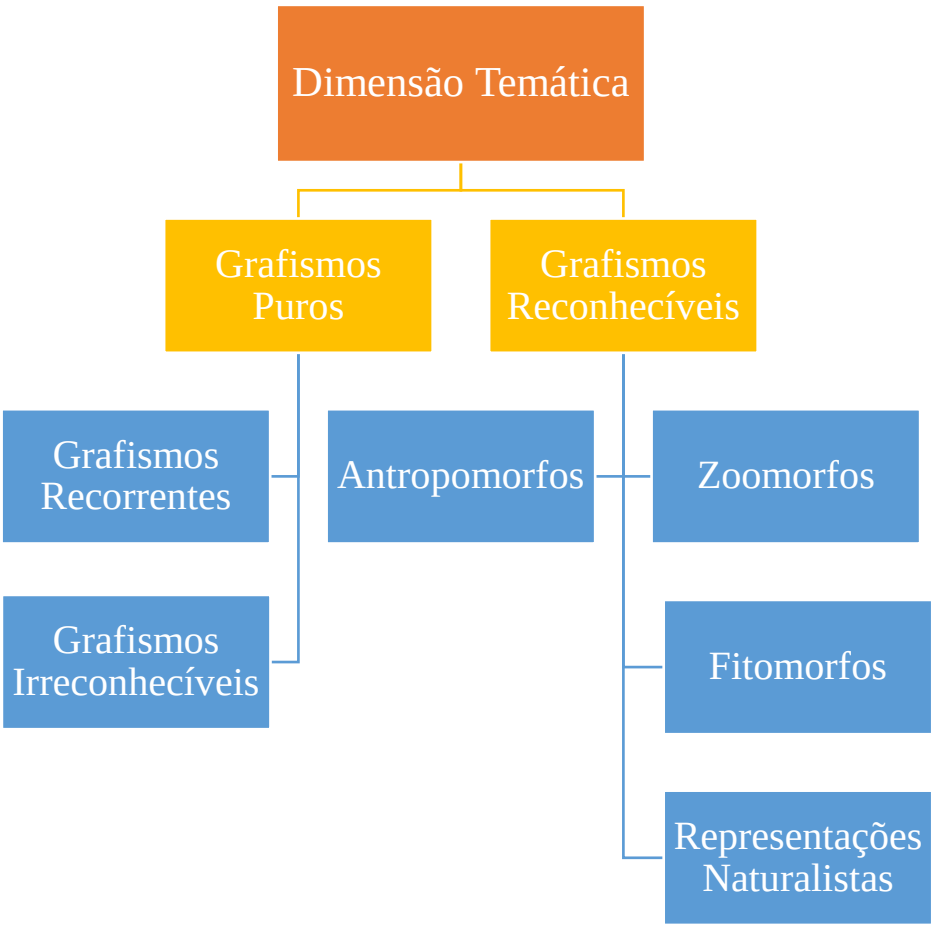
A partir dessas informações, buscamos elencar as principais variáveis da dimensão temática para os sítios do Córrego do Peixe, e chegamos às seguintes variáveis: 1. **Grafismos Puros**, **2. Grafismos Reconhecíveis**. Nesse contexto, foram analisados e contabilizados o número de grafismos referente a cada variável, levando em consideração apenas grafismos em bom estado de conservação.

A segregação dos **grafismos puros** ocorreu a partir da divisão dessa variável em mais duas categorias, os **1. grafismos recorrentes** e os **2. irreconhecíveis**. Os grafismos recorrentes foram evidenciados pelas pesquisas de Maranhão (2003), e de Brito (2011), e estão presentes na maioria dos sítios arqueológicos da área arqueológica do Seridó, incluindo alguns sítios do Córrego do Peixe. Além disso evidenciamos três (03) grafismos recorrentes específicos dos sítios do Córrego do Peixe, que denominamos de Grafismos Recorrentes córrego do Peixe (GRCP).

Os grafismos recorrentes são importantes, pois mostram a continuidade da manifestação de certas práticas culturais repetitivas, de uma mesma mensagem a partir de grafismos específicos, formando, assim, uma possível identidade gráfica. Os grafismos irreconhecíveis foram apenas contabilizados.

Já os grafismos reconhecíveis foram subdivididos em três categorias: **antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos e representações naturalistas (pés e mãos)**. Os grafismos irreconhecíveis **são todos os que não têm um formato definido como recorrente**. Essas variáveis foram agrupadas no organograma abaixo, representado pelo quadro 2.

Quadro 2 - Organograma representando a dimensão temática da pesquisa.




### 4.2.3 Apresentação Gráfica

Na dimensão referente à apresentação gráfica, ou cenografia, foram agenciadas as gravuras no espaço gráfico, isolando-as de acordo com suas "dimensões e disposições espaciais e geomorfológicas, estabelecidas a partir de análises morfométricas" (CISNEIROS, 2008, p.57). Optamos por seguir o método utilizado por Maranhão (2003), em que a análise da dimensão cenográfica parte inicialmente dos três parâmetros seguintes: o **isolamento,** a **noção de centro e periferia,** e, por último, o **espaço entre grafismos**.

Os três parâmetros são variáveis relacionados às disposições espaciais dos painéis rupestres e foram analisados da seguinte forma:

1. A noção de isolamento acontece a partir da percepção de um grande espaço entre grafismos e/ou área gravada de acordo com a média das distâncias obtidas para os grafismos existentes nos painéis estudados, ou, por uma maneira mais simples,

identificando uma distância visivelmente maior, em casos extremos (MARANHÃO, 2003).

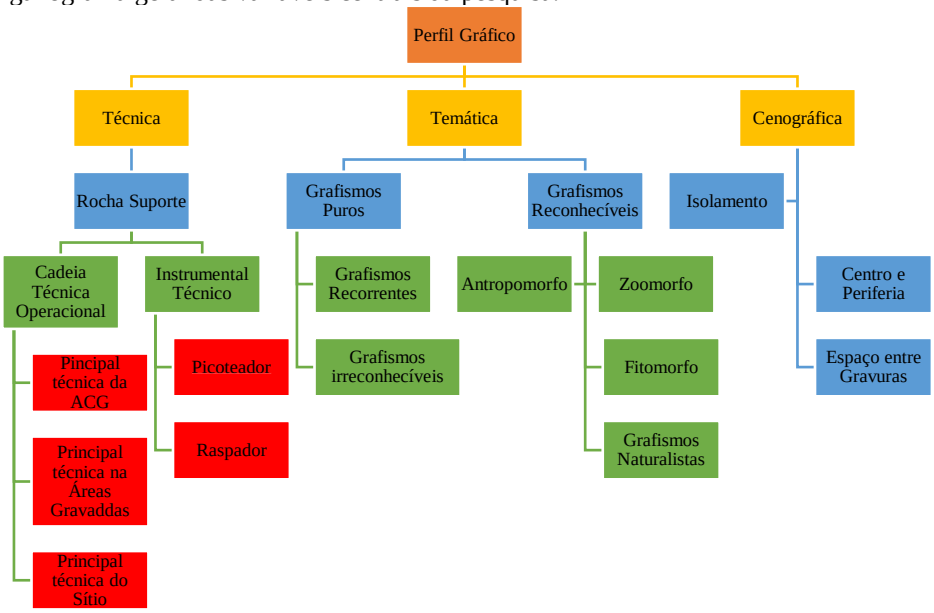
2. A noção de centro e periferia é explicada através do posicionamento de unidades gráficas em determinadas zonas e setores das áreas gravadas. O centro da área gravada está localizado nas áreas mais densas das mesmas, já a zona periférica é localizada na parte com menor concentração gráfica entre o centro e o final das áreas gravadas (Maranhão, 2003)
3. O espaço entre as gravuras é considerado, pois, a partir de Maranhão (2003), são, de maneira hipotética, elementos específicos de escolhas culturais, que podem aparecer de maneira recorrente, sendo assim, considerados como indicadores de identidade espacial construtiva da identidade gráfica dos sítios (MARANHÃO, 2003).

Seguindo o grau hierárquico das variáveis citadas acima, elaboramos o organograma representativo referente à dimensão cenográfica e suas subdivisões, adequadas a partir da pesquisa de Maranhão (2003), representadas pelo quadro 3.

Quadro 3 - Organograma representando as variáveis da dimensão cenográfica da pesquisa.

Assim, o organograma final, baseado nas três dimensões do fenômeno gráfico de Pessis (1992) e adaptado para esta pesquisa, está representado pelo quadro 4, logo abaixo. Ele mostra como todas as variáveis centrais da pesquisa foram agrupadas e hierarquizadas neste trabalho.

Quadro 4 - Organograma geral das variáveis centrais da pesquisa.




## 4.3 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A partir da definição das variáveis centrais, os procedimentos analíticos foram iniciados com a finalidade de agenciar os dados obtidos durante as etapas de prospecção e registro dos sítios arqueológicos, associando-os às variáveis centrais citadas anteriormente.

Toda a pesquisa foi baseada na análise do registro fotográfico dos sítios. As fotografias seguiram o protocolo de registro fotográfico utilizado pela Fundação Seridó.

Para o levantamento fotográfico dos sítios, utilizamos os seguintes critérios de registros: foto da paisagem, do painel, da área gravada e, por último, dos grafismos. A foto da paisagem serve para a contextualização da área do entorno do sítio, ressaltando o contexto geomorfológico e o ambiente em si. Buscamos uma distância focal que variava entre 6 e 10 metros do objeto focal.

Já a fotografia do painel geral evidencia a composição das áreas gravadas no suporte, mostrando escolhas espaciais dos grupos pretéritos. Nessas imagens, a distância focal utilizada era entre 5 m a 2 m. Para as fotos das áreas gravadas, a distância focal média variava entre 2 m a 1 m, a partir da área gravada definimos também as áreas de concentração gráfica (ACG). Segundo Maranhão (2003), a ACG é definida por disposições periféricas dentro das áreas gravadas, ou seja, as ACG representam as zonas de maior ocorrência de grafismos, enquanto a área gravada abrange todos os grafismos, incluindo ACGS e grafismos isolados. A ACG seria uma categoria dentro das áreas gravadas, equiparada aos grafismos isolados. Foram escolhidas apenas ACGs que mantinham um grau de conservação favorável para a análise, e as ACGs que

não apresentavam um bom estado de conservação, ou estavam degradadas não foram analisadas.

Para os grafismos, especificamente, a distância de foco para o objeto alternou ente 1 m e 30 cm. As fotos dos grafismos só eram feitas se eles estivessem bem aparentes. Quando não se tinha certeza de seu real formato, procurávamos priorizar a área gravada por completo, para só depois segregá-los.

Utilizamos, assim, o critério da continuidade do traço como principal método de segregação de grafismos (PESSIS, 2002), pois, ao trabalharmos com grafismos irreconhecíveis, não sabemos onde começam ou terminam algumas gravuras que estão dispostas em conjunto. Em alguns casos, não sabemos o que forma uma cena ou unidade gráfica, bem como não sabemos seus significados, o que novamente levaria o pesquisador a fazer segregações hipotéticas e arbitrárias.

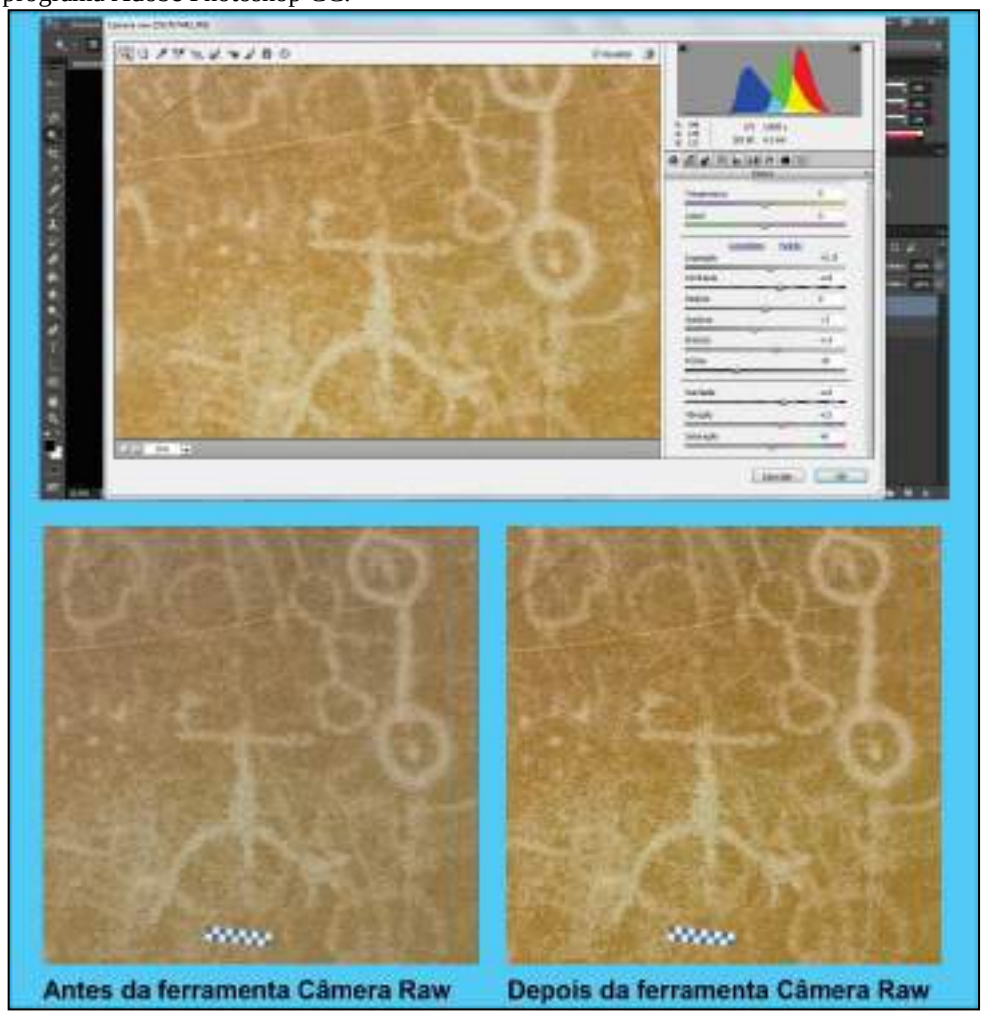
Alguns painéis que estão localizados no nível do solo apresentaram grandes proporções de área gravada, chegando a medidas que superam os 12 metros de largura, isso tornava praticamente impossível a realização de fotografias da área gravada total de alguns painéis. Quando conseguíamos realizar uma fotografia do painel total suas proporções ficavam distorcidas, e alguns grafismos não apareciam. Assim, a solução encontrada foi realizar fotografias aéreas utilizado Drone.

Para a realização das fotografias com o Drone foi utilizado uma escala de um (01) metro de comprimento por quarenta (40) centímetros de largura, essa escala tem a mesma funcionalidade das escalas de tamanhos menores, como as de 10 cm utilizadas na nossa pesquisa, que é dar a proporção do tamanho real do painel e/ou grafismos.

Os horários escolhidos para o registro fotográfico dos sítios foram definidos entre 4h30 e 6h30, e entre 16h45 e 17h45, períodos em que a incidência solar é mais branda. Mas, no período do registro fotográfico da pesquisa, que ocorreu durante o mês de fevereiro de 2018, coincidiu com a estação das chuvas na região, o que deixou os dias nublados, ajudando na luminosidade ideal durante, praticamente, o dia todo.

Durante a análise das fotografias, também foi utilizado programa Adobe Photoshop CC. Tal se mostrou útil para auxiliar na melhoria das fotografias, deixando-as mais nítidas, evidenciando, dessa maneira, grafismos não tão visíveis. Através da ferramenta Câmera Raw, existente no Adobe Photoshop CC, foi possível alterar os níveis de exposição, contraste, luminosidade, sombras, saturação, etc., melhorando consideravelmente a qualidade das imagens (Figura12).

Figura 12 - Demonstração do método de melhoramento de fotografias Câmera Raw, do programa Adobe Photoshop CC.




Além da ferramenta Câmera Raw, utilizamos o Adobe Photoshop para fazer os decalques dos painéis dos sítios, evidenciando também momentos pictóricos diferentes a partir de camadas gráficas que foram diferenciadas nesse método. O processo utilizado se deu a partir de 4 passos, que são:

1. O uso da ferramenta Câmera Raw, aumentando os quesitos Exposição, Realces, Claridade e Vibração - isso faz com que as camadas da rocha e da mancha gráfica fiquem mais aparentes e, consequentemente, com tonalidades diferentes;

2. Criar camadas no Photoshop equivalentes às camadas gráficas;

3. Selecionar as camadas a partir das colorações distintas com o auxílio da Ferramenta Varinha Mágica, que seleciona camadas de mesma tonalidade;

4. Diferenciar essas camadas a partir da pintura das partes selecionadas nas camadas equivalentes, criadas no 2° passo. O primeiro passo já está representado pela figura 14, os demais estão representados pelas figuras 13 e 14.

Figura 13 - Demonstração do 3° passo, que consiste na seleção das camadas a partir das colorações distintas com o auxílio da Ferramenta Varinha Mágica.

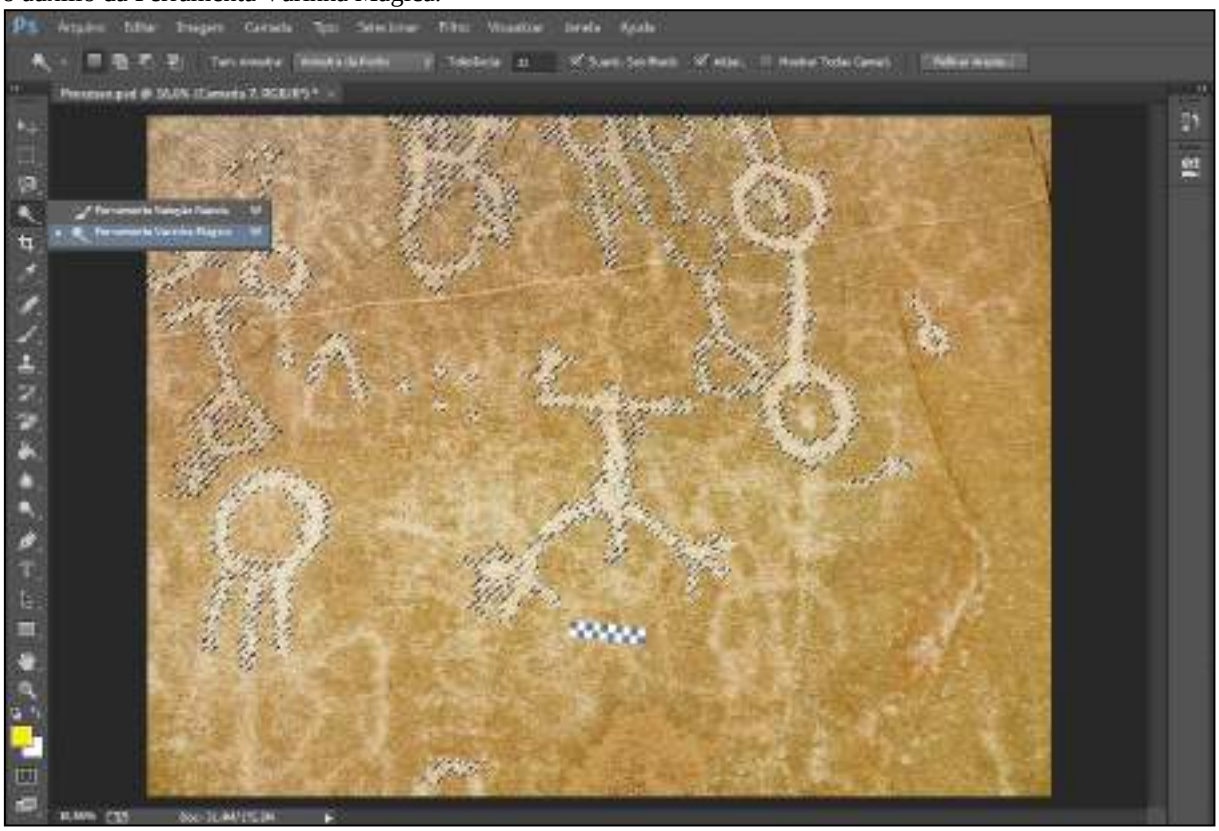
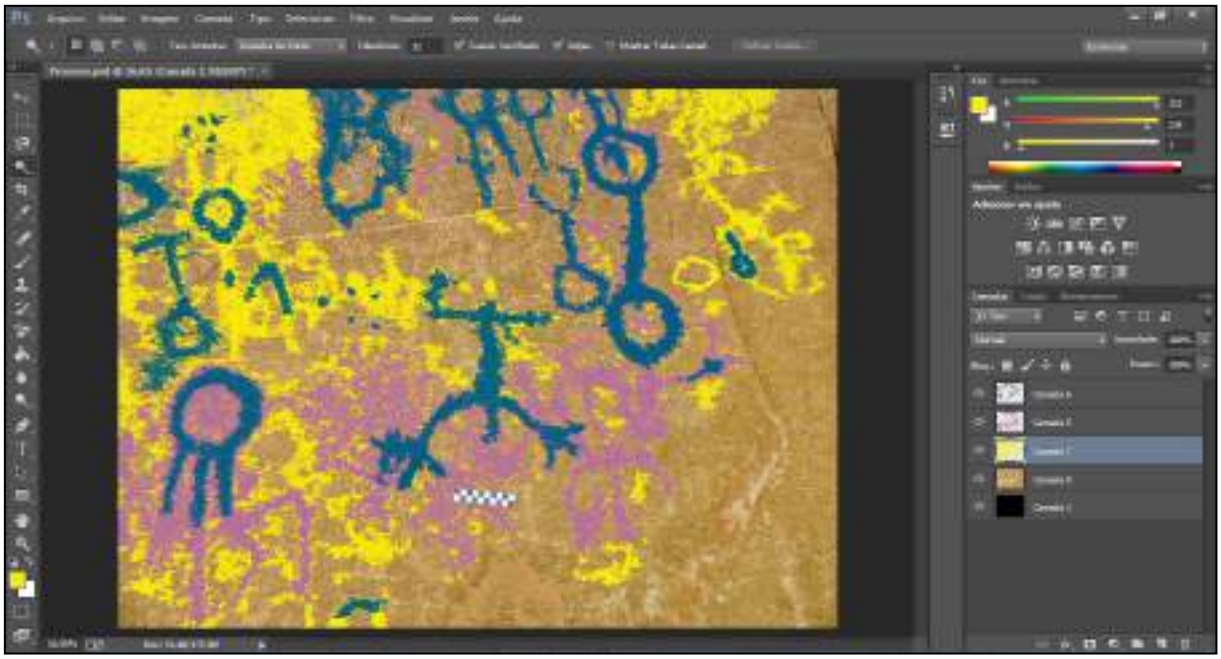


Figura 14 - Demonstração do 4° passo, que consiste na diferenciação das camadas a partir da pintura das partes selecionadas.



Com esses procedimentos delimitados, seguimos, enfim, para a definição do perfil gráfico dos nove sítios arqueológicos escolhidos e segregamos cronologias hipotéticas. Além disso, como falamos anteriormente, o critério de escolha para os painéis e manchas gráficas foi basicamente a conservação do acervo gráfico. O número desses painéis e áreas gravadas varia de acordo com o sítio.

# 5 ANÁLISES DOS SÍTIOS

O presente capítulo tem como objetivo principal evidenciar o perfil gráfico dos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN, com a finalidade de compará-los aos perfis gráficos estabelecidos nas pesquisas que servem de referência para este trabalho (MARANHÂO, 2003; BRITO, 2011, SANTOS Jr. et al. 2016), no intuito de identificar diferentes períodos pictóricos existentes nos sítios, bem como escolhas espaciais e cenográficas específicas, que possibilitem a proposição de identidade(s) gráfica(s) para os registros rupestres gravados, do vale do Piranhas/Açu.

Além disso, visamos o levantamento de um maior número de dados possíveis sobre os sítios do Córrego do Peixe, pois, os mesmos em breve, serão inundados pelas águas da Barragem das Oiticicas.

## 5.1 DADOS GERAIS E PERFIL GRÁFICO DOS SÍTIOS

### 5.1.1 Sítio Pedra Ferrada

#### 5.1.1.1 Localização

O sítio arqueológico Pedra Ferrada está localizado no município de Jucurutu-RN, em uma comunidade rural homônima. Suas coordenadas são 6º 08' 59,7” S e 37º 09' 59,6” W, com uma cota altimétrica de 130 m. Saindo da comunidade da zona urbana de Jucurutu-RN, ir em direção ao município de Caicó-RN. O acesso se dá a partir da cidade de Jucurutu, seguindo em direção à cidade de Caicó pela RN-118. Após percorrer cerca de 12 km (chegando à comunidade de Aroeira), entrar à direita, em uma estrada de barro, e percorrer mais 12 km até chegar à Fazenda Pedra Ferrada (conhecida também como Baixa da Oiticica). O sítio arqueológico está situado a cerca de 800 m da casa sede da fazenda.

#### 5.1.1.2 Geomorfologia

O Sítio Pedra Ferrada está assentado na parte altiplana do vale do Córrego do Peixe, em uma área circundada por morros e serras. O entorno imediato do sítio é bastante antropizado, com um avançado grau de desmatamento e presença de edificações (residências), incluindo um

pequeno açude a sudoeste do sítio, (Figura 15), distando cerca de 80m, o qual represa as águas do Córrego do Peixe.

Figura 15 - Imagem representando a parede do açude (seta vermelha) e uma residência ao fundo (seta amarela), Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

O ponto de maior proximidade do sítio, em relação ao corpo hídrico, é 3 m de distância do Córrego do Peixe, em uma área que apresenta uma área gravada bastante desgastada, tanto que os grafismos não são mais aparentes, existindo apenas traços desconexos e marcas hidrológicas decorrentes da ação das enchentes do Córrego (Figura 16).

O sítio está em uma área de declive em direção ao Córrego do Peixe, que também leva a um constante processo de carreamento de sedimento, o qual é agravado pelo desmatamento. Além disso, durante a estação chuvosa[23], algumas rochas armazenam água, o que gera um processo de esfoliação das mesmas, criando pequenas crateras, que, posteriormente, consomem todo o suporte.

[23] A estação chuvosa na região ocorre entre os meses de janeiro e março, podendo perdurar e sofrer alterações que são influenciadas por fenômenos atmosféricos como o *el ninõ* e a *la ninã*.

Figura 16 - Representação da área mais afetada pela ação das enchentes do Córrego do Peixe, ressaltando as marcas hidrológicas. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

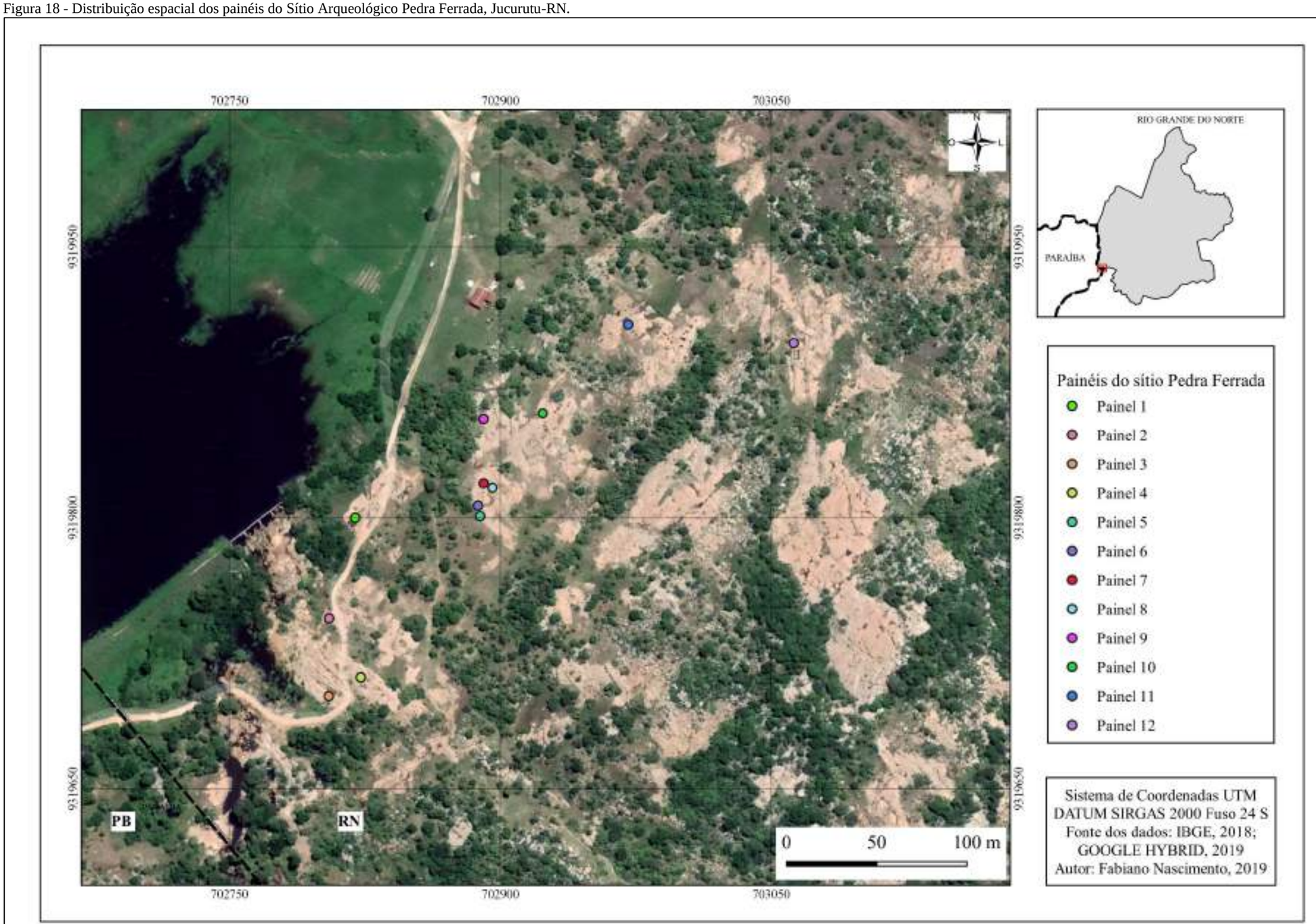
5.1.1.3 O Sítio

O sítio se enquadra na categoria de sítio a céu aberto, e é constituído por um afloramento rochoso (Figura 17), que fica aparente em vários pontos, partes de um mesmo afloramento rochoso, em uma área de mais ou menos 9570 m², onde aparecem também blocos de rochas.

Figura 17 - Vista parcial do afloramento rochoso no qual o Sítio Pedra Ferrada está localizado. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Na área do sítio, até o momento, foram evidenciados vários locais com incidência de concentração gráfica, mas apenas doze (12) pontos estão em um bom estado de conservação (Figura 18). Além disso, existe um número elevado de grafismos isolados que poderiam, ou não, fazer parte de áreas gravadas perdidas pela ação de agentes intempéricos.

Figura 18 - Distribuição espacial dos painéis do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




Fonte: IBGE,2018; GOOGLE HYBRUD, 2019. Autor: Fabiano Nascimento,2019.

#### 5.1.1.4 O Acervo Gráfico

Optamos por segregar o sítio a partir dos doze locais com maior concentração gráfica, pois, assim, teríamos uma maior amostra de seu acervo gráfico. Analisamos também algumas unidades gráficas isoladas, que não faziam parte de nenhum painel.

##### *5.1.1.4.1 Painel 1*

O painel 1 (Figura 19) tem uma área gravada de 7,15 m de comprimento por 4,87 m de largura, dividido em três ACGs.

Figura 19 - Imagem geral do Painel 1. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

As gravuras estão em bom estado de conservação, mas, na maior área gravada, existe uma cerca de contenção de animais, feita de estacas e arame farpado, além de uma mancha de concreto, que, ao que tudo indica, foi utilizado para obras no açude que fica próximo. O painel apresenta áreas de desplacamento, e parte do acervo gráfico está comprometido pela esfoliação hídrica da rocha, já que a mesma tem formato de rampa.

A rocha base do painel é o granito com veios de quartzo, e apresenta nove pontos de desplacamento, denominado de disjunção esferoidal[24] ou esfoliação esferoidal. A técnica predominante é a picotagem, mas, em alguns casos, existe a associação da picotagem com a raspagem superficial. O instrumento utilizado, provavelmente com caráter percussor, possuía um gume entre 0,4 cm e 0,6 cm, e os grafismos têm trações que variam entre 0,9 cm e 1,4 cm de espessura. Já a profundidade dos grafismos varia entre 0,1 mm e 0,2 mm.

O painel apresenta três (03) áreas de concentração gráficas delimitadas a partir de veios de quartzo que existentes na rocha suporte, numeramos as ACGs como 1, 2 e 3, medindo respectivamente (Tabela 1).

Tabela 1 - Dimensões das ACGs do painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 3, 95 m | 1,48 m |
| 2 | 1,32 m | 0,57 m |
| 3 | 1,65m | 1,62 m |

*1.1.1.4.1.1 ACG 1*

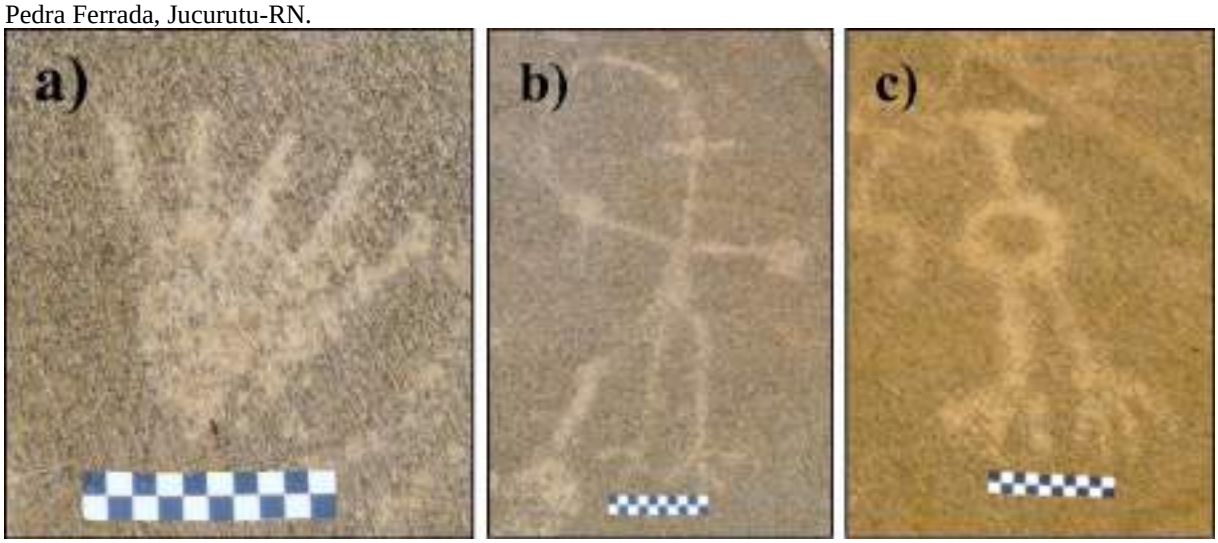
Na ACG 1 (Figura 20) apresenta uma segregação entre os grafismos que elencamos como irreconhecíveis e os reconhecíveis. Foram analisados trinta e dois grafismos (32), desses vinte e quatro (24) foram confeccionados a partir da técnica da picotagem, sete (7) pela técnica da picotagem associada a raspagem e um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento. O espaço médio entre as gravuras é de 4,5 cm.

Dos trinta e dois (32) grafismos analisados, vinte e nove (29) foram considerados irreconhecíveis e três (03) foram classificados como reconhecíveis. Entre os grafismos reconhecíveis podemos destacar um (01) zoomorfo, um (01) antropomorfo e uma (01) pegada (Figura 21).

[24] O desplacamento ou disjunção esferoidal ocorre devido ao alívio de pressão pelo qual a rocha passa depois que a erosão traz a rocha para a superfície, bem como devido às variações de temperatura, dia quente – noite fria (termoclastia), comuns no semiárido.

Figura 20 - ACG 1, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 21 - Grafismos reconhecíveis: a) Mão estilizada, b) Antropomorfo, c) Zoomorfo; ACG 1, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.1.1 ACG 2*

A ACG 2, está localizada na parte central do painel, ela é segregada das demais por estar entre veios de quartzo, o que acreditamos ser uma divisão espacial intencional no painel. Na ACG 2 foram analisados dezesseis (16) grafismos, onde sete (07) grafismos foram realizados a partir da técnica da picotagem, oito (08) pela picotagem associada a raspagem e um (01) pela raspagem associada ao polimento. Dos dezesseis (16) grafismos analisados na ACG 2, treze (13) foram classificados como irreconhecíveis e três (03) foram considerados recorrentes

(Figura 22), sendo dois semelhantes ao GR16 de Maranhão (2003), mas apresentando algumas variações morfológicas[25], e um ao grafismo equivalente a Recorrência 10 de Brito (2011). Notamos que existe uma sobreposição entre os grafismos GR16, o que demostra uma

Figura 22 - ACG 2, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

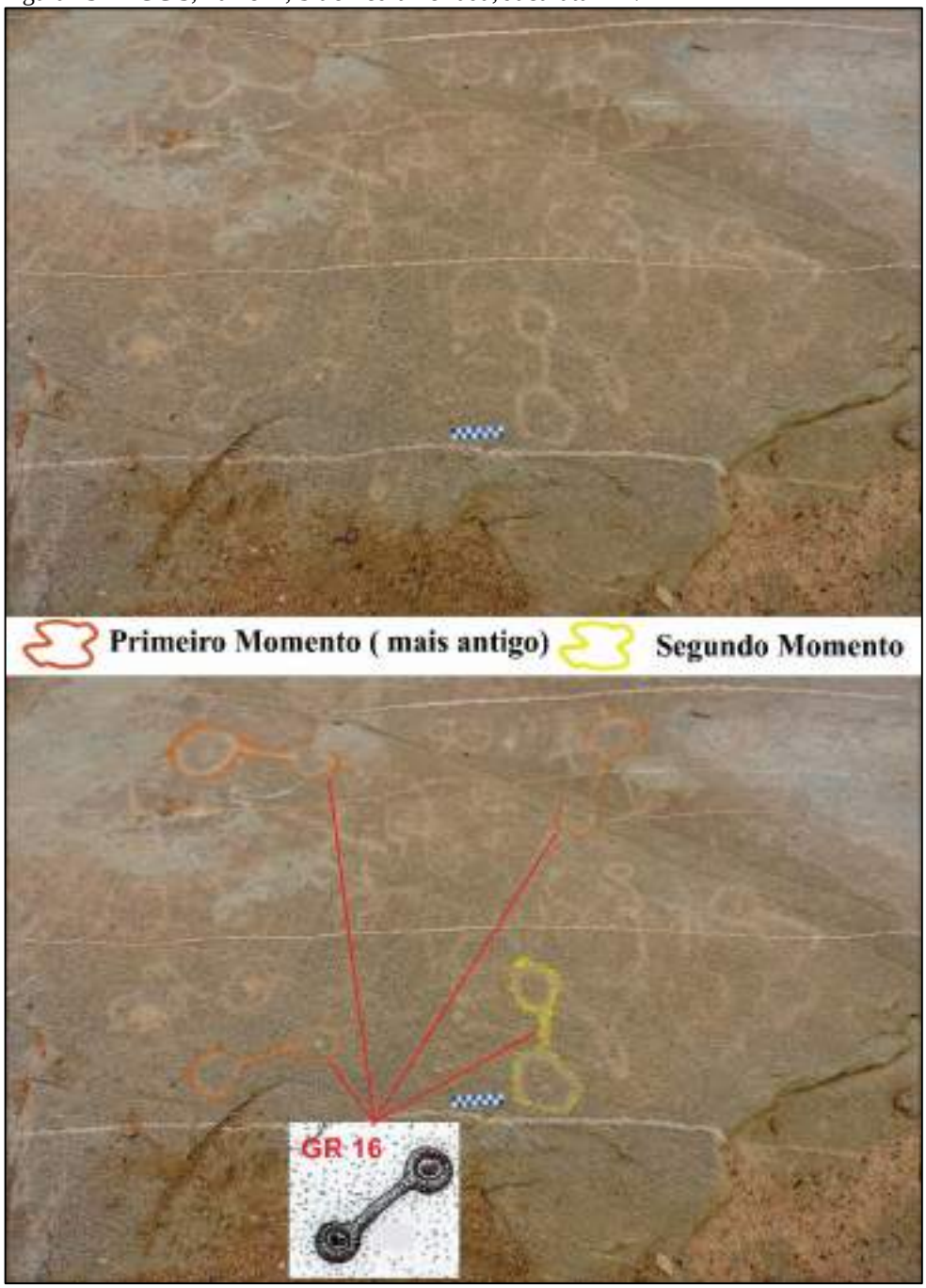
*5.1.1.4.1.2 ACG 3*

Já a ACG 3 ( Figura 23) está localizada na extremidade leste do painel, e também está inserida em uma área de veios de quartzo, mas diferente da ACG 2, ela apresenta grafismos com traços que atravessam os veios, mostrando assim que existem práticas gravadoras distintas em um mesmo painel, pois acreditamos existir pelo menos três (03) momentos pictóricos distintos no painel 1. Foram analisados nove (09) grafismos na ACG 3, dos quais quatro (04) grafismos foram confeccionados a partir da técnica da picotagem e cinco (05) pela picotagem associada ao polimento.

Dos nove (09) grafismos da ACG 3, cinco (05) são irreconhecíveis e quatro (04) grafismos foram considerados recorrentes ao GR16 de Maranhão (2003), onde um apresenta marcas de regravação (Figura 23).

[25] Essas variações morfológicas podem ser decorrentes de sobreposições gráficas, intemperismo, e até mesmo um estilo distinto.

Figura 23 - AGC 3, Painel 1, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.2 Painel 2*

O painel 2 (Figura 24) mede 6,90 m de comprimento por 5,75 m de largura. Ele é composto por uma grande área gravada que mede cerca de 6,10 m de comprimento por 3,45 m de largura. A rocha base do painel é o granito com veios de quartzo.

Figura 24 - Imagem geral do Painel 2. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Os grafismos estão em um estado que varia entre razoável e ruim, pois existe um elevado processo de esfoliação da rocha suporte pelo carreamento de sedimentos durante as chuvas. A área mais atingida é, justamente, uma das partes mais ricas em gravuras. Além disso, existem doze (12) pontos de disjunção esferoidal que acabou destruindo algumas informações sobre o acervo gráfico. As ACGs medem respectivamente (Tabela 2):

Tabela 2 - Dimensões das ACGs do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 1,10 m | 1,25 m |
| 2 | 0,90 m | 1,64 m |
| 3 | 0,70 m | 0,90 m |
| 4 | 2,37 m | 1,13 m |
| 5 | 1,98m | 1,43 m |
| 6 | 1,43 m | 1,54 m |
| 7 | 1,65 m | 2 m |
| 8 | 1,53 m | 2,05 m |
| 9 | 0,80 m | 0,60 m |

A maior quantidade de grafismos está localizada nas bordas do suporte, no nível do solo. A distância média entre os grafismos nas ACGs é de 3 cm, e a distância média entre ACGs é de 4 cm. A técnica predominante é a picotagem, mas, em alguns casos existe, a associação da picotagem com a raspagem e o polimento. Os instrumentos utilizados provavelmente tinham caráter percursor e raspador, com uma composição mineral mais dura que a rocha base do suporte, o granito. Além disso, o objeto possuía um gume entre 0,4 cm e 1 cm, e os grafismos têm trações que variam entre 0,9 cm e 2,3 cm de espessura e oscila entre 0,3 mm e 0,4 mm de profundidade.

Dentro da área gravada, existem nove (09) áreas de concentração gráfica (Figura 25), que estão separadas por veios de quartzo e cavidades existentes na rocha, resultado do acúmulo hídrico no próprio suporte. Além disso, temos grafismos isolados que estão localizados entre as ACGs e nas extremidades do painel.

O painel 2 apresenta um grande número de grafismos e sobreposições, e até regravações, o que demonstra a intensa prática pictórica no painel. Essa grande densidade gráfica dificultou a segregação de grafismos. No entanto, a partir do critério de continuidade de traço (PESSIS, 2002; MARANHÃO, 2003) conseguimos identificar grafismos recorrentes, ou pelo menos variações de grafismos recorrentes identificados por trabalhos anteriores como o de Maranhão (2003).

O painel 2 apresenta onze (11) grafismos recorrentes, onde dois são recorrentes apenas em sítios do Córrego do Peixe, e nove (09) são grafismos recorrentes que podem ser variação de grafismos do repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003), e no entanto não sabemos se essas variações são fruto de um estilo diferente de gravar ou do intemperismo que ocorre na rocha suporte.

Figura 25 - Imagem aérea do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

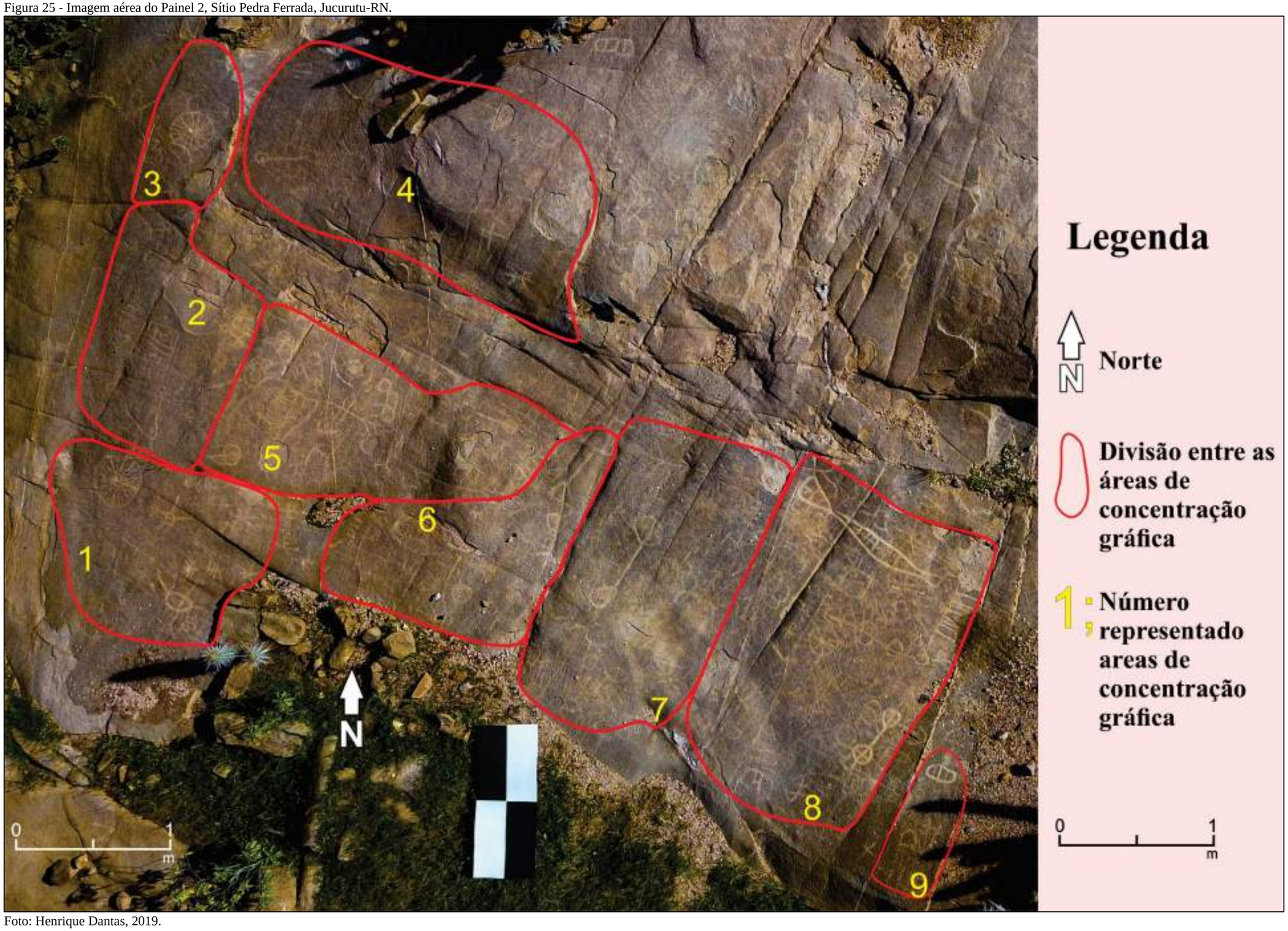
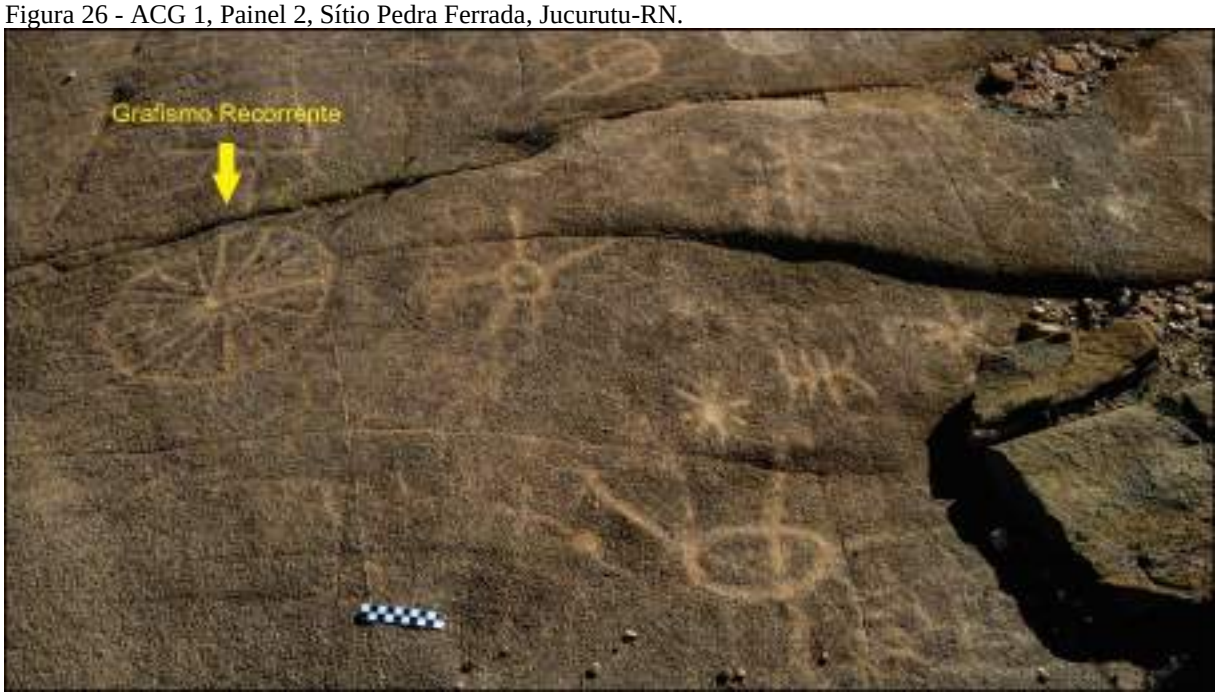



Foto: Henrique Dantas, 2019.

*5.1.1.4.2.1 ACG 1*

A ACG 1 está localizada na extremidade oeste do painel 2. Dos onze (11) grafismos analisados, um (01) foi confeccionado a partir da técnica da picotagem, sete (07) pela técnica da picotagem com raspagem e três (03) pela raspagem associada ao polimento. A ACG é composta por onze (11) grafismos, dos quais dez (10) são irreconhecíveis e um (01) foi considerado recorrente, semelhante a um grafismo existente na ACG 3, também do painel 2 (Figura 26).

Figura 26 - ACG 1, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.2.2 ACG 2*

ACG 2 (Figura 27) está localizada na extremidade sudoeste do painel 2. Foram analisados doze (12) grafismos, dos quais nove (09) foram confeccionados a partir da técnica da picotagem e três (03) pela associação da picotagem com o polimento. A ACG é formada exclusivamente por grafismos irreconhecíveis.

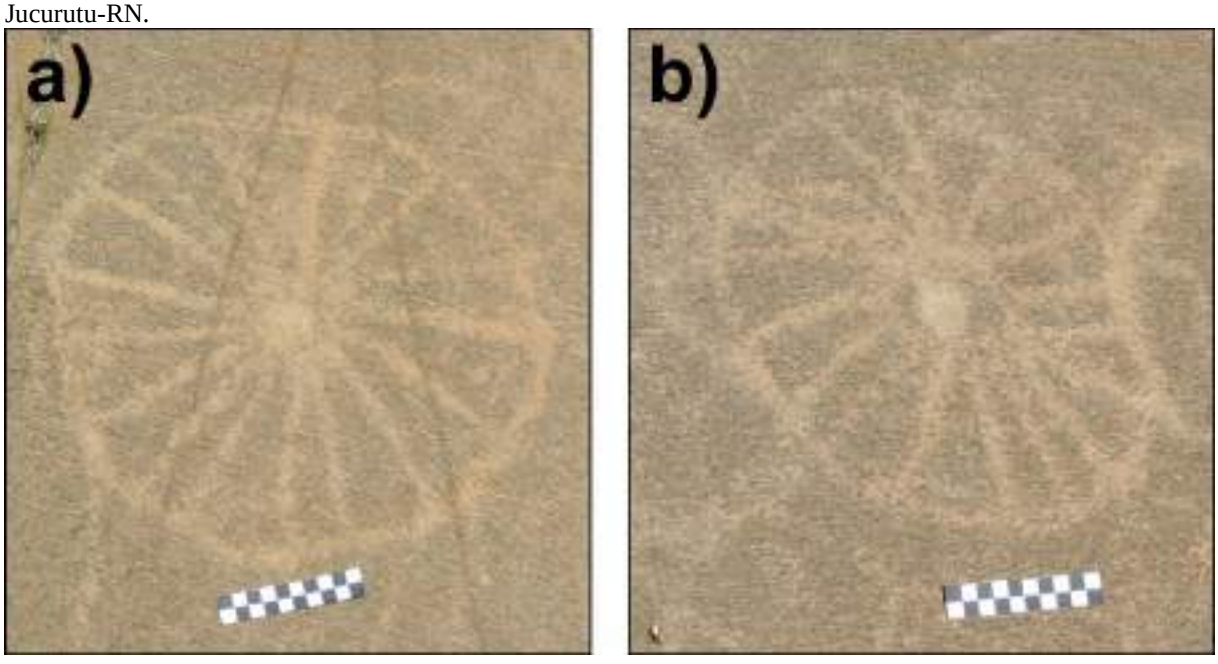
Figura 27 - Imagem geral da ACG 2, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.2.3 ACG 3*

A ACG 3 é composta por sete (07) grafismos (Figura 28), dos quais cinco (05) foram confeccionados pela técnica da picotagem, um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem e um (01) pela raspagem associada ao polimento. Dos sete (07) grafismos analisados, seis (06) foram considerados irreconhecíveis e um foi considerado recorrente. Com a recorrência desses grafismos, decidimos denominá-lo de "grafismo recorrente córrego do Peixe 1" (GRCP1). O Grafismo recorrente é semelhante ao grafismo recorrente existente na ACG 1 (Figura 29).

Figura 28 - GRCP1, ACG 3, painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 29 - a) GRCP1, ACG 1, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada; b) GRCP1, ACG 3, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



*5.1.1.4.2.4 ACG 4*

A ACG 4 está localizada na extremidade norte do painel 2 (Figura 30), e é composta por quatro (04) grafismos. Dos quatro (04) grafismos analisados, dois (02) foram confeccionados pela técnica da picotagem e dois (02) foram realizados pela técnica da raspagem. Dois (02) dos quatro (04) grafismos foram classificados como irreconhecíveis, e dois foram considerados recorrentes aos GR9 e GR16 (Figura 31), pertencentes ao repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003).

Figura 30 - Imagem aérea da ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

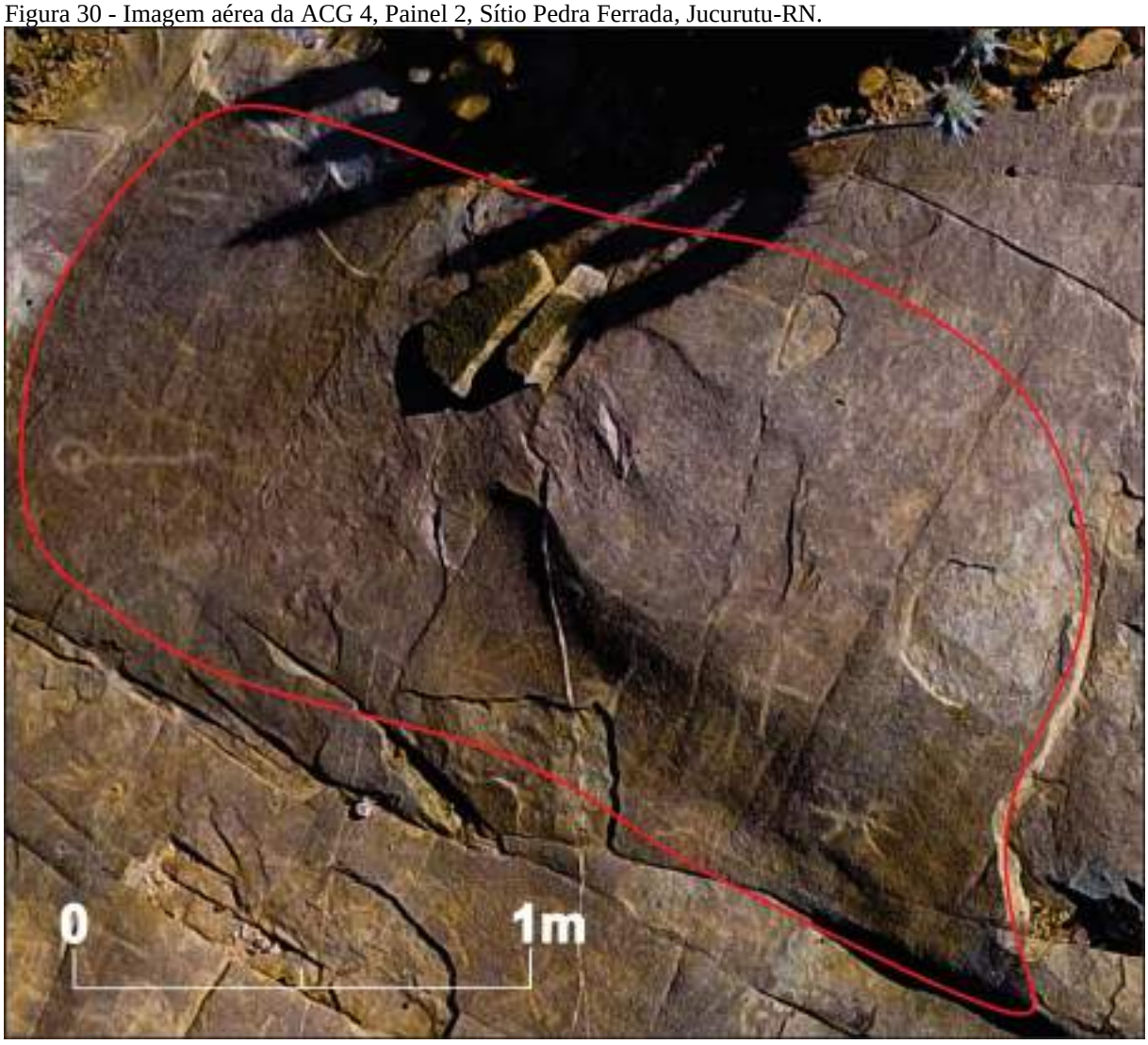
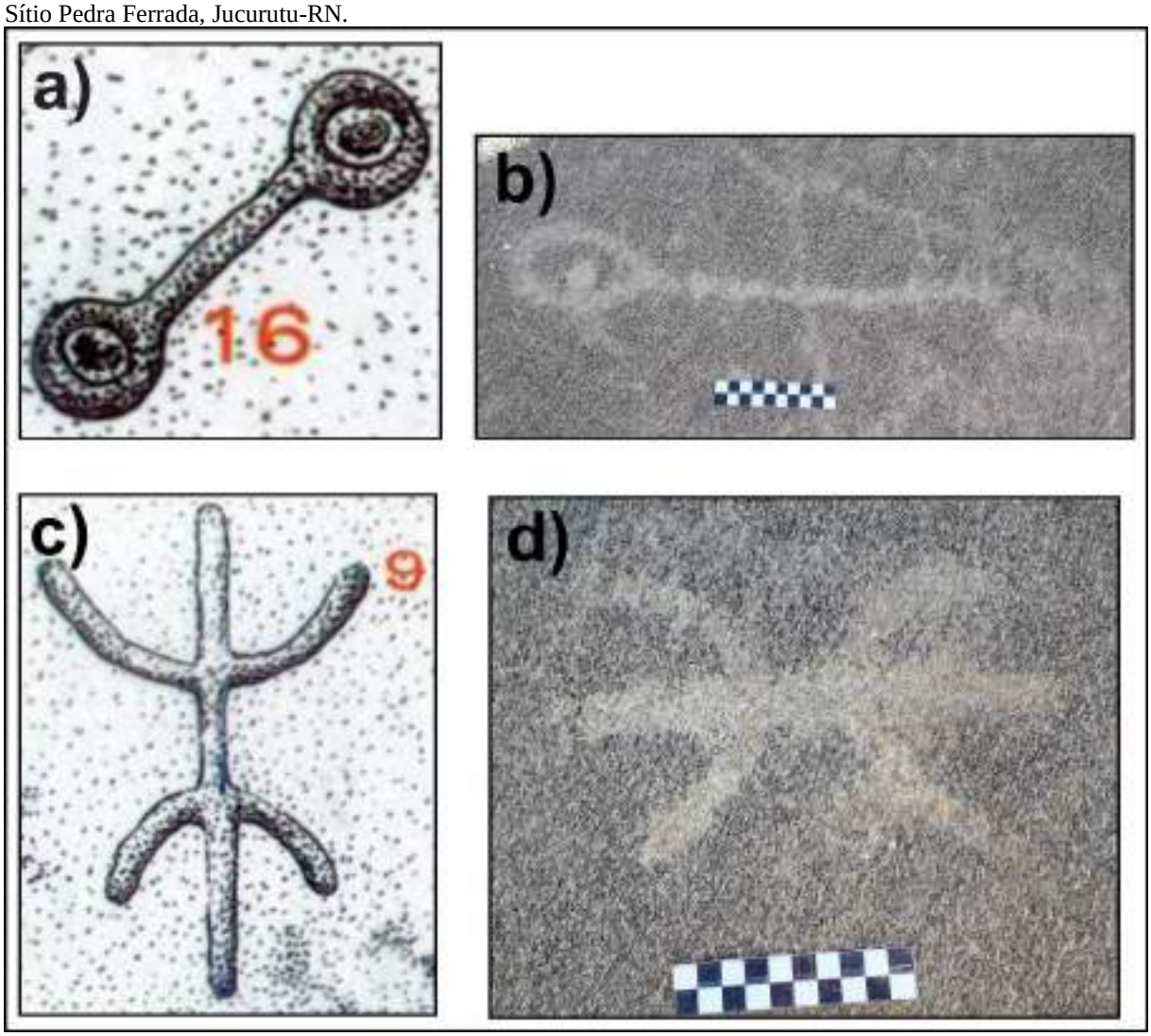


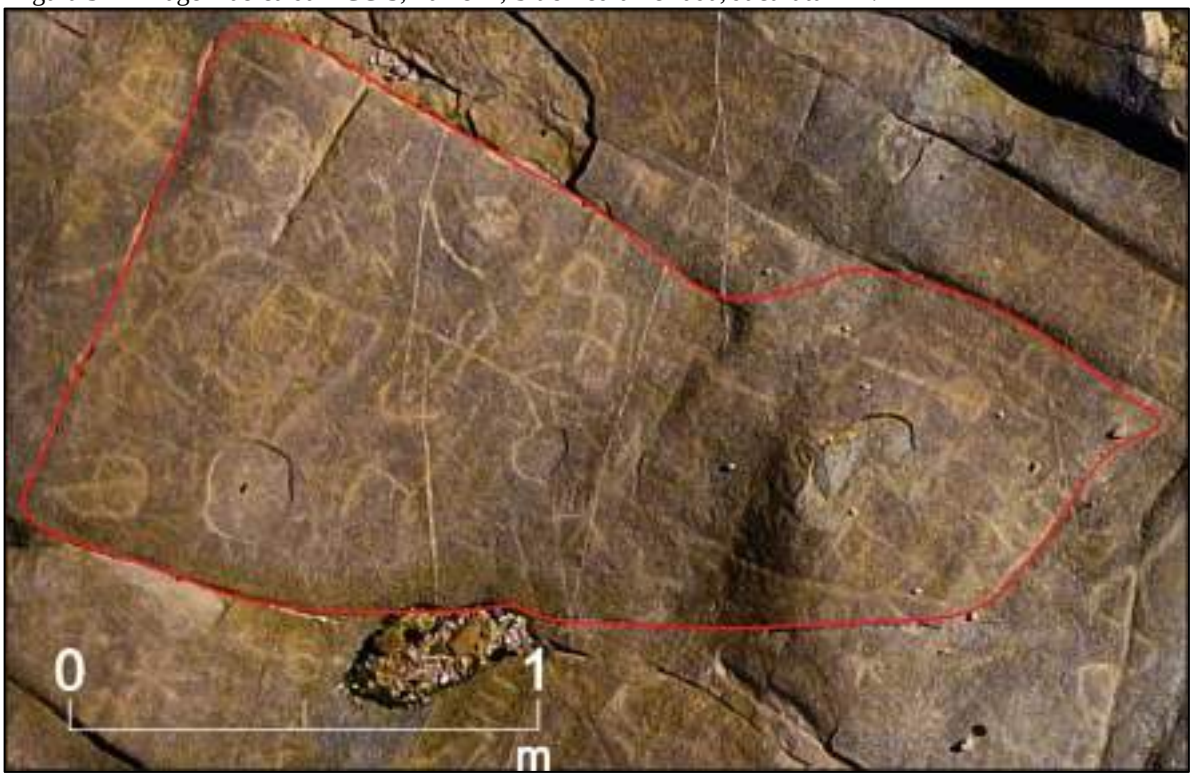
Figura 31 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003), ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR9 (MARANHÃO, 2003), ACG 4, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.2.5 ACG 5*

A ACG 5 está localizada na parte central do painel 2 (Figura 32). A ACG é composta por dezesseis (16) grafismos, dos quais doze (12) foram confeccionados pela técnica da picotagem, e quatro (04) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os grafismos são exclusivamente irreconhecíveis. Encontramos um grande número de grafismos na ACG 5, no entanto, essa grande quantidade de grafismos fez com que ocorresse sobreposições que ocasionaram a perca de informações pela mistura dos traços, tendo como resultado a identificação dos dezesseis grafismos analisados.

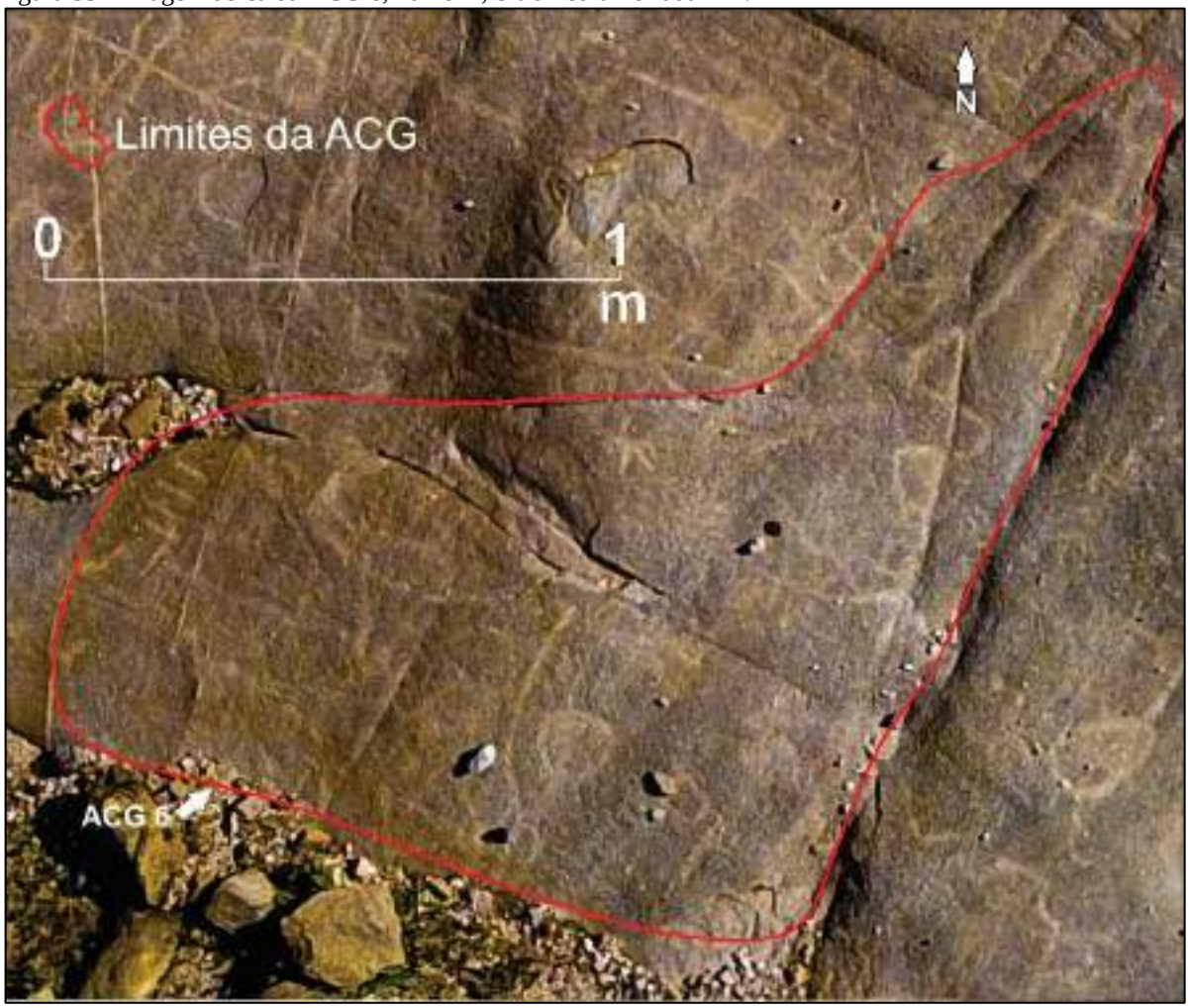
Figura 32 - Imagem aérea da ACG 5, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.2.6 ACG 6*

A ACG 6 (Figura 33) está localizada no centro do painel 2, entre as ACGs 5 e 7. Foram analisados onze (11) grafismos na ACG 6, dos quais nove (09) foram confeccionados a partir da técnica da picotagem e dois (02) foram realizados a partir da técnica da picotagem associada ao polimento. Todos os grafismos analisados na ACG 6 foram classificados como irreconhecíveis. Notamos que tanto a ACG 5 quanto a ACG 6 apresentam apenas grafismos irreconhecíveis, e estão na parte central do painel, isso também ocorre no painel 1 e no painel 3.

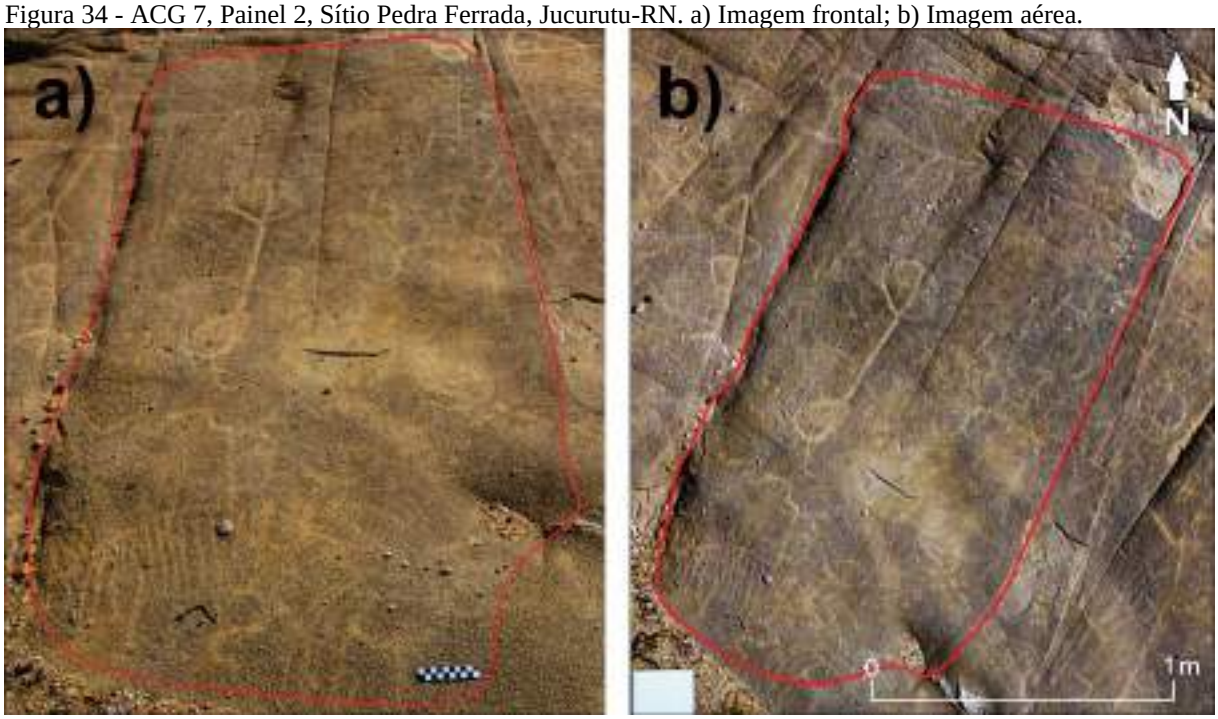
Figura 33 - Imagem aérea da ACG 6, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada-RN.




*5.1.1.4.2.7 ACG 7*

A ACG 7 (Figura 34), está localizada na parte sudeste do painel, entre as ACGs 6 e 8. A ACG 7 apresentou um grande número de sobreposições, além disso, o intemperismo ocasionado pela esfoliação hídrica nessa área do painel acelerou o desgaste da rocha e consequentemente dos grafismos. Esses fatores levaram a não identificação da maior parte do acervo gráfico que compõem a ACG 7, com exceção de nove (09) grafismos que foram utilizados na análise.

Figura 34 - ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Imagem frontal; b) Imagem aérea.




Dos nove (09) grafismos analisados, quatro (04) foram gravados pela técnica da picotagem e cinco (05) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Podemos destacar na temática dos nove (09) analisados na ACG 7 que quatro (04) são irreconhecíveis, três (03) foram classificados como reconhecíveis, e dois (02) como recorrentes.

Entre os dois (02) grafismos recorrentes, um (01) é recorrente ao GR2 e um (01) é semelhante ao GR16 (Figura 35) (MARANHÃO, 2003). Utilizamos o termo “semelhante” pois o grafismo existente na ACG 7 apresenta variações em sua morfologia que pode ser resultado do intemperismo ou um novo estilo do GR16. Já os três (03) grafismos reconhecíveis e recorrentes são na verdade tridígitos que formam o que acreditamos ser um “caminho de pegadas” de pássaro (Figura 36), essa composição também ocorre no painel 4 do Sítio Pedra Ferrada.

Figura 35 - Grafismos recorrentes. ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

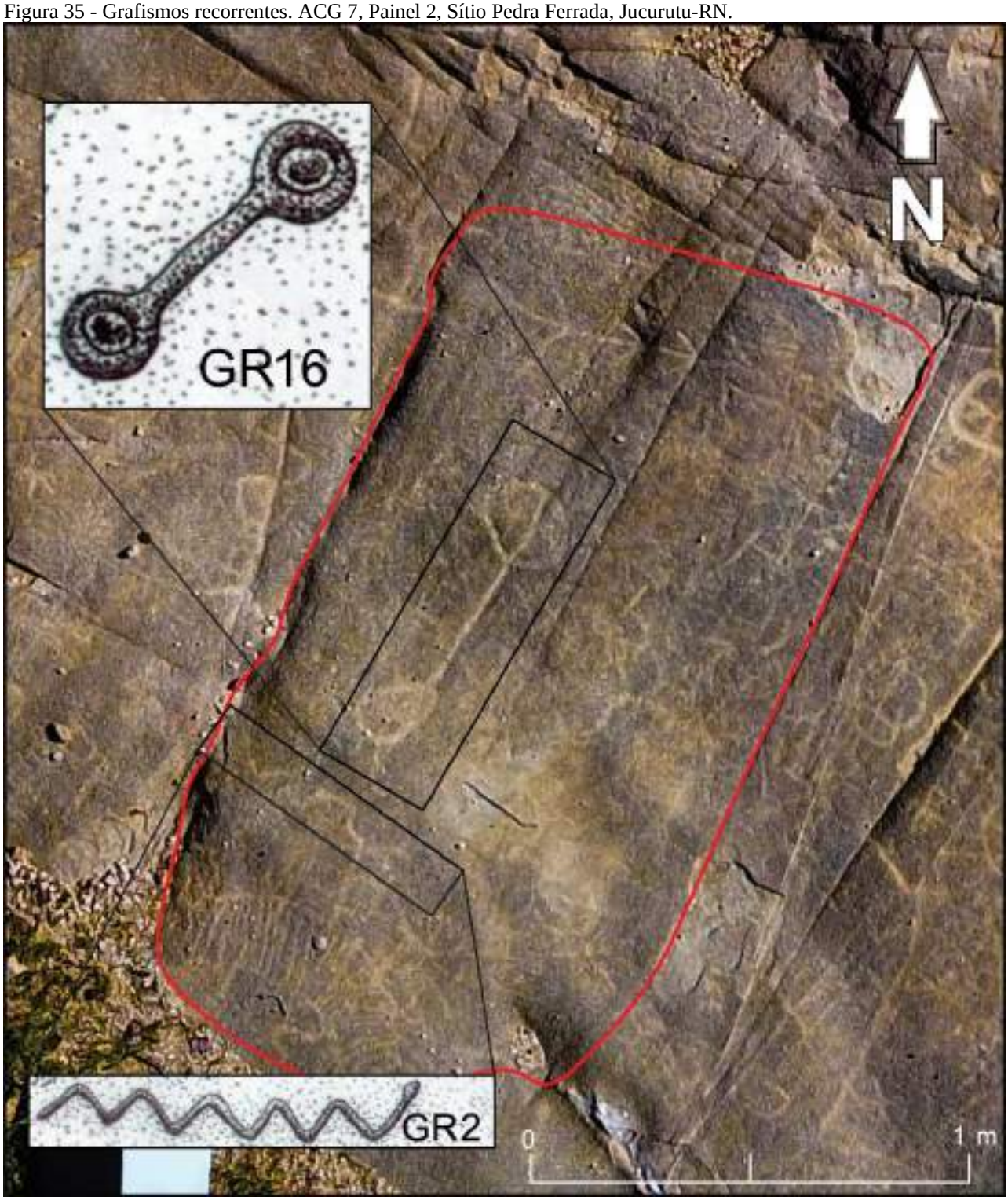
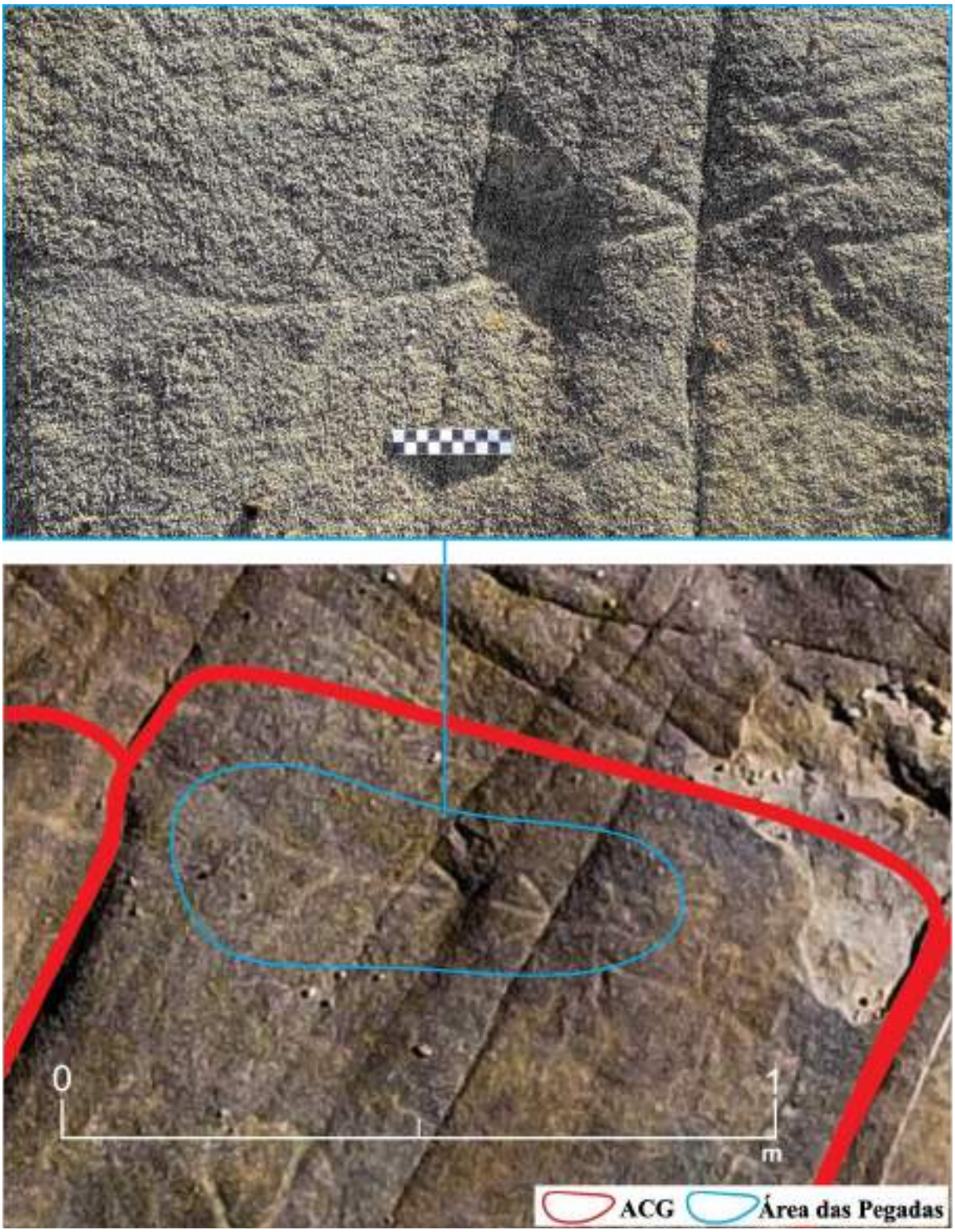


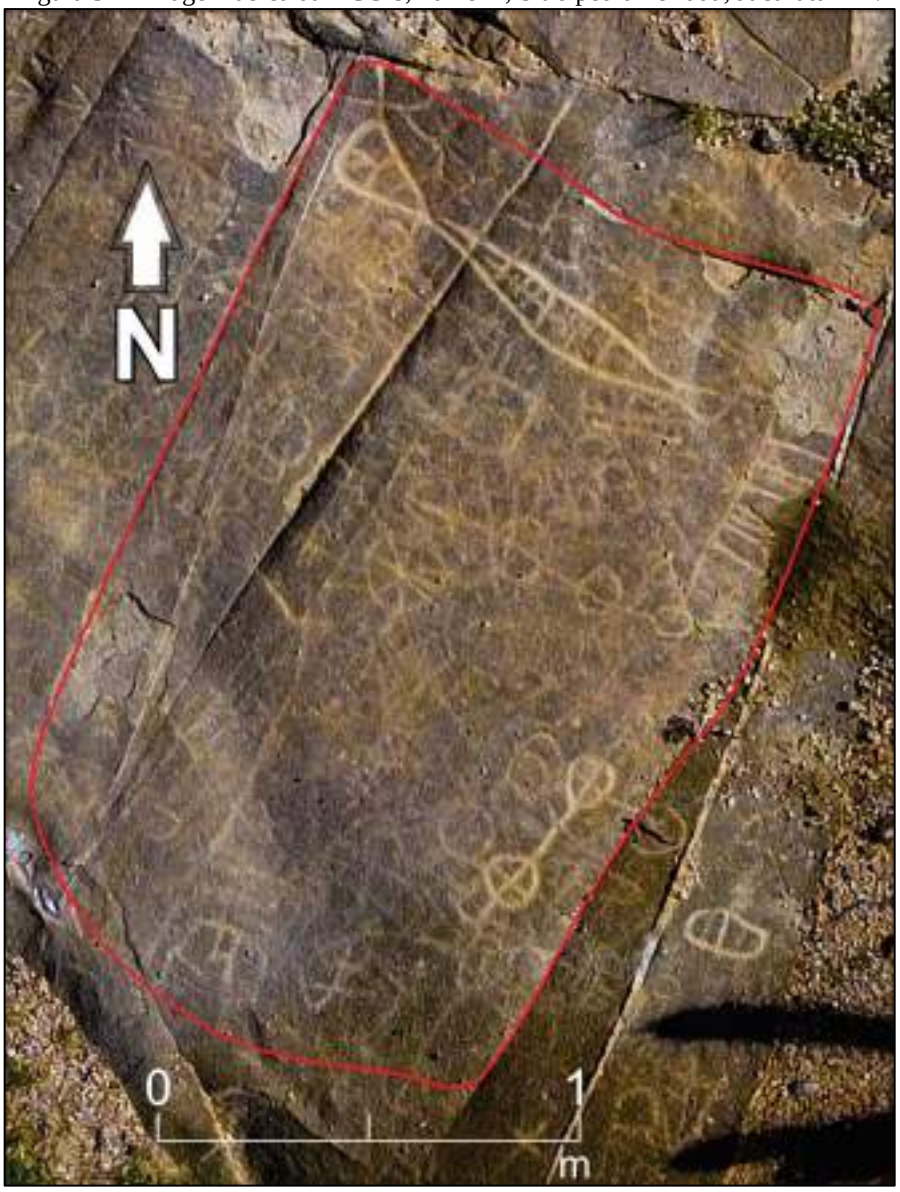
Figura 36 - Detalhe de Tridígitos que formam "pegadas de aves". ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



*5.1.1.4.2.8 ACG 8*

A ACG 8 está localizada na área sudeste do painel (Figura 37). A exemplo da ACG 7, a ACG 8 também apresenta uma grande quantidade de grafismos, e isso gerou sobreposições gráficas que dificultaram a identificação e segregação dos grafismos. Além disso, o intemperismo também influenciou nessa não identificação.

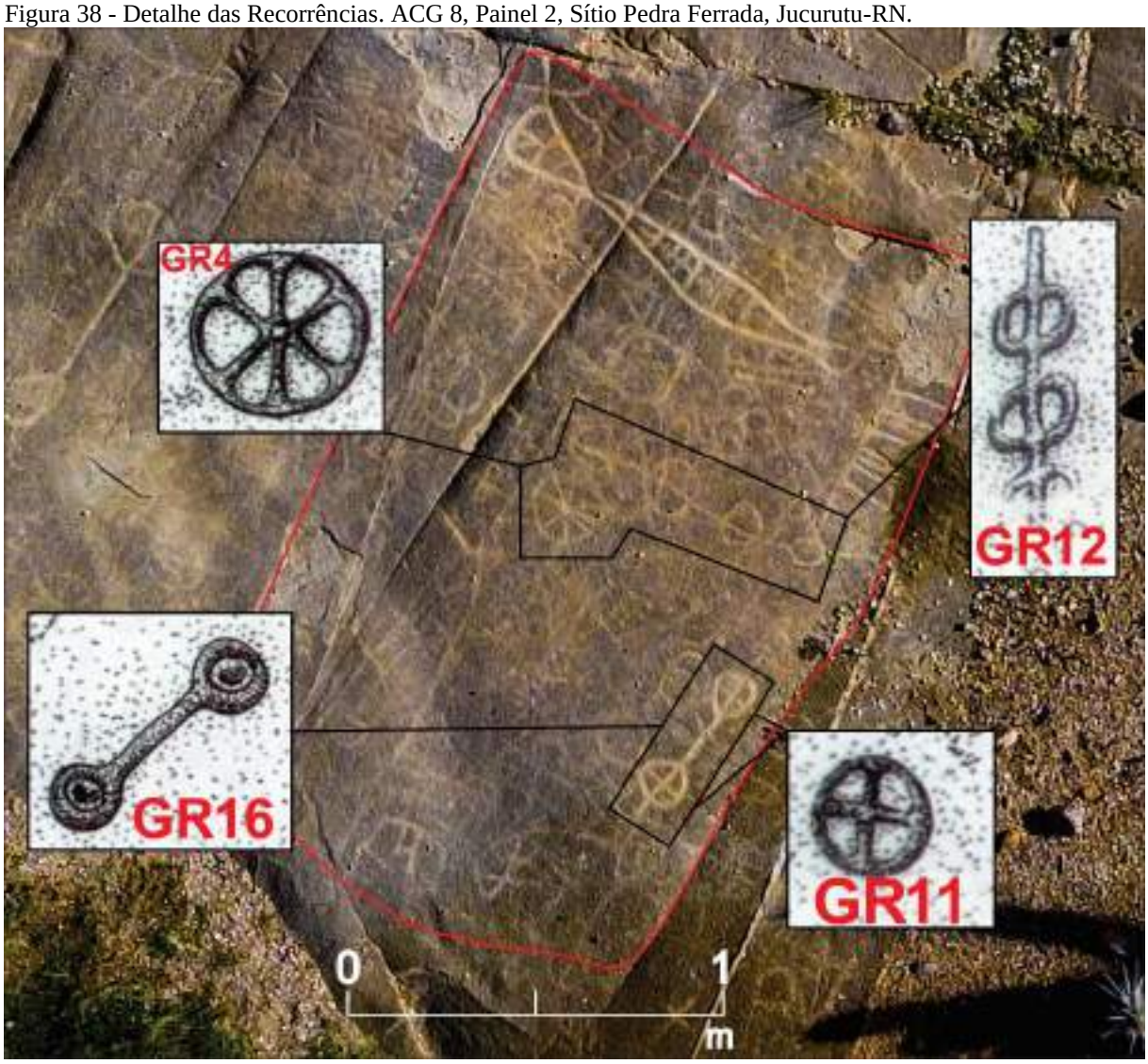
Figura 37 - Imagem aérea da ACG 8, Painel 2, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




Foram identificados dezenove (19) grafismos, dos quais doze (12) foram realizados pela técnica da picotagem, três (03) pela técnica da raspagem e quatro (04) pela técnica da raspagem associada os polimentos.

Dos dezenove (19) grafismos analisados quatorze (14) foram classificados como irreconhecíveis e cinco (05) como recorrentes, e entre três (03) desses grafismos recorrentes existe uma peculiaridade que é a sobreposição de grafismos recorrentes. Conseguimos evidenciar dois (02) grafismos que correspondem ao GR11 e um (01) GR16 ambos pertencentes ao repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003). Assim, os grafismos recorrentes correspondem respectivamente a um (01) GR4, um (01) semelhante ao GR12, dois (02) ao GR11 e um (01) ao GR16 (Figura 38).

Figura 38 - Detalhe das Recorrências. ACG 8, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




Os grafismos GR11 estão em uma camada gráfica inferior ao GR16, que foi gravado posteriormente, mostrado assim a reutilização de grafismos anteriores na prática pictórica (Figuras 39 e 40). Acreditamos que existiu uma reutilização dos grafismos existentes, que

seriam os GR11, para a confecção de um novo grafismo, o GR16, isso pouparia energia e tempo do indivíduo/autor da gravura.

Figura 39 - Sobreposição do grafismo recorrente GR16 aos GR11. ACG 8, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada.

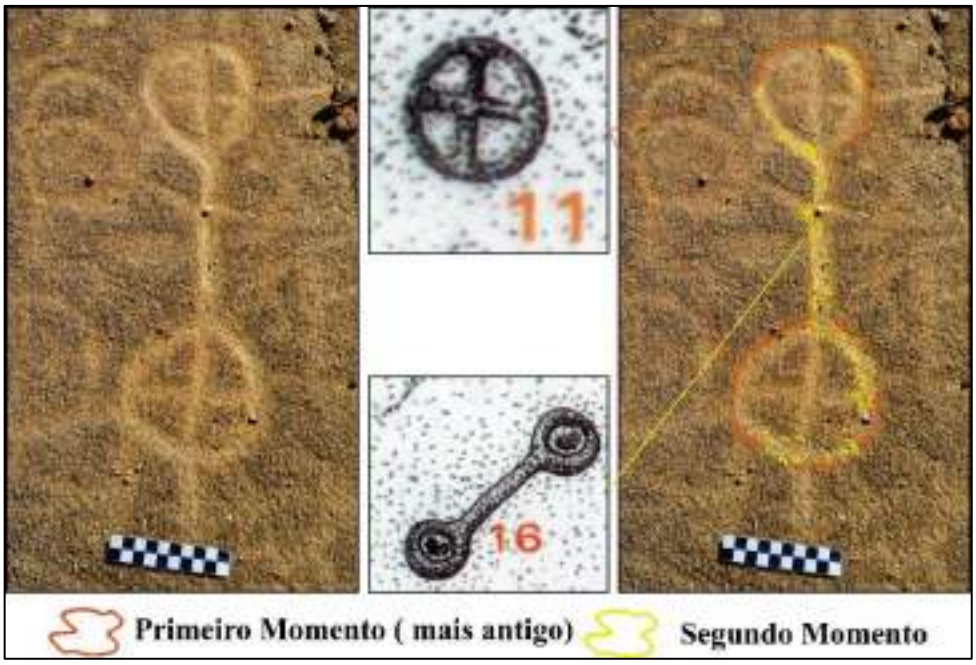


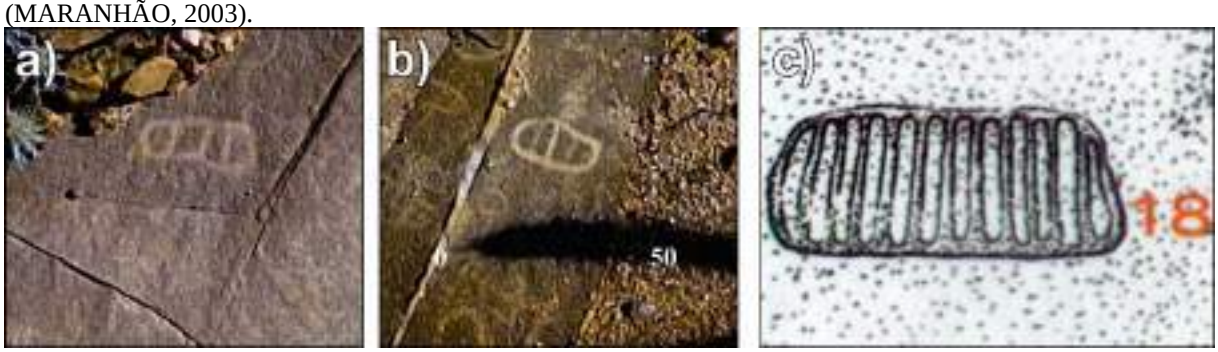

Figura 40 - Detalhe de sobreposição de grafismos. ACG 8. Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.2.9 ACG 9*

A ACG 9 está localizada na extremidade sudeste do painel 2 (Figura 41). Entre todas as ACG analisadas a ACG 9 é a menor, e está delimitada por dois veios de quartzo que cortam o suporte. Foram analisados três (03) grafismos, dos quais dois (02) foram gravados pela técnica da picotagem e um (01) pela técnica da raspagem. Entre os três (03) grafismos, dois (02) foram considerados irreconhecíveis e um (01) como recorrente. O grafismo recorrente é semelhante ao GR18 de Maranhão (2003), no entanto, apresenta algumas diferenças no número de traços no centro do grafismo. Essa diferença pode mostrar uma possível variação morfológica do GR18 para os sítios arqueológicos do Córrego do Peixe pois esse mesmo grafismo se repete ainda no painel 2 (Figura 42), mas de maneira isolada, e no sítio Córrego do peixe III.

Figura 41 - Vista geral, ACG 9, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 42 - a) Grafismo recorrente isolado na extremidade norte do painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente, ACG 9, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003).




*5.1.1.4.3 Painel 3*

O painel 3 (Figura 43) possui uma área gravada que com dimensões de 8,17 m de comprimento por 5,28 m de largura, e possui pelo menos sete (07) ACGs, no entanto, o intemperismo fez com que muitos grafismos se perdessem, nos levando a acreditar que algumas dessas ACGs poderiam estar interligadas, mas foram separadas pelo processo de desplacamento da rocha. As ACGs medem respectivamente (Tabela 3):

Tabela 3 - Dimensões das ACGs do painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 1,68 m | 2,09 m |
| 2 | 1,53 m | 0,42 m |
| 3 | 2,48 m | 1,54 m |
| 4 | 2,25 m | 1,66 m |
| 5 | 1,4 m | 1 m |
| 6 | 2 m | 1,53 m |
| 7 | 1,84 m | 0,8 m |
| 8 | 0,94 m | 0,39 m |

Figura 43 - Imagem aérea do Painel 3. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

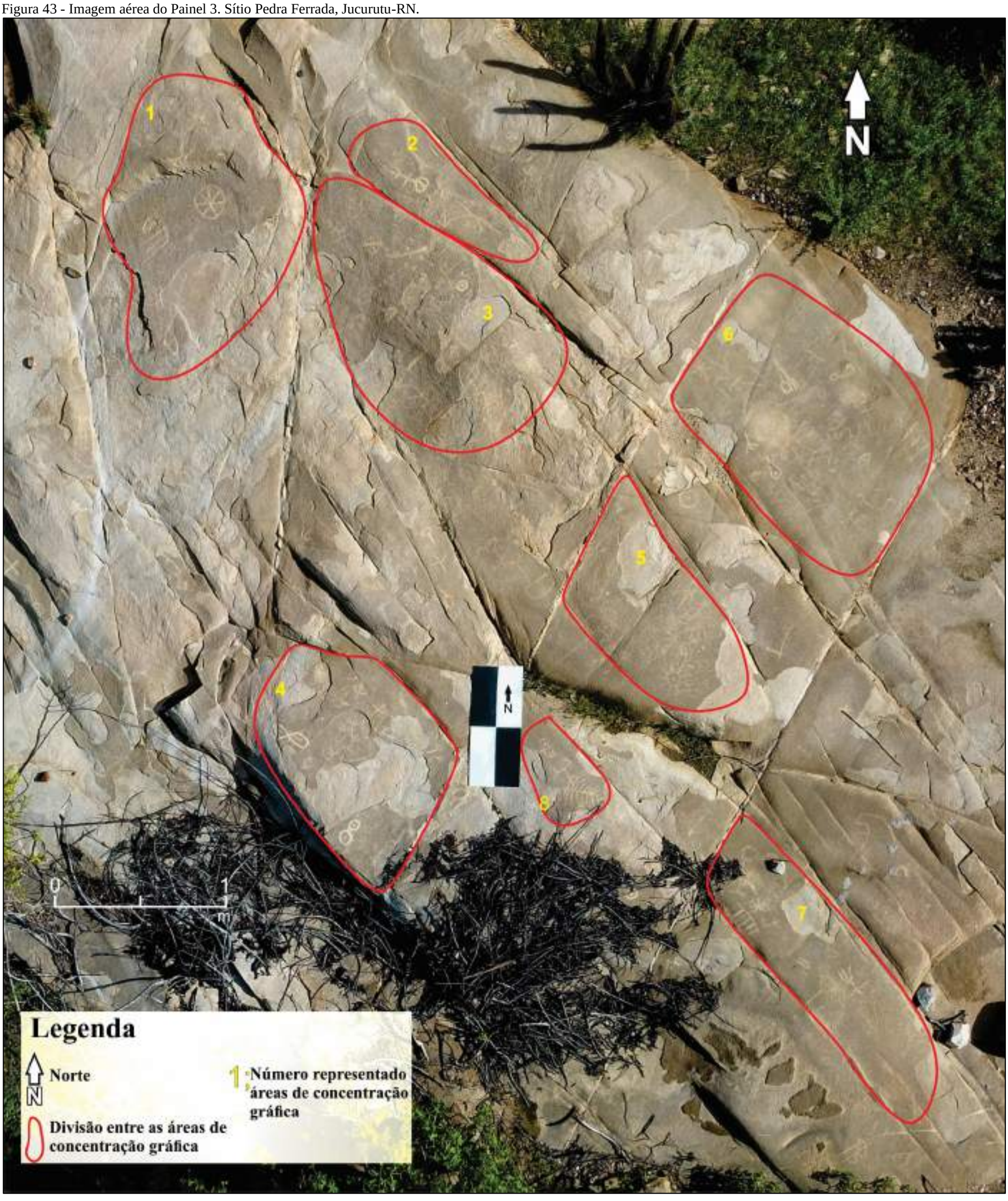



Foto: Henrique Dantas, 2019.

A rocha base do painel é o granito com várias fraturas térmicas. A conservação das gravuras varia entre razoável e ruim, pois existe um elevado processo de desplacamento (disjunção esferoidal) da rocha suporte pela ação constante das drásticas mudanças de temperatura entre o dia e a noite. Assim, como nosso critério de escolha era optar pelas áreas mais conservadas, decidimos analisar o total de sete (07) ACGs.

A técnica predominante no painel é a picotagem, com casos de associação entre as técnicas da picotagem com a raspagem. Os instrumentos utilizados tinham caráter percussor e raspador, com uma medida média paras os gumes de 0,6 cm para o percutor e 1 cm para o raspador. Os grafismos apresentam irregularidade no traço, que demostra vários gestos empregados na gravação. Essa interpretação se dá a partir dos grafismos que têm trações que variam entre 1 cm e 3 cm de espessura e oscilam entre 0,3 mm e 0,4 mm de profundidade.

A maioria dos grafismos que compõem as ACGs foram classificados como irreconhecíveis, mas algumas também apresentaram grafismos recorrentes e reconhecíveis, é o caso das

*5.1.1.4.3.1 ACG1*

A ACG 1 está localizada na área noroeste do Painel 3 (Figura 44). Analisamos três (03) grafismos, dos quais dois (02) foram gravados a partir da técnica da picotagem e um (01) pela técnica da raspagem. A ACG 1 apresentou dois (02) grafismos irreconhecíveis e um (01) semelhante ao grafismo recorrente GR4 de Maranhão (2003) (Figura 45). A única diferença entre os dois grafismos é que o grafismo da ACG 1 tem um traço a mais no cento do círculo, formando um total de 7 traços, já o GR4 é composto por 6 traços no centro do círculo.

Figura 44 - Imagem aérea da ACG 1, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

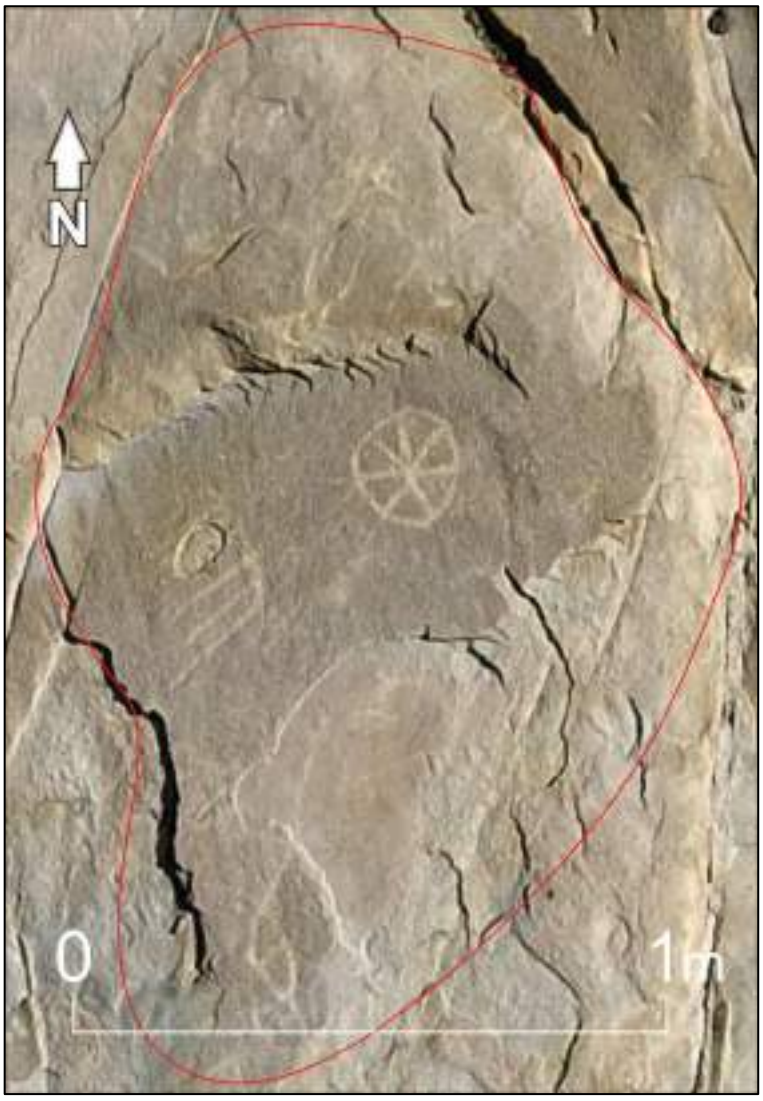
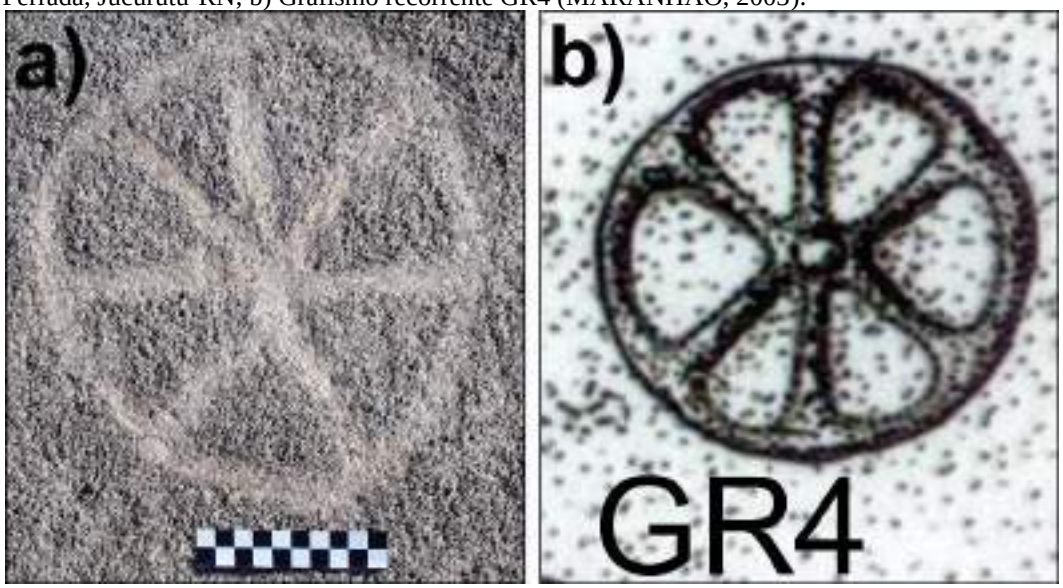



Figura 45 - a) Grafismo recorrente ao GR4 de Maranhão (2003) ACG 1, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente GR4 (MARANHÃO, 2003).



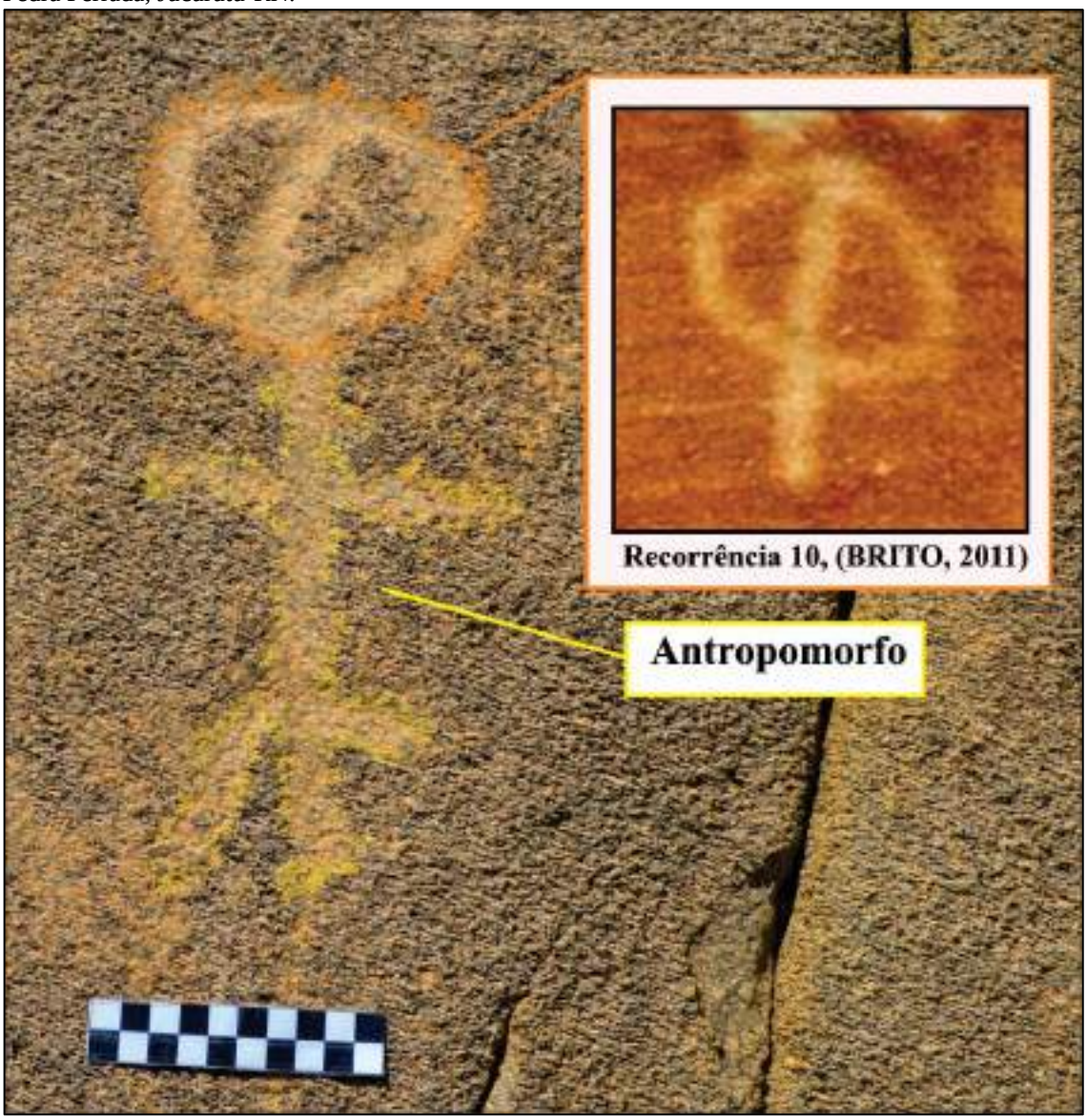
*5.1.1.4.3.2 ACG 2*

A ACG 2 está localizada na extremidade norte o painel 2 (Figura 46). A ACG é composta por quatro grafismos (04) grafismos, dos quais dois (02) foram confeccionados a partir da técnica da raspagem, um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento.

Figura 46 - Imagem aérea da ACG 2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Dos quatro (04) grafismos analisados, dois (02) foram classificados como irreconhecíveis, um (01) como reconhecível e um (01) como recorrente. OS grafismoS reconhecível e recorrente estão gravados sobrepostos em um ponto, no entanto, a diferenciação se deu a partir das técnicas usadas para a confecção de cada um, que consistem no picoteamento associado a raspagem para o grafismo reconhecível, e de raspagem associada ao polimento para o grafismo recorrente. O grafismo recorrente é idêntico a recorrência 10 de Brito (2011), já o grafismo reconhecível é um antropomorfo (Figura 47).

Figura 47 - Detalhe de antropomorfo e recorrência 10 (BRITO, 2011) sobrepostos. ACG 2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.3.3 ACG 3*

A ACG 3 está localizada na área norte do Painel 3, ao lado da ACG 2 (Figura 48). Foram analisados nove (09) grafismos, dos quais cinco (05) foram gravados pela técnica da picotagem, três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e um (01) pela técnica do polimento. Dos nove (09) grafismos analisados, oito (08) foram considerados irreconhecíveis e um (01) como recorrente ao GR11 de Maranhão (2003) (Figura 49).

Figura 48 - Imagem aérea da ACG 3, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

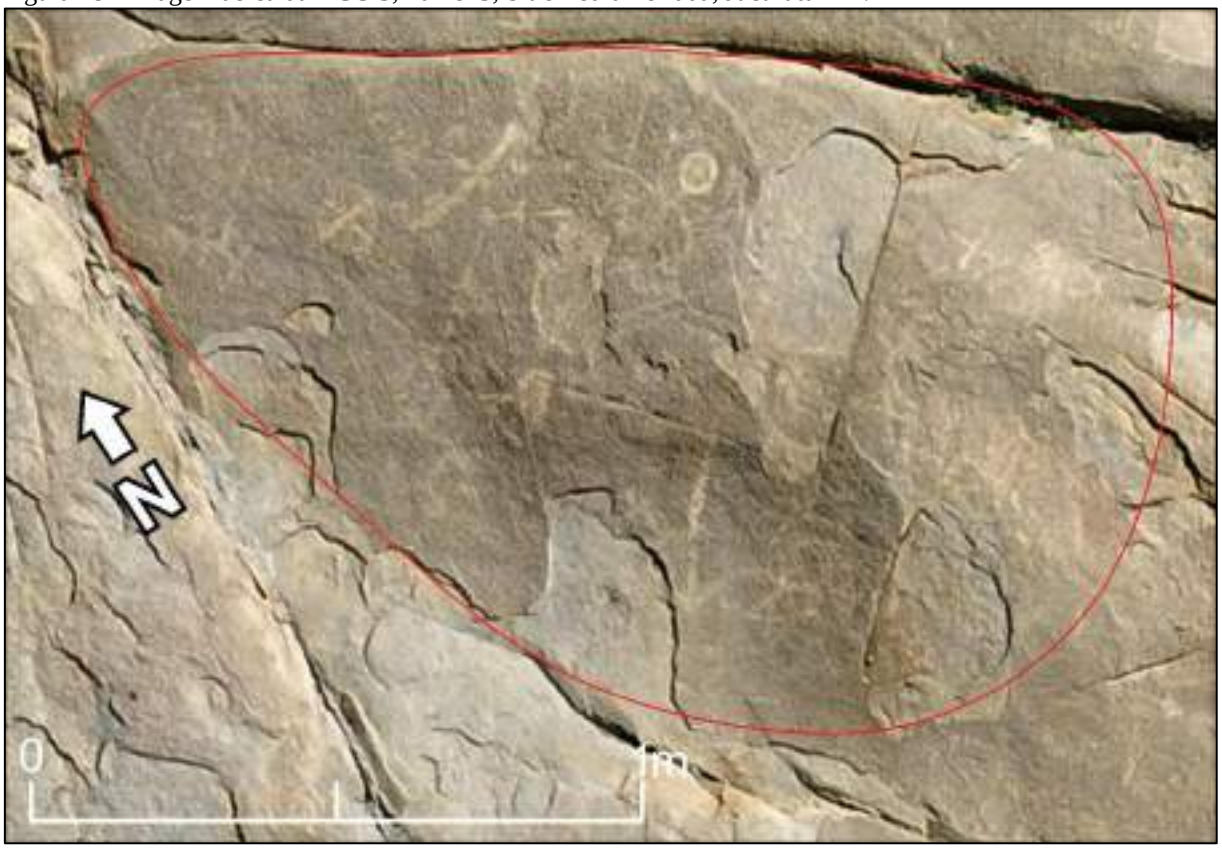
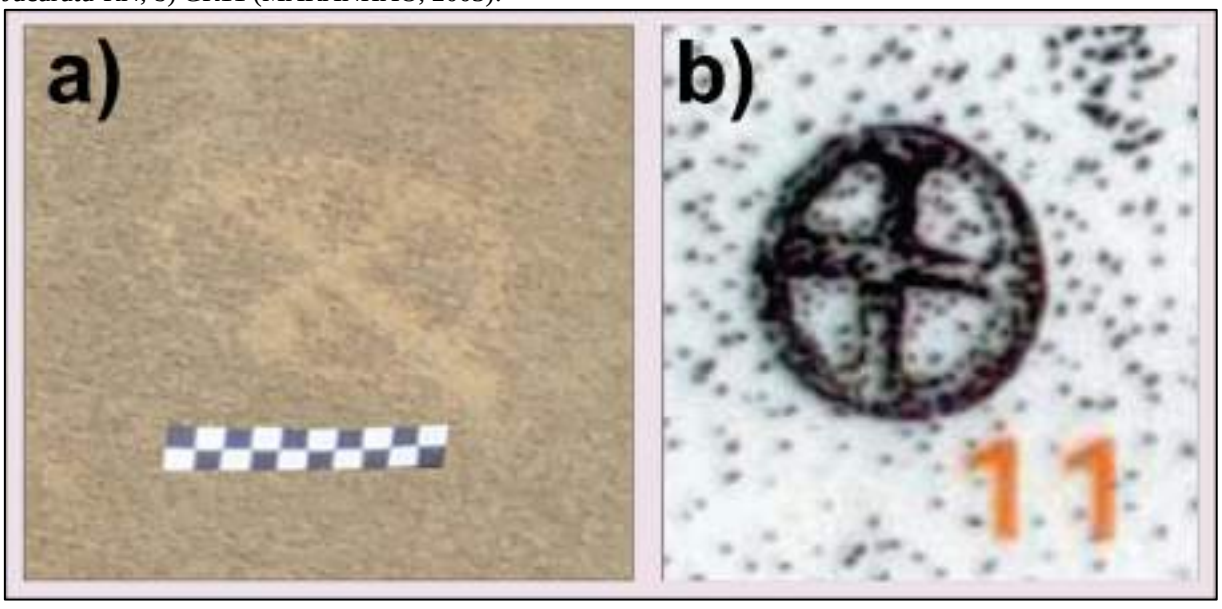



Figura 49 - a) Grafismo recorrente ao GR11 (MARANHÃO, 2003). ACG 3, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GR11 (MARANHÃO, 2003).



*5.1.1.4.3.4 ACG 4*

A ACG 4 está localizada na região centro-sul do painel 3 (Figura 50), em uma área do painel bastante desgastada pela disjunção esferoidal que destruiu grande parte da ACG 4. Foram analisados doze (12) grafismos, dos quais cinco (05) grafismos foram confeccionados pela técnica da picotagem, dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem, três (03) pela técnica da raspagem, um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento e um (01) pela técnica do polimento. Todos os grafismos foram classificados como irreconhecíveis, no entanto, dois (02) grafismos que estão localizados na extremidade leste da ACG 4 nos chamaram atenção por lembrem braços ou patas (Figura 51), mas como estão em uma área de desplacamento o restante da informação que o completava foi perdido.

Figura 50 - Imagem aérea da ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

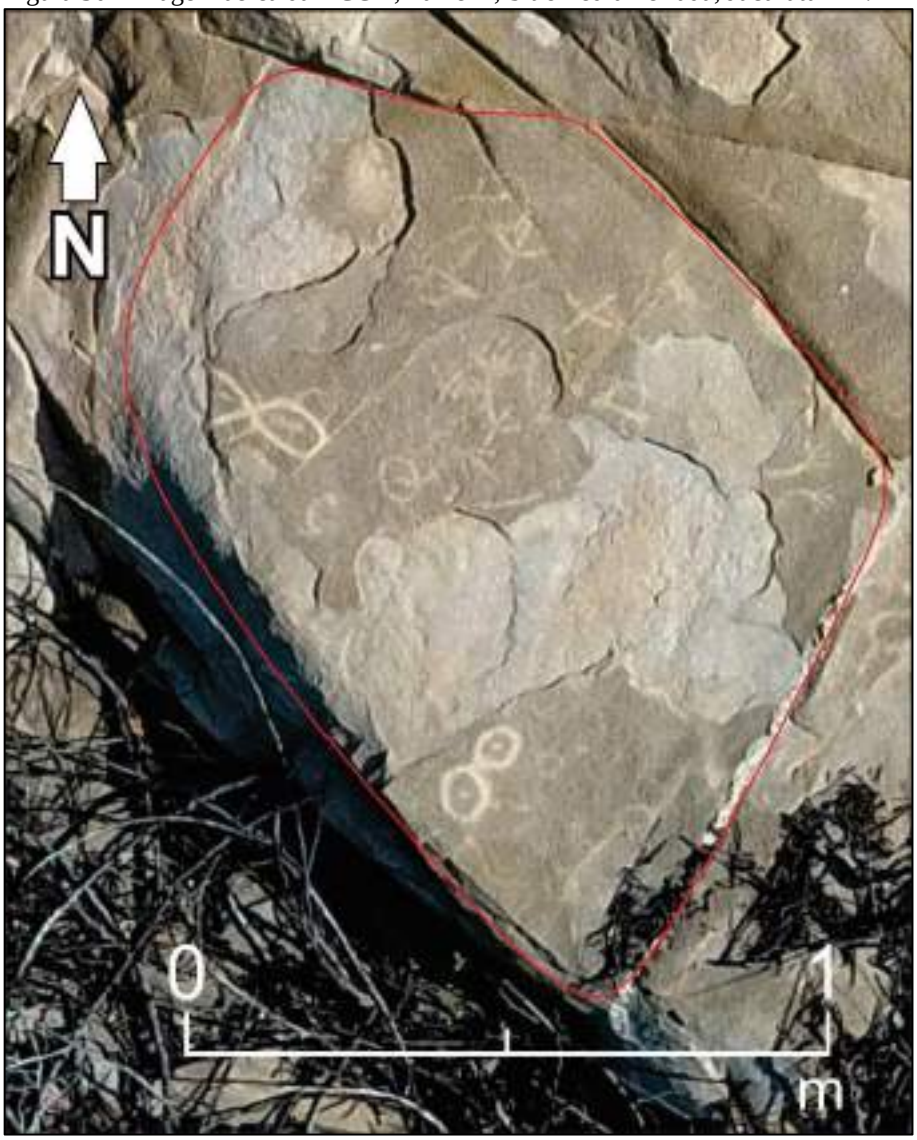
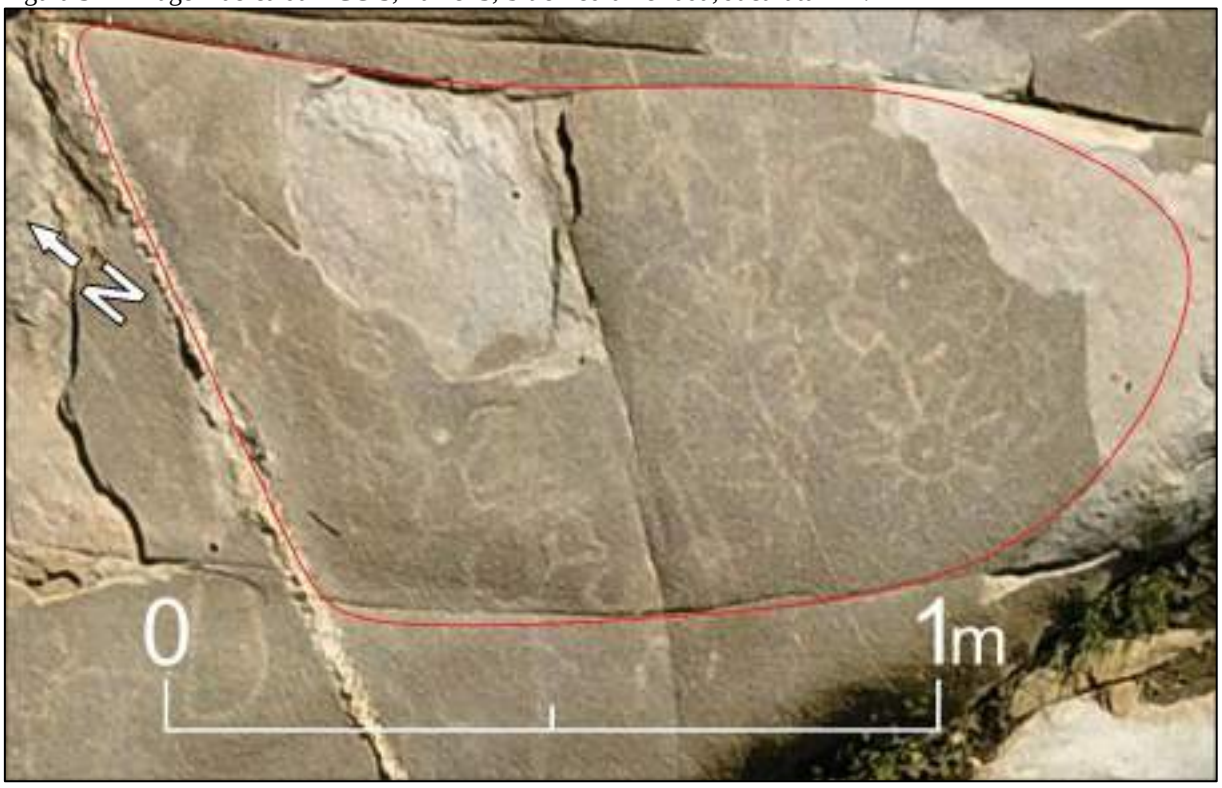


Figura 51 - Detalhe de grafismo incompleto. ACG 4, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.3.5 ACG 5*

A ACG 5 está localizada no centro do painel 3 (Figura 52), a sudeste da ACG 6, em uma área que repleta de fissuras que acreditamos servirem como delimitadores gráficos. Ocorrem dois processos de intemperismo na ACG 6, o primeiro é a esfoliação hídrica que acaba por deixar os grafismos mais apagados, e o segundo é a esfoliação esferoidal ou desplacamento da rocha. Esses dois processos intempéricos, a exemplo de outras ACGs do painel 3, também ocasionaram a destruição de parte do acervo gráfico da ACG 5. Foram analisados cinco (05) grafismos, dos quais quatro (04) foram confeccionados pela técnica da picotagem e um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os cinco (05) grafismos foram considerados irreconhecíveis.

Figura 52 - Imagem aérea da ACG 5, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.3.6 ACG 6*

A ACG 6 está localizada na área nordeste do painel 3 (Figura 53), na extremidade do suporte, apresentando poucas áreas de desplacamento. Nesse contexto a ACG 6 é a mais preservadas das ACGs do painel 3, mantendo praticamente todo o seu acervo gráfico. Foram analisados dezessete (17) grafismos, dos quais quatorze (14) foram gravados a partir da técnica da picotagem, dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem e um (01) pela técnica da raspagem. Dos dezessete (17) grafismos analisados, dezesseis (16) foram classificados como irreconhecíveis e um (01) como recorrente. O grafismo recorrente é idêntico ao GR2 de Maranhão (2003) (Figura 54).

Figura 53 - Imagem aérea, ACG 6, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

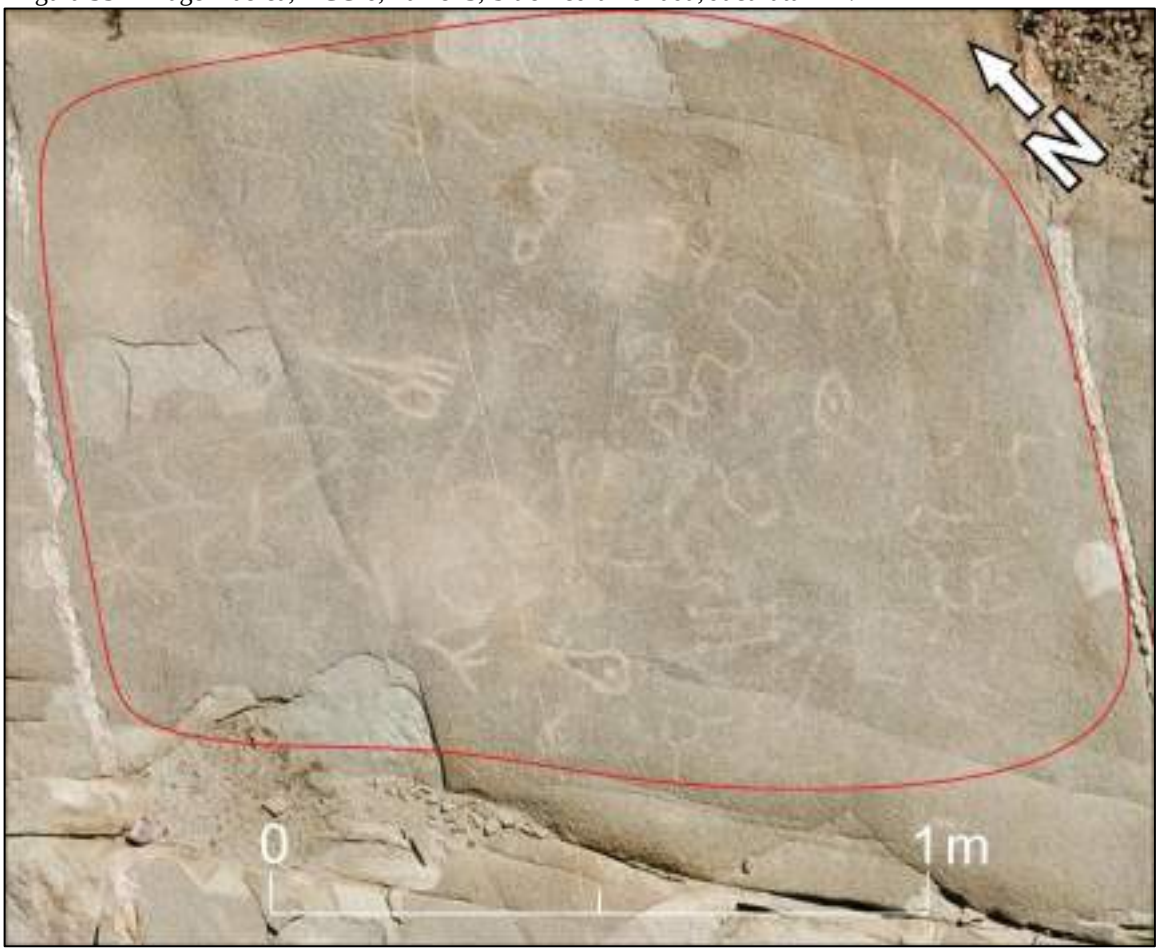
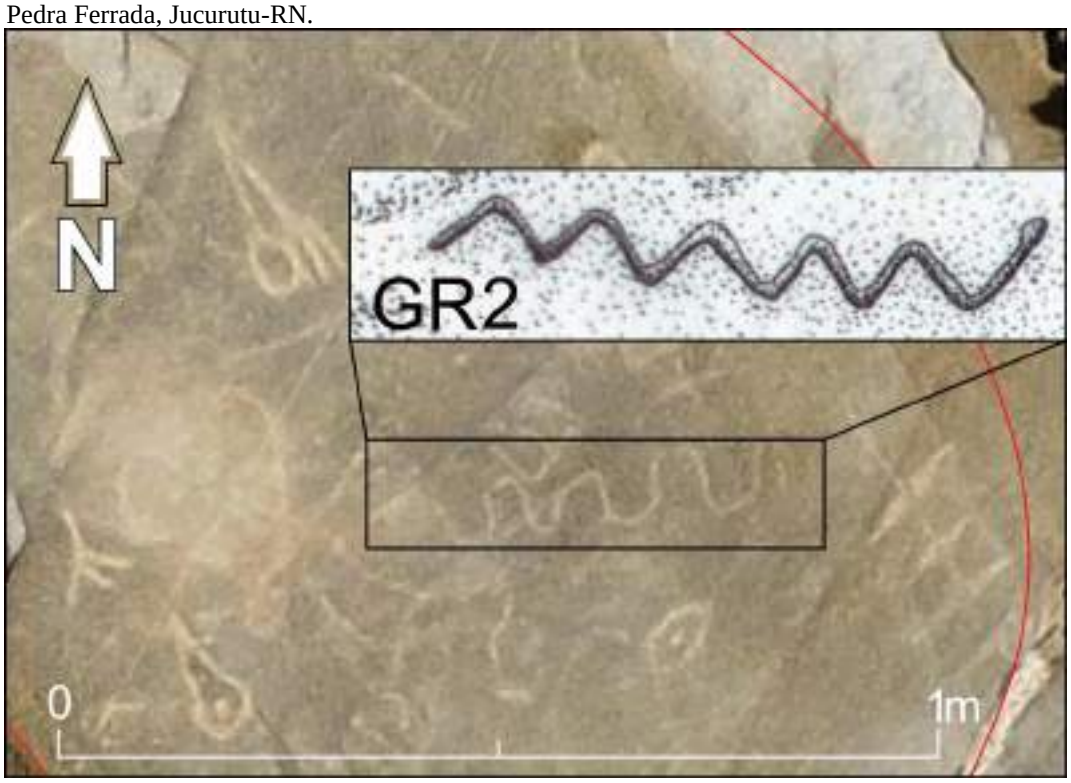



Figura 54 - Detalhe de grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003). ACG 6, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



*5.1.1.4.3.7 ACG 7*

A ACG 7 (Figura 55) está localizada na extremidade sudeste do painel, em uma área mais bem conservada se comparada as outras ACGs. Na ACG 7 foram analisados onze (11) grafismos, dos quais dez (10) foram elaborados pela técnica da picotagem e um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Dos onze (11) grafismos analisados, dez (10) foram considerados irreconhecíveis e um (01) como reconhecível. O grafismo reconhecível em questão é uma representação fitomorfa (Figura 56), e a exemplo dos demais grafismos com essa morfologia nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, apresenta uma característica que seria a idealização do solo a partir de uma linha de origem localizada na base do "tronco" do grafismo. Essa linha poderia ser um traço gravado ou uma fissura natural da rocha suporte, diferenciando-o dos outros grafismos.

Figura 55 - Imagem aérea da ACG 7, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 56 - Detalhe de fitomorfo e representação de linha de "solo". ACG 7, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

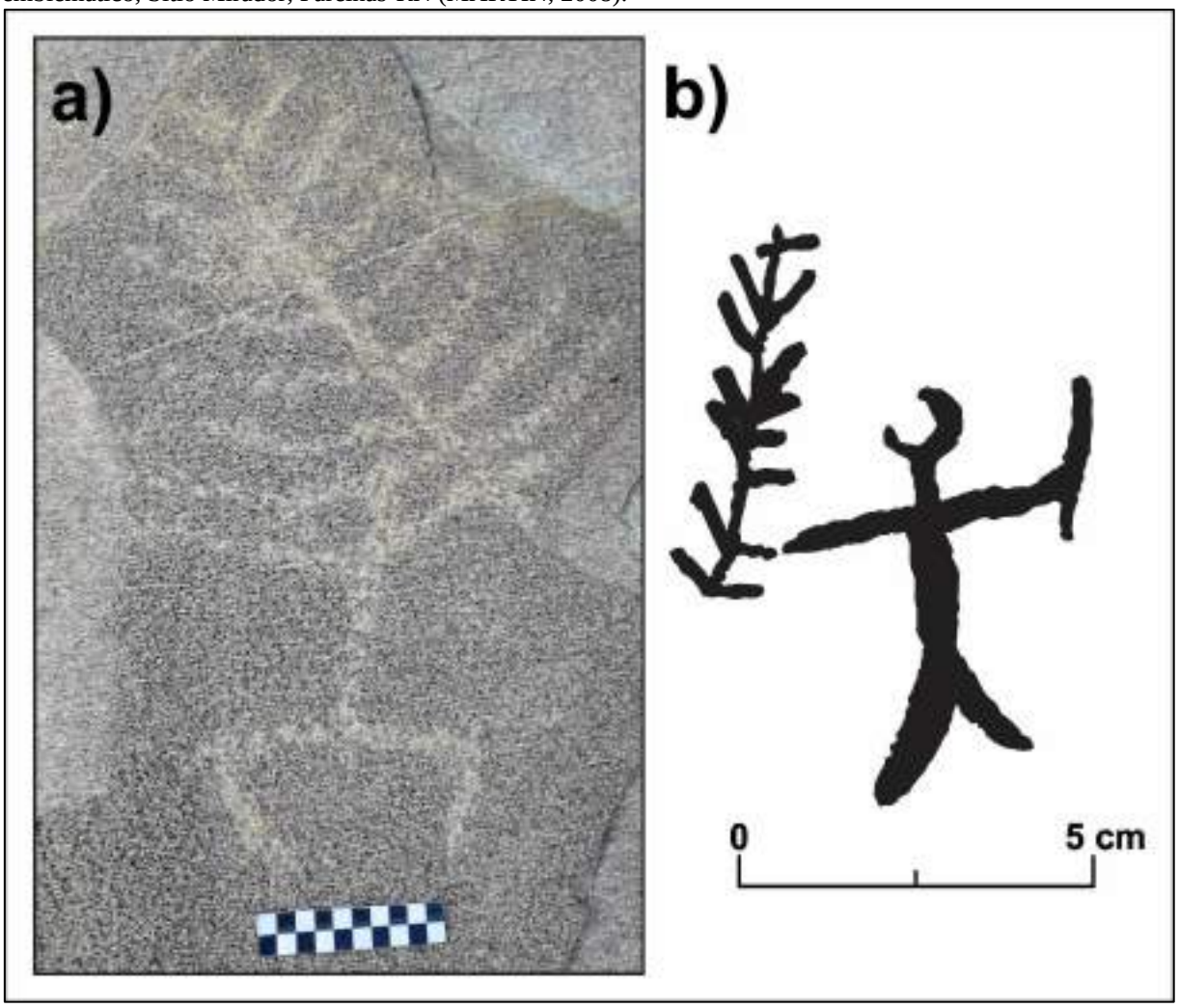
*5.1.1.4.3.8 ACG 8*

A ACG 8 (Figura 57) está localizada na parte sul do painel, em uma área em avançado processo de desplacamento, entre a ACG 4 e a 7. A exemplo de outras ACGs, acreditamos que a ACG 8 tinha uma maior concentração de grafismos rupestres, mas com o avançado processo de desplacamento da rocha suporte só restaram dois (02) grafismos em perfeito estado de conservação e analise.

Figura 57 - ACG 8, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Os dois (02) grafismos da ACG 8 foram gravados a partir da técnica da picotagem, no entanto, as temáticas dos grafismos são distintas. Entre os dois (02) grafismos, um (01) é irreconhecível e um (01) é reconhecível. A partir das suas características morfológicas o grafismo reconhecível foi classificado como antropomorfo, sendo bem peculiar, pois ele apresenta elementos morfológicos de antropomorfos associados a ramos e arvores, muito comum na tradição nordeste de pinturas rupestres, considerados grafismos emblemáticos, que seriam grafismos que caracterizam uma tradição rupestre (MARTIN, 2008) (Figura 58).

Figura 58 - Comparação de grafismos: a) Antropomorfo do painel 3, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo emblemático, Sítio Mirador, Parelhas-RN (MARTIN, 2008).




Até o momento não temos conhecimento de grafismos característicos da tradição Nordeste representados em gravuras, e principalmente um grafismo emblemático. Isso nos leva a pensar em associações entre datações, pois como sabemos os processos de datação de gravuras ainda é impreciso, e são poucos os pesquisadores que usam uma datação precisa e/ou absoluta.

A maioria dos pesquisadores usa as datações relativas, associadas a outros materiais arqueológicos em um mesmo contexto como, por exemplo, um carvão em uma mesma camada estratigráfica de uma gravura. Nesse sentido, esse antropomorfo pode mudar todo a concepção e informações que temos das gravuras rupestres na área arqueológica do Seridó

*5.1.1.4.4 Painel 4*

Dentre todos os painéis do sítio Pedra Ferrada, o painel 4 é o maior, com uma área gravada de 17,12 m de comprimento por 11,28 m de largura, inúmeras ACGs, no entanto apenas quatorze (14) ACGs (Figura 59 e 60) apresentaram conservação favorável para análise.

A conservação do painel varia entre bom e ruim, e, como os outros painéis já citados, apresenta desplacamento em vários pontos, mas o acervo gráfico ainda é o mais bem conservado dentre todos os painéis do sítio Pedra Ferrada. A rocha suporte é o granito, com a presença de veios de quartzo.

A técnica predominante é a picotagem, com casos específicos de associação entre as técnicas da picotagem com a raspagem, e o polimento. Os instrumentos utilizados tinham caráter percussor e raspador, com média de medidas do gume de 0,8 cm para o percutor e 1 cm para o raspador. Os grafismos feitos a partir da raspagem e picotagem apresentam irregularidade no traço e, pincipalmente, nas bordas, o que os diferencia dos grafismos polidos, que demostram vários gestos empregados na gravação. Os grafismos têm trações que variam entre 0,8 cm e 2,5 cm de espessura e oscila entre 0,2 mm e 0,4 mm de profundidade.

Figura 59 - Imagem aérea do Painel 4, ACGs analisadas, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

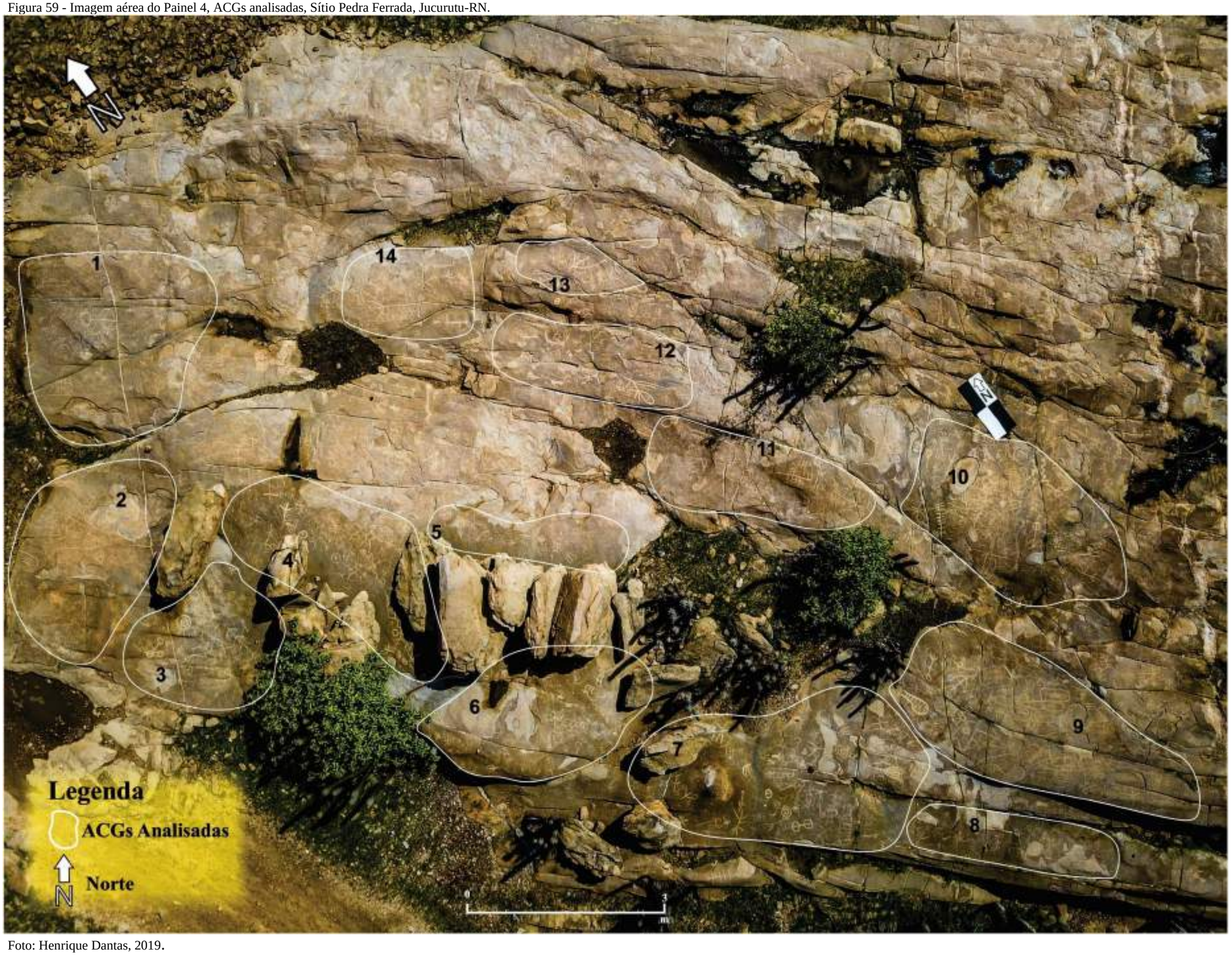



Foto: Henrique Dantas, 2019.

Figura 60 - Imagem geral do Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

No painel, existem quatorze (14) áreas gravadas dispostas nas extremidades noroeste, oeste, sul e sudoeste, voltadas para a direção do Córrego do Peixe, as ACGs medem respectivamente (Tabela 4):

Tabela 4 - Dimensões das ACGs do Painel 4, Sítio Pedra Ferrada.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 2, 83 m | 3,40 m |
| 2 | 3,12 m | 2,49 m |
| 3 | 2,40 m | 2,23 m |
| 4 | 3,76 m | 1,45 m |
| 5 | 0,54 m | 2,75 m |
| 6 | 2,14 m | 3,26 m |
| 7 | 2,16 m | 4,26 m |
| 8 | 0,74 m | 3,19 m |
| 9 | 2,08 m | 4,31 m |
| 10 | 1,96 m | 3,89 m |
| 11 | 1,33 m | 4,55 m |
| 12 | 1,02 m | 2,91 m |
| 13 | 0,66 m | 1,60 m |
| 14 | 1,04 m | 2,43 m |

*5.1.1.4.4.1 ACG 1*

A ACG 1 (Figura 61) está localizado na extremidade noroeste do painel 4, em área de incidência de veios de quartzo intrusivo no suporte granítico. Além disso, o suporte apresenta inúmeras áreas de desplacamento (disjunção esferoidal) que destruíram alguns grafismos. A ACG 1 apresenta uma grande quantidade de grafismos sobrepostos, o que indica momentos pictóricos distintos.

Figura 61 - Imagem geral da ACG 1, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Foram analisados vinte e oito (28) grafismos, dos quais vinte e três (23) foram confeccionados pela técnica da picotagem, quatro (04) pela técnica da picotagem associada a raspagem e (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento. Dos Vinte e oito (28) grafismos analisados, vinte e cinco (25) foram classificados como irreconhecíveis, dois (02) como recorrentes e um (01) como reconhecível. Os grafismos recorrentes e reconhecível (Figura 62) correspondem respectivamente a um (01) GR2 e um (01) GR16, ambos pertencentes

ao repertório de grafismos rupestres de Maranhão (2003), já o grafismo reconhecível corresponde a um zoomorfo que lembra um anfíbio/lagarto (Figura 63).

Figura 62 - Dimensão Temática da ACG1. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); c) Zoomorfo.

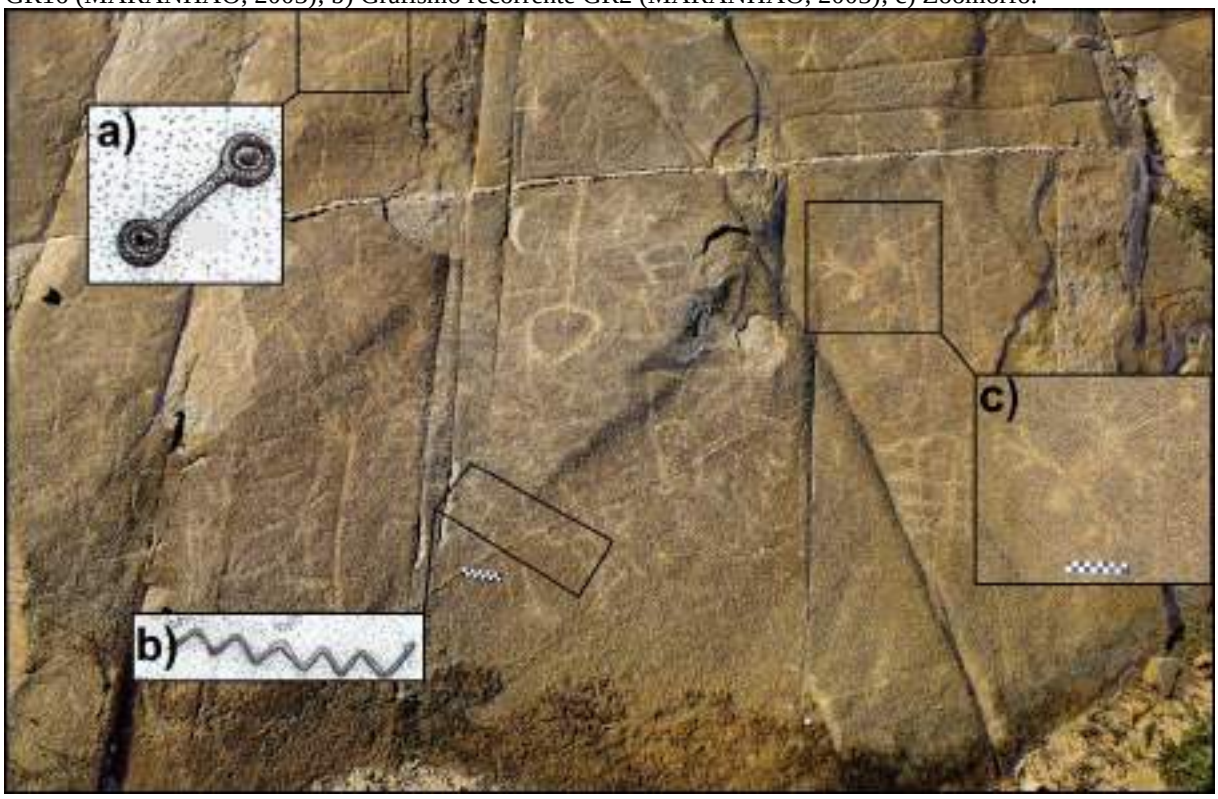



Figura 63 - Zoomorfo. ACG1, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.2 ACG 2*

A ACG 2 (Figura 64) está localizada na extremidade oeste do painel 4, ao lado da ACG1, compartilhado inclusive um veio de quartzo intrusivo. A ACG 2 apresenta pontos de incidência de intemperismo sendo duas áreas de desplacamento (disjunção esferoidal), e uma área de esfoliação hídrica que corta o centro da ACG. Foram analisados quinze (15) grafismos, dos quais seis (06) foram elaborados a partir da técnica da picotagem, dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem, cinco (05) pela técnica da raspagem, um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento e um (01) pela técnica do polimento. Todos os grafismos da ACG 2 foram classificados como irreconhecíveis.

Figura 64 - Imagem geral da ACG 2, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.3 ACG 3*

A ACG 3 (Figura 65) está localizada na extremidade sudoeste do painel 4, a 0,6 m distância a sudeste da ACG 2. A ACG 3 é cortada por um veio de quartzo intrusivo e por fissuras no suporte, além disso existem áreas de desplacamento e esfoliação hídrica. Foram analisados

dezessete (17) grafismos, dos quais nove (09) foram gravados a partir da técnica da picotagem, três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem, um (01) pela técnica da raspagem, dois (02) pela técnica da raspagem associada ao polimento e dois (02) pela técnica do polimento. Dos dezessete (17) grafismos analisados, quinze (15) foram classificados como irreconhecíveis, um (01) como recorrente e um (01) como reconhecível.

Figura 65 - Imagem geral da ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

O grafismo recorrente (Figura 66) não foi evidenciado pelas pesquisas que nos servem de referência (MARANHHÃO, 2003; BRITO, 2011), mas é possível esse exista nos sítios arqueológicos estudados por esses autores, ou por sítios não pesquisados. Esse grafismo ocorre no sítio Pedra Ferrada, Córrego do Peixe I e Lajedo do Getúlio, assim, o denominamos como

grafismo recorrente córrego do peixe 2 (GRCP2), para facilitar a segregação dos grafismos recorrente na análise dos dados da pesquisa. Já o grafismo reconhecível foi classificado como fitomorfo (Figura 67).

Figura 66 - Grafismos recorrentes. a) GRCP2, ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; c) GRCP2, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

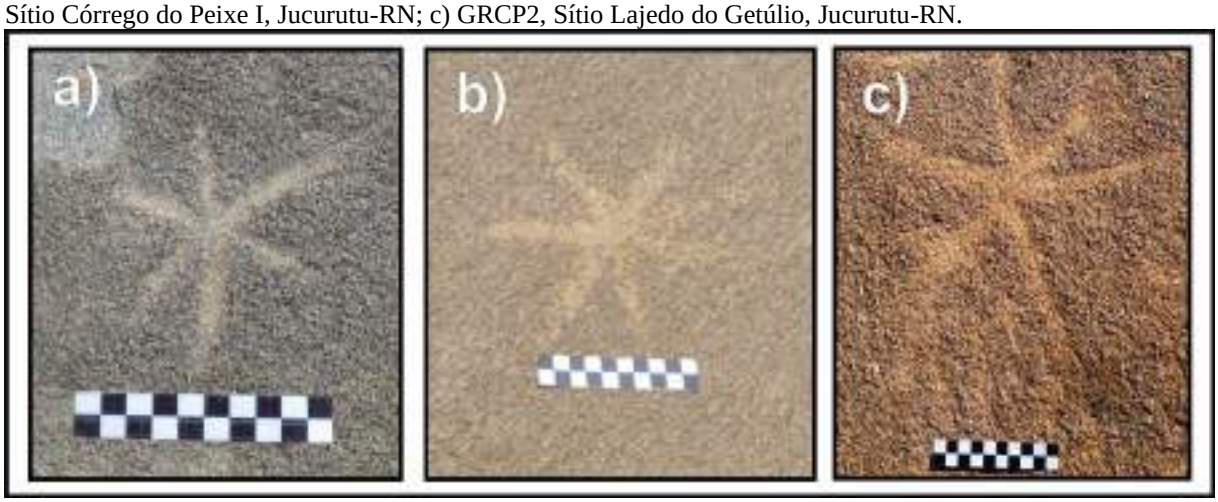



Figura 67 - Fitomorfo. ACG 3, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.4 ACG 4*

A ACG 4 (Figura 68) está localizada na região centro-oeste do painel 4, a nordeste da ACG 3. A ACG 4 apresentou uma grande incidência de sobreposições gráficas que podem ser indicativos da constante atividade pictórica nessa área do painel, isso nos leva a imaginar momentos pictóricos distintos para o painel 4. Foram analisados dezenove (19) grafismos, dos quais oito (08) foram gravados pela técnica da picotagem, cinco (05) pela técnica da picotagem associada a raspagem, quatro (04) pela técnica da raspagem e dois (02) pela técnica da raspagem associada ao polimento.

Figura 68 - Imagem geral da ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Dos dezenove (19) grafismos analisados, onze (11) foram considerados irreconhecíveis, seis (06) como reconhecíveis, e dois (02) como recorrentes (Figura 69). Os seis (06) grafismos reconhecíveis são representações de pegadas de aves compostas por tridígitos, sendo duas

fileiras de três tridígitos, essa mesma representação ocorre no painel 2 do sítio Pedra Ferrada. Já os dois grafismos recorrentes pertencem ao repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003), correspondendo aos GR2 e GR16. O grafismo GR16 está localizado abaixo de um bloco de pedra, o que impossibilitou um registro fotográfico adequado, no entanto foi possível sua identificação e registro (Figura 70).

Figura 69 - Grafismos Reconhecíveis e Recorrentes. ACG 4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Tridígitos representando pegadas de aves; b) Tridígitos representando pegadas de aves; c) Grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR2 (MARANHÃO, 2003).

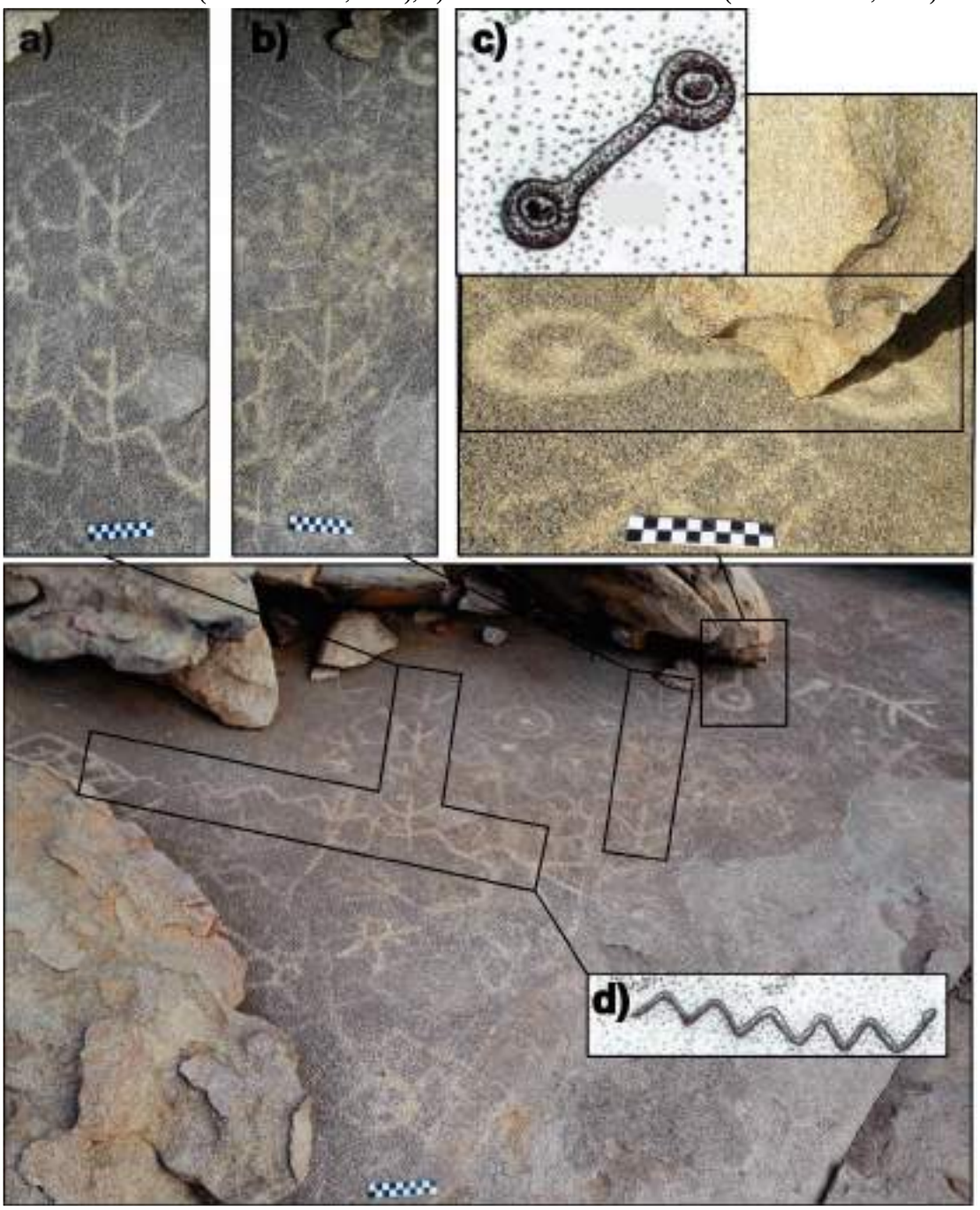


Figura 70 - Detalhe de grafismo recorrente ao GR16 (MARANHÃO, 2003), localizado abaixo de um bloco de granito. ACG4, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada., Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.5 ACG 5*

A ACG 5 (Figura 71) está localizada região centro-sul do painel 4, entre as ACGs 4 e 11. A ACG 5 foi parcialmente destruída pela ação do desplacamento no suporte rochoso. Faram analisados treze (13) grafismos, dos quais onze (11) foram confeccionados a partir da técnica da picotagem e dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Dos treze (13) grafismos analisados, doze (12) foram classificados como irreconhecíveis e um (01) como recorrente, esse grafismo é recorrente ao GR11 evidenciado por Maranhão (2003) (Figura 72).

Figura 71 - ACG 5, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

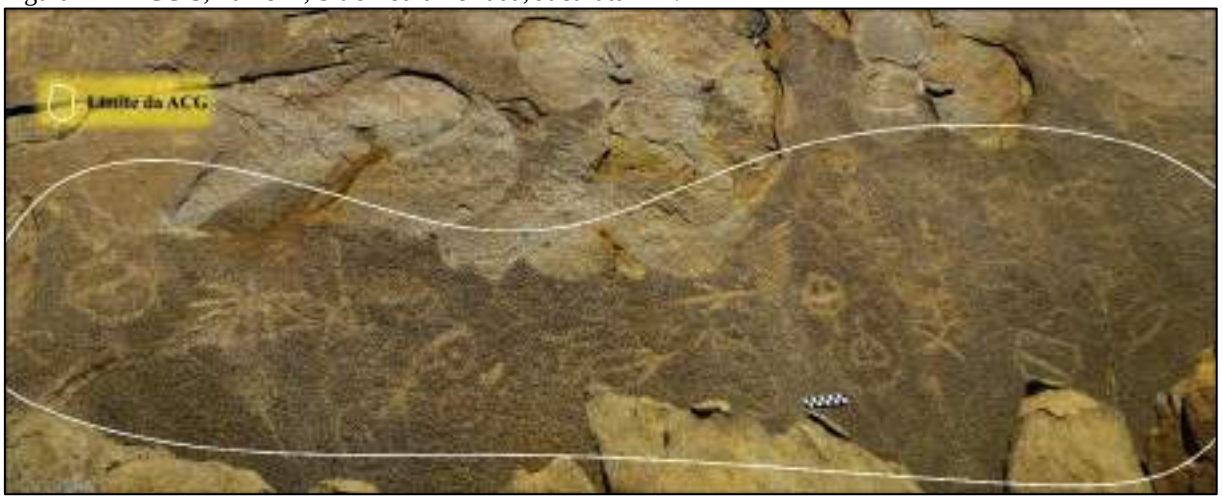



Figura 72 - Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003. ACG 5, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.6 ACG 6*

A ACG 6 (Figura 73) está localizada na extremidade sul do painel 4, entre as ACGs 4 e 7. A ACG 6 apresenta três (03) áreas de desplacamento, e duas (02) manchas de pátina oriundas do escoamento da água sobre a ACG. Foram analisados vinte e nove (29) grafismos, dos quais vinte quatro (24) foram gravados a partir da técnica da picotagem, 3 pela técnica da picotagem associada a raspagem, um (01) pela técnica da raspagem e um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento. Dos vinte e nove (29) grafismos analisados, vinte e oito foram considerados irreconhecíveis e um (01) como reconhecível, sendo uma representação de pé (representação naturalista) (Figura 74).

Figura 73 - ACG 6, Painel 4, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN. b) Vista aérea da ACG 6, b) Vista frontal da ACG 6.

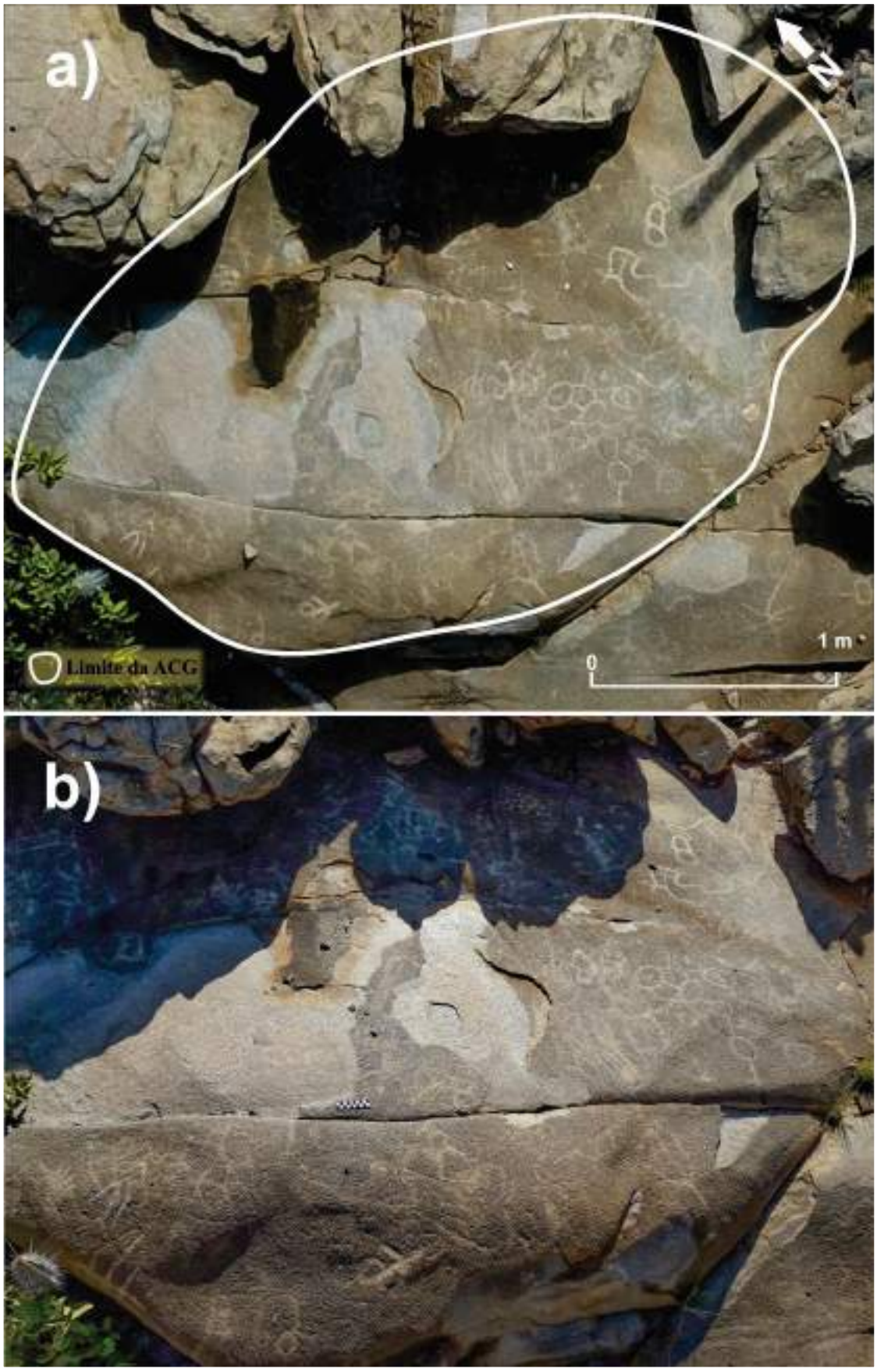
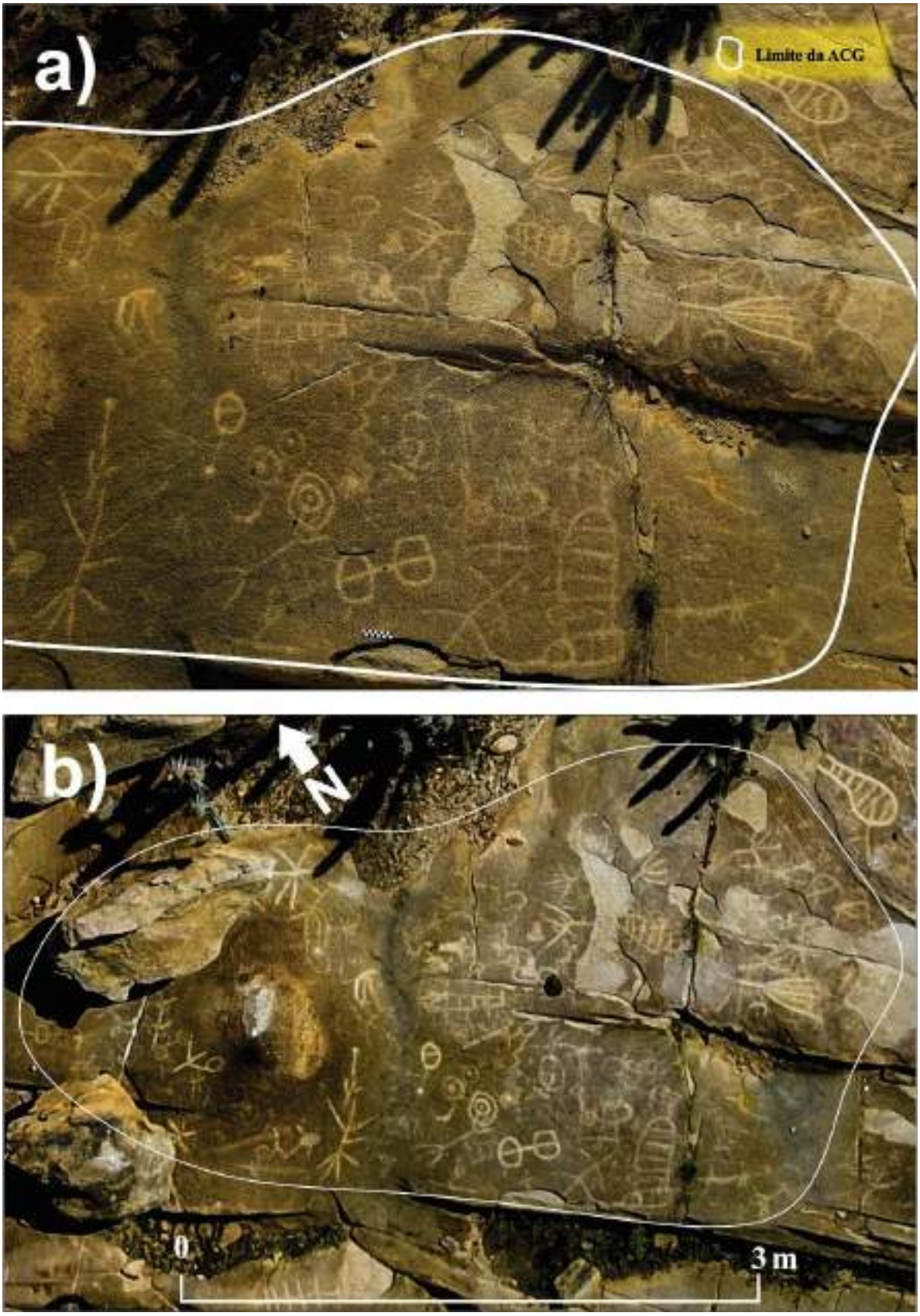


Figura 74 - Grafismo naturalista (representação de pé humano). ACG 6, Painel 4, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.7 ACG 7*

A ACG 7 (Figura 75) está localizada na extremidade sul do painel 4, entre as ACGs 6, 8 e 9. A ACG 7 apresenta três pontos com desplacamento e uma mancha de pátina na sua extremidade leste. Foram analisados quarenta e seis (46) grafismos, dos quais trinta e três (33) foram gravados pela técnica da picotagem, sete (07) pela técnica da picotagem associada a raspagem, três (03) pela técnica da raspagem, dois (02) pela técnica da raspagem associada ao polimento e um (01) pela técnica da picotagem associada ao polimento. Dos quarenta e seis (46) grafismos analisados, quarenta e um (41) foram classificados com irreconhecíveis e cinco (05) como reconhecíveis.

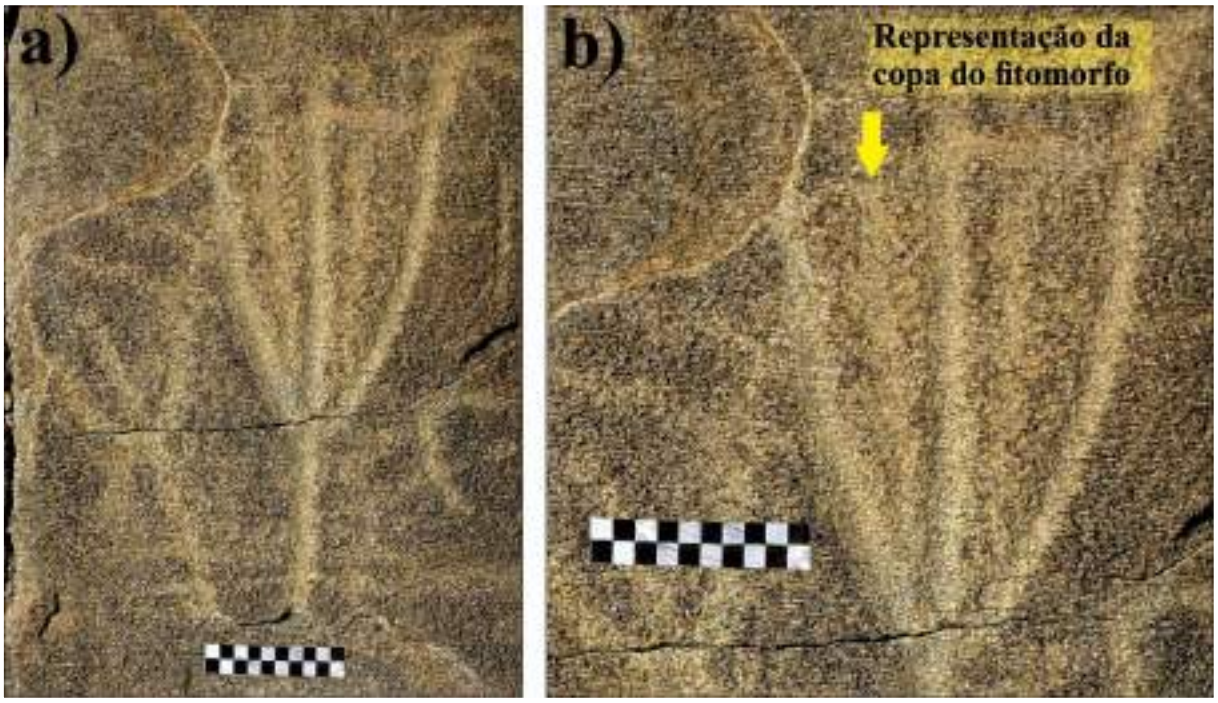
Figura 75 - ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Vista parcial da ACG 7; b) Vista Aérea da ACG 7.



Entre os cinco (05) grafismos reconhecíveis, três (03) são representações naturalista (representações de pés ou pegadas humanas) (Figura 76), e dois (02) são fitomorfo (Figura 77) em forma de cactos. Um (01) fitomorfo apresentou preenchimento da parte superior, que pode ser a representação da "copa", e foi evidenciado pois o fitomorfo teve seu troco e galhos gravados a partir da técnica do polimento e sua copa foi preenchida pela picotagem esse mesmo padrão técnico e morfológico de representação ocorre no Sítio Córrego do Peixe V.

Figura 76 - Grafismos naturalistas (representação de pés/pegadas humanas). ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 77 - a) Fitomorfos com forma de cacto; b) Detalhe da copa do fitomorfo. ACG 7, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

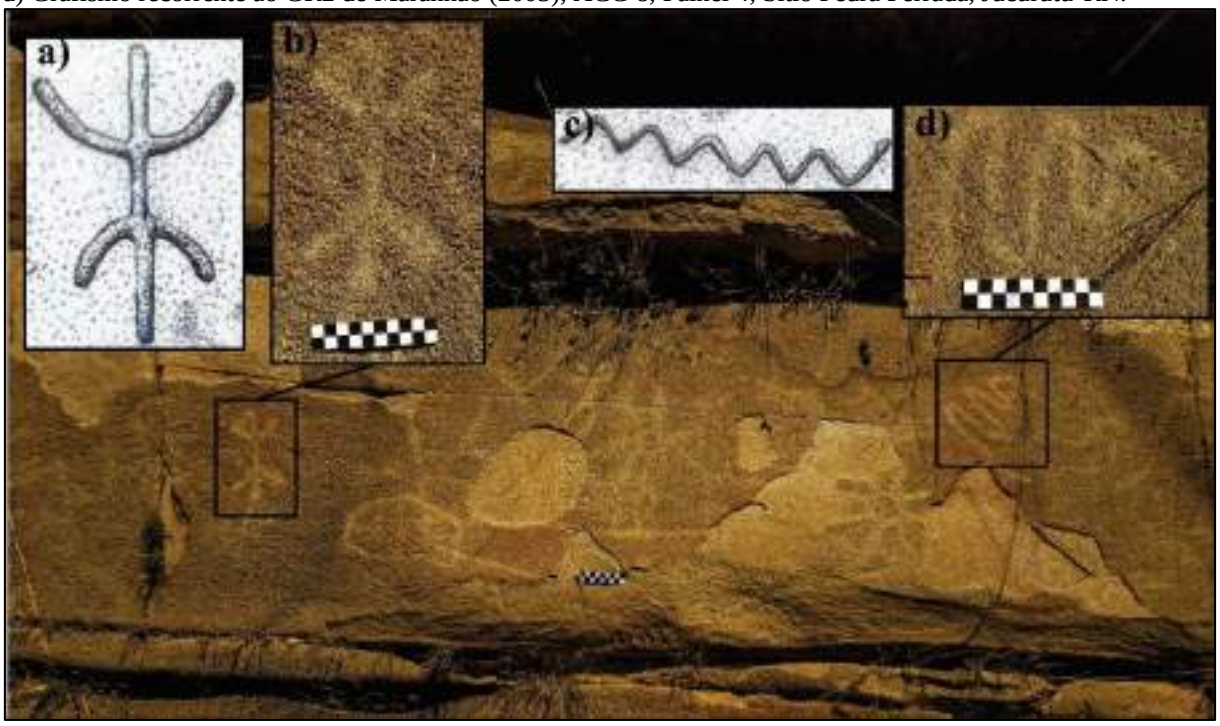



*5.1.1.4.4.8 ACG 8*

A ACG 8 (Figura 78) está localizada na extremidade sudeste do painel 4. Foram analisados onze (11) grafismos, dos quais dez (10) foram elaborados a partir da técnica da picotagem e um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Dos onze (11) grafismos analisados, nove (09) foram classificados como irreconhecíveis e dois como recorrentes (02). Os dois (02) grafismos recorrentes respectivamente a: um (01) GR9 e um (01) GR2 (Figura 79), ambos pertencentes ao repertório de grafismos recorrentes evidenciados por Maranhão (2003).

Figura 78 - Imagem parcial da ACG 8. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

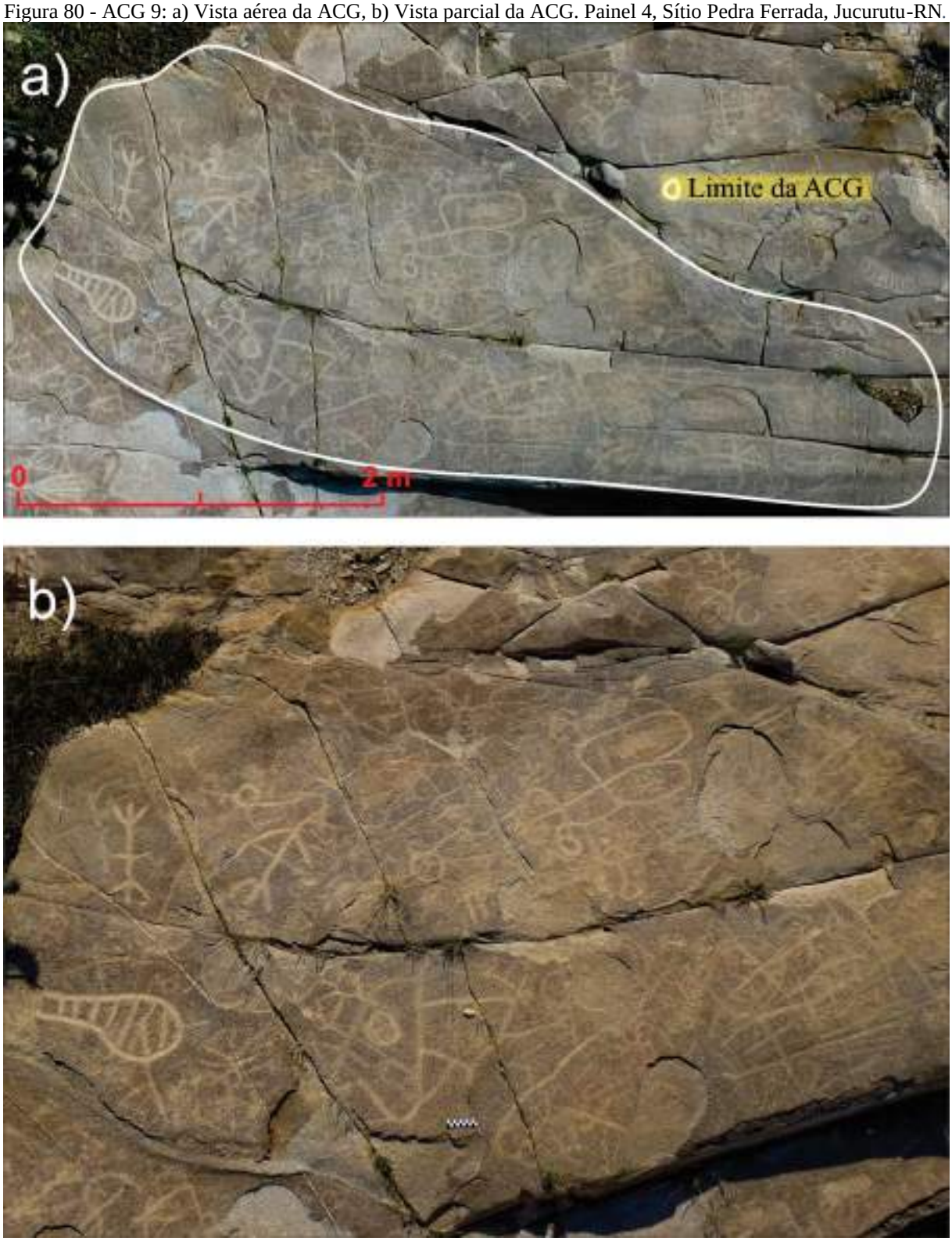
Figura 79 - a) Grafismo Recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR9 de Maranhão (2003), ACG 8, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); d) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), ACG 8, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.4.9 ACG 9*

A ACG 9 (Figura 80) está localizada na região sudeste do painel 4, distando 0,6 m a norte da ACG 8. A ACG 9 é cortada por inúmeras fissuras, além de cinco (05) áreas de desplacamento, demonstrando o avançado processo de intemperismo químico, físico e biológico que esse painel está sofrendo. Foram analisados vinte e cinco (25) grafismos, dos quais quatorze (14) foram confeccionados pela técnica da picotagem, cinco (05) pela técnica da picotagem associada a raspagem, quatro (04) pela técnica da raspagem e dois (02) pela técnica da raspagem associada ao polimento. Todos os grafismos da ACG 9 foram considerados irreconhecíveis.

Figura 80 - ACG 9: a) Vista aérea da ACG, b) Vista parcial da ACG. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.4.10 ACG 10*

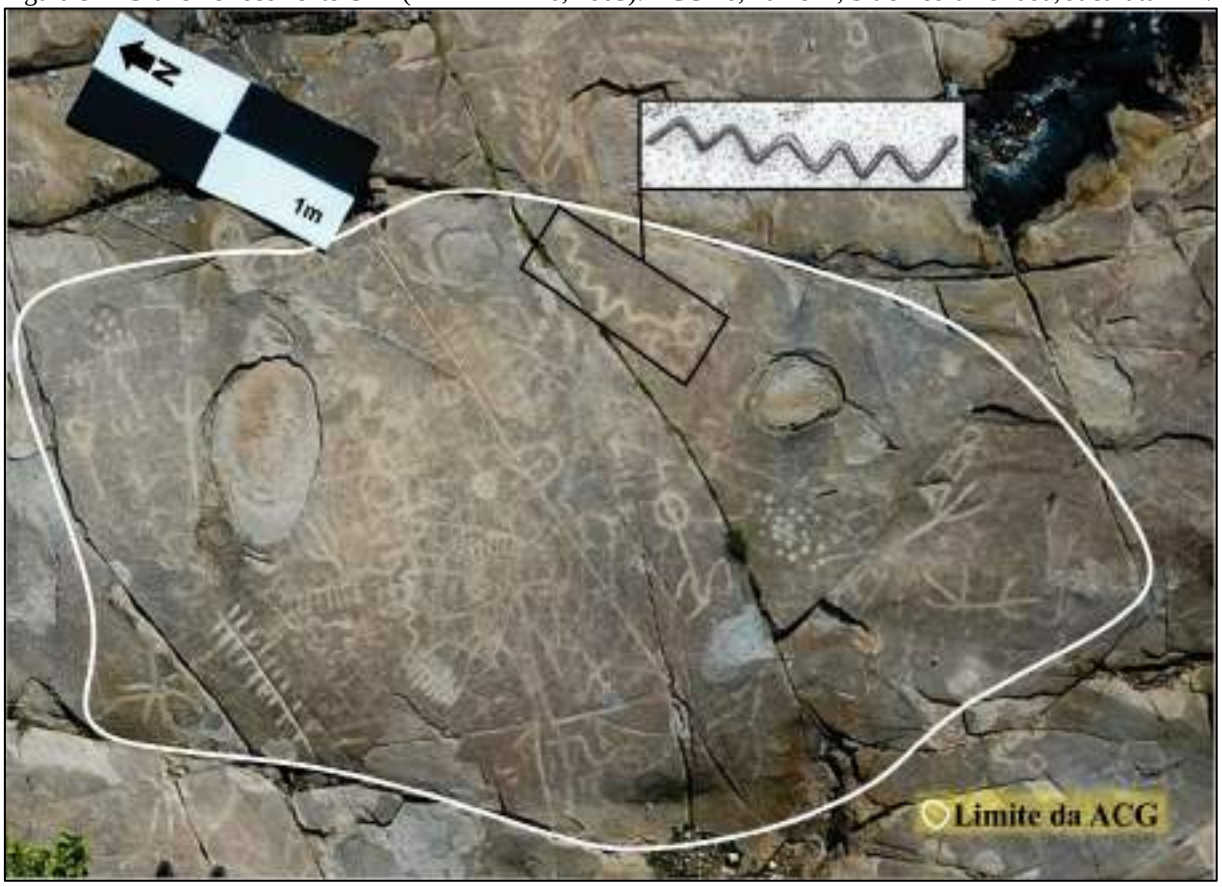
A ACG 10 (Figura 81) está localizada na área leste do painel 4, distando 1 m a norte da ACG 9. A ACG 10 apresenta quatro (04) pontos de desplacamento, e fissuras na rocha suporte.

Existe uma grande incidência de sobreposições gráficas na ACG 10, principalmente no centro da ACG, isso gerou uma dificuldade na identificação dos grafismos pois os traços e morfologias dos mesmos estavam comprometidos. Foram analisados dezoito (18) grafismos, dos quais onze (11) foram gravados a partir da técnica da picotagem, cinco (05) pela raspagem e dois (02) pela raspagem associada ao polimento.

Figura 81 - Vista aérea da ACG 10. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Dos dezoito (18) grafismos analisados dezessete (17) foram classificados como irreconhecíveis e um (01) como recorrente. O grafismo recorrente é semelhante ao GR2 evidenciado por Maranhão (2003) (Figura 82).

Figura 82 - Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃ0, 2003). ACG 10, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.4.11 ACG 11*

A ACG 11 (Figura 83) está localizada na parte centro-leste do painel 4, distando 0,63 m a oeste da ACG 10. Foram analisados treze (13) grafismos, dos quais nove (09) foram gravados a partir da técnica da picotagem, dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem, um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento, e um (01) pela técnica do polimento. Os treze (13) grafismos analisados foram classificados como irreconhecíveis.

Figura 83 - ACG 11, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.12 ACG 12*

A ACG 12 (Figura 84) está localizada na extremidade norte do painel 4. Foram analisados treze (13) grafismos, dos quais onze (11) foram gravados a partir da técnica da picotagem, um (01) pela técnica da raspagem, e um (01) pela técnica da raspagem associada ao polimento. Dos treze (13) grafismos analisados, onze (09) foram classificados como irreconhecíveis, um (01) como recorrente, e três (03) como reconhecíveis.

Figura 84 - ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

O grafismo recorrente existente na ACG 12 é equivalente ao GRCP2 existente também no sítio Córrego do Peixe I e Lajedo do Getúlio (Figura 85). Já os grafismos reconhecíveis e

recorrentes são três tridígitos em linha reta que acreditamos ser uma alusão a pegadas de aves (Figura 86), nesse sentido esses grafismos tem caráter reconhecível.

Figura 85 - Grafismos recorrentes. a) GRCP1, ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; c) GRCP1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

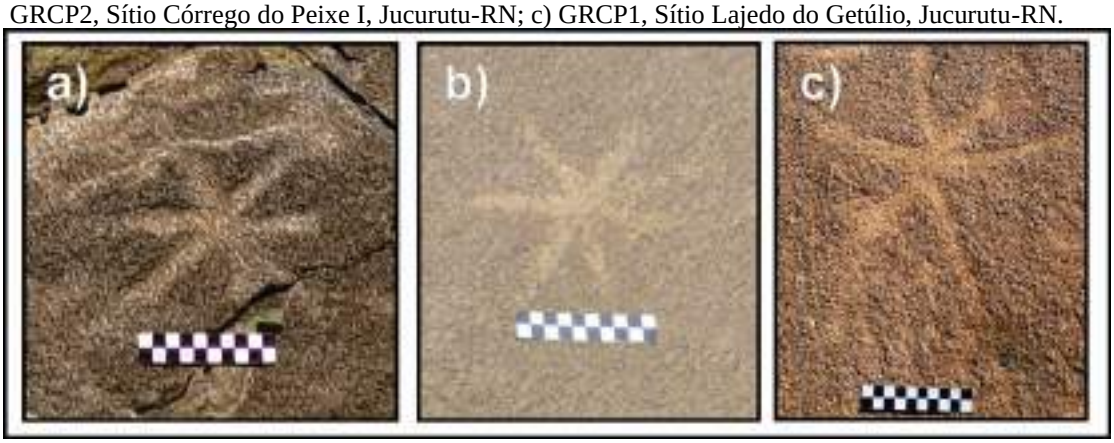
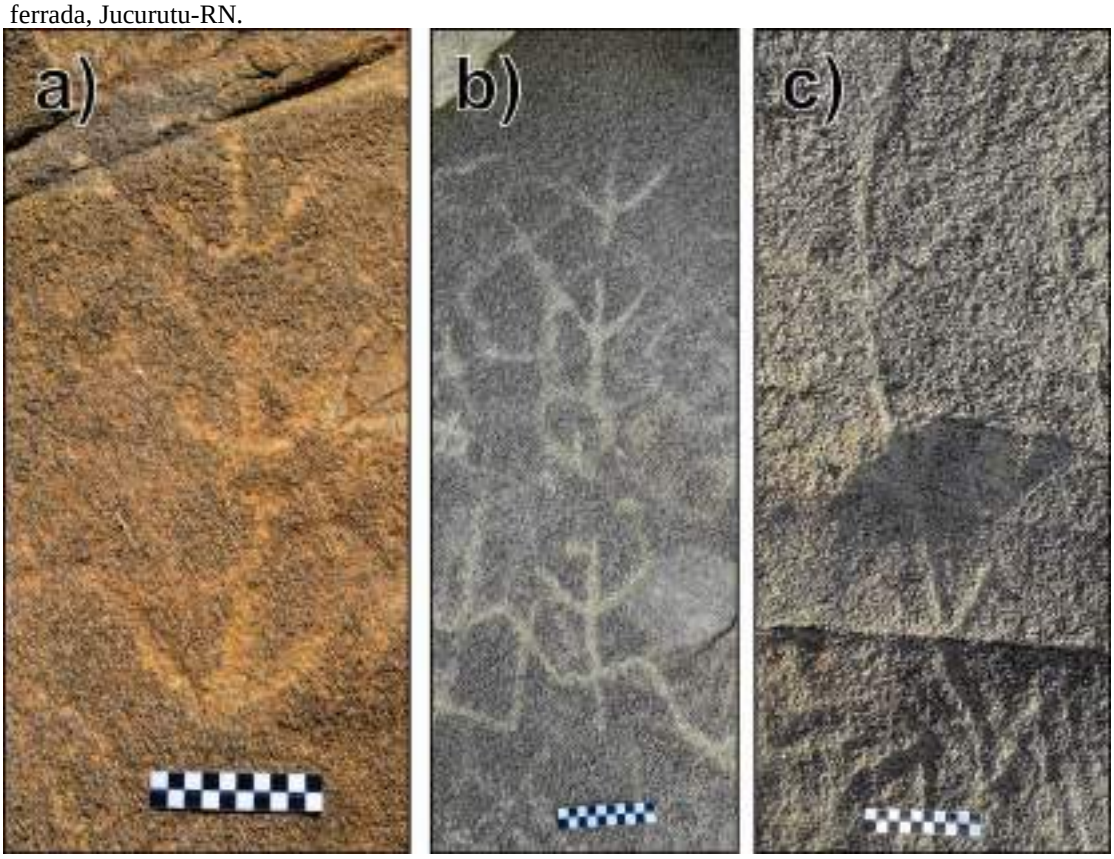



Figura 86 - Grafismo reconhecível "pegadas de ave". a) ACG 12, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) ACG 4, Painel 4, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) ACG 7, Painel 2, Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.4.13 ACG 13*

A ACG 13 (Figura 87) está localizada na extremidade norte do Painel 4, em uma área bastante afetada pelo desplacamento da rocha suporte. Foram analisados seis (06) grafismos, dos quais quatro (04) foram gravados a partir da técnica da picotagem, um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e um (01) pela técnica da picotagem associada ao polimento. Dos seis (06) grafismos analisados, cinco (05) foram classificados como irreconhecíveis e um (01) como recorrente ao grafismo GR11 de Maranhão (2003) (Figura 88).

Figura 87 - ACG 13, Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 88 - Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003). ACG 13, Painel 4, Sitio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.14 ACG 14*

A ACG 14 (Figura 89) está localizada na extremidade norte do painel norte do painel 4, entre as ACGs 1 e 13. Foram analisados nove (09) grafismos, dos quais cinco (05) foram gravados a partir da técnica da picotagem, três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem e um (01) pela técnica da raspagem. Os nove (09) grafismos foram considerados irreconhecíveis.

Figura 89 - Imagem geral da ACG 14. Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.4.15 Grafismos Isolado do Painel 4*

O painel 4 apresentou inúmeros grafismos isolados, no entanto, a maioria não apresentou as condições técnicas e morfológicas necessárias para análise. A ação do intemperismo na rocha suporte fez com que esses grafismos ficassem inutilizados para a nossa pesquisa. Apesar do intemperismo, encontramos cinco (05) grafismos isolados que apresentam condições de análise. Podemos destacar que três (03) grafismos são de caráter reconhecível e dois (02) são grafismos recorrentes, todos gravados pela técnica do picoteamento.

Entre os três (03) grafismos reconhecíveis temos um (01) zoomorfo em forma de ave, um (01) fitomorfo, e um (01) grafismo naturalista, que é uma representação de pegada (Figura

90). O grafismo mais afastado das ACGs pesquisadas no painel 4 é a representação de pegada, esse grafismo está localizado a 5,27 m de distância da ACG 10. Já os grafismos recorrentes são semelhantes aos grafismos recorrentes GR16 e GR18 de Maranhão (2003) (Figura 91).

Figura 90 - Grafismos isolados: a) Zoomorfo, b) Fitomorfo, c) Grafismos Naturalista (representação de pegada/pé). Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

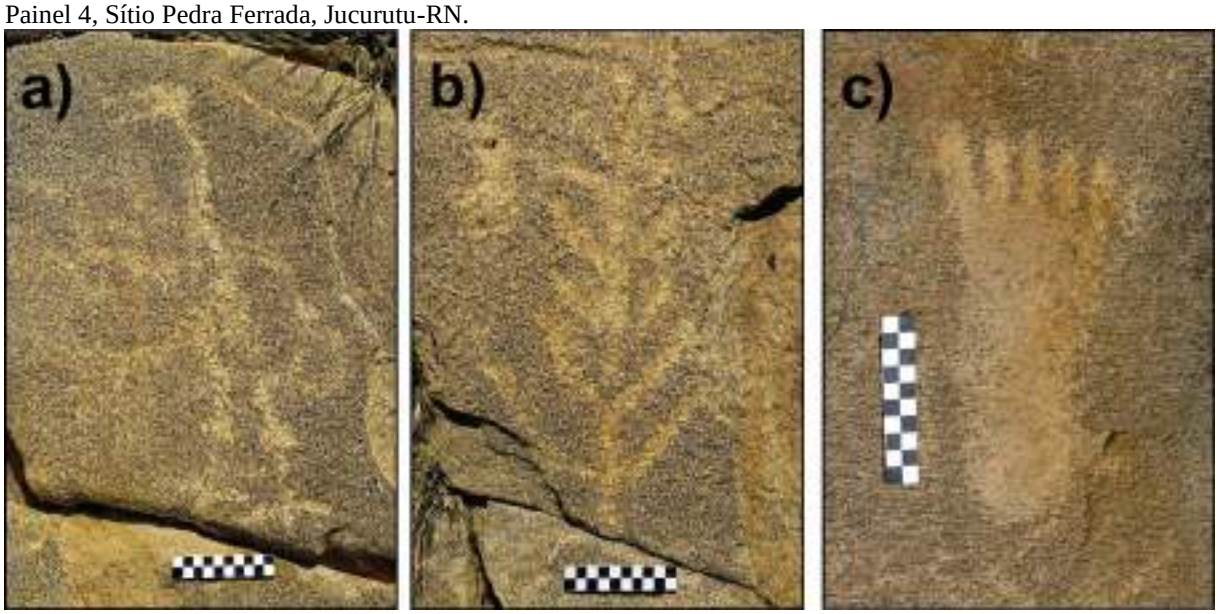
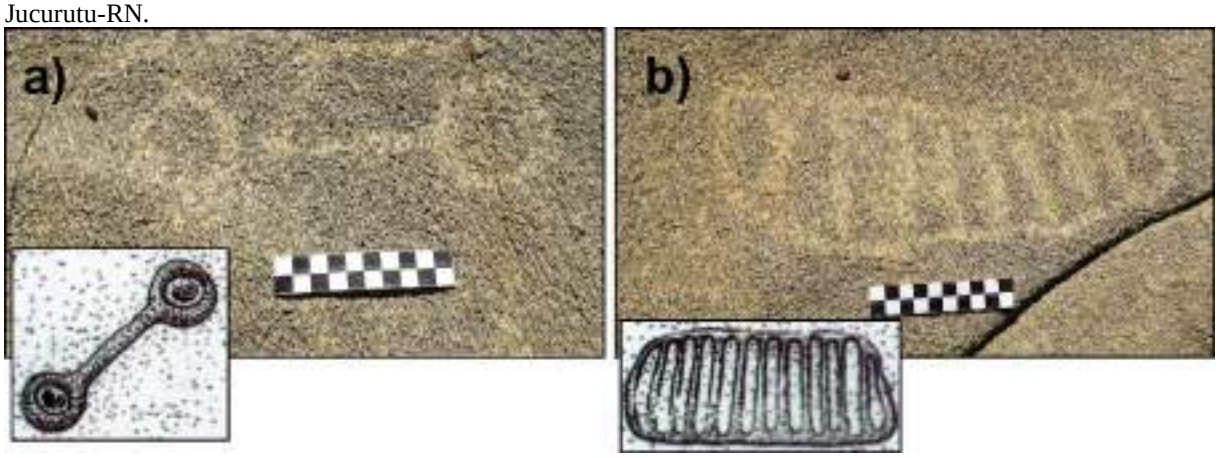


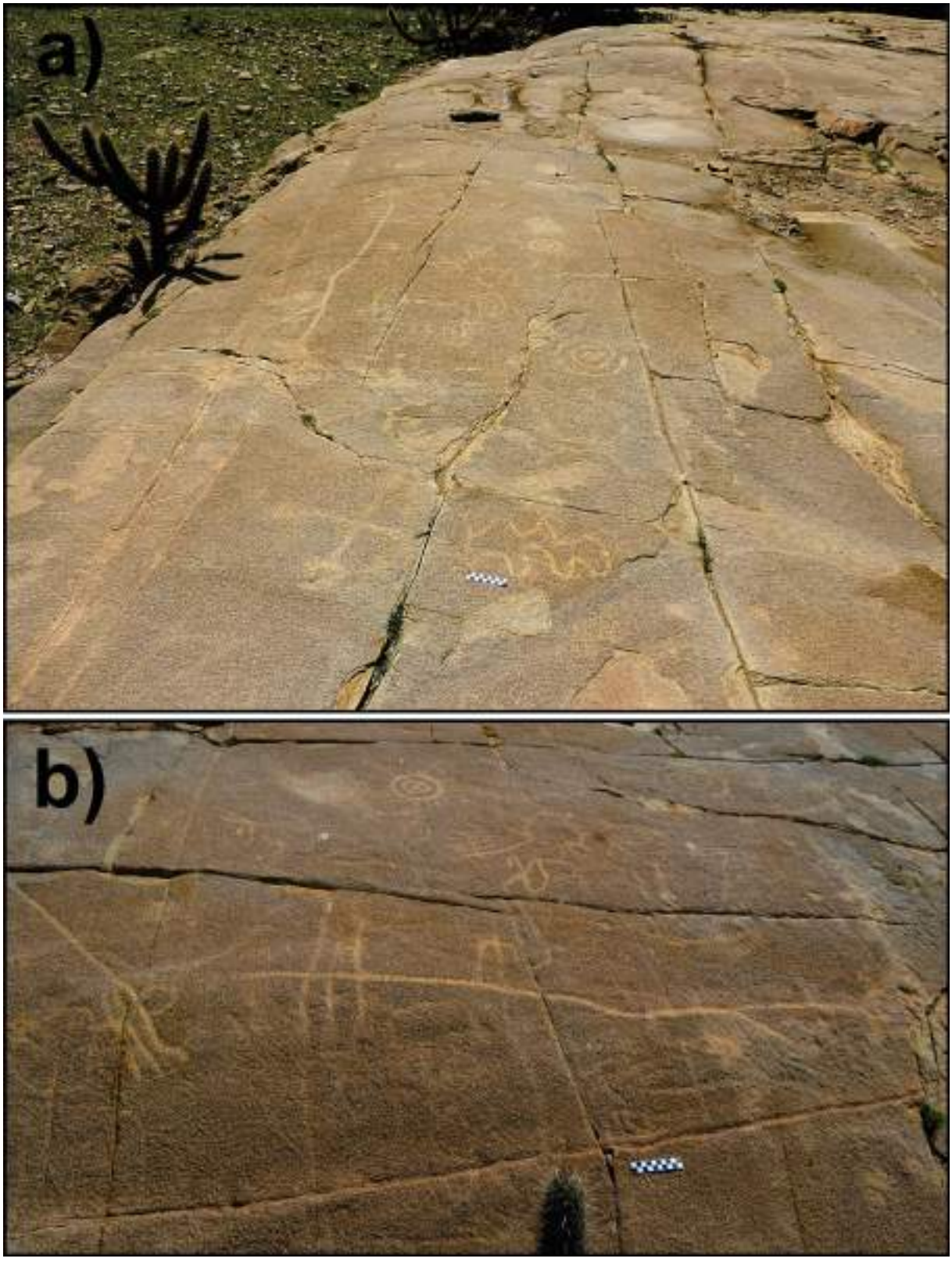

Figura 91 - Grafismos recorrentes: a) GR16, b) GR18 (MARANHÃO, 2003). Painel 4, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




*5.1.1.4.5 Painel 5*

O painel 5 (Figura 92) mede 1,65 m de largura por 2,45 m de comprimento, tendo como rocha suporte o granito, com pequenos veios de quartzo em alguns pontos da rocha. O suporte também apresenta uma esfoliação hídrica que prejudicou a conservação de gravuras mais antigas. Essa esfoliação é resultado dos vários anos de exposição aos agentes intempéricos, já que consiste em um sítio a céu aberto.

Figura 92 - Painel 5, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN. a) Imagem geral do Peine 5; b) detalhe do centro do Painel 5.



A conservação do painel varia entre boa e ruim. A técnica predominante é a picotagem associada à raspagem, e os instrumentos utilizados tinham caráter percussor e raspador, com um gume de 0,7 cm para o percutor e 1 cm para o raspador. Os grafismos têm trações que variam entre 0,7 cm e 1,5 cm de espessura e oscilam entre 0,1 mm e 0,2 mm de profundidade.

O Painel 5 é composto por uma área gravada sem ACGs, com espaços entre os grafismos que varia entre 5 cm e 10 cm. Notamos uma delimitação do espaço gráfico, onde os grafismos estão dispostos entre um veio de quartzo e uma rachadura na rocha como ocorre nos painéis 1, 2 e 3 do Sítio Pedra Ferrada.

Foram analisados treze (13) grafismos, dos quais nove (09) foram gravados a partir da técnica da picotagem, dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e dois (02) pela técnica da raspagem. Os treze (13) grafismos analisados foram considerados irreconhecíveis.

#### *5.1.1.4.6 Painel 6*

O painel 6 (Figura 93) tem uma área gravada que mede 1,5 m de largura por 1,25 m de comprimento, a rocha suporte é o granito. O suporte apresenta uma esfoliação hídrica leve, disjunção esferoidal e rachaduras em vários pontos.

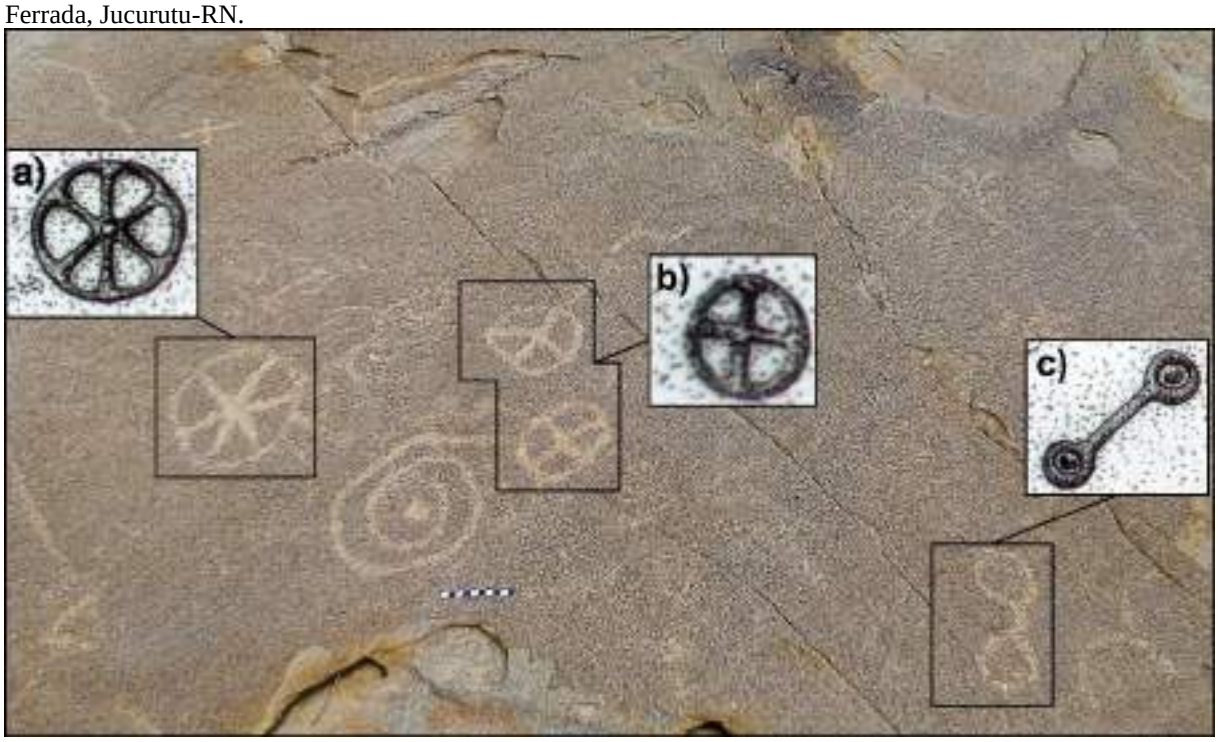
Figura 93 - Vista geral do painel 6. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

O painel contém apenas uma área gravada, e nela está inserida uma ACG que mede 50 cm de largura por 64 cm de comprimento com um espaço médio de 6 cm entre as gravuras que formam a ACG. Além da ACG, existem grafismos isolados que estão localizados a uma distância média de 6 cm da ACG.

Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percussor e raspador, com medidas médias para os gumes de 0,6 cm para o percutor e 1,3 cm para o raspador. Os grafismos têm trações que variam entre 1 cm e 2,2 cm de espessura, e a profundidade dos sulcos das gravuras oscila entre 0,1 mm e 0,2 mm.

Foram analisados oito (08) grafismos, dos quais cinco (05) foram gravados pela técnica da picotagem, e três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Dos oito (08) grafismo analisados, quatro (04) foram considerados irreconhecíveis, e quatro (04) como recorrentes (Figura 94). Foram identificados entre os grafismos recorrentes dois (02) grafismos recorrentes GR11, um (01) GR4 e um (01) GR16, todos recorrentes ao repertório de grafismos de Maranhão (2003).

Figura 94 - Grafismos Recorrentes: a) GR4; b) GR11; c) GR16 (MARANHÃO, 2003). Painel 6, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



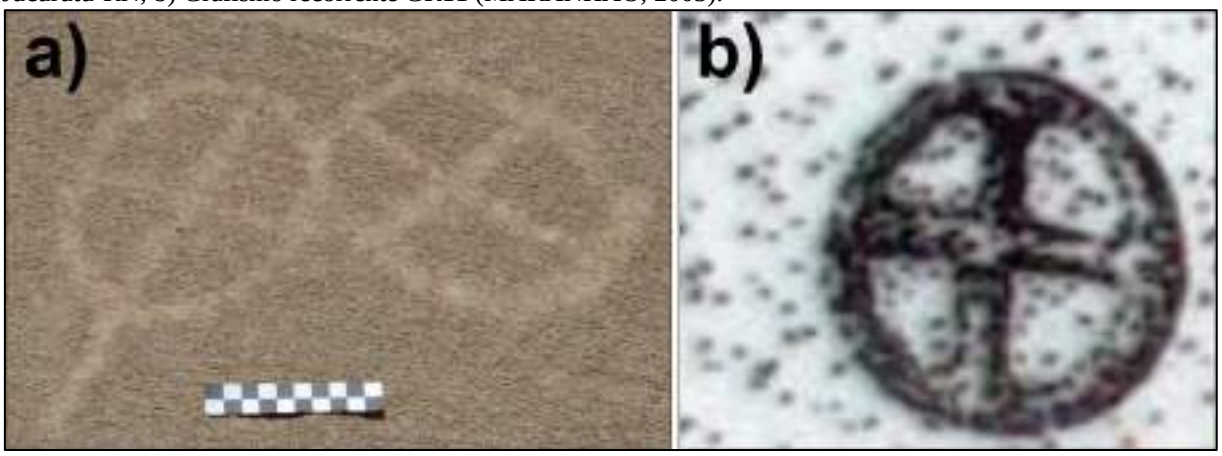

*5.1.1.4.7 Painel 7*

O painel 7 (Figura 95) é composto por oito (08) grafismos. Trata-se de uma área gravada periférica, remanescente do que já foi um painel destruído pelo desplacamento (disjunção esferoidal) do suporte rochoso. Na área gravada está inserida uma ACG que mede 31 cm de largura por 61 cm de comprimento, com um espaço médio entre os grafismos isolados e a ACG de 20 cm.

Figura 95 - Vista geral do Painel 7. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percussor e raspador, com um gume de 0,5 cm para o percutor, e 1,3 cm para o raspador. Os grafismos têm traços que variam entre 1 cm e 3 cm de espessura, e a profundidade dos sulcos das gravuras é de 0,2 mm e 0,4 mm. Foram analisados oito (08) grafismos, dos quais sete (07) foram realizados a partir da técnica da picotagem, e um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Dos oito (08) grafismos analisados, seis (06) foram considerados irreconhecíveis e dois (02) foram considerados recorrentes ao GR11 de Maranhão (2003) (Figura 96).

Figura 96 - Recorrências: a) Grafismos recorrentes ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 7. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003).




*5.1.1.4.8 Painel 8*

O painel 8 (Figura 97) tem uma área gravada que mede 53 cm de largura por 1,2 m de comprimento. Seus grafismos apresentam um estado de conservação razoável, e só não estão em melhor condição devido aos agentes intempéricos que atuam no suporte rochoso.

Figura 97 - Vista geral do Painel 8. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Foram analisados seis (06) grafismos, dos quais três (03) foram gravados a partir da técnica da raspagem, e três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percutor, com gume de 0,3 cm, e raspador, com um gume 1,3 cm. Os grafismos têm traços que variam entre 0,9 cm e 1,2 cm de espessura e suas profundidades oscilam entre 0,2 mm e 0,3 mm. Dos seis (06) grafismos pesquisados, cinco (05) foram considerados irreconhecíveis e um (01) como recorrente ao grafismo GR9 de Maranhão (2003) (Figura 98). Os espaços entre os grafismos no painel variam entre 1 cm e 3 cm.

Figura 98 - Grafismo recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003). Painel 8, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.9 Painel 9*

O painel 9 (Figura 99) mede 94 cm de largura por 2,18 m de comprimento. Os grafismos têm grau de conservação que varia entre razoável e ruim, pois a rocha suporte (granito) está bastante desgastada pela esfoliação hídrica e a disjunção esferoidal.

Figura 99 - Painel 9, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Os instrumentos utilizados para essas ações na rocha tinham caráter equivalente a tais técnicas (percussor e raspador), com gumes que variavam entre 0,4 cm e 0,6 cm para o percutor e 1 cm para o raspador. Existe a irregularidade dos traços e das bordas dos grafismos, característica específica da utilização dessas duas técnicas de execução. Os grafismos têm traços que variam entre 1 cm e 1,7 cm de espessura oscila entre 0,2 mm e 0,3 mm de profundidade A área gravada do painel apresenta quatro (04) ACGs (Figura 100), que estão separadas por fraturas na rocha suporte, e o espaço médio entre as ACGs é de 10 cm, já o espaço médio entre as gravuras nas ACGs é de 5 cm. As ACGs medem respectivamente (Tabela 5):

Tabela 5 - Dimensões das ACGs do Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 1, 22 m | 0,87 m |
| 2 | 0,75 m | 0,73 m |
| 3 | 0,70 m | 0,57 m |
| 4 | 0,68 m | 0,84 m |

Figura 100 - ACGs pesquisadas no Painel 9. Sito Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

A ACG 1 (Figura 101) está localizada na extremidade leste do Painel 9, a 11 cm a leste da ACG 2. Foram analisados cinco (05) grafismos na ACG 1, e todos foram gravados a partir da técnica da raspagem, além disso, os cinco (05) grafismos foram classificados como irreconhecíveis.

A ACG 2 (Figura 102) está localizada na região centro-oeste do painel 9. Foram analisados seis (06) grafismos, dos quais quatro (04) foram gravados a partir da técnica da picotagem, e dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Todos foram classificados como irreconhecíveis.

No centro-leste do painel 9 temos a ACG 3 (Figura 103), localizada 13 cm a leste da ACG 2, composta por sete (07) grafismos. A partir da análise constatamos que, todos os sete (07) grafismos foram gravados pela técnica da picotagem, além disso, todos são de caráter irreconhecível.

A ACG 4 (Figura 104) está localizada 72 centímetros a leste da ACG 3. Foram analisados quatro (04) grafismos, todos foram gravados a partir da técnica da picotagem. Além disso os grafismos apresentaram caráter irreconhecível.

Figura 101 - ACG 1, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

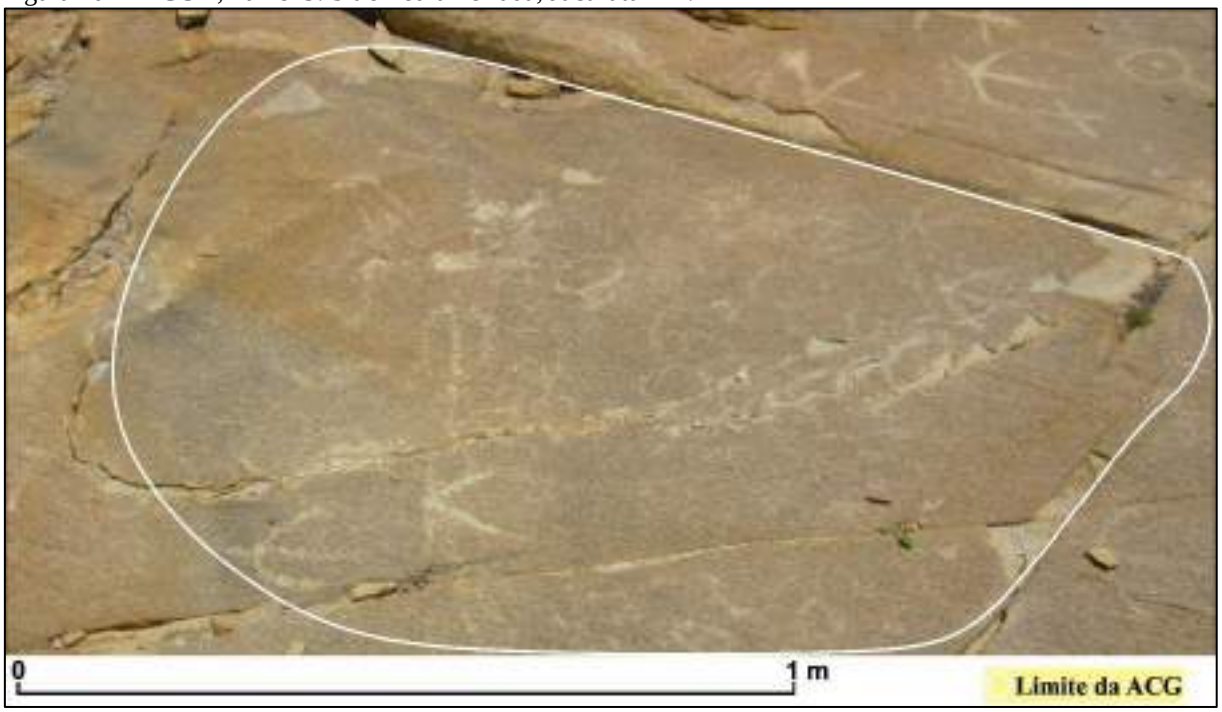



Figura 102 - ACG 2, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 103 - ACG 3, Painel 9. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 104 - ACG 4, Painel 9, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.10 Painel 10*

O painel 10 (Figura 105) mede 94 cm de largura por 2,18 m de comprimento. Os grafismos têm grau de conservação que varia entre razoável e ruim, pois a rocha suporte está bastante desgastada pela esfoliação hídrica e a disjunção esferoidal (desplacamento). O painel tem sua área gravada homogênea, com apenas uma (01) ACG, e o espaço médio entre os grafismos é de 8 cm.

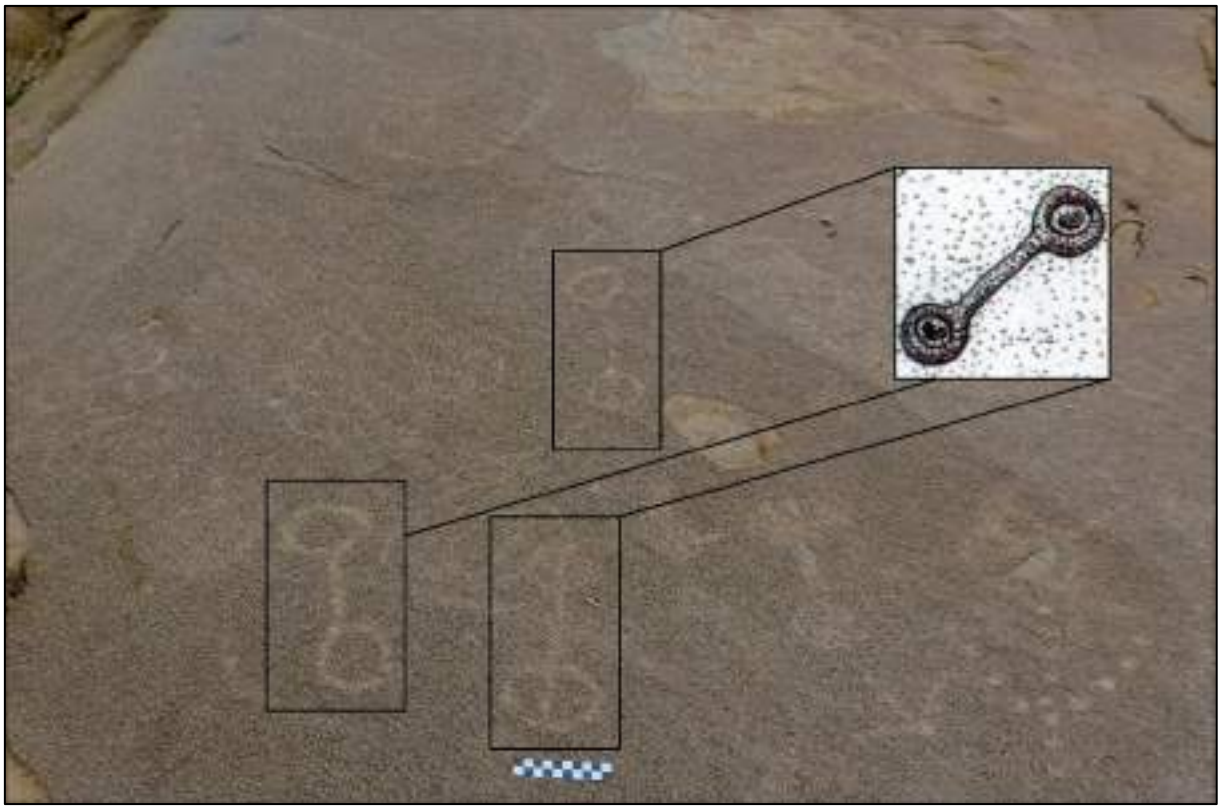
Figura 105 - Vista geral do painel 10, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Foram analisados nove (09) grafismos, dos quais oito (08) foram gravados a partir da técnica da picotagem e um (01) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os instrumentos utilizados para a confecção das gravuras tinham caráter percutor com gume de 0,6 cm. A espessura do traço varia entre 1 cm e 1,2 cm, e a profundidade dos sulcos dos grafismos varia entre 0,1 mm e 0,5 mm.

Dos nove (09) grafismos analisados, seis (06) foram classificados como irreconhecíveis, e três (03) foram considerados semelhantes ao grafismo recorrente GR16 de Maranhão (2003) (Figura 106), apresentando algumas variações morfológicas que podem retratar momentos

pictóricos ou estilos distintos, além de uma possível variação morfológica específica para o sítios do Córrego do Peixe.

Figura 106 - Grafismos recorrentes ao grafismo GR16 de Maranhão (2003). Painel 10, Sítio pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



*5.1.1.4.11 Painel 11*

O painel 11 (Figura 107) mede 5 m de largura por 6,18 m de comprimento. O painel apresenta alguns pontos de desplacamento da rocha, mas isso não comprometeu tanto o acervo gráfico, assim consideramos que o painel 11 está em bom estado de conservação, garantindo, assim, uma boa visualização das gravuras. O painel 11 tem uma área gravada homogênea, sem pontos de ACGs, e notamos que os grafismos estão circundando uma área que ocorre uma pequena depressão na rocha, na qual se acumula uma pequena poça de água.

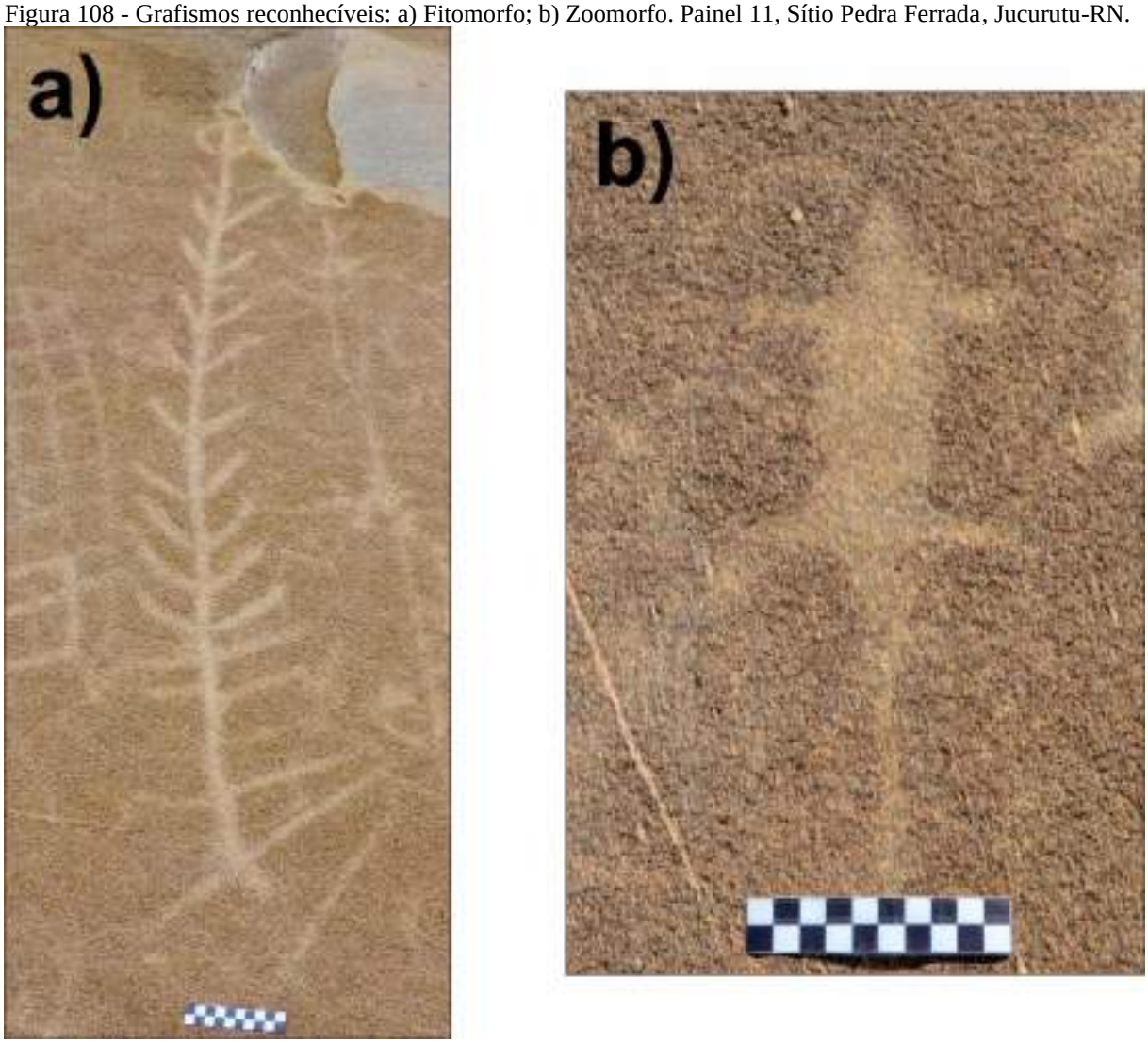
Figura 107 - Visão aérea do Painel 11. Sítio Pedra ferrada, Jucurutu-RN.

Foto: Henrique Dantas, 2019.

Foram analisados quarenta e oito (48), dos quais trinta e dois (32) foram gravados a partir da técnica da picotagem, treze (13) pela técnica da picotagem associada a raspagem, três (03) pela técnica da raspagem. A princípio, achamos que existiam alguns grafismos polidos, mas essa hipótese foi descartada, pois as bordas dos traços eram irregulares, característica da técnica raspagem. Os instrumentos utilizados para essas ações na rocha tinham caráter percussor e raspador, com médias de medidas do gume de 0,6 cm para o percutor e 1 cm para o raspador.

Dos quarenta e oito (48) grafismos analisados, quarenta e seis (46) foram classificados como irreconhecíveis e dois (02) como reconhecíveis. Os grafismos reconhecíveis equivalem a um (01) fitomorfo e um (01) zoomorfo (Figura 108), e esse zoomorfo representa um lagarto.

Figura 108 - Grafismos reconhecíveis: a) Fitomorfo; b) Zoomorfo. Painel 11, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.



### *5.1.1.4.12 Painel 12*

O painel 12 (Figura 109) mede 73 cm de largura por 4,1 m de comprimento. A parte inferior do painel apresenta um desplacamento de 43 cm de largura por 4,6 m de comprimento, o que comprometeu as gravuras que estavam localizadas na parte inferior do painel. Na área superior também existem alguns pontos com desplacamento, o que é comum para esse tipo de rocha (granito).

Figura 109 - Vista geral do painel 12, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Foram analisados trinta e oito (38) grafismos, dos quais vinte e nove (29) foram gravados a partir da técnica da técnica da picotagem, seis (06) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e três (03) pela técnica da raspagem. Os traços dos grafismos variam entre 1,2 cm e 3 cm de espessura, com a profundidade do traço variando entre 0,1 mm e 0,4 mm. Com isso, constatamos que os objetos utilizados para a prática pictórica tinham gumes com um tamanho médio de 0,7 cm para o picotador e que o raspador era a 1,2 cm.

Os grafismos do painel 12 diferem-se de todos os outros grafismos dos demais painéis do sítio Pedra Ferrada, pois apresentam formatos mais retilíneos. O painel é composto por uma única área gravada uniforme. Dos trinta e oito (38) grafismos analisados, trinta e sete (37) grafismos foram considerados irreconhecíveis, e um (01) como reconhecível que é uma representação de pegada (grafismo naturalista) (Figura 110).

Figura 110 - Grafismo Naturalista (Pé/Pegada). Painel 12, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

*5.1.1.4.13 Grafismos isolados do Sítio Pedra Ferrada*

Além dos painéis localizados no sítio Pedra Ferrada de maneira espalhada, também existem grafismos isolados na área do sítio, no entanto nem todos oferecem condições de análise. Assim escolhemos dois (02) grafismos que nos deram condições de analise morfológica e técnicas adequadas. Os grafismos escolhidos são um fitomorfo e um antropomorfo (Figura 111).

Figura 111 - Grafismos isolados: a) Fitomorfo, b) Antropomorfo. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

O fitomorfo apresentou duas técnicas, a raspagem e o polimento em alguns pontos. Já o antropomorfo foi gravado a partir da técnica da picotagem. O fitomorfo apresenta um traço na base do seu "tronco", acreditamos que esse traço é a representação do solo. Já o antropomorfo apresenta um os membros encurvados, isso dá a impressão de movimento, o que só vemos em grafismos da tradição nordeste de pinturas rupestres.

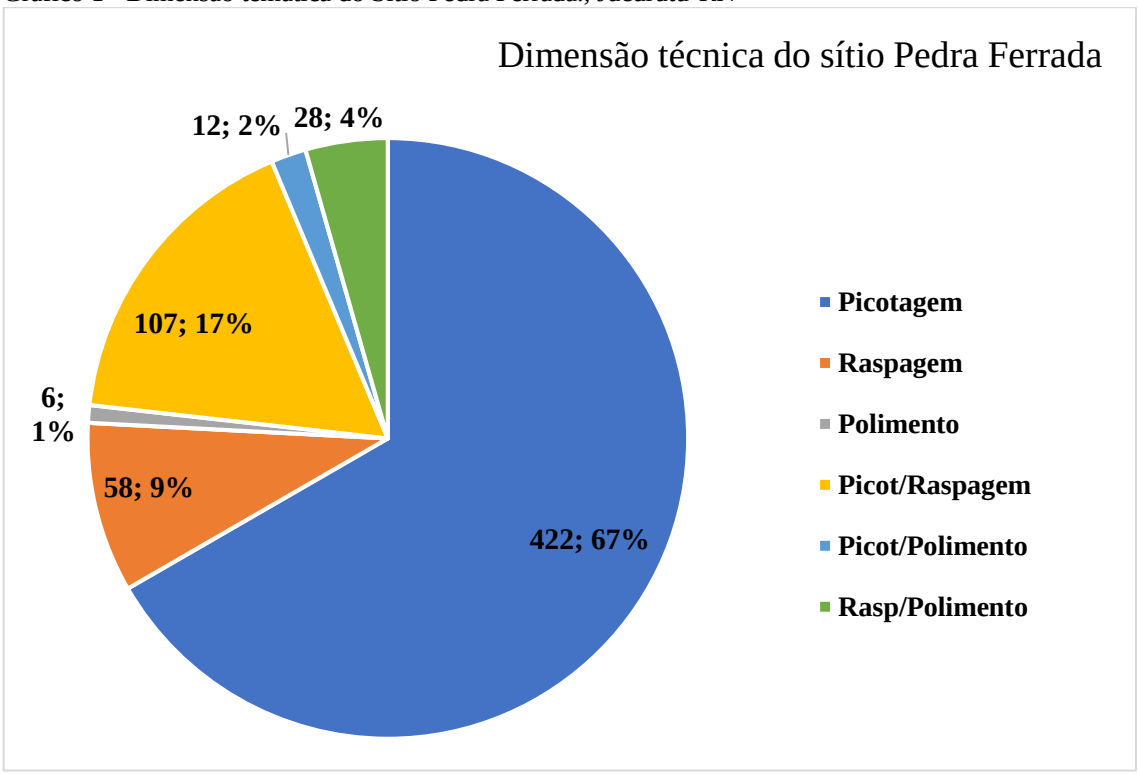
### 5.1.1.5 O Perfil Gráfico do Sítio Pedra Ferrada

O Sítio Pedra Ferrada apresenta 12 pontos com existência de área gravada bem definidas, que, na pesquisa, chamamos de painéis para facilitar na diferenciação e na organização durante o trabalho. Esses locais foram escolhidos a partir da conservação do acervo gráfico.

Foram analisados seiscentos e trinta e três (633) grafismos e, dentre eles, quatrocentos e vinte e quatro (422 = 67%) tinham como técnica gravadora a picotagem, cento e doze (107 = 17%) apresentaram a presença da associação entre picotagem e raspagem, cinquenta e um (58 = 9%) foram gravados pela técnica da raspagem, vinte e oito (28 = 4%) apresentaram a associação da raspagem com polimento, seis (6 = 1%) foram gravados a partir da técnica do

polimento, e doze (12 = 2%) dos grafismos foram gravados pela associação da picotagem com o polimento (Gráfico 1).

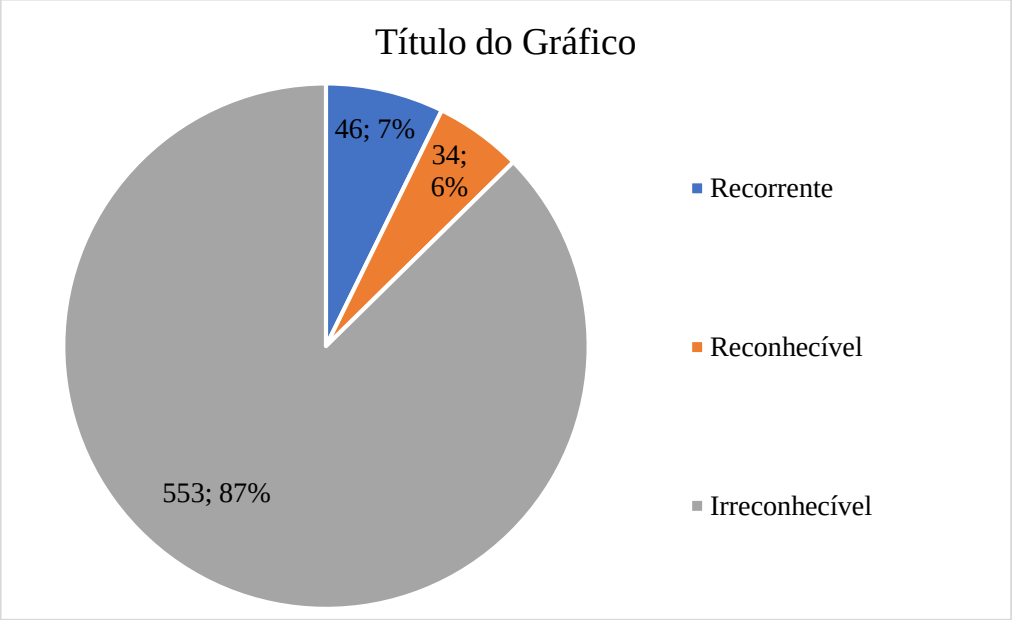
Gráfico 1 - Dimensão temática do Sítio Pedra Ferrada., Jucurutu-RN




Além disso, todos os grafismos com a técnica da raspagem apresentaram irregularidades em suas bordas, demonstrado utilização prévia da técnica do picoteamento, o que corrobora a hipótese de que antes da raspagem existia um picoteamento prévio, que servia para uma delimitação do traço.

O sítio apresentou grafismos reconhecíveis, recorrente e irreconhecíveis (Gráfico 2). Os grafismos recorrentes são similares aos das pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011), um total de quarenta e seis (46) grafismos, o equivalente a 7% da amostra. Além disso, foram identificados trinta e quatro grafismos (34) grafismos reconhecíveis, sendo quatro (04) antropomorfos, quatro (04) zoomorfos, sete (07) fitomorfos, e dezenove (19) grafismos naturalistas (pés e de animais); esses grafismos equivalem a 6% da amostra. Os outros quinhentos e cinquenta e três (533) grafismos foram enquadrados como grafismos irreconhecíveis, equivalentes a 87% da amostra. Dos quatro (04) antropomorfos, três (03) estavam nas margens da sua ACG, e um (01) estava de forma isolada.

Gráfico 2 - Dimensão Temática do Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




A espessura média dos grafismos do Pedra Ferrada é de 1,2 cm por uma profundidade média de 0,2 mm. Já o espaço médio geral entre os grafismos é de 5 cm e de 10 cm entre uma ACG e outra. O tamanho médio das ACGs é de 1,18 m de largura por 1,56 m de comprimento.

Dos doze (12) painéis, onze (11) apresentaram áreas gravadas voltadas para a direção sudoeste, ponto da localização do Córrego do Peixe, o que pode ser uma alusão a esse corpo hídrico. Em relação aos momentos pictóricos, foram estabelecidas, a partir das vetorizações feitas pelo programa Photoshop CC, cronologias hipotéticas por sua diferenciação de cor e clareza de traço. Assim, ao analisarmos os painéis do Pedra Ferrada, foram evidenciados os momentos pictóricos (Tabela 6):

Tabela 6 - Tabela representando os momentos pictóricos hipotéticos identificados nos painéis analisados do sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

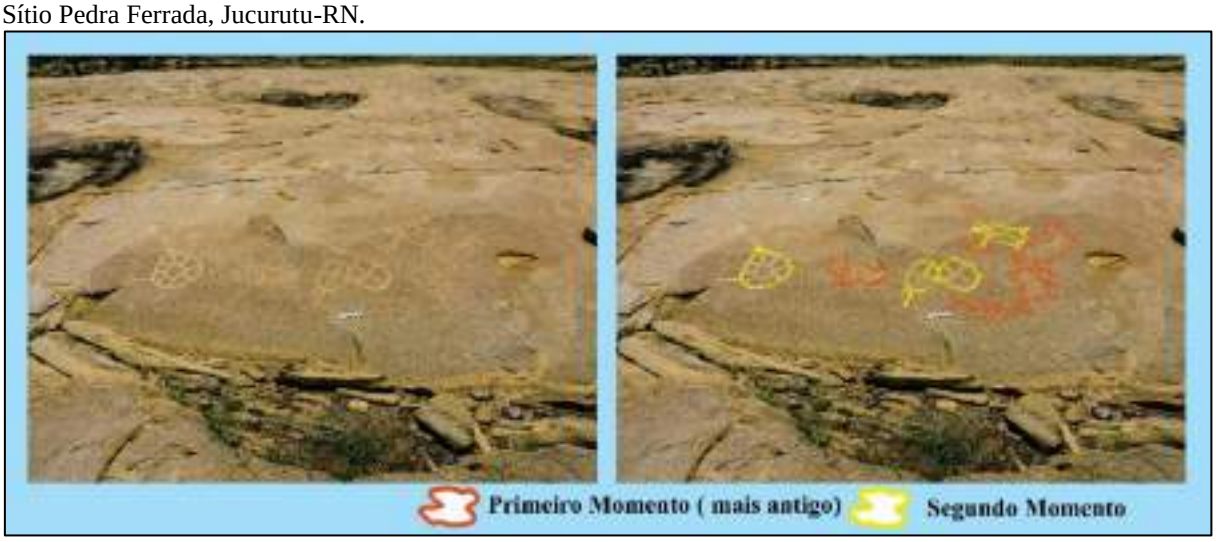
| Painel | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Momento Pictórico | 3 | 3 | 2 | 3 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | 3 | 2 |

Consideramos as camadas criadas a partir da seleção das tonalidades semelhantes no programa. Assim, os grafismos mais visíveis sempre se destacavam a partir de sua tonalidade, por suposição, os mais aparentes são os mais recentes e o *dégradé* das tonalidades vai ditando a sequência dos momentos pictóricos. Podemos citar como exemplo os painéis 4 e 7 (Figuras 112 e 113) que demonstram as diferentes cronologias:

.

Figura 112 - Detalhe da vetorização do painel 4, exposição dos três momentos pictóricos distintos e hipotéticos. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.

Figura 113 - Detalhe da vetorização do painel 7, exposição dos dois momentos pictóricos distintos e hipotéticos. Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN.




### 5.1.2 O Sítio Arqueológico Pedra Ferrada II

#### 5.1.2.1 Localização

O Sítio Arqueológico Pedra Ferrada II está localizado no município de Jucurutu-RN, na comunidade rural Pedra Ferrada. Suas coordenadas são 6° 09' 00.2" S e 37° 09' 45.7" W, com uma cota altimétrica de 128 m. O acesso se dá a partir da cidade de Jucurutu, seguindo em direção à cidade de Caicó pela RN-118. Após percorrer cerca de 12 km (chegando à comunidade de Aroeira), entrar à direita, em uma estrada de barro, e percorrer mais 12 km até chegar à Fazenda Pedra Ferrada (conhecida também como Baixa da Oiticica). O sítio

arqueológico está situado a cerca de 913 m da casa sede da fazenda em direção sul, e a 417 m do sítio arqueológico Pedra Ferrada, em direção nordeste.

#### 5.1.2.2 Geomorfologia

O Sítio Pedra Ferrada II fica em uma área de meia encosta de um morro, rodeada por essas formas de relevo, além de algumas serras a noroeste. A área do entorno do sítio é composta por uma Caatinga arbustiva, aparentemente bem conservada e a fonte de água mais próxima do sítio é o Córrego do Peixe, onde o ponto mais próximo dista cerca de 227 m a leste.

A rocha suporte do sítio é o granito, apresentando um elevado processo de intemperismo, o que comprometeu a maior parte do acervo gráfico. Notamos que a principal causa desse elevado intemperismo no sítio é sua situação ambiental, por ser um sítio a céu aberto, onde o suporte está totalmente exposto a agentes intempéricos como o sol, a chuva o vento, etc. Além disso, a rocha acompanha o declive natural do solo, causando também uma esfoliação hídrica nos painéis. Com isso, o suporte rochoso do sítio apresenta vários pontos de desplacamento (disjunção esferoidal), que, na realidade, é a principal causa física desses fatores intempéricos.

O sítio (Figura 114) não apresenta possibilidades de sondagens arqueológicas, pois o solo é muito raso e pedregoso na área, assim, uma intervenção arqueológica de maior nível(escavação) é inviável.

Figura 114 - Vista geral do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

5.1.2.3 O Sítio

O sítio é composto por três (03) áreas gravadas, que chamamos de painel, em um estado de conservação razoável. Elas estão em pontos afastados entre ambas. As áreas gravadas medem respectivamente: área gravada 1: 53 cm de largura por 70 cm de comprimento; a área gravada 2 mede: 57 cm de largura por 1 m de comprimento; a área gravada 3 mede: 80 cm de largura por 1,4 m de comprimento.

*5.1.2.3.1 Painel 1*

O painel 1 (Figura 115) é composto por quatro gravuras no total, todas de cunho irreconhecível, onde duas estão bem aparentes e as outras duas são apenas marcas incompletas. Os grafismos foram elaborados a partir das técnicas da picotagem, e, posteriormente, foi utilizada a raspagem, onde os traços variam entre 0,9 cm e 2 cm de espessura por uma profundidade que oscila entre 0,2 mm e 1 mm. Os instrumentos utilizados teriam um cume com

média de medidas de 0,7 cm para o picotador, e 1 cm para o raspador. O espaço médio entre as gravuras é de 3 cm.

Figura 115 - Painel 1, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

*5.1.2.3.2 Painel 2*

O painel 2 (Figura 116) é composto por cinco (05) gravuras em um estado de conservação razoável. Os grafismos têm como técnica predominante a picotagem, com a espessura do traço de 1 cm. Essa oscilação do traço se deu pelo tamanho do gume do instrumento picotador, que era de 0,5 cm. Isso fez com que vários movimentos irregulares fossem realizados, causando, assim, a referida irregularidade. Já a profundidade de sulco é inexistente, pois os grafismos são bem superficiais.

Figura 116 - Vista geral do Painel 2, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

Uma das cinco (05) gravuras é um fitomorfo, e podemos constatar que o grafismo (Figura 117) está isolado dos demais que compõem a área gravada 2, que tem uma distância média de 3 cm. Já a distância do referido grafismo, que classificamos como isolado, é de 17 cm em relação ao grafismo mais próximo.

Figura 117 - Fitomorfo, Painel 2, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

*5.1.2.3.3 Painel 3*

O painel 3 (Figura 118) é composto por cinco grafismos, sendo quatro (04) zoomorfos e um (01) irreconhecível, que estão em um bom estado de conservação. A técnica predominante é o picoteamento em conjunto com a raspagem, e o traço dos grafismos varia entre 0,5 cm e 2 cm. Os grafismos não apresentam profundidade nos sulcos, pois as raspagens ocorreram de maneira superficial, sem se aprofundar tanto na rocha.

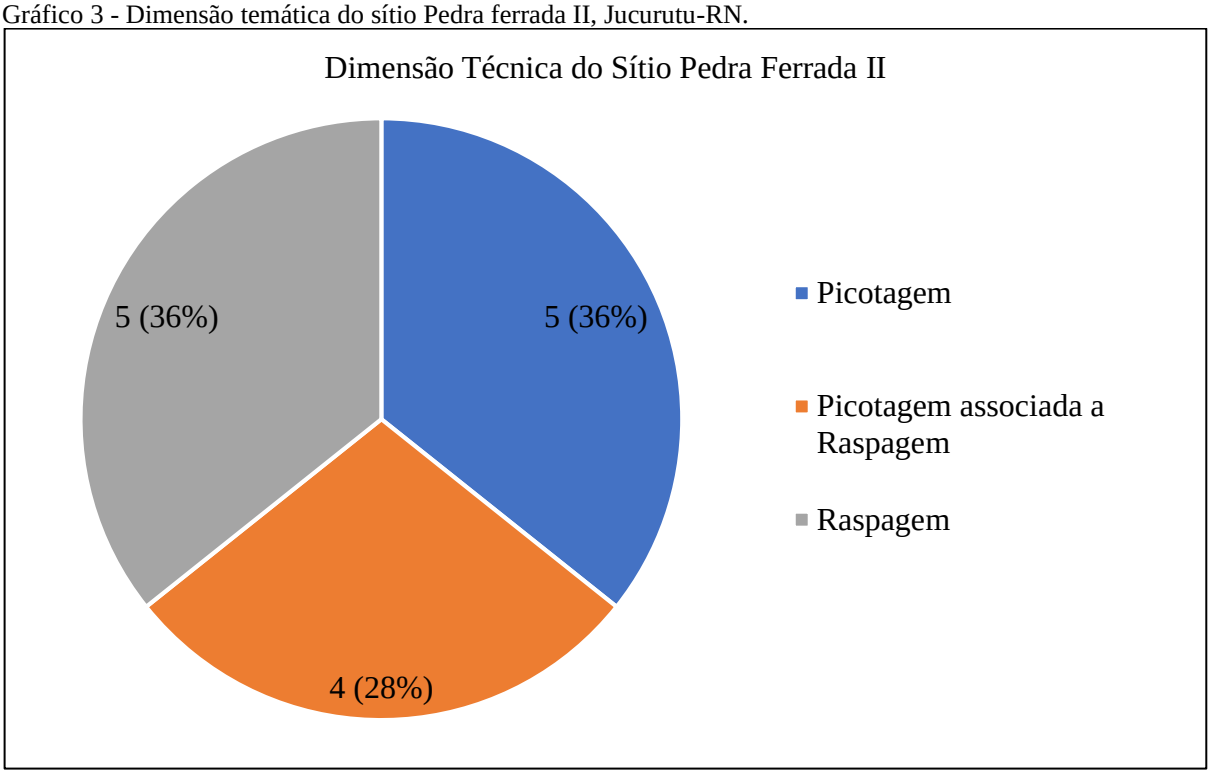
Figura 118 - Vista geral da mancha gráfica 3, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

Os grafismos compõem uma cena, o que é exceção para os sítios da área. A cena é composta por 3 zoomorfos (lagartos) indo de “encontro” a um zoomorfo (lagarto) que está na direção oposta. Além disso, os três (03) primeiros zoomorfos têm um formato um pouco diferente do zoomorfo que vem do sentido oposto, pois este tem um círculo no meio do seu dorso.

### 5.1.2.4 O perfil gráfico do Sítio Pedra Ferrada II

Foram analisadas quatorze (14) gravuras rupestres, nas quais cinco (5 = 36%) apresentam a da técnica da picotagem, cinco (5 = 36%) apresentam a técnica da raspagem, e quatros (4 = 28%) apresentam no traço a visível associação das técnicas da picotagem e raspagem (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Dimensão temática do sítio Pedra ferrada II, Jucurutu-RN.




Dos 14 grafismos, cinco (5 = 36%) eram reconhecíveis e nove (9 = 64%) irreconhecíveis. A média para a espessura dos traços dos grafismos é de 1,1 cm, e o espaço médio entre as gravuras é de 2,8 cm de distância.

O painel 2 apresentou grafismos muito semelhantes aos do painel 12 do Sítio Arqueológico Pedra Ferrada, onde estes têm traços mais retilíneos, confeccionados predominantemente a partir da técnica do picoteamento ou picotagem. Com isso, podemos inferir que pode ter sido o mesmo grupo cultural que gravou esses dois pontos já que a distância é relativamente próxima, cerca de 220 m entre os painéis.

Quanto a períodos de gravação, podemos citar que, na área gravada 3, além de ter uma cena em sua composição, apresenta também dois momentos pictóricos distintos (Figura 119), onde os zoomorfos são de um período mais recente que o outro grafismo puro. Isso não ocorre nas outras manchas gráficas, pois elas apresentam poucos grafismos, e seu entorno está bastante desgastado pelo intemperismo físico da rocha.

Figura 119 - Demonstração de momentos pictóricos distintos, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada II, Jucurutu-RN.

### 5.1.3 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe I

#### 5.1.3.1 Localização

O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe I está localizado no município de Jucurutu-RN, na comunidade rural Pedra Ferrada. Suas coordenadas são 6° 09' 07.5" S e 37° 09' 42.5" W, com uma cota altimétrica de 114 m. O acesso se dá a partir da cidade de Jucurutu, seguindo em direção à cidade de Caicó pela RN-118. Após percorrer cerca de 12 km (chegando à comunidade de Aroeira), entrar à direita, em uma estrada de barro, e percorrer mais 12 km até chegar à Fazenda Pedra Ferrada. O Sítio Arqueológico está situado a cerca de 1.054 m da casa sede da fazenda em direção sul.

#### 5.1.3.2 Geomorfologia

O sítio está localizado às margens do Córrego do Peixe, distando cerca de 2 m do leito do Córrego, entre dois morros baixos que ficam um a sudoeste e outro a sudeste. A vegetação do entorno do sítio é a Caatinga arbórea. O sítio (Figura 120) tem as gravuras dispostas sobre um lajedo granítico, parcialmente encoberto por sedimento que aflora em alguns pontos formando os suportes dos painéis.

Figura 120 - Vista parcial do Sítio Arqueológico Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Os suportes rochosos do sítio estão totalmente expostos a céu aberto, apresentando um intemperismo avançado. A disjunção esferoidal está presente na maior parte dos painéis, e esse agente intempérico, provavelmente, contribuiu para a destruição de uma parte significativa do acervo gráfico do sítio, assim os painéis mais próximos ao Córrego do Peixe apresentam uma leve esfoliação hídrica, enquanto a parte mais afastada do riacho tem um avançado grau de disjunção esferoidal. O sítio também apresenta áreas cobertas por líquens no painel 3, isso dificultou a segregação de alguns grafismos.

O sítio não apresenta possibilidades de sondagens pois não existe um pacote sedimentar favorável para tal método. Por estar em uma área próxima do curso d'água é constante a carreamento de sedimentos, vegetais e matéria orgânica, o que perturba o contexto arqueológico

do sítio. Além disso, nas áreas mais afastadas do Córrego do Peixe a camada de sedimento é muito delgada, com apenas 3 cm de profundidade.

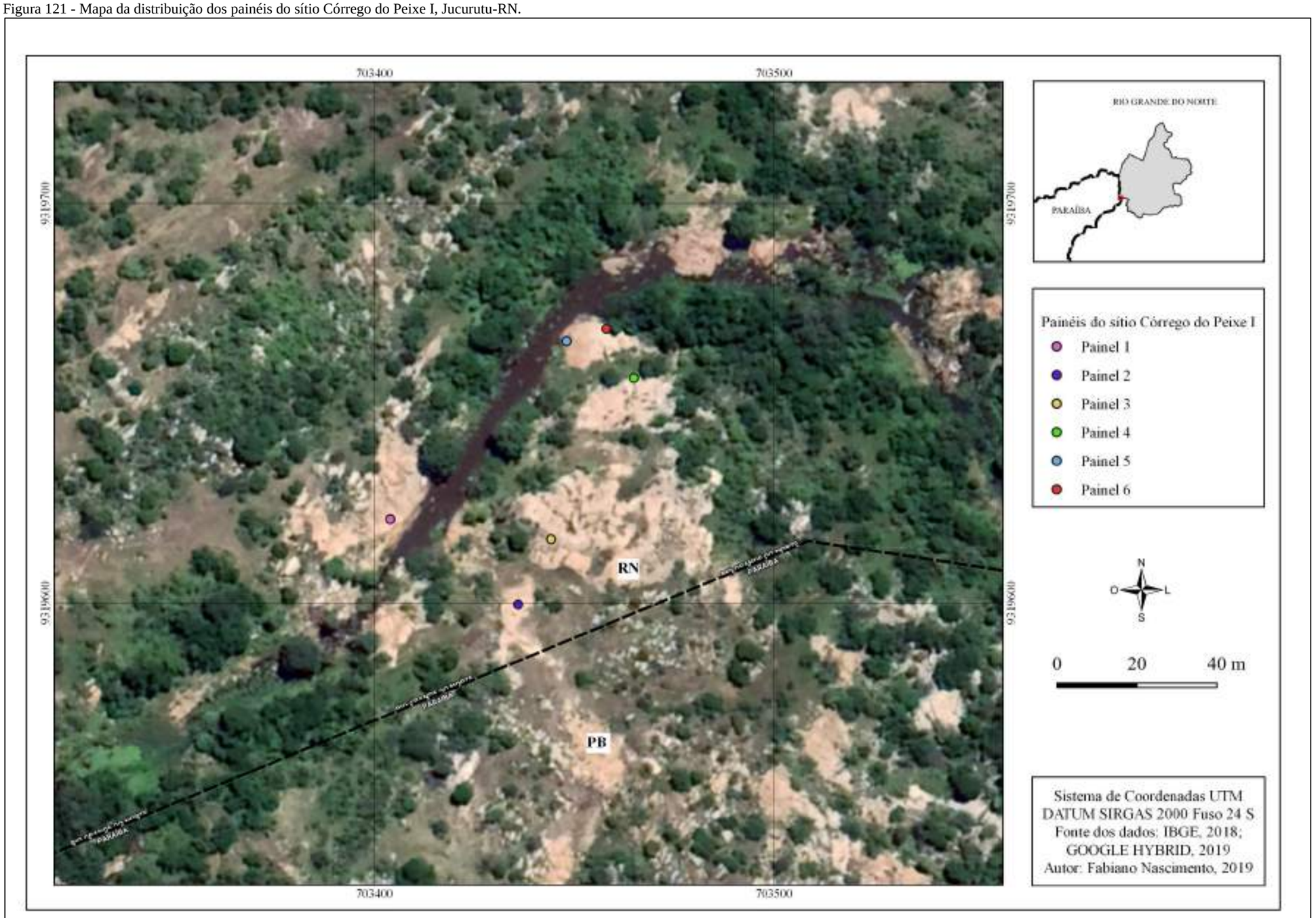
#### 5.1.3.3 O Sítio

O sítio é composto por seis (06) painéis (Figura 121), distribuídos entre as duas margens do Córrego do Peixe em uma área de 5855 m². Os painéis tem área gravadas que medem respectivamente (Tabela 7):

Tabela 7 - Dimensões das áreas gravadas dos painéis do sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

| Painel | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 4, 43 m | 5,32 m |
| 2 | 2,12 m | 2,53 m |
| 3 | 6,14 m | 7,96 m |
| 4 | 4 m | 2,12 m |
| 5 | 4,97 m | 7,53 m |
| 6 | 0,84 m | 3,87 m |

Figura 121 - Mapa da distribuição dos painéis do sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




Fonte: IBGE, 2018; GOOGLE HYBRID, 2019. Autor: Fabiano Nascimento, 2019.

#### *5.1.3.3.1 Painel 1*

O painel 1 (Figura 122) está localizado na margem oeste do sítio Córrego do Peixe, em um afloramento em forma de calha, distando 35 metros a noroeste do painel 2. Como o suporte está na encosta de um morro, e tem o formato de calha, as águas das chuvas e sedimento que escoam passam por cima do painel ocasionando um processo de esfoliação hídrica e oxidação da rocha suporte (Figura 123). O painel também apresenta um avançado processo de desplacamento (disjunção esferoidal).

Figura 122 - Vista geral do Painel 1. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Figura 123 - Detalhe do intemperismo no painel 1 do Sítio Córrego do Peixe I. Jucurutu-RN.

Foram analisados trinta e dois (32) grafismos, dos quais vinte e nove (28) foram gravados a partir da técnica da picotagem, três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem, e um (01) pela técnica da raspagem. Os instrumentos utilizados para a prática gravador tinha caráter percutor e raspador, com gume de 0,6 cm e 0,8 cm para o percutor, e entre e de 0,9 cm para o raspador.

Dos trinta e dois (32) grafismos analisados, vinte e um (21) foram considerados irreconhecíveis e onze (11) foram considerados recorrentes. Entre os onze (11) grafismos identificados como recorrentes podemos destacar um (01) GR1 (Figura 124), três (03) GR11 (Figura 125 e 126), três (03) GR18 (Figura 127), ambos do inventário de grafismos recorrentes de Maranhão (2003), e quatro (04) grafismos recorrentes que identificamos nos sítios Córrego do Peixe I e Lajedo do Getúlio, que denominamos de Grafismo Recorrente Córrego do Peixe 3 (GRCP3) (Figura 128). Essa nomenclatura foi necessária para facilitar a distinção das recorrências durante as análises.

Figura 124 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR1 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR1 de Maranhão (2003), Painel 1, Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

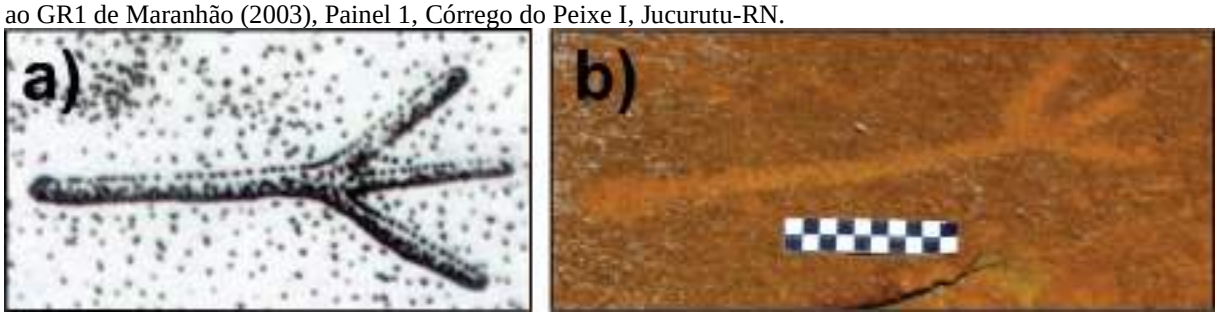


Figura 125 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) grafismo recorrente ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

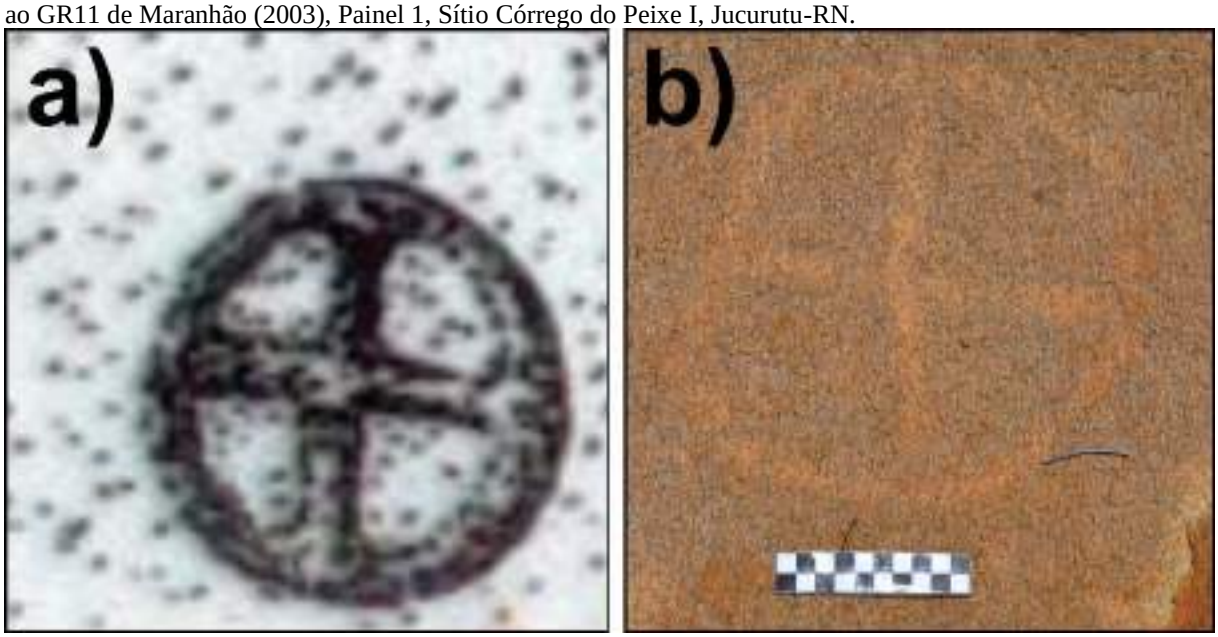



Figura 126 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismos recorrentes ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

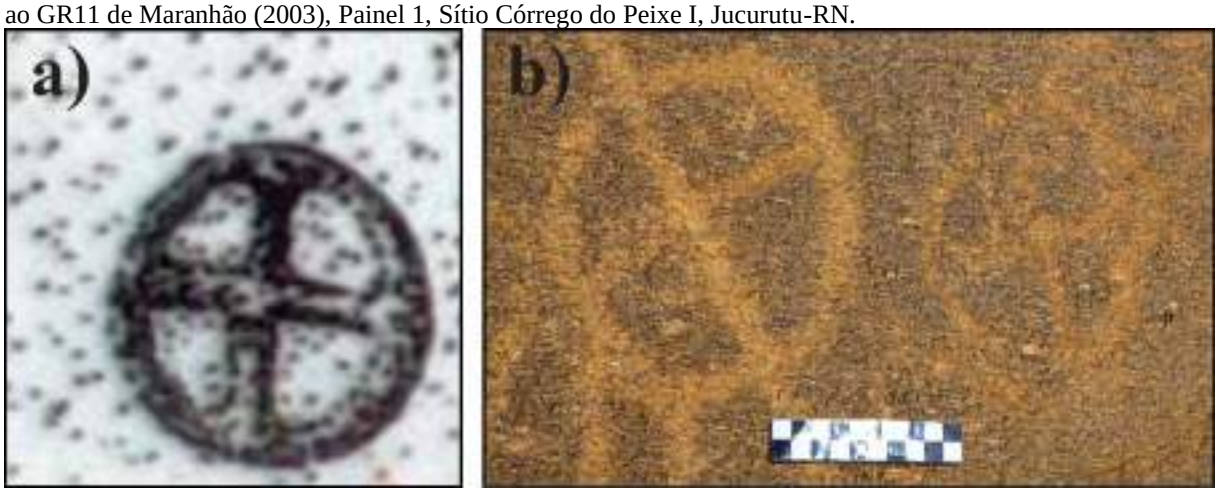


Figura 127 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b, c e d) Grafismos recorrentes ao GR18 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

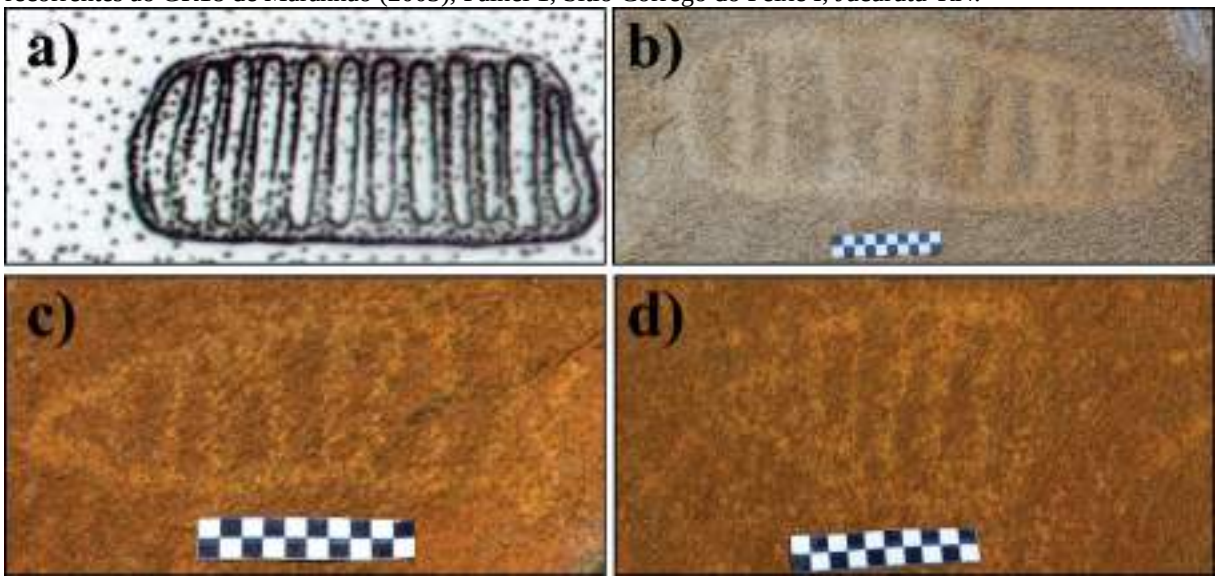



Figura 128 - Grafismos recorrentes GRCP3. Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

O espaço médio entre os grafismos é de 3,4 cm. O painel 1 não apresentou áreas de concentrações gráficas bem definidas, pois os grafismos estavam distribuídos de maneira uniforme no painel, com exceção de alguns grafismos que estavam nas bordas do painel.

*5.1.3.3.2 Painel 2*

O painel 2 (Figura 129) está localizada a 35 m a sudeste m de do painel 1, na margem leste do córrego do peixe, a 13 m da divisa do estado do Rio Grande do Norte com a Paraíba. O painel apresenta inúmeras rachaduras e fissuras, além de desplacamento.

Figura 129 - Vista geral do painel 2. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

O painel 2 é composto por sete (07) grafismos, dos quais quatro (04) foram gravados a partir da técnica da picotagem, e três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor com gumes médio de 0,5 cm. A espessura média do traço dos grafismos é de 1,3 cm, com profundidade dos grafismos 0,2 mm e 0,4 mm.

Dos sete (07) grafismos analisados quatro (04) foram considerados irreconhecíveis, e três (03) foram classificados como recorrentes, esses grafismos correspondem respectivamente a: um (01) GR1 (Figura 130), e dois (02) GRCP 2 (Figura 131). Os grafismos estão afastados a uma distância média de 30 cm, sem ACGs aparentes.

Figura 130 - Grafismos Recorrentes: a) Grafismo recorrente GR1 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo Recorrente ao GR1 de Maranhão (2003), Painel 2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

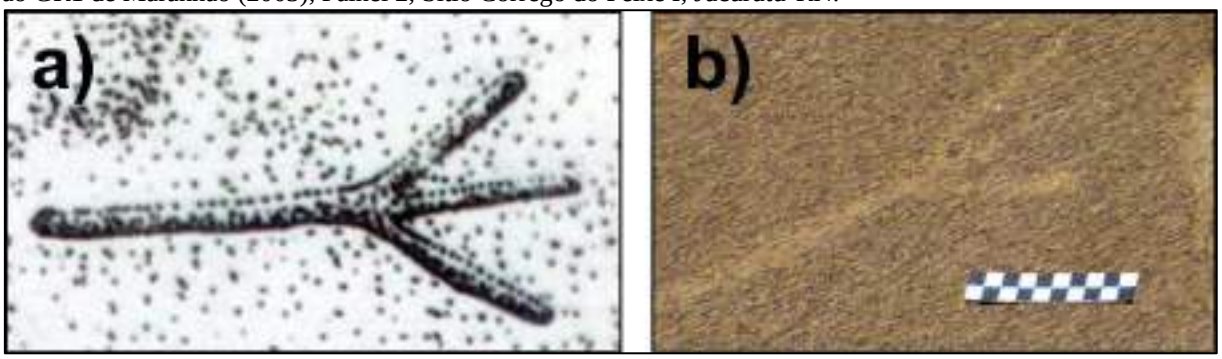
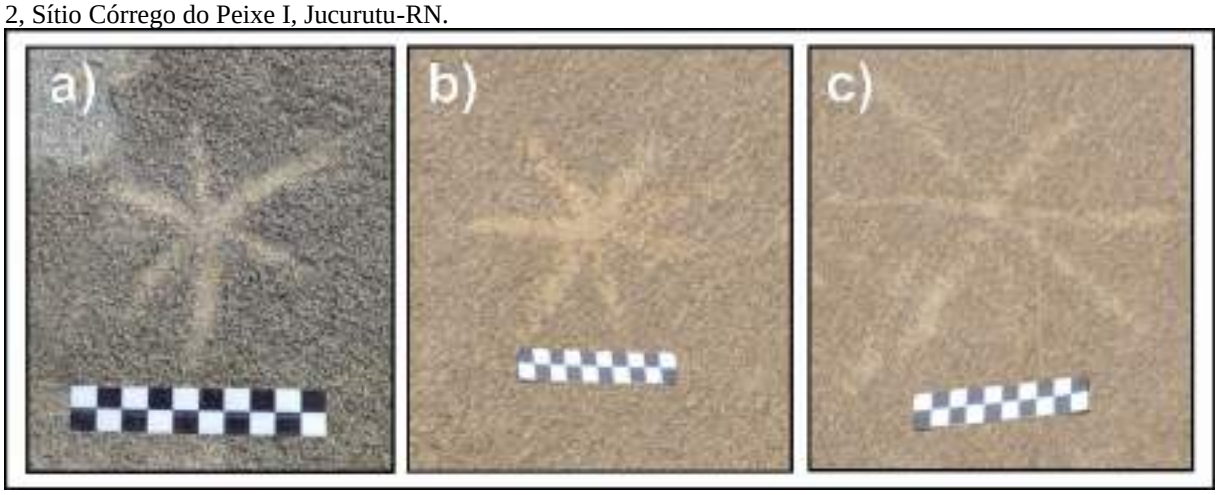



Figura 131 - Grafismos Recorrentes: a) GRCP2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b e c) GRCP2, Painel 2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




*5.1.3.3.3 Painel 3*

O Painel 3 (Figuras 132 e 133) está localizado 42 m a leste do painel 1, e a 11,5 m a norte do painel 2. O painel 3 está inserido em um afloramento rochoso na margem leste do córrego do peixe, distando 12 metros da divisa dos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, localizado em território norte-rio-grandense, no município de Jucurutu.

Figura 132 - Vista aérea do Painel 3. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

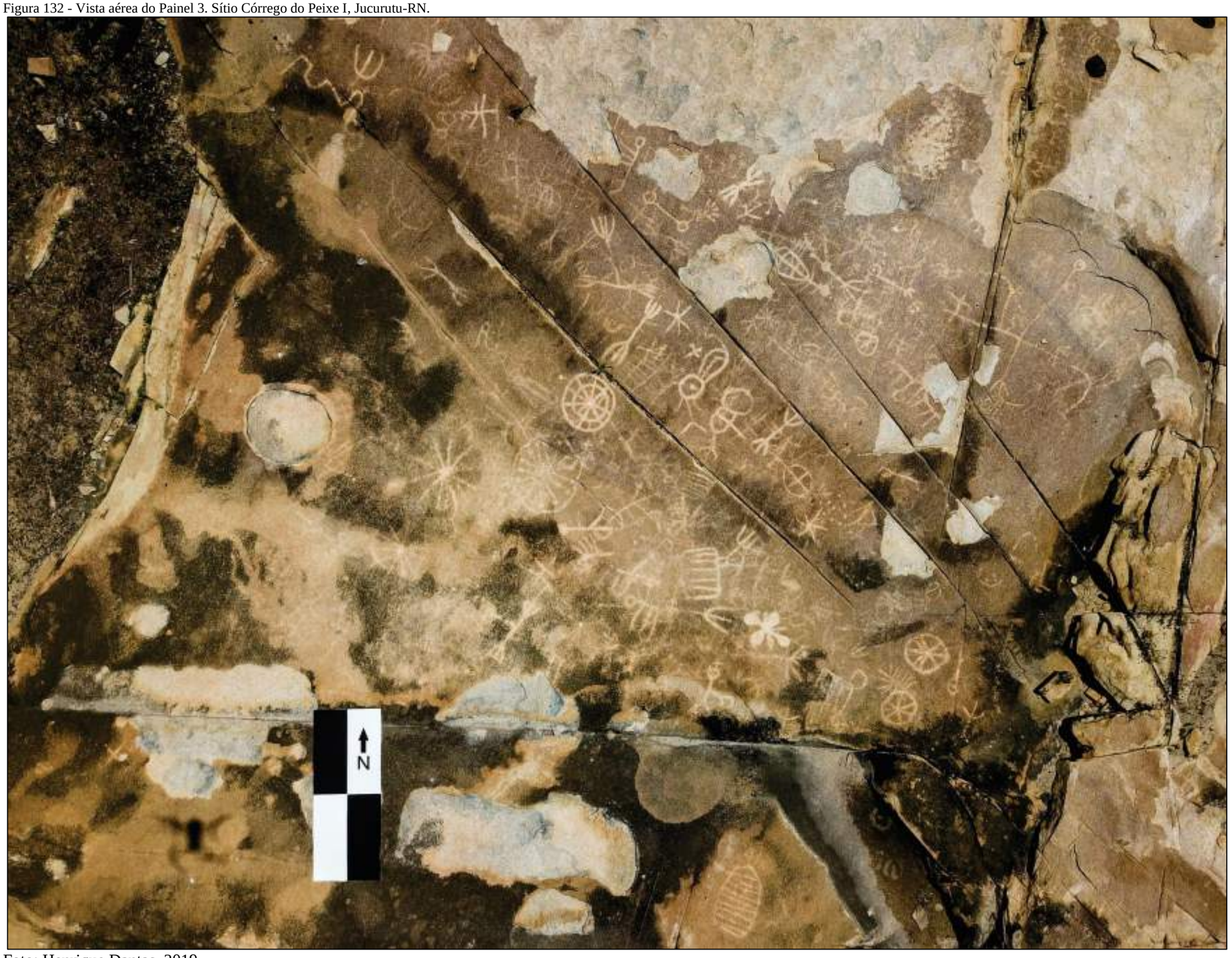



Foto: Henrique Dantas, 2019.

Figura 133 - Vista geral do Painel 3. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

O painel 3 apresentou uma grande área de desplacamento na sua extremidade norte que destruiu 1/3 do acervo gráfico do painel. Além disso, o painel apresenta manchas de liquens que são oriundos de períodos em que a água da chuva se deposita em partes mais côncavas do suporte.

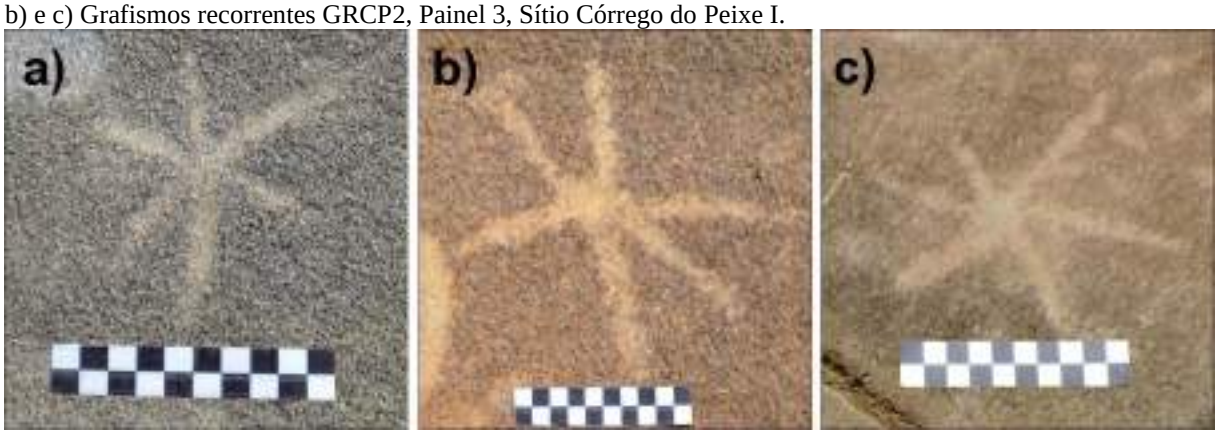
O painel 3 apresenta uma área gravada que homogenia com espaço médio entre os grafismos de 6,4 cm. Os grafismos seguem o curso das fissuras que existem na rocha, que cortam o painel de noroeste a sudeste.

Foram analisados setenta e oito (78) grafismos, dos quais cinquenta e um (51) foram gravados a partir da técnica da picotagem, dezessete (17) foram elaborados pela técnica da picotagem associada a raspagem, e dez (10) pela técnica da raspagem. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor e raspador, com gume entre 0,5 cm e 0,7 cm para o percutor, e de 0,9 cm para o raspador. Os grafismos têm traços que variam entre 0,7 e 2 cm de espessura., já a profundidade dos grafismos varia entre 0,1 e 02 mm.

Dos setenta e oito (78) grafismos analisados, sessenta e três (63) foram considerados irreconhecíveis, e quinze (15) foram classificados como recorrentes. Podemos destacar a

incidência entre os grafismos recorrentes que pertencem ao repertório de grafismos recorrentes de Maranhão. Entre os quinze (15) grafismos recorrentes, treze (13) pertencem ao repertório de Maranhão e dois (02) são recorrentes ao GRCP2 (Figura 134).

Figura 134 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GRCP2, Painel 3, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) e c) Grafismos recorrentes GRCP2, Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I.




Os treze (13) grafismos recorrentes ao repertório de grafismos de Maranhão (2003) correspondem respectivamente a um (01) GR2 (Figura 135), um (01) GR4 (Figura 136), sete (07) GR9 (Figura 137), um (01) GR11, dois (02) GR16 (Figura 138), e um (01) GR18 (Figura 139).

Figura 135 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 3, Sìtio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

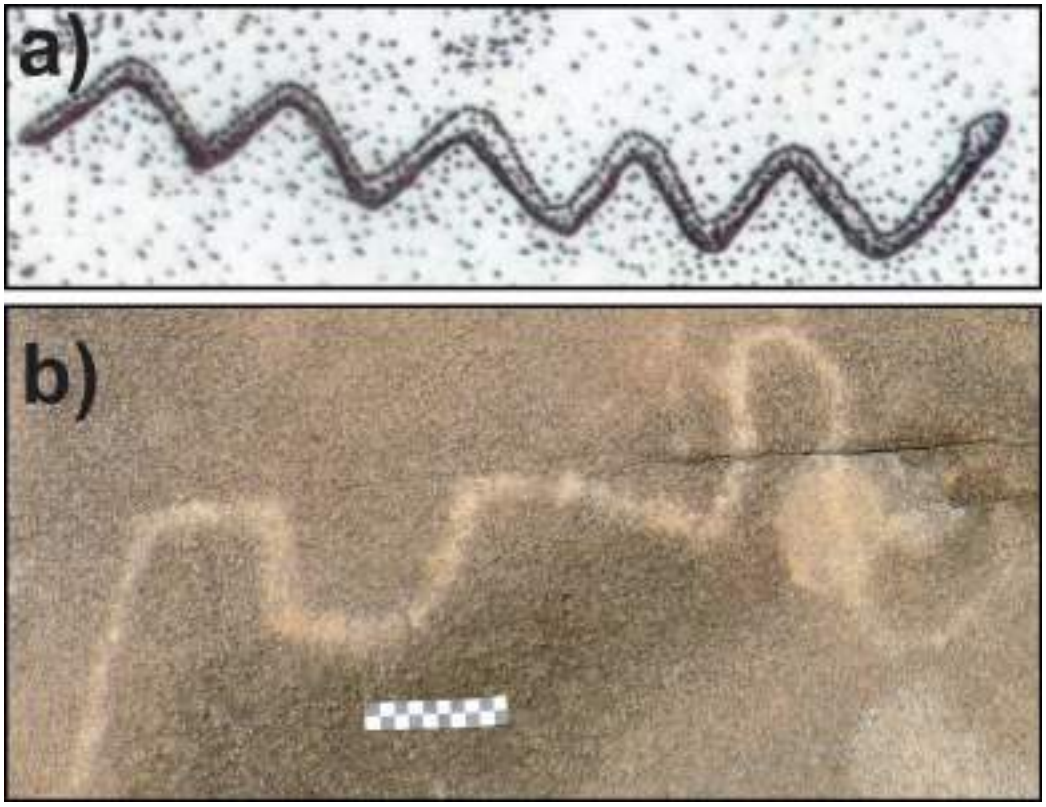



Figura 136 - Grafismos Recorrentes: Grafismo recorrente GR4 (Maranhão, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR4 de Maranhão (2003), painel 3, Sítio Córrego do Peixe I.

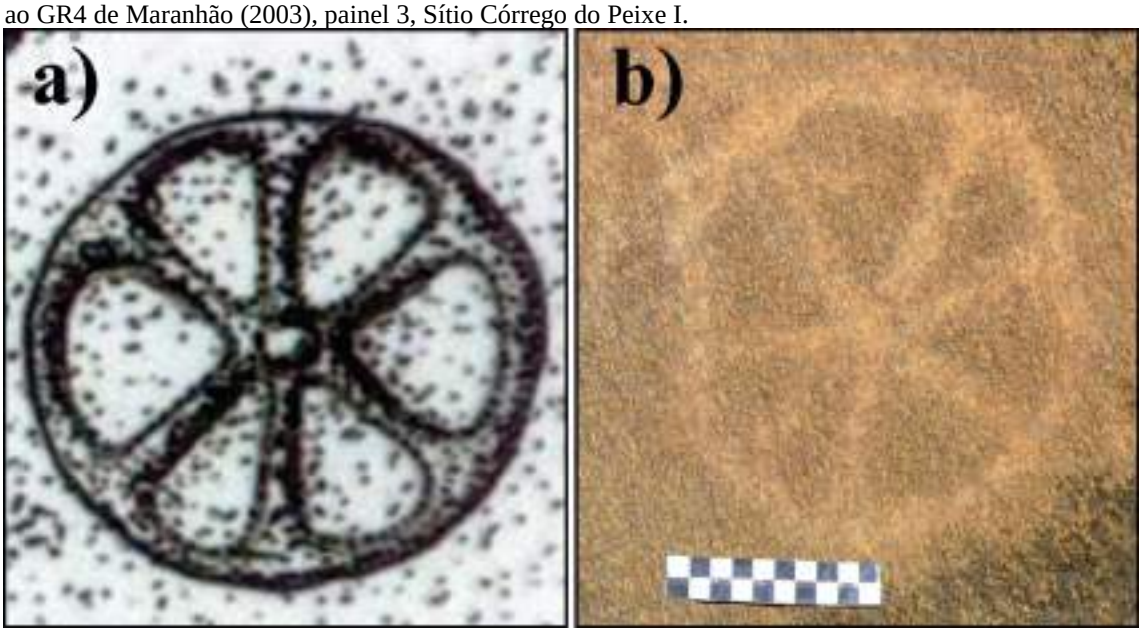


Figura 137 - Grafismos recorrentes: a) Grafismos recorrente GR9 (MARANHÃO, 2003); b, c, d, e, f, g e h) Grafismo recorrente ao GR9, Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN

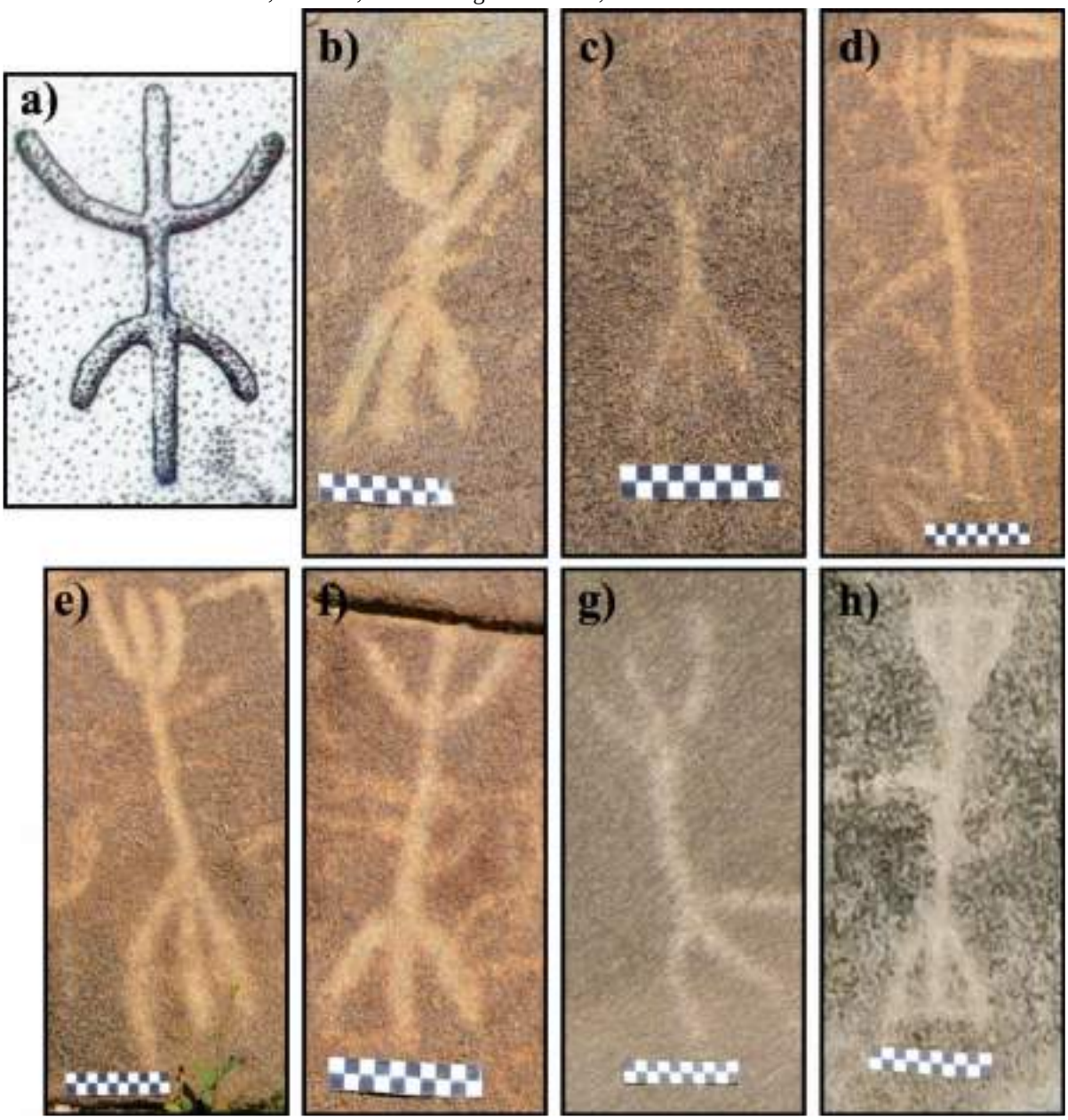


Figura 138 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b e c) Grafismos recorrentes ao GR16 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

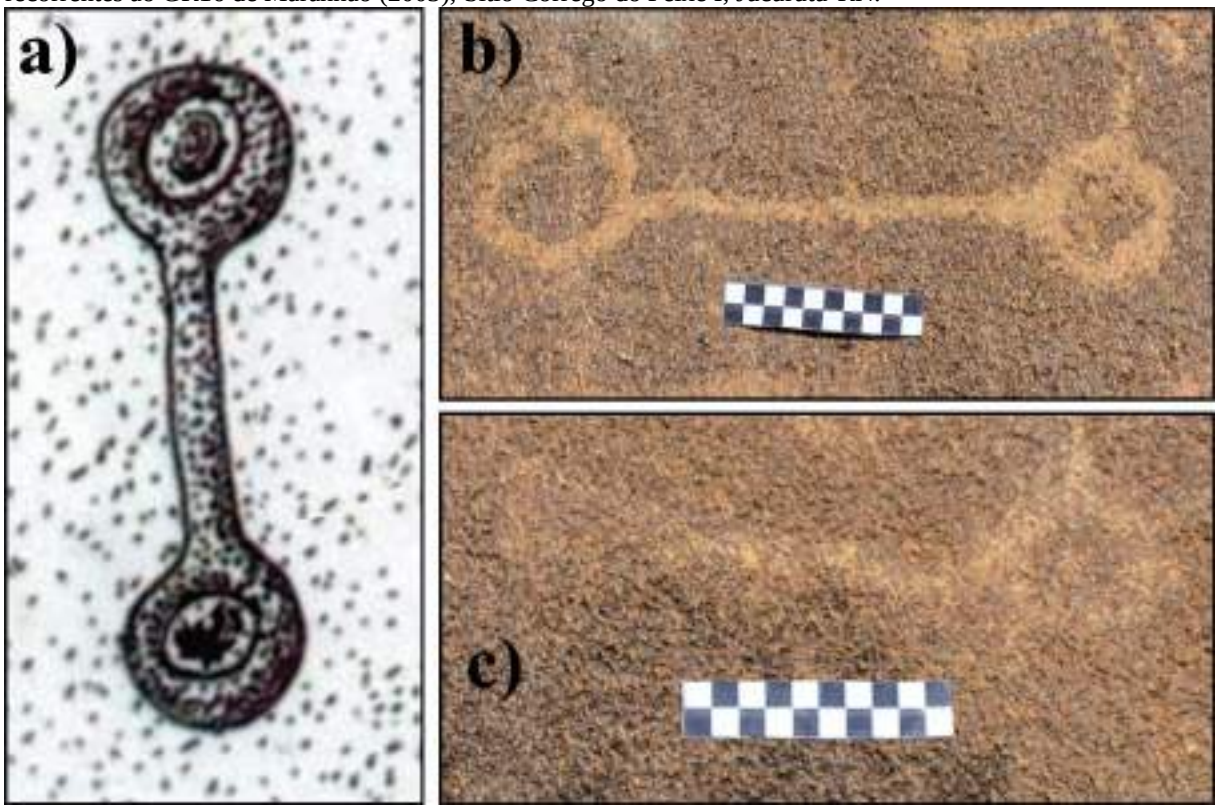
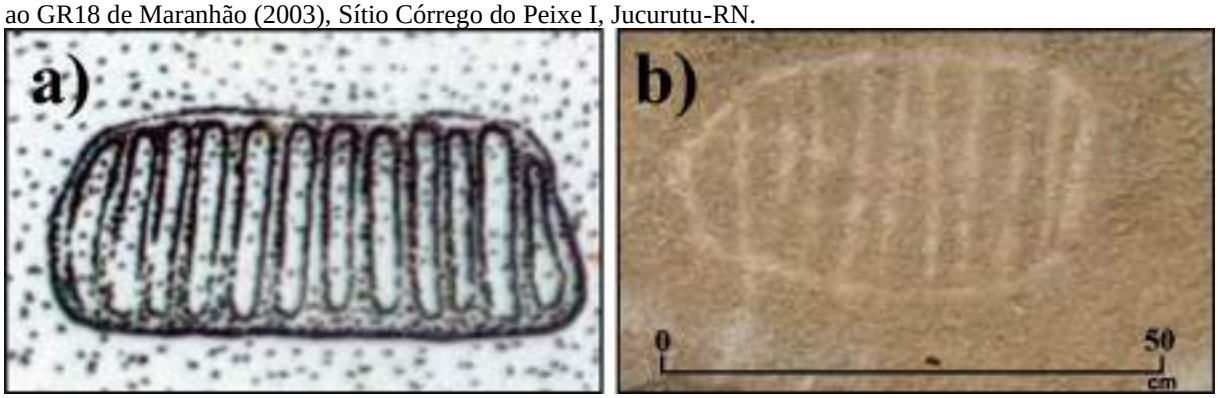



Figura 139 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR18 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




*5.1.3.3.4 Painel 4*

O painel 4 (Figura 140) é o mais intemperizado dentre os seis painéis analisados no sítio arqueológico Córrego do Peixe I. O suporte apresenta uma grande área com desplacamento, oriundo de uma intensa exposição, por estar a céu aberto, localizado 10,3 m a nordeste do painel 3.

Figura 140 - Vista geral do Painel 4. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN

Pelo elevado grau de intemperismo do painel 4, só foi possível identificar quinze (15) grafismos, dos quais doze (12) foram gravadas pela técnica da picotagem e três (03) pela técnica da picotagem associada a raspagem. A espessura do traço dos grafismos varia entre 0,7 cm e 2,6 cm, e com a profundidade que oscila entre 0,1 mm e 0,3 mm. Os instrumentos utilizados para a elaboração dos grafismos tinham, provavelmente, caráter percutor e raspador, onde o gume do percutor teria entre 0,4 cm e 0,7 cm, e entre 1 cm e 1,7 cm para o raspador.

O painel apresenta uma grande quantidade de sobreposição de grafismos, exibindo exclusivamente grafismos irreconhecíveis. A distância média entre os grafismos do painel 3 é de 2,3 cm. Notamos que é nítida a concentração de grafismos com formatos semelhantes a grades, no centro do painel. É importante salientar que esses grafismos em formato de "grade" são aparentemente mais recentes em relação aos demais grafismos.

### *5.1.3.3.5 Painel 5*

O painel 5 (Figura 141) está localizado as margens do Córrego do Peixe, distando 19 m a noroeste do painel 4. Entre os seis (06) painéis do sítio Córrego do Peixe I o painel 5 é o que

apresenta melhores condições de conservação, apresentando um acervo gráfico mais completo. Identificamos alguns pontos de desplacamento, mas não alteraram o painel significante. O painel 5 apresenta duas (02) ACGs (Figura 142) que medem respectivamente (Tabela 8):

Tabela 8 - Dimensões das ACGs do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

| ACG | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 4,20 m | 5 m |
| 2 | 2,19 m | 1,49 m |

Figura 141 - Imagem aérea do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Figura 142 - Vista Aérea das ACGs do Painel 5. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

*5.1.3.3.5.1 ACG 1*

A ACG 1 (Figura 143) apresenta inúmeros grafismos, no entanto, apenas quarenta (40) grafismos apresentaram condições técnicas e morfológicas para análise. Dos quarenta (40) grafismos analisados, vinte e quatro (24) foram elaborados a partir da técnica da picotagem, nove (09) pela técnica da picotagem associada a raspagem, três (03) pela técnica da raspagem, dois (02)pela técnica da raspagem associada ao polimento, e dois (02) pela técnica do polimento.

Figura 143 - Vista parcial da ACG 1, Painel 5, sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Os grafismos têm traços que variam entre 0,8 cm e 2,2 cm, com a profundidade que varia entre 0,1 mm e 0,4 mm. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percutor e raspador, onde o gume teria entre 0,4 cm e 0,7 cm para o percutor, e entre 1 cm e 1,2 cm para o raspador.

Entre os quarenta (40) grafismos analisados na ACG 1, quatro (34) foram classificados como irreconhecíveis, três (03) como reconhecíveis, e três (03) como recorrentes. Os grafismos reconheciveis correspondem a dois (02) grafismos naturalistas (representações de pegadas/pés) e um antropomorfo (Figura 144). Já os três (03) grafismos recorrentes correspondem ao GR 16 de Maranhão (2003) (Figura 145).

Figura 144 - Grafismos reconhecíveis: a) Representações naturalistas (pegadas/pé), b) Antropomorfo. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

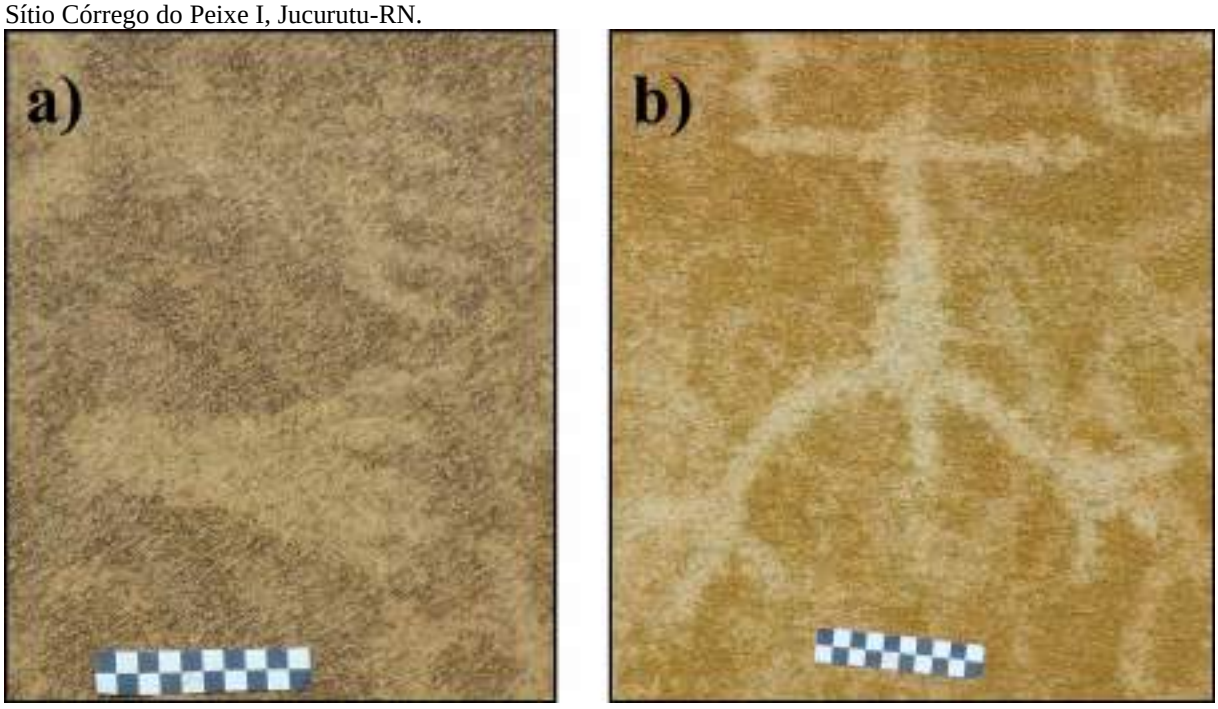
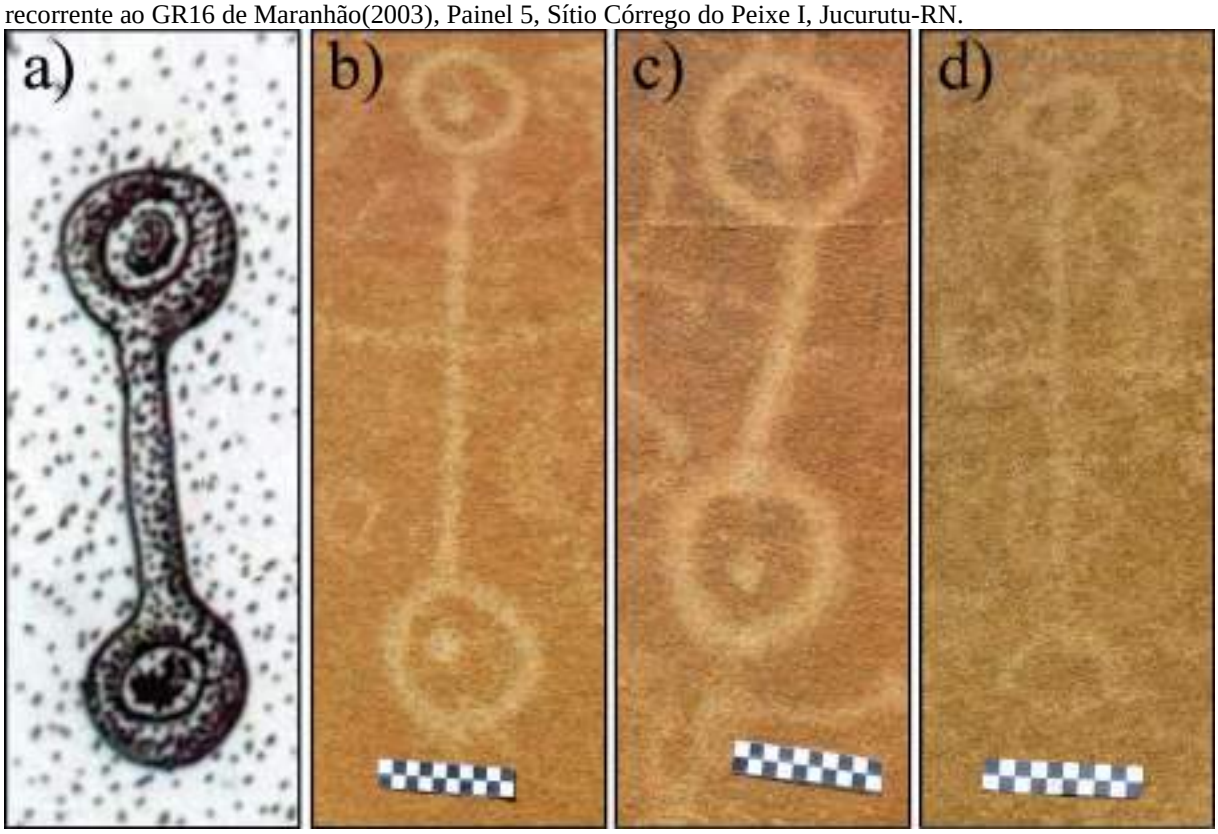



Figura 145 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b, c e d) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão(2003), Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




Notamos algumas escolhas espaciais que decorrem de momentos pictóricos diferentes, que segregamos a partir da tonalidade e grau de conservação das gravuras. Assim, os grafismos

mais “recentes” estão localizados nas extremidades Sul, Sudoeste e Oeste da ACG 1, e algumas na parte central. A média da distância entre os grafismos é de 3,2 cm.

*5.1.3.3.5.2 ACG 2*

A ACG 2 (Figura 146) está localizada a 40 cm de distância da ACG 1, separadas por uma cavidade na rocha suporte. Foram analisados oito (08) grafismos, dos quais seis (06) foram gravados a partir da técnica da picotagem, e dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Todos os oito (08) grafismos foram considerados irreconhecíveis.

Figura 146 - Vista aérea da ACG 2. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

*5.1.3.3.6 Painel 6*

O painel 6 (Figura 147) está localizado no mesmo afloramento rochoso em que o painel 5 está inserido, distando 8,67 metros a nordeste do painel 5, em posição vertical, cercado por uma grande área de disjunção esferoidal.

Figura 147 - Imagem geral do Painel 6. Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Foram analisados vinte e dois (22) grafismos, dos quais quatorze (14) foram elaborados pela técnica da picotagem associada a raspagem, cinco (05) pela técnica da raspagem, e três (03) pela técnica da raspagem associada ao polimento. A espessura dos traços varia entre 0,9 cm e 2,7 cm por uma profundidade que oscila entre 0,1mm e 0,3 mm. O instrumento utilizado tem caráter percutor e raspador, com gume entre 0,4 e 0,6 cm para o percutor e 0,8 cm e 1,3 cm para o raspador.

Dos vinte e dois (22) grafismos analisados, vinte e um (21) foram considerados irreconhecíveis e um (01) como recorrente ao grafismo GR2 de Maranhão (2003), mas apresentando algumas alterações morfológicas nas suas extremidades (Figura 148). A distância média entre os grafismos é e de 5,2 cm. O painel apresenta uma grande concentração de sobreposição de grafismos, mostrando assim diferentes momentos pictóricos, além de apresentar, em alguns casos, a reutilização dos grafismos (Figura 149).

Figura 148 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARAHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 6, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

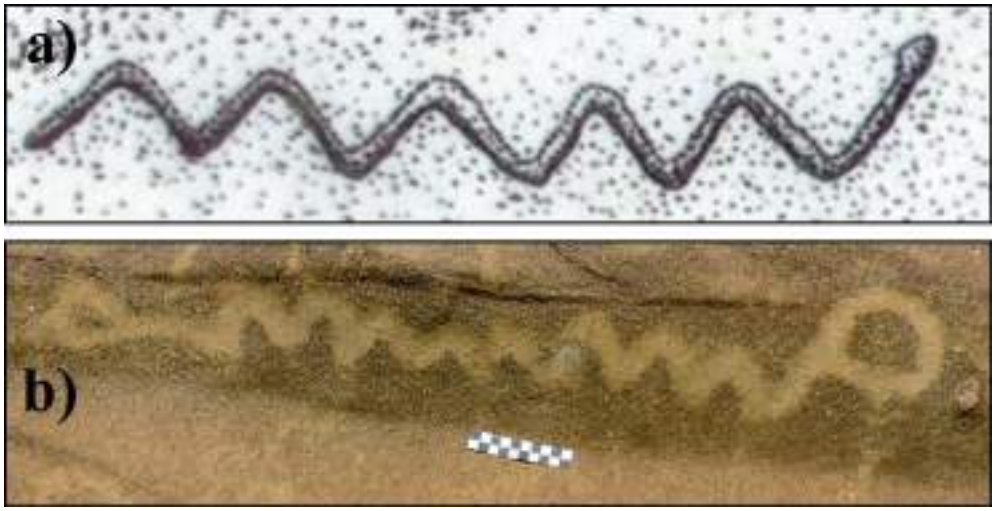
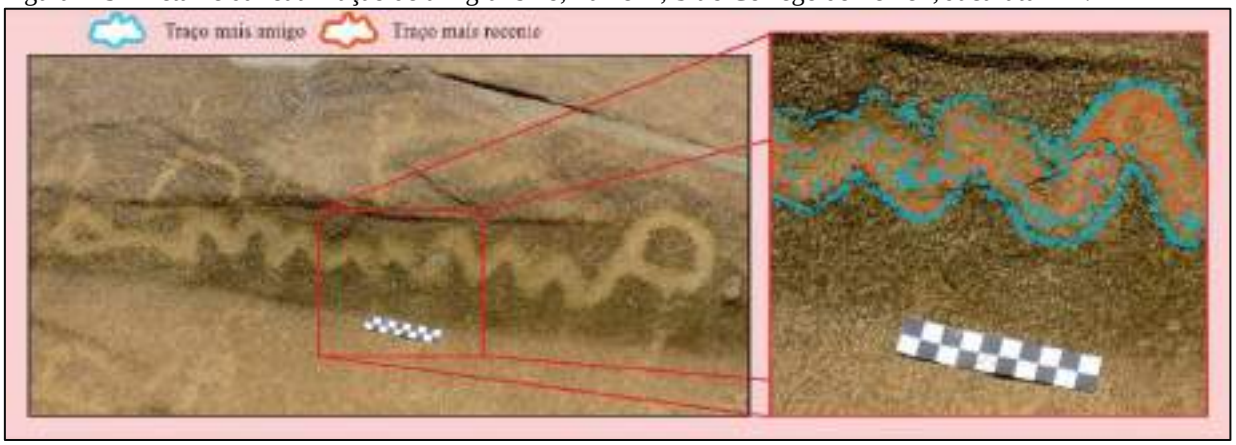


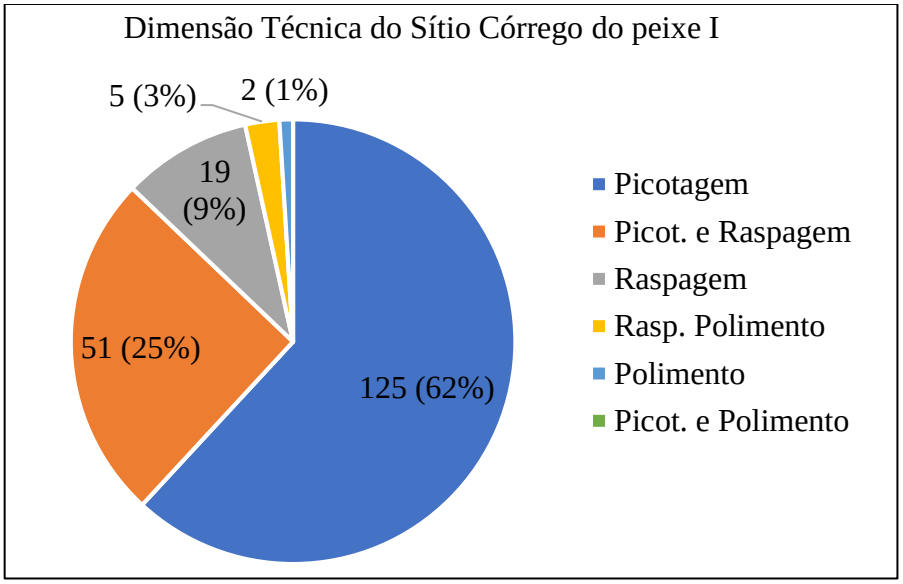

Figura 149 - Detalhe da reutilização de um grafismo, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




### 5.1.3.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe I

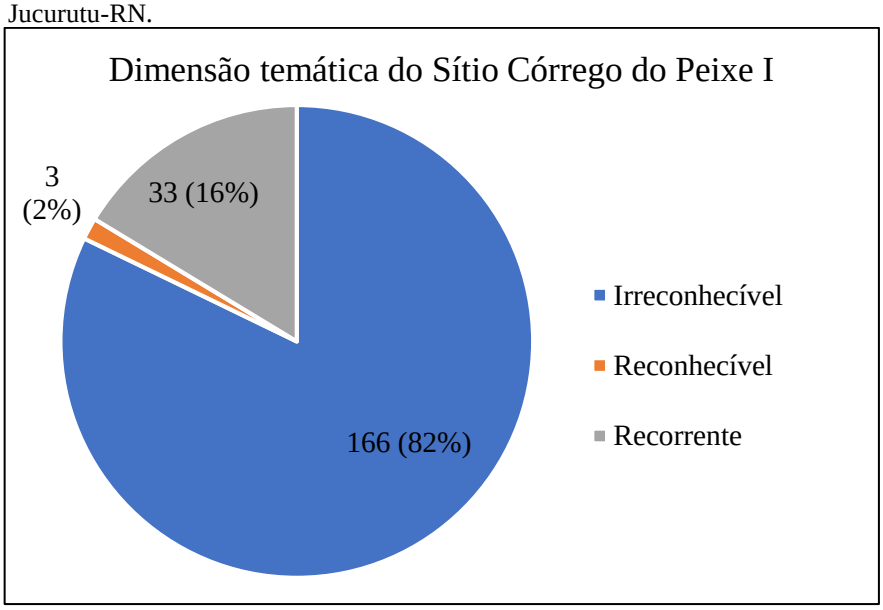
No sítio Córrego do Peixe I, foram analisados duzentos e dois (202) grafismos (Gráfico 4), dentre eles cento e vinte e cinco (125 = 62%) foram gravados pela técnica da picotagem, cinquenta e um (51 = 25%) pela técnica da picotagem associada a raspagem, dezenove (19 = 9%) pela técnica da raspagem, cinco (5 = 3%) pela técnica da raspagem associada ao polimento e dois (2 = 1%) pela técnica do polimento.

Gráfico 4 - Quantitativo da dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




Dos duzentos e dois (202) grafismos, cento e sessenta e seis (166 = 82%) foram classificados como irreconhecíveis, trinta e três (33 = 16%) são recorrentes e três (3 = 2%) como reconhecível (Gráfico 5). A média para a espessura do traço é de 1 cm, e a profundidade média das gravuras é de 0,2 mm, já o espaço médio entre as gravuras é de 5 cm.

Gráfico 5 - Quantitativo da dimensão temática do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

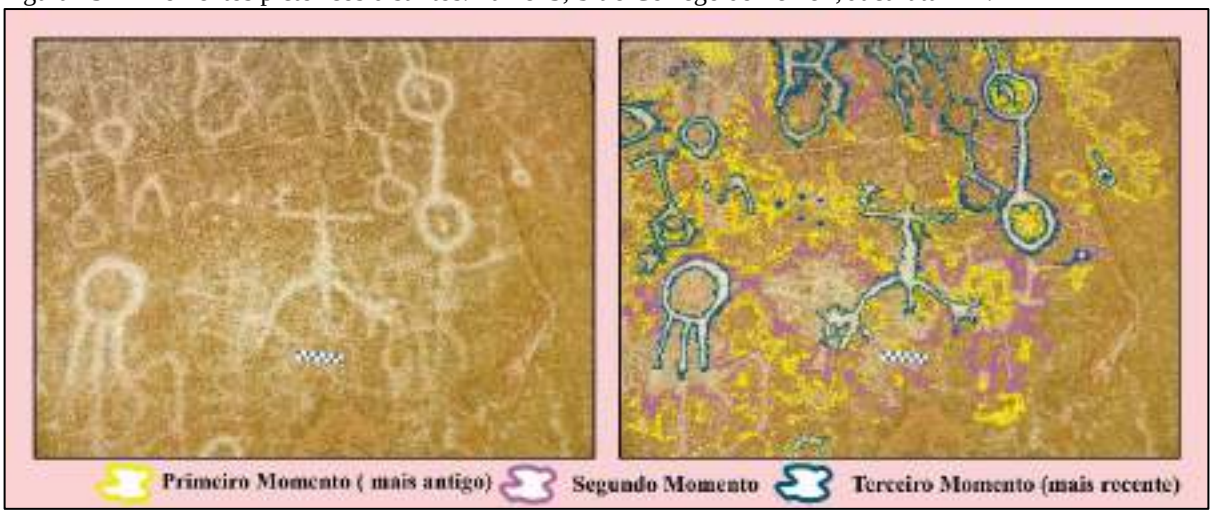



As gravuras estão posicionadas seguindo o curso das fissuras naturais da rocha, assim existe claramente a interação entre a morfologia da rocha e a prática pictórica em si, uma vez que o espaço gravado é delimitado a partir de fatores físicos da rocha suporte.

As gravuras elaboradas a partir da raspagem associada ao polimento apresentam sulcos com maiores profundidades, o que indica possíveis momentos pictóricos distintos em um mesmo grafismo. Além disso, o sítio apresenta, no mínimo, dois (02) momentos pictóricos distintos. Com a análise das imagens, segregamos os grafismos dos painéis e chegamos a momentos pictóricos hipotéticos (Figuras 150 e 151).

Figura 150 - Momentos pictóricos distintos. Painel 3, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

Figura 151 - Momentos pictóricos distintos. Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.




Alguns painéis apresentaram grafismos que foram reutilizados, ou regravados, mostrado assim uma intensa atividade pictórica no sítio. A tabela abaixo demonstra a quantidade de momentos pictóricos de cada sítio (Tabela 9).

.

Tabela 9 - Momentos pictóricos do Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN.

| Painel | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Mom. Pictórico | 3 | 2 | 3 | 3 | 3 | 2 |

### 5.1.4 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe II

#### 5.1.4.1 Localização

O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe II está localizado no município de Jucurutu-RN, bem próximo à divisa com o estado da Paraíba, na comunidade rural Pedra Ferrada. As coordenadas geográficas são 6° 09' 07.9" S e 37° 09' 35.8" W, com uma cota altimétrica de 116m. O acesso ao sítio se dá a partir da cidade de Jucurutu, saindo do centro urbano, indo em direção ao município de Caicó-RN. Após percorrer cerca de 12 km (chegando na comunidade de Aroeira) entrar à direita (em uma estrada de barro) e percorrer mais 14 km até chegar na Fazenda Pedra Ferrada, o sítio está situado à cerca de 993 metros na direção Sudoeste da sede da fazenda.

#### 5.1.4.2 Geomorfologia

O sítio está localizado no centro do Córrego do Peixe e o entorno do sítio é cercado por uma Caatinga arbustiva. O sítio (Figura 152) é composto por um aglomerado de rochas roladas pelo córrego, distribuídos em dois matacões e no próprio leito do córrego, onde se distribuem os painéis rupestres.

Figura 152 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

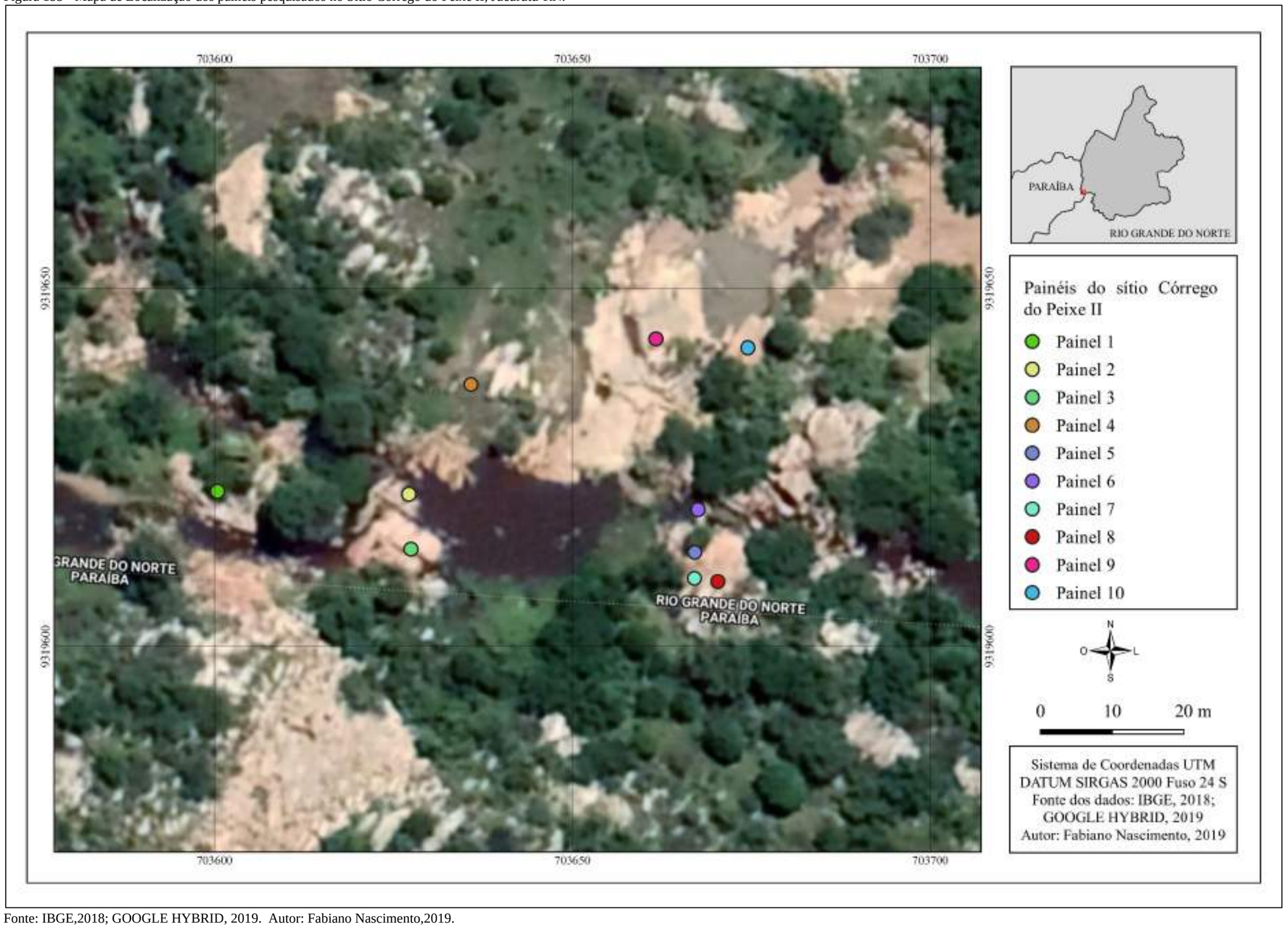
Todos os painéis do sítio encontram-se expostos a céu aberto, no leito do córrego, em uma área de constate influência desse corpo hídrico. Todas as rochas apresentam marcas de esfoliação hídrica, resultado de anos de enchentes do Córrego do Peixe. Os painéis apresentam poucas áreas com desplacamento, o que difere dos painéis dos sítios citados anteriormente.

O sitio Córrego do Peixe não apresenta possibilidades de sondagens pois está inserido no centro do córrego homônimo, assim não existe um pacote sedimentar favorável para tal método, pois o contexto estratigráfico está totalmente perturbado.

### 5.1.4.3 O sítio

O sítio é dividido em dez (10) painéis (Figura 153), distribuídos em sete (07) blocos e dois (02) lajedos, todos formados por rochas graníticas, em uma área de 2.890 m². Os painéis têm tamanhos variados, medindo respectivamente (Tabela 10):

Figura 153 - Mapa de Localização dos painéis pesquisados no Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




Fonte: IBGE,2018; GOOGLE HYBRID, 2019. Autor: Fabiano Nascimento,2019.

Tabela 10 - Dimensões dos painéis do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

| Painel | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 0,71 m | 0,82 m |
| 2 | 3,40 m | 0,43 m |
| 3 | 1,20 m | 1 m |
| 4 | 3,20 m | 1,20 m |
| 5 | 1,90 m | 0,89 m |
| 6 | 1,75 m | 0,65 m |
| 7 | 1,80 m | 0,77 m |
| 8 | 1,45 m | 0,53 m |
| 9 | 3,45 m | 0,90 m |
| 10 | 3,60 m | 1,40 m |

*5.1.4.3.1 O Painel 1*

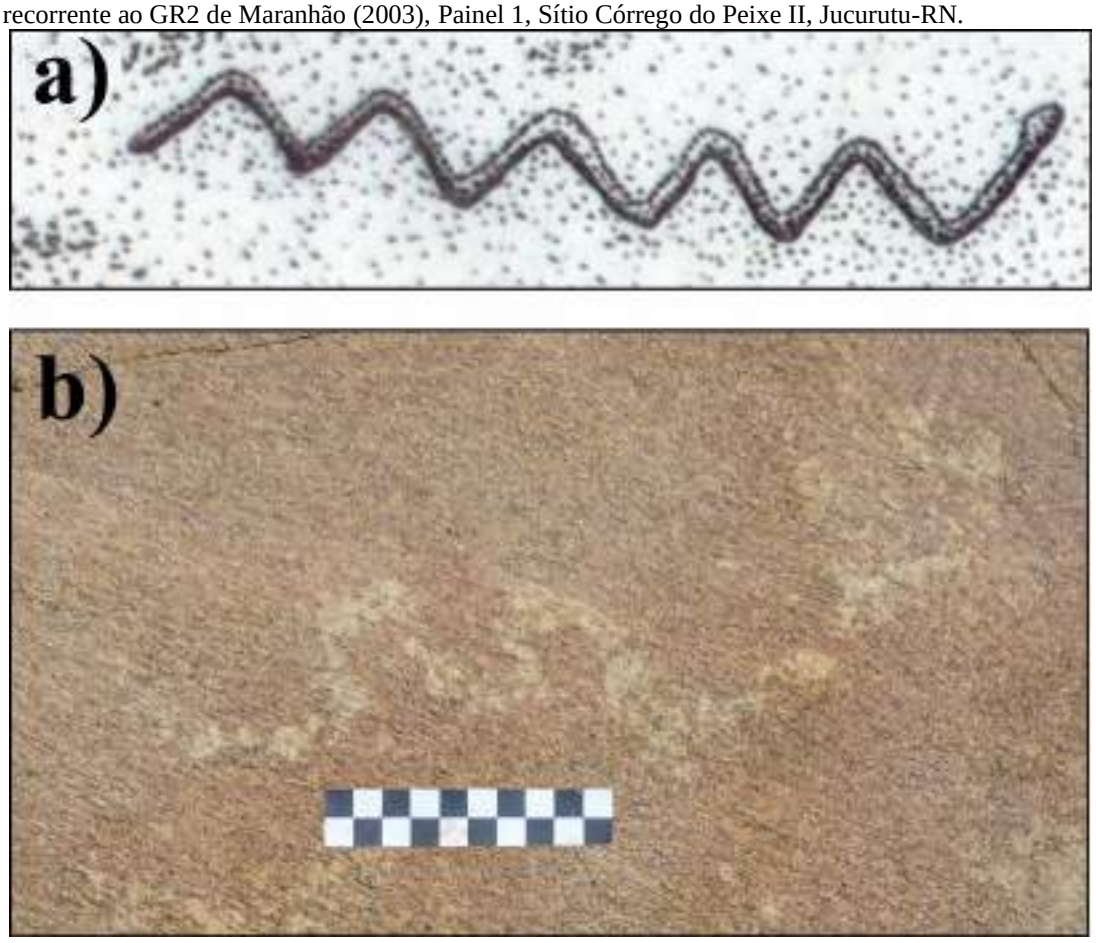
O Painel 1 (Figura 154) está localizado em lajedo no centro do Córrego do Peixe. A rocha apresenta uma leve esfoliação hídrica causada pela intensa ação das águas desse corpo hídrico. Além disso, existem duas (02) áreas que apresentam desplacamento, apesar dessas ações intempéricas, os grafismos não foram tão comprometidos.

O painel é composto por sete (07) grafismos, onde seis (06) deles foram elaborados a partir da técnica da picotagem e um (01) foi elaborado pela picotagem com associação da raspagem. Os traços têm a espessura que varia entre 0,6 cm e 2 cm, com a profundidade média de 0,2 mm. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percutor e raspador com gumes que mediam entre 0,6 cm e 1 cm para o percutor, e de 1,2 cm e 1,6 cm para o raspador.

Figura 154 - Detalhe do pinel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Dos sete (07) grafismos que compõem o painel 1, consideramos seis (06) grafismos como irreconhecíveis, e um (01) como recorrente (Figura 155) a partir do repertório de grafismos rupestres elaborado por Maranhão (2003), assim o grafismo foi classificado do tipo GR2.

Figura 155 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




A área gravada apresenta sobreposição de grafismos, demostrando que o local foi utilizado em pelo menos dois (02) momentos pictóricos distintos, e a distância média entre os grafismos do painel 1 cm é de 2 cm.

*5.1.4.3.2 O Painel 2*

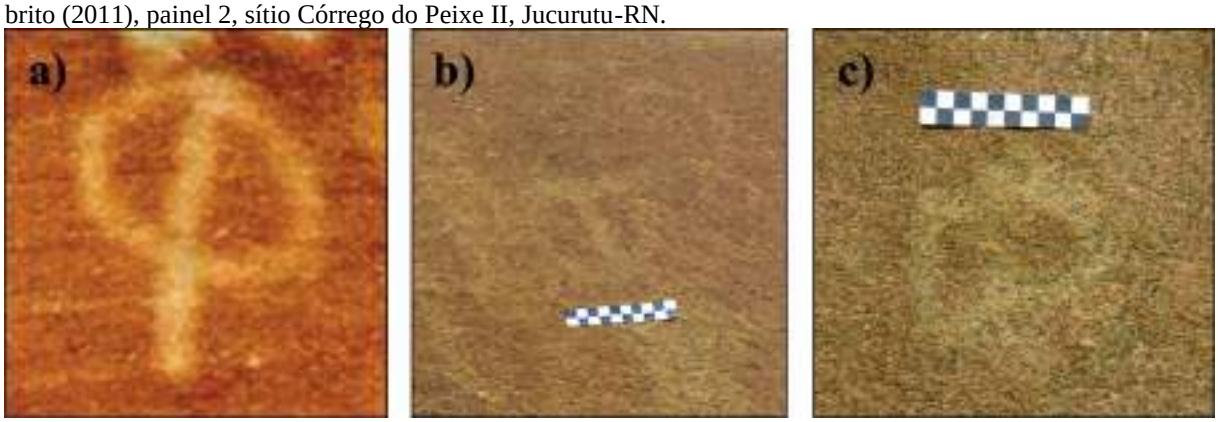
O painel 2 (Figura 156) está localizado em um bloco granítico que mede 3,75 m, entre a margem e o leito do Córrego do Peixe. O painel tem uma área gravada composta por uma ACG e dois (02) grafismos isolados. O painel apresenta um avançado processo de esfoliação hídrico, que comprometeu boa parte do acervo gráfico.

A técnica que predomina no painel 2 é a raspagem; devido ao fato do painel está esfoliado, não foi verificado um emprego de um picoteamento prévio para facilitar a raspagem. Os traços dos grafismos variam entre 1,2 cm e 1,8 cm, e o gume do instrumento raspador utilizado tinha proporções que variavam provavelmente entre 1 cm e 1,5 cm. A profundidade média dos sulcos dos grafismos era de 0,2 mm.

Figura 156 - Vista geral do Painel 2, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Entre os nove (09) grafismos compõem o painel 2, sete (07) são irreconhecíveis, mas dois (02) grafismos, um (01) isolado, e outro no interior da ACG, são idênticos a recorrência 10 apontada por Brito (2011) (Figura 157). Além de dois (02) grafismos do tipo recorrência 10 de Brito, podemos destacar dois (02) grafismos existentes no interior da ACG, que não estão completos graças a esfoliação da rocha, mas que foram identificados como idênticos ao GR16 de Maranhão (2003).

Figura 157 - Grafismos recorrentes: a) recorrência 10 de Brito (2011); b e c) grafismo idêntico a recorrência 10 de brito (2011), painel 2, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




O espaço médio entre os grafismos dentro da ACG e de 3 cm, já o espaço entre os grafismos isolados e a ACG é de 60 cm. A partir das marcas deixadas pelos grafismos de camadas inferiores podemos notar que o painel teve pelo menos dois (02) momentos pictóricos

distintos, que tiveram sua conservação comprometida pela ação das constantes cheias do Córrego do Peixe.

*5.1.4.3.3 O Painel 3*

O painel 3 (Figura 158) está situado às margens do Córrego do Peixe, distando cerca de 30 cm da correnteza no período de cheia. O suporte rochoso é o granito, com um formato de rampa, ele apresenta uma esfoliação hídrica ocasionada justamente pelo escoamento das águas das chuvas, favorecido pelo seu formato.

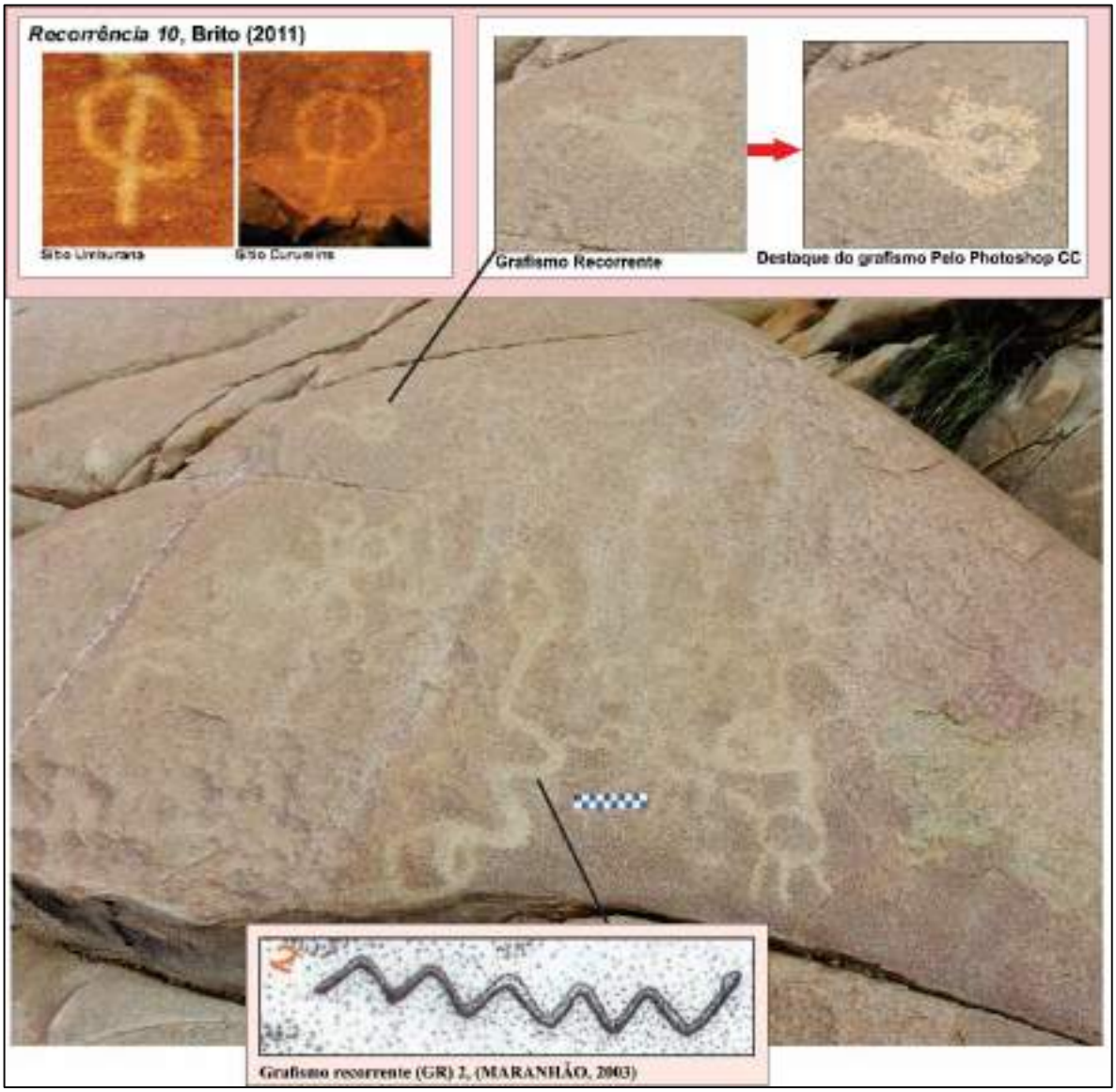
Figura 158 - Vista geral do painel 3, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

A técnica utilizada para a confecção das gravuras é a raspagem. Os grafismos apresentam traços com a espessura que varia entre 1,3 cm e 2,6 cm, e com a profundidade do sulco dos grafismos oscilando entre 0,1 mm e 0,2 mm. O instrumento raspador utilizado teria o gume com uma espessura que variava entre 1 cm e 1,8 cm.

Foram identificadas oito (08) grafismos no painel 3, duas (02) delas foram consideradas recorrentes, uma delas é a recorrência 10 identificada por Brito (2011), e a outra do tipo GR 2,

classificado por Maranhão (2003) (Figura 159). O espaço médio entre as gravuras é de 5 cm, o que demonstra uma tendência ao isolamento entre os grafismos.

Figura 159 - Disposição dos grafismos recorrentes na área gravada. Painel 3, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




*5.1.4.3.4 O Painel 4*

O painel 4 (Figura 160), está localizado a cerca de 5 m do curso do Córrego do Peixe, em direção nordeste. A rocha suporte é o granito, apresentando pontos de desplacamento (disjunção esferoidal). Foram identificadas catorze (14) gravuras em bom estado de conservação, dentre elas dez (10) foram elaboradas pela técnica da raspagem e quatro (04) pela técnica da picotagem. A espessura dos traços dos grafismos varia entre 0,5 cm e 1,8 cm, e a profundidade dos sulcos entre 0,1 mm e 0,2 mm. Os instrumentos utilizados tinham os gumes

com medidas que variava ente 0,9 cm e 1,3 cm para o raspador e entre 0,5 cm e 1 cm para o percutor

Figura 160 - Vista geral do Painel 4. Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Entre os catorzes (14) grafismos identificados, doze (12) foram classificados como irreconhecíveis e dois (02) como recorrentes, seriam o tipo GR2 de Maranhão (2003) (Figura 161), e o tipo recorrência 10 de Brito (2011) (Figura 162). Além disso, a área gravada é composta por duas ACGs, a primeira mede 56 cm de largura por 58 cm de comprimento, já a segunda mede 65 cm de largura por 1,67 m de comprimento.

Figura 161 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 4, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

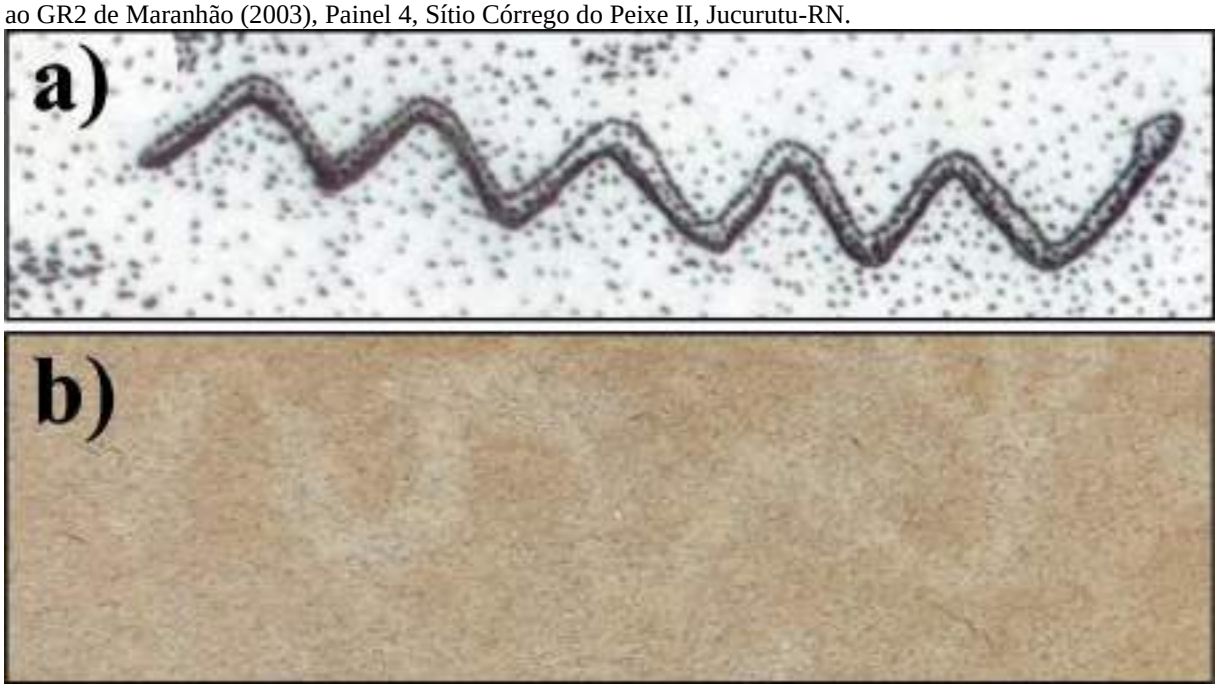
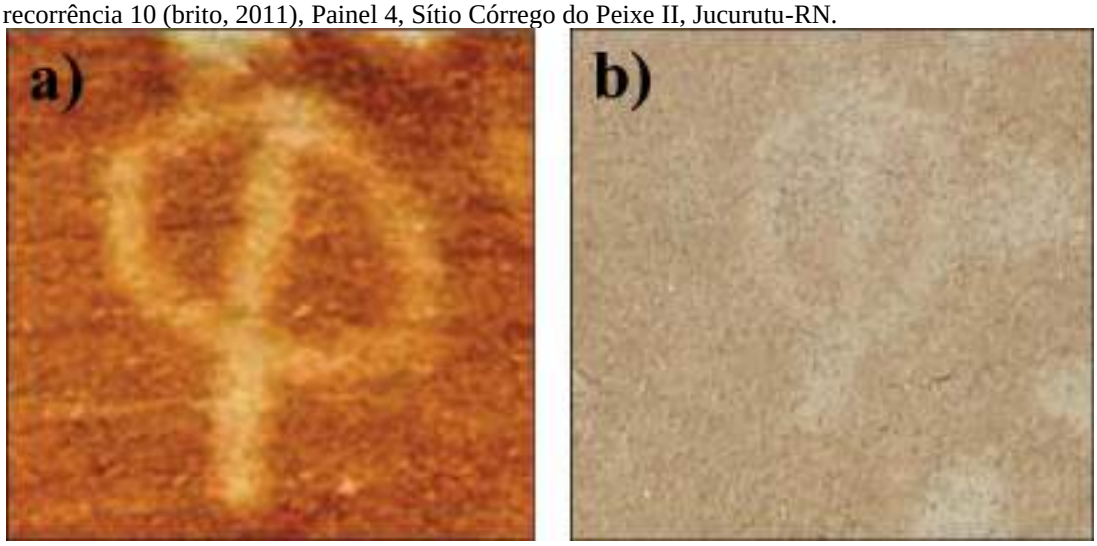



Figura 162: Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) grafismo semelhante a recorrência 10 (brito, 2011), Painel 4, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




A distância entre as ACGs é de 15 cm, já no interior das ACGs, a distância média entre os grafismos é de 3,4 cm. A partir da segregação dos grafismos e da análise das sobreposições é possível inferir que o painel 4 teve pelo menos dois (02) momentos pictóricos distintos.

*5.1.4.3.5 O Painel 5*

O painel 5 (Figura 163) está localizado em um matacão granítico na extremidade oeste do sítio Córrego do Peixe II. O suporte rochoso apresenta cinco (05) áreas de desplacamento;

além disso, na parte inferior da rocha existe uma grande área com a presença de óxido de ferro, o que indica a existência desse mineral no suporte, deixando-o com uma tonalidade avermelhada.

Figura 163 - Painel 5, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

O painel tem como técnica predominante a picotagem, mas existem grafismos elaborados pela técnica da raspagem e raspagem com polimento. Pela intensa atividade pictórica no painel, existe uma grande quantidade de sobreposição e reaproveitamento de alguns grafismos. Esses grafismos reaproveitados, ou regravados, são os mais aparentes e completos, levando em consideração o critério da continuidade do traço.

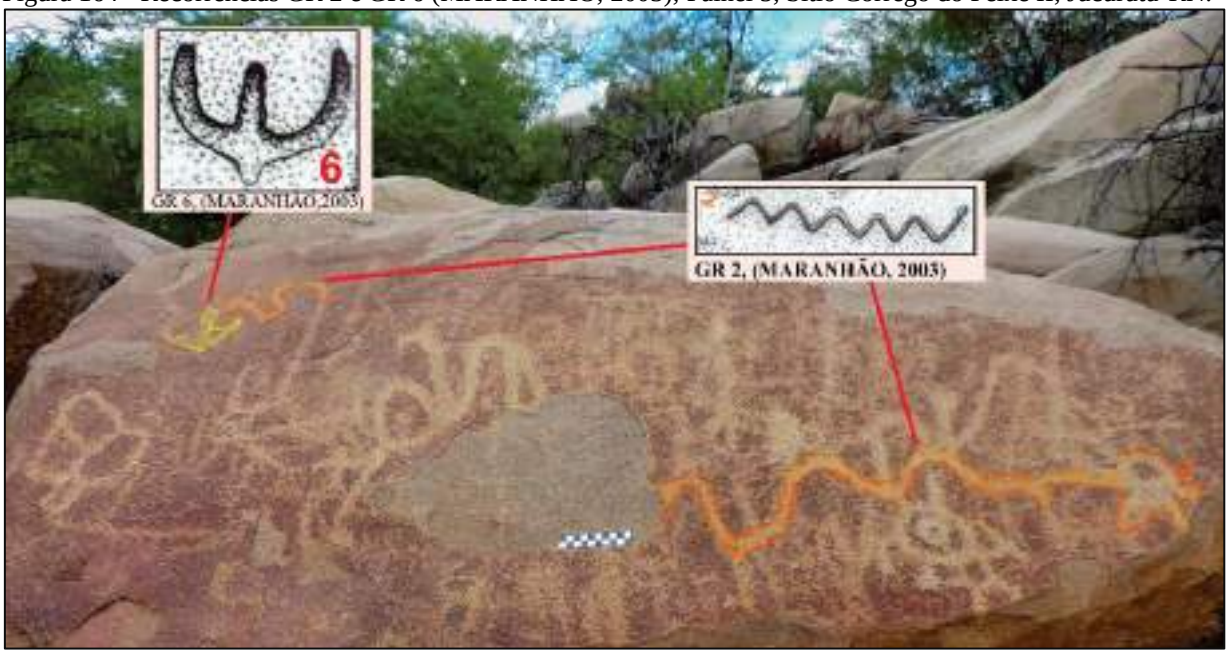
Dentro de toda a área gravada, só foram identificados doze (12) grafismos em um bom estado de conservação. Dentre os doze (12) grafismos identificados, três (03) foram elaborados a partir da técnica da picotagem. Já os outros nove (09) grafismos foram gravados pela técnica da raspagem associada ao polimento. Isso reforça a ideia de que esses grafismos foram reaproveitados.

A espessura do traço das gravuras varia entre 0,9 cm e 2 cm, com uma profundidade dos sulcos vaiando entre 0,1 mm e 0,3 mm. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor e

raspador, com gumes que mediam entre 0,4 cm e 0,6 cm para o percutor, e entre 1,1 cm e 1,4 cm para o raspador.

Dos doze (12) grafismos identificados, três (03) foram identificados como recorrentes aos tipos do repertório de grafismos recontes de Maranhão (2003), sendo dois (02) deles equivalentes ao tipo GR2, e um (01) ao tipo GR6 (Figura 164). Os demais grafismos foram classificados como irreconhecíveis. O painel teve no mínimo três (03) momentos pictóricos distintos, e é visível uma escolha espacial dos grafismos "mais recentes" no centro do painel e na sua extremidade. A distância média entre os grafismos identificados é de 3 cm.

Figura 164 - Recorrências GR 2 e GR 6 (MARANHÃO, 2003), Painel 5, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




*5.1.4.3.6 O Painel 6*

Os grafismos do painel 6 (Figura 165) estão localizadas em um matacão distante cerca de 4 m do painel 5, em sentido noroeste, na área do curso do Córrego do Peixe. O suporte presenta um avançado processo de esfoliação hídrica, além de apresentar uma camada de líquens, que recobre parte das gravuras.

Figura 165 - Painel 6, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Foram identificados oito (08) grafismos, onde seis (06) deles foram elaborados a partir da técnica da picotagem, e dois (02) pela técnica da picotagem associada a raspagem. Os traços dos grafismos têm espessuras que variam entre 0,9 cm e 2 cm, com a profundidade dos sulcos dos traços é de 0,1 mm. Os instrumentos tinham caráter percutor e raspador, com gumes de proporções que variavam entre 0,4 cm e 0,7 cm para o percutor, e entre 0,9 cm e 1,3 cm para o raspador.

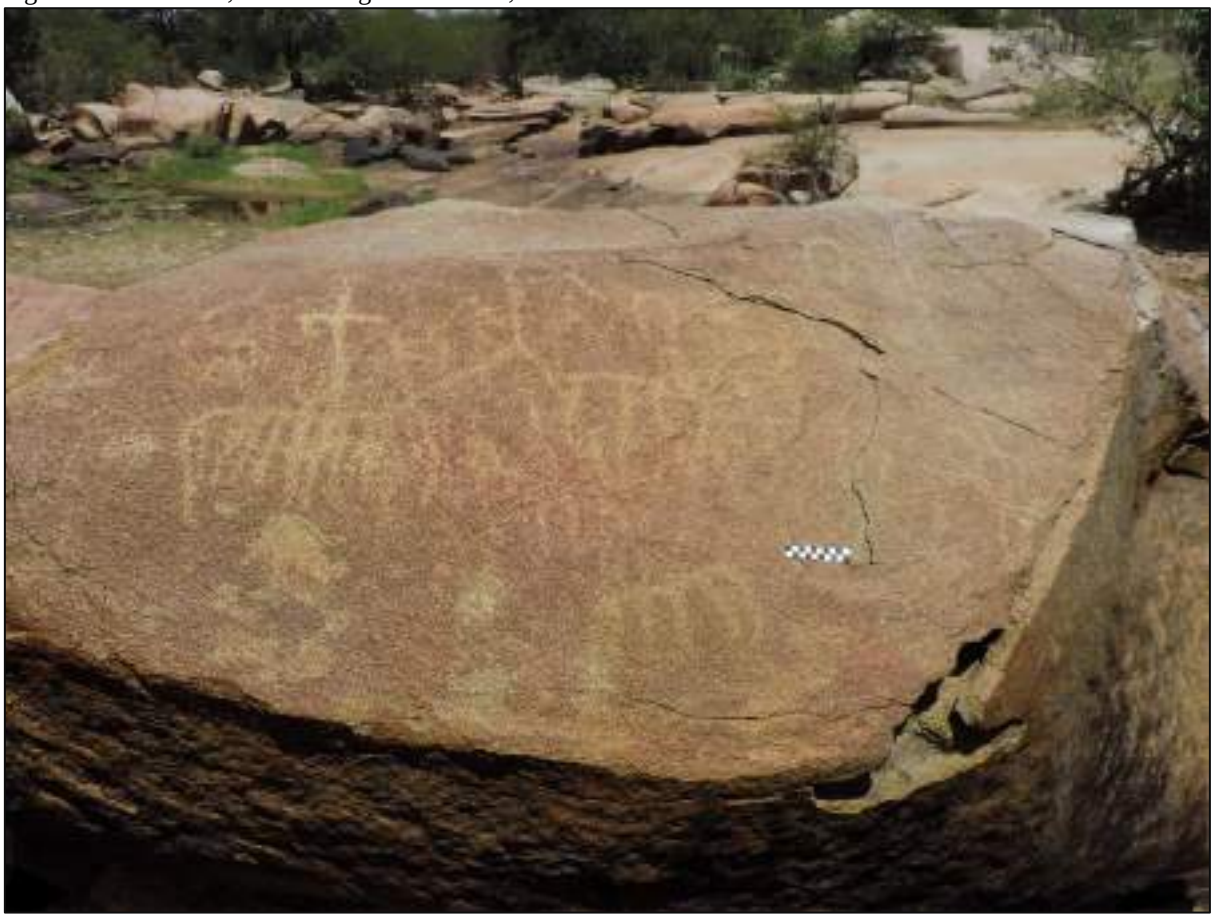
Os grafismos são todos de caráter irreconhecível, com uma distância média de 1,5 cm entre eles, compondo uma área gravada bem homogênea, sem presença de ACGs. Não foi possível identificar momentos pictóricos distintos, pois a camada de liquens dificultou nossa metodologia de segregação, a partir da vetorização dos grafismos pelo programa Adobe Photoshop CC.

### *5.1.4.3.7 O Painel 7*

O painel painel 7 (Figura 166) está inserido em um matacão granítico, com as gravuras voltadas para a direção Leste, distando do curso do Córrego do Peixe cerca de 1 m do painel 5

e  2 m do painel 6. A rocha suporte apresenta uma área com esfoliação hidrica, na parte nordeste da área gravada.

Figura 166 - Painel 7, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.



Dos onze (11) grafismos analisados, sete (07) foram elaborados pela técnica da picotagem e quatro (04) pela picotagem associada a raspagem. Os traços das gravuras apresentam espessuras que variam entre 0,6 cm e 1,5 cm, com uma profundidade que varia entre 0 mm e 0,1 mm. Os instrumentos tinham características percutoras e raspadoras, com gumes que mediam entre 0,3 cm e 0,5 cm para o percutor, e entre 0,9 e 1,2 cm para o raspador.

Dos onze (11) grafismos identificados, todos foram classificados como irreconhecíveis, com uma média de espaço entre si de 2 cm. A partir das análises imagéticas, foram identificados ao menos dois (02) momentos pictóricos distintos para o painel 7. A área gravada apresenta uma homogeneidade na disposição dos grafismos, além de sobreposições gráficas, o que corrobora na ideia de momentos pictóricos distintos.

*5.1.4.3.8  O Painel 8*

A exemplo dos painéis 5, 6 e 7, o painel 8 (Figura 167) também está inserido em um matacão granítico, distando cerca de três (3) metros do painel 7 em sentido sudeste. O painel não apresenta marcas, ou áreas com intemperismo na área gravada.

Figura 167 - Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

O painel apresenta dezesseis (16) grafismos, elaborados a partir da picotagem, e nove (09) pela raspagem. Os traços das gravuras variam entre 0,8 cm e 2,4 cm, com a profundidade média de 0,1 mm. Os instrumentos utilizados teriam caráter percutor e raspador, com gumes que variavam entre 0,4 cm e 0,7 cm para o percutor, e entre 0,8 cm e 1,2 cm para o raspador.

Foram identificados vinte e cinco (25) grafismos em um bom estado de conservação, onde cinco (05) desses foram classificados como recorrentes as pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011). Das cinco (05) gravuras recorrentes, três (03) exemplares do tipo GR2, que compõem o repertorio de grafismos recorrentes de Maranhão (2003) (Figura 168), e dois (02) do tipo recorrência 10, de Brito (2011) (Figura 169). Os demais grafismos são de caráter irreconhecível.

Figura 168 - Grafismos recorrentes: a) Grafismo recorrente GR2 (MARANHÃO, 2003); b), c) e d) Grafismo recorrente ao GR2 de Maranhão (2003), Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

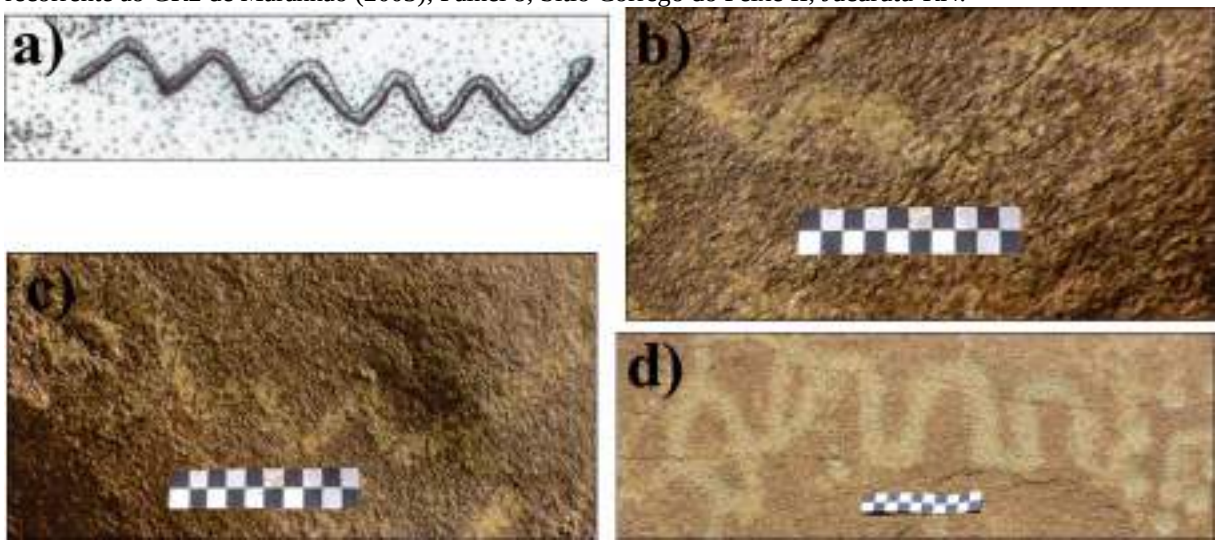
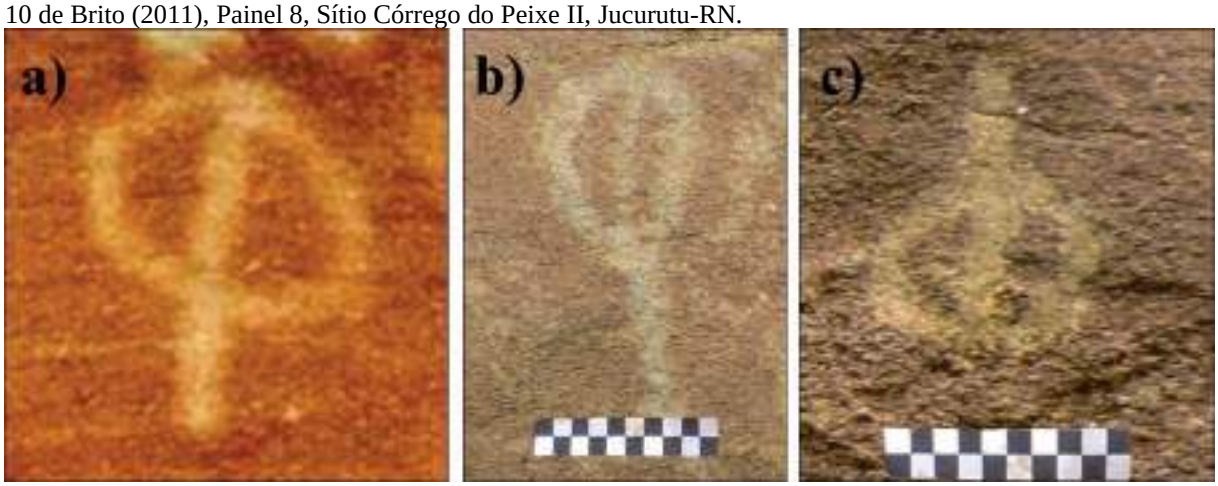


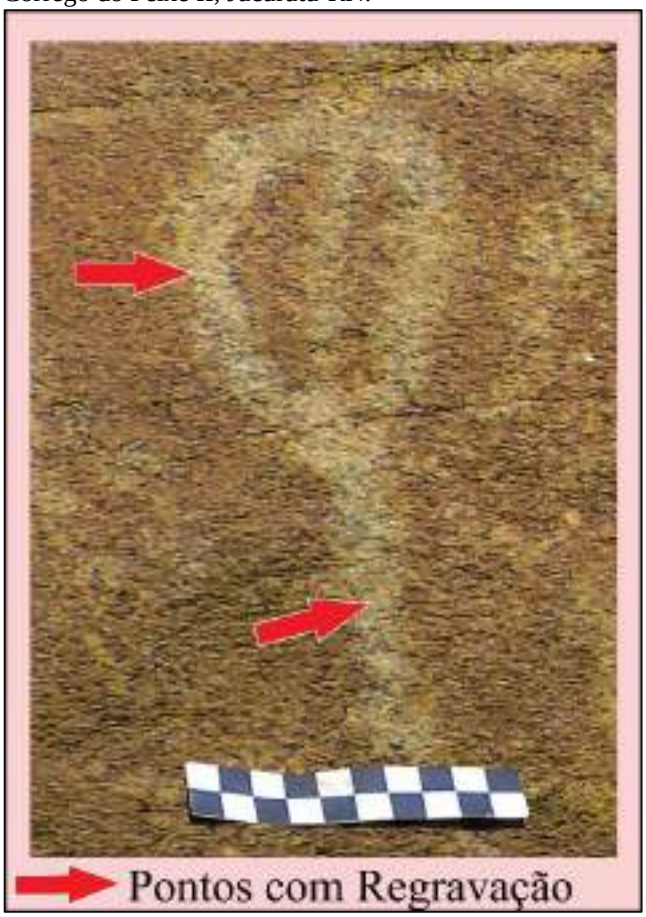

Figura 169 - Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b e c) Grafismos idênticos a recorrência 10 de Brito (2011), Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




Observamos que existem momentos pictóricos distintos no painel, e que esses momentos expressam escolhas espaciais distintas, pois os grafismos mais desgastados estão na extremidade superior noroeste do painel, já os grafismos mais nítidos estão concentrados no centro da área gravada.

Além disso, foi verificado um reaproveitamento de traços em pelo menos dois (02) grafismos, onde ocorreram a "regravação" das gravuras (Figura 170). O espaço médio entre as gravuras dentro da área gravada é de 1,3 cm, já entre os grafismos isolados e a área gravada é de 17 cm.

Figura 170 - Detalhe de pontos de regravação, painel 8, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




*5.1.4.3.9 O Painel 9*

O painel 9 (Figura 171), está localizado em uma rocha granítica, mais precisamente um matacão, distando cerca de 13 m do painel 4, e a 28 m do curso do Córrego do Peixe. O painel apresenta vários pontos com fissuras na rocha, resultado das mudanças drásticas de temperatura, que ocorrem durante o dia.

Figura 171 - Vista geral do painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

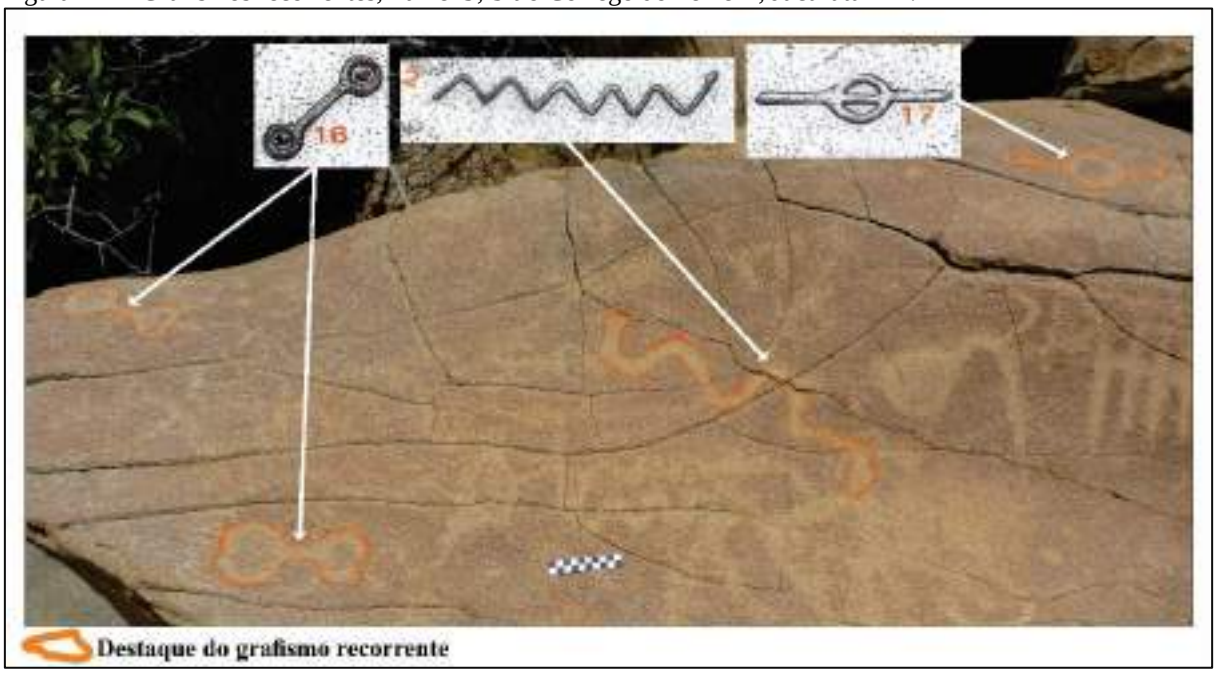
O painel apresenta como técnica predominante a raspagem. Além disso, com a intensa atividade gravadora no painel, existiu em alguns momentos a regravação de alguns grafismos. A hipótese é que ocorreu uma associação entre às técnicas da raspagem e polimento, onde o grafismo foi gravado inicialmente a partir da raspagem, e a partir de outros momentos pictóricos essas gravuras foram regravadas e polidas.

Dos trinta e quatro (34) grafismos analisados, nove (09) foram elaborados pela técnica da picotagem, sete (07) pela técnica da picotagem associada a raspagem, quatorze (14) pela técnica da raspagem e quatro (04) pela técnica da raspagem associada ao polimento.

A espessura média para os traços dos grafismos do painel 9 varia ente 0,9 cm e 2 cm, com uma profundidade média de 0,1 mm. O instrumento gravador utilizado tinha caráter raspador, com gume que variava entre 0,7 cm e 1 cm.

Dos trinta e quatro (34) grafismos analisados no painel 9, trinta (30) são de caráter irreconhecível, e quatro (04) foram relacionados aos grafismos do repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003), são os grafismos tipo um (01) GR2, tipo dois (02) GR16 e um (01) tipo GR17 (Figura 172).

Figura 172 - Grafismos recorrentes, Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

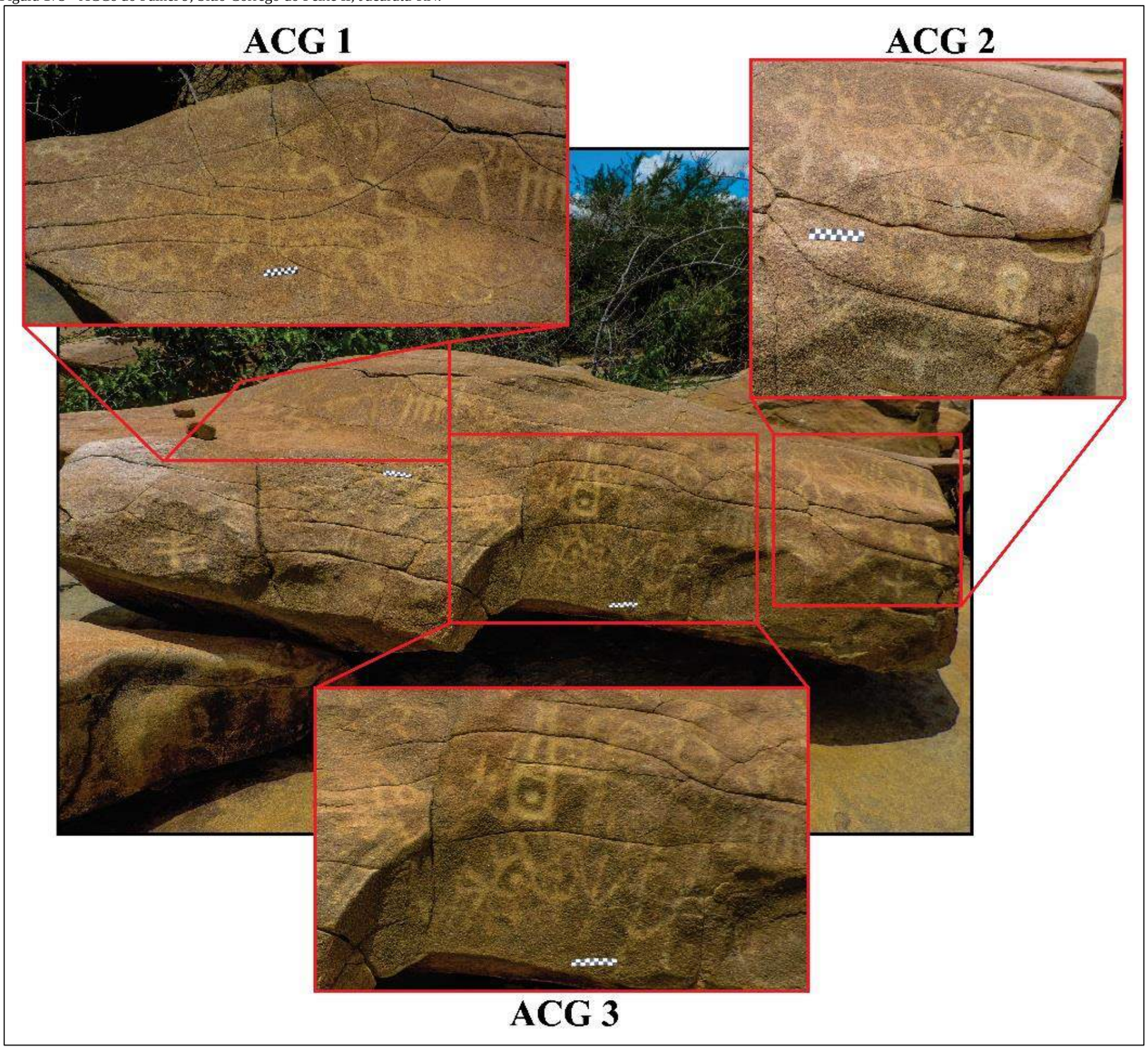



O painel apresenta três (03) ACGs (Figura 173), onde média entre as gravuras no painel é de 3 cm, e nas ACGS é de 2,5 cm. As medidas das ACGs são respectivamente (Tabela 11):

Tabela 11 - Dimensões das ACGs do Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

| ACG | 1 | 2 | 3 |
|---|---|---|---|
| Comprimento | 1,1 m | 0,75 m | 0,53 m |
| Largura | 1,8 m | 1,2 m | 0,93 m |

Figura 173 - ACGs do Painel 9, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.



A partir da segregação das camadas pictóricas, vemos que o painel 9 teve no mínimo dois (02) momentos pictóricos diferentes, já que alguns grafismos apresentaram sinais de regravação.

*5.1.4.3.10 O Painel 10*

O painel 10 (Figura 174) está localizado em um lajedo granítico, localizado a 10 m do painel 9. O suporte rochoso apresenta um avançado processo de intemperismo originado pela disjunção esferoidal, ocasionando o desplacamento em vários pontos do painel.

Figura 174 - Vista geral do painel 10. Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Foram analisados vinte e cinco (25) grafismos, nos quais, dezenove (19) apresentaram como técnica predominante a raspagem, e seis (06) apresentaram a técnica da raspagem associada ao polimento. Os traços dos grafismos variam entre 0,9 cm e 2 cm, com uma profundidade média de 0,1 mm. O instrumento utilizado para a prática pictórica tinha caráter raspador com um gume que media entre 0,8 cm e 1,2 cm.

Dos vinte e cinco (25) grafismos, cinco (05) foram considerados recorrentes, sendo três (03) semelhantes a recorrência 10 de Brito (2011) (Figura 175), e dois (02) recorrentes ao repertorio de grafismos de Maranhão (2003), sendo um (01) referente ao tipo GR11 (Figura

176) e um (01) ao tipo GR16 (Figura 177). Os demais grafismos foram enquadrados como irreconhecíveis. A área gravada não apresentou ACGs, o que demonstra uma disposição uniforme dos grafismos no suporte, e o espaço médio entre os grafismos é de 3,6 cm.

Figura 175 - Grafismos recorrentes: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b, c e d) Grafismo recorrente a recorrência 10 de Brito (2011), Painel 10, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

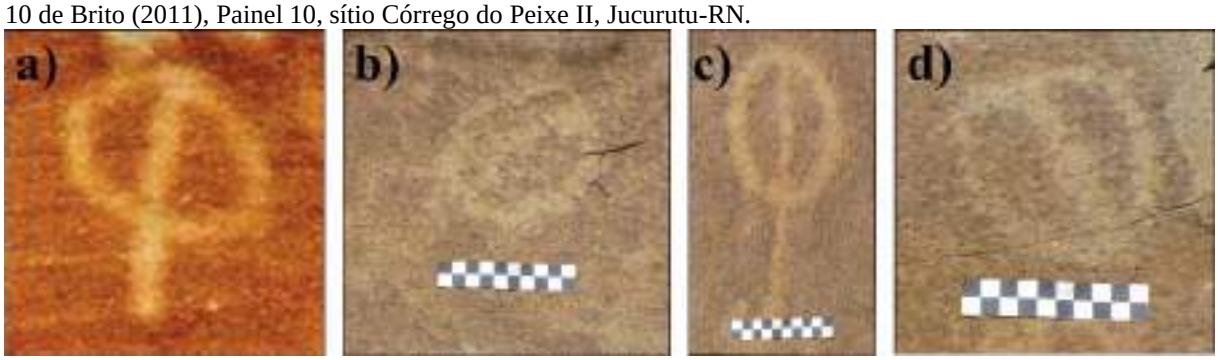



Figura 176 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR11 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR11 de Maranhão (2003), Painel 10, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

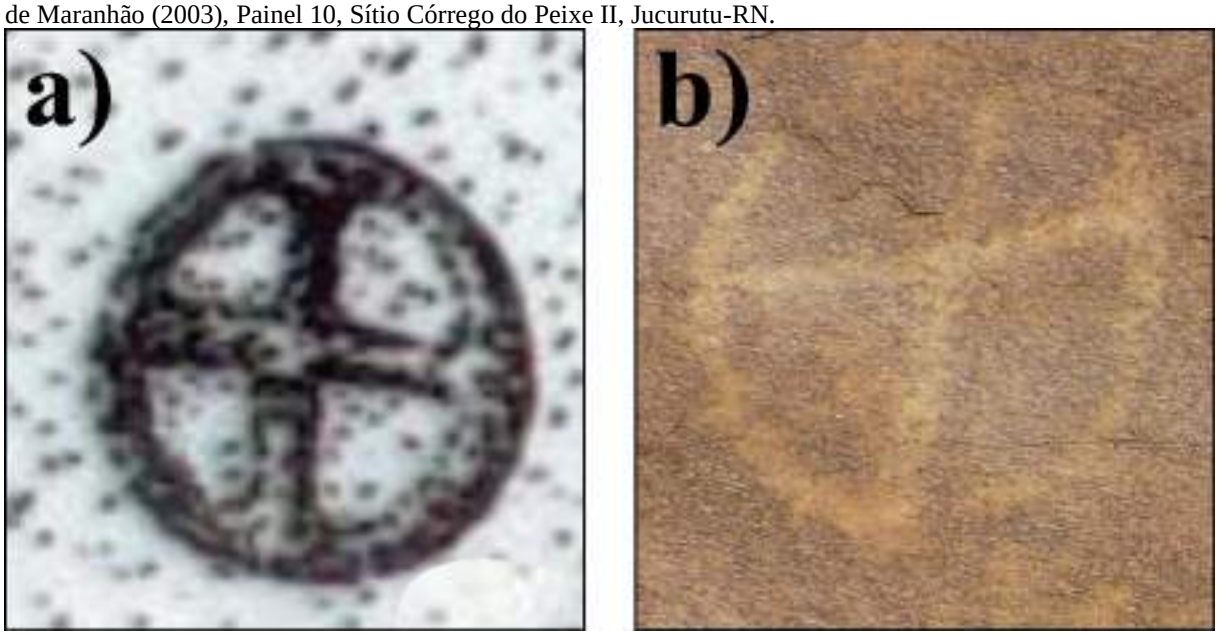
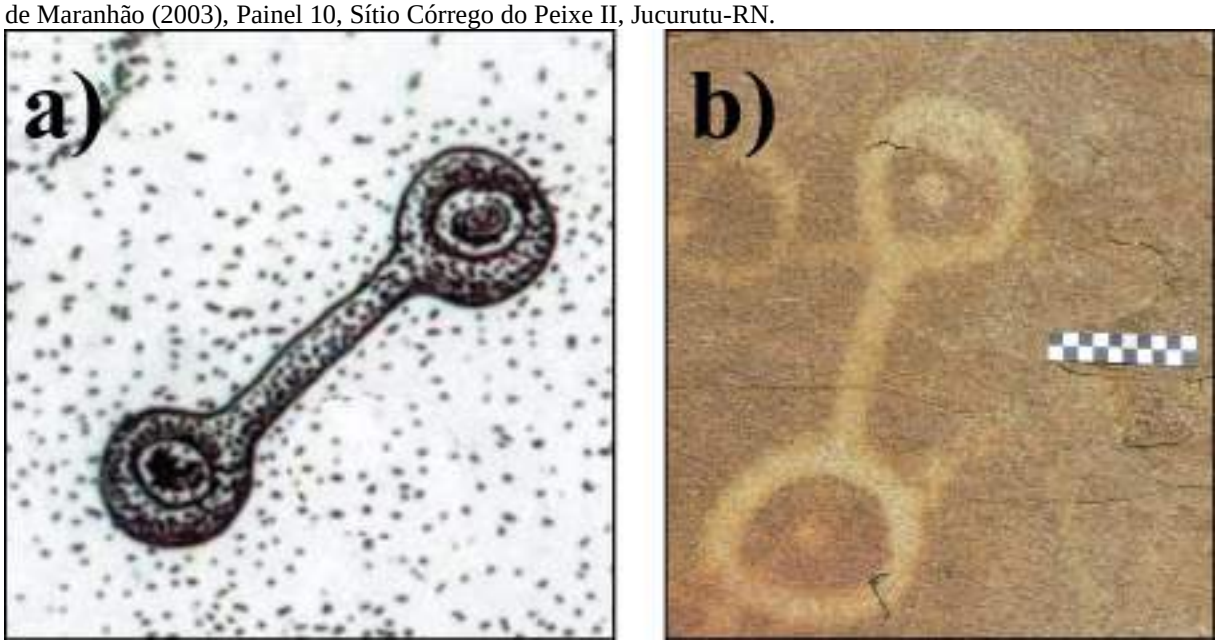


Figura 177 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão (2003), Painel 10, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




*5.1.4.3.11 Grafismos isolados*

O Sítio Córrego do Peixe II também apresenta inúmeros grafismos isolados, que faziam parte de painéis apagados pela ação das águas do Córrego do Peixe, ou foram gravados de forma isolada. Algumas dessas gravuras estão em péssimo estado de conservação, isso prejudica a identificação das mesmas. Assim escolhemos apenas os grafismos que estavam em bom estado de conservação, conservando suas características morfológicas e técnicas intactas.

Foram analisadas cinco (05) gravuras, onde três (03) foram classificadas como recorrentes, uma (01) como irreconhecível (Figura 178) e uma (01) como reconhecível. Dentre as três (03) gravuras recorrentes, duas (02) fazem são semelhantes ao tipo GR18 de Maranhão (2003) (figura 179), e uma (01) idêntica ao tipo recorrência 10 de Brito (2011) (figura 180). O grafismo reconhecível foi classificado como fitomorfo (Figura 181).

Figura 178 - Grafismo irreconhecível, isolado, Sítio Córrego do Peixe II Jucurutu-RN.

Figura 179 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR18 (MARANHÃO, 2003); b e c) Variação do GR18 de Maranhão (2003), Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

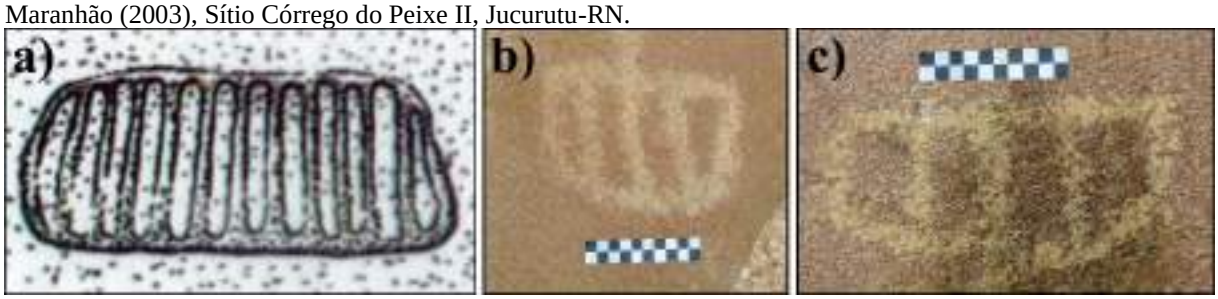



Figura 180 - Recorrências: a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) Grafismo recorrente a recorrência 10 de Brito (2011), Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

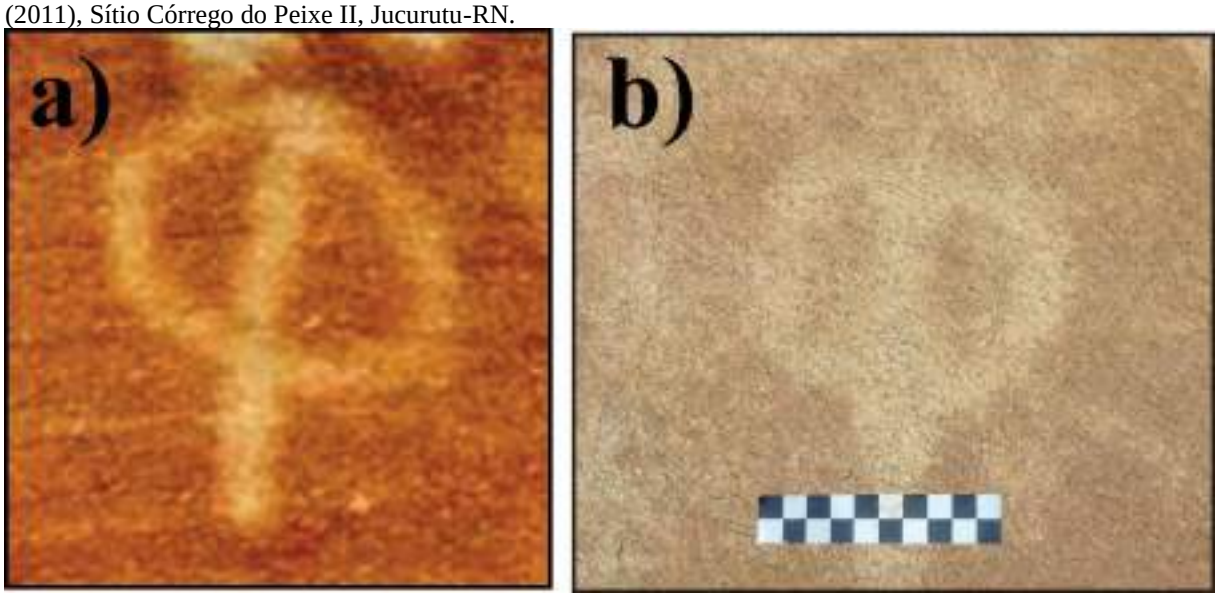


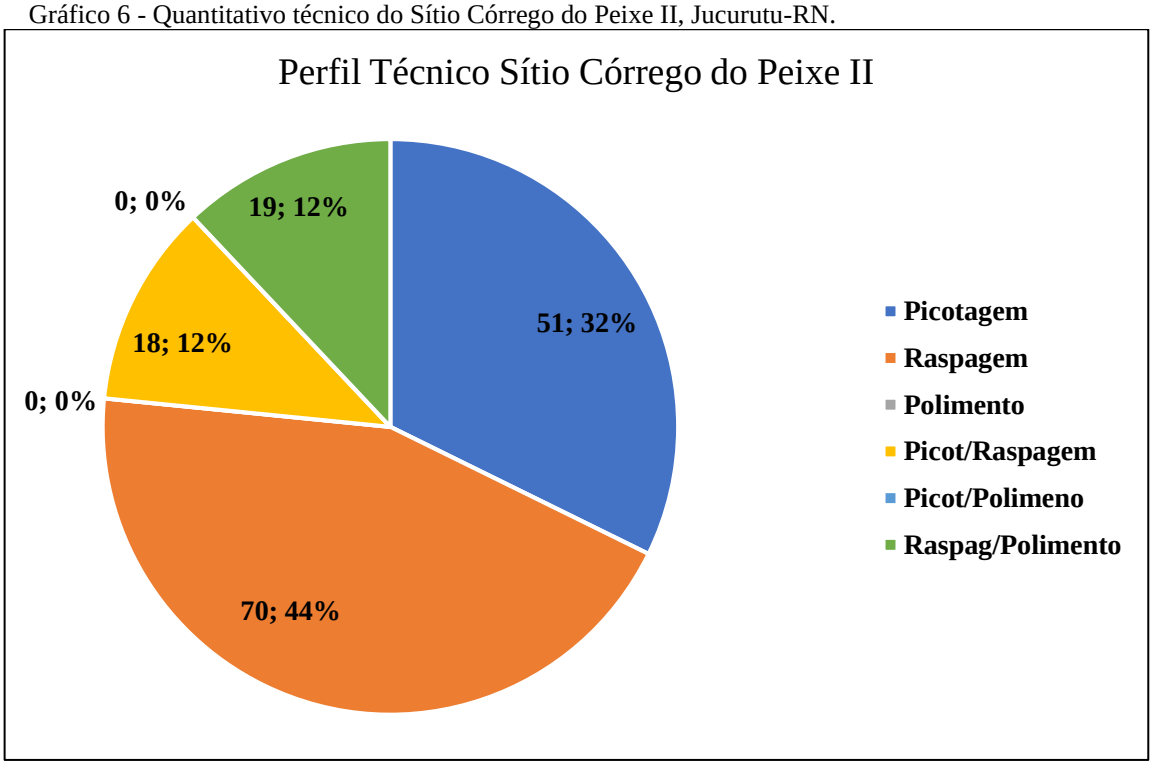
Figura 181 - Fitomorfo, isolado, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

Quatro (04) dos cinco (05) grafismos analisados, foram elaborados a partir da técnica da picotagem. Já o fitomorfo foi elaborado a partir da raspagem. Os traços variam entre 0,6 cm e 2,3 cm, com profundidades nos sulcos entre 0 mm e 0,2 mm. Os instrumentos tinham caráter percutor e raspador, com gumes que mediam entre 0,5cm e 0,8 cm para o percutor, e 0,7cm e 1,7 cm para o raspador.

### 5.1.4.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe II

Foram analisadas cento e cinquenta e oito (158) grafismos (Gráfico 6), no sítio Córrego do Peixe II, onde cinquenta e um (51=32%) foram realizadas a partir da técnica da picotagem, setenta (70=44%) pela raspagem, dezoito (18=12%) pela associação técnica entre picotagem e raspagem, dezenove (19=12%) pela raspagem associada ao polimento. Não foram localizados grafismos realizados exclusivamente pela técnica do polimento.

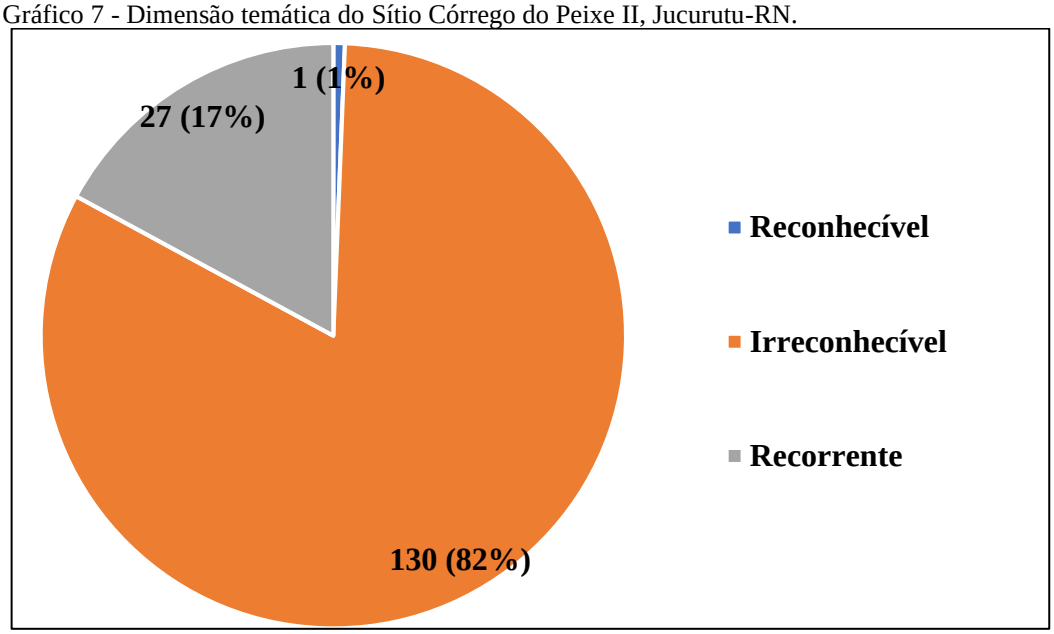
Gráfico 6 - Quantitativo técnico do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




A média dos traços dos grafismos nos painéis no Córrego do Peixe II é de 1,4 cm de espessura, com uma profundidade média de 0,1 mm. A espessura média dos gumes era de 0,7 cm para os percutores e de 1,1 cm para o raspador.

Dos cento e cinquenta e oito (158) grafismos analisados, cento e trinta (130=82%) foram classificados como irreconhecíveis, vinte e sete (27=17%) como recorrentes e um (1=1%) como reconhecível (Gráfico 7). O espaço médio entre os grafismos nas áreas gravadas é de 2,7 cm e de 2,3 cm nas ACGs.

Gráfico 7 - Dimensão temática do Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




A partir das análises do acervo fotográfico, em conjunto com as vetorizações dos grafismos dos painéis do Córrego do Peixe II pelo programa Photoshop CC, chegamos a momentos pictórico hipotéticos (Tabela 12) (Figuras 182,183 e 184). Alguns painéis como o P2 e o P6 tiveram suas análises comprometidas por ações intempéricas que dificultaram a diferenciação de momentos pictóricos distintos.

Tabela 12 - Momentos pictóricos dos painéis do sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

| Painel | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Momentos Pictóricos | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 | 3 | 3 | 2 |

As principais ações intempéricas que podemos citar são: a esfoliação hídrica (em P2 e P6) e a ação de microrganismos, como os liquens (em P6). Além disso, os painéis P5 e P7 tiveram uma grande atividade pictórica, e isso gerou um grande número de sobreposições gráficas. Esse fator dificultou também a diferenciação de camadas pictóricas.

Figura 182 - Momento pictórico. Painel 1, Sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.

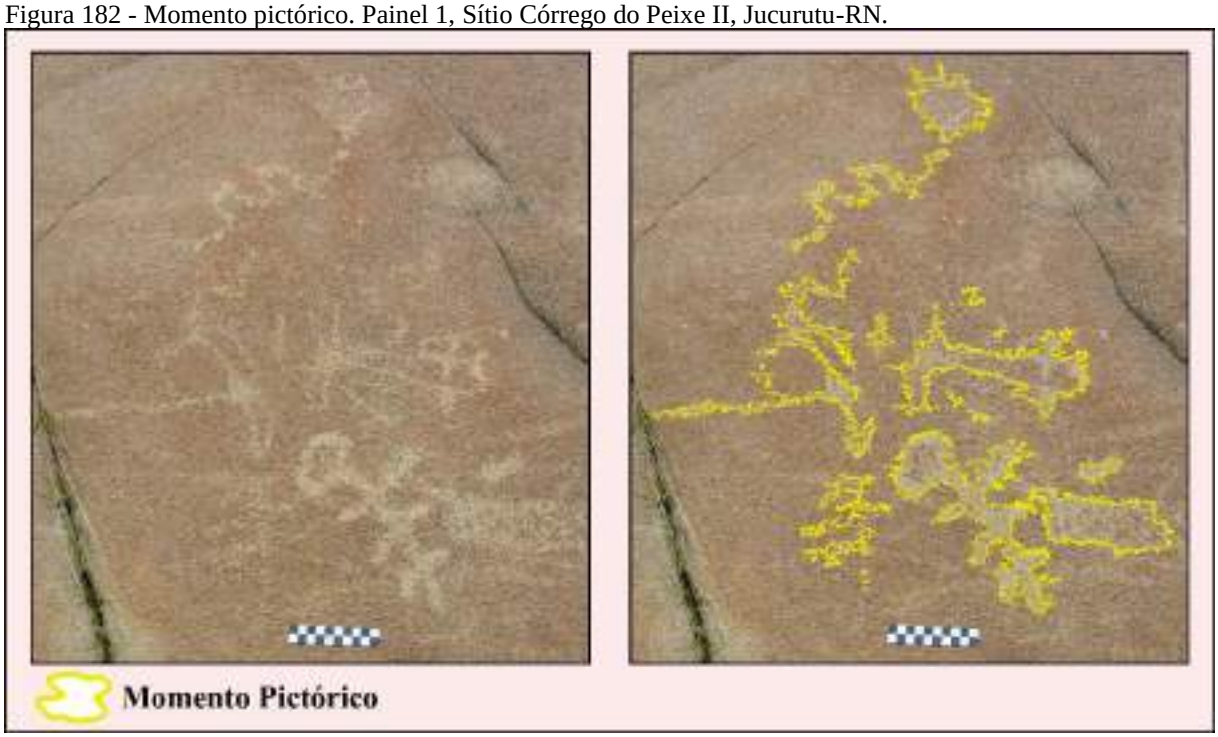


Figura 183 - Diferenciação de momentos pictóricos distintos, Painel 8, Sítio Córrego do Peixe II. Jucurutu-RN.

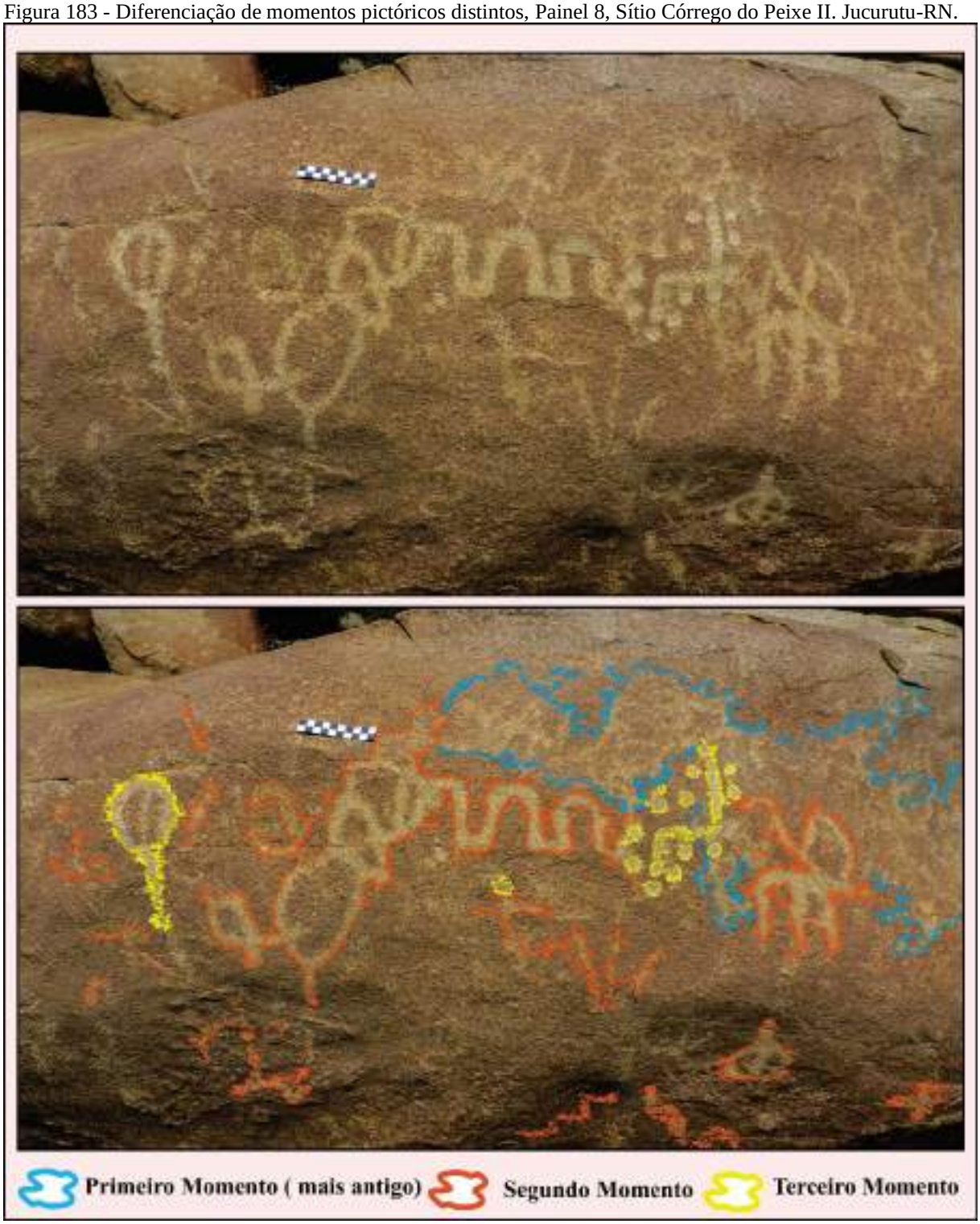
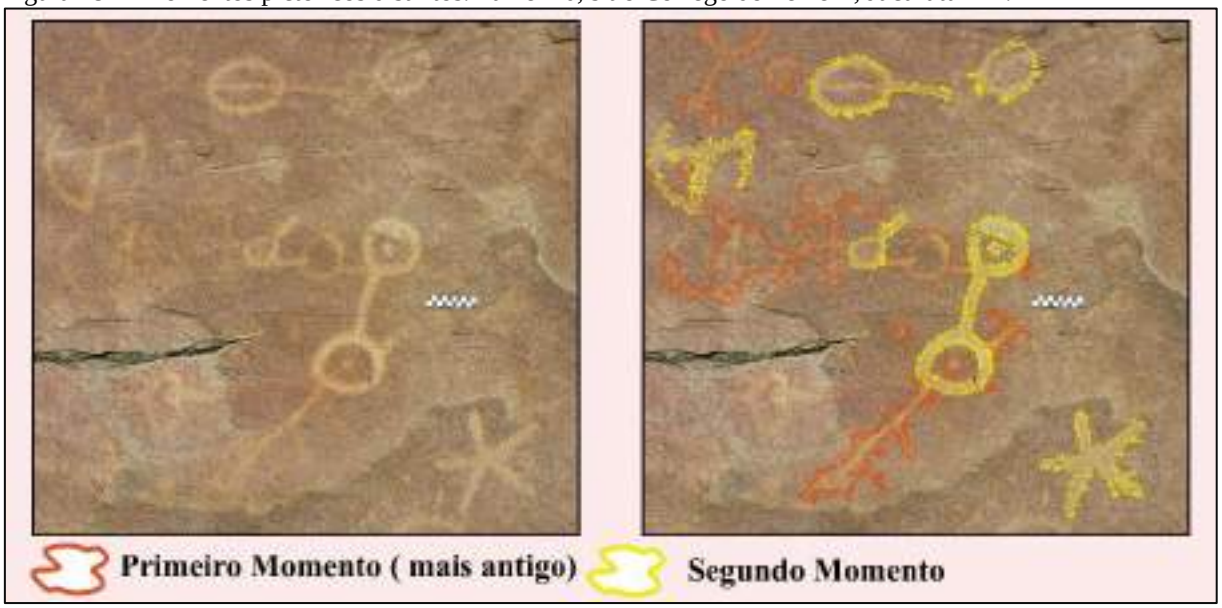


Figura 184 - Momentos pictóricos distintos. Painel 10, sítio Córrego do Peixe II, Jucurutu-RN.




### 5.1.5 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe III

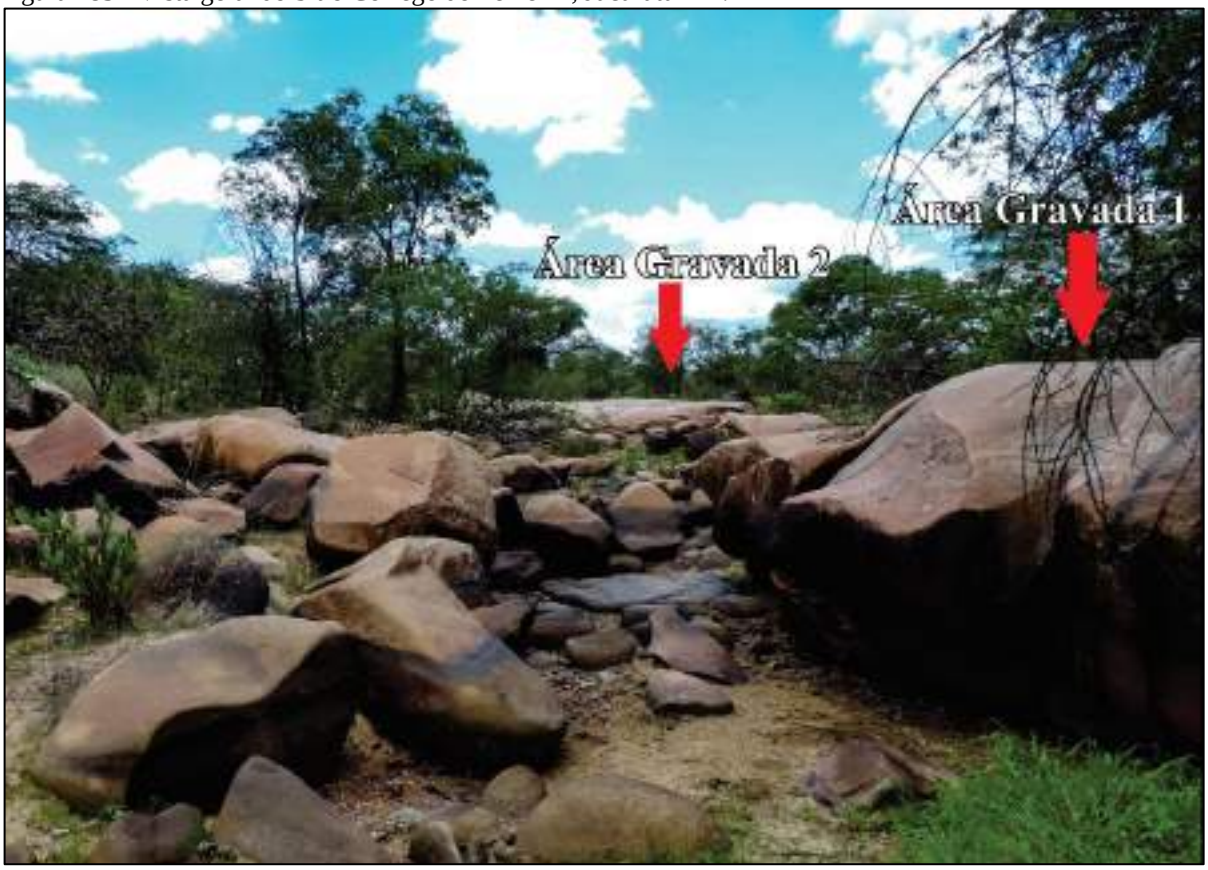
#### 5.1.5.1 Localização

O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe III está localizado na divisa dos municípios de Jucurutu, Jardim de Piranhas (ambos pertencentes ao estado do RN), e Belém de Brejo do Cruz-PB, na comunidade rural Pedra Ferrada. As coordenadas geográficas são 6 ° 09' 09.0"S e 37° 09' 25.0"W, com uma cota altimétrica de 111 m. O acesso ao sítio se dá a partir da cidade de Jucurutu, saindo do centro urbano, em direção ao município de Caicó-RN. Após percorrer cerca de 12 km (chegando na comunidade de Aroeira) entra-se à direita (em uma estrada de barro) e percorrer mais 14 km até chegar na Fazenda Pedra Ferrada, o sítio está situado à cerca de 1.040 metros na direção Sul da sede da fazenda.

#### 5.1.5.2 Geomorfologia

O sítio (Figura 185) está localizado no centro do Córrego do Peixe e a cobertura vegetal predominante é a Caatinga arbustiva e arbórea. O Córrego do Peixe III é composto por vários matacões e blocos de rocha granítica, além de um grande lajedo e um afloramento, ambos graníticos, que distam 20 metros um do outro.

Figura 185 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.




O lajedo (Figura 186), está totalmente a céu aberto, o que contribuiu para seu desgaste, através de rachaduras ocasionadas por agentes intempéricos, as quais está sujeito. Dentre essas ações podemos destacar a intensa exposição da rocha ao sol e a esfoliação hídrica. A superfície do lajedo está bastante esfoliada graças a ação das águas do córrego, que passa sobre o mesmo, nos períodos de cheia.

Figura 186 - Lajedo, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.

Já o afloramento (Figura 187) apresenta uma grande quantidade de liquens, o que ocasionou a biocobertura de grafismos, nas partes mais baixas do suporte que, em períodos de cheia fica parcialmente alagado.

Figura 187 - Afloramento, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.

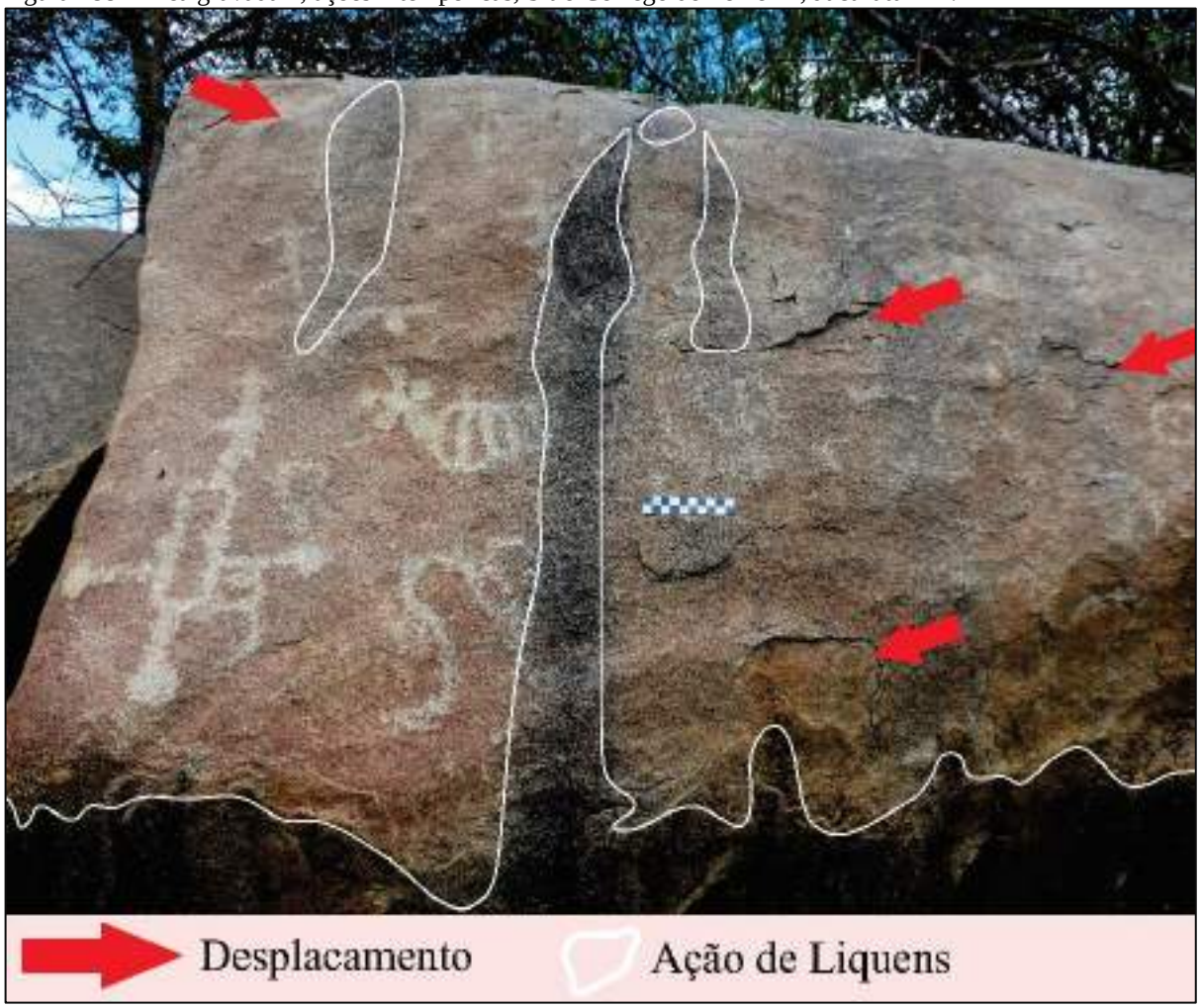
O sitio Córrego do Peixe III pode apresentar possibilidades de sondagens na área sul do afloramento rochoso, um local que não sofre tanta perturbação hídrica ocasionada pela ação do Córrego do Peixe.

### 5.1.5.3 O sítio

O sítio é composto por duas (02) áreas gravadas: a primeira área mede 1,1 m de largura por 67 cm de comprimento, localizada no afloramento citado anteriormente; já a segunda mede 60 cm e largura por 47 cm de comprimento e está localizada extremidade sudeste do lajedo que compõem o sítio.

A área gravada 1 (Figura 188) apresentou um grande número de gravuras; porém, apenas oito (08) grafismos foram utilizados para a análise, pois a rocha suporte apresentou áreas com intemperismo que influenciaram na conservação do acervo gráfico. Entre as ações intempéricas que determinaram a escolha de grafismos, para a presente análise, podemos citar o desplacamento (disjunção esferoidal) e a ação de líquens.

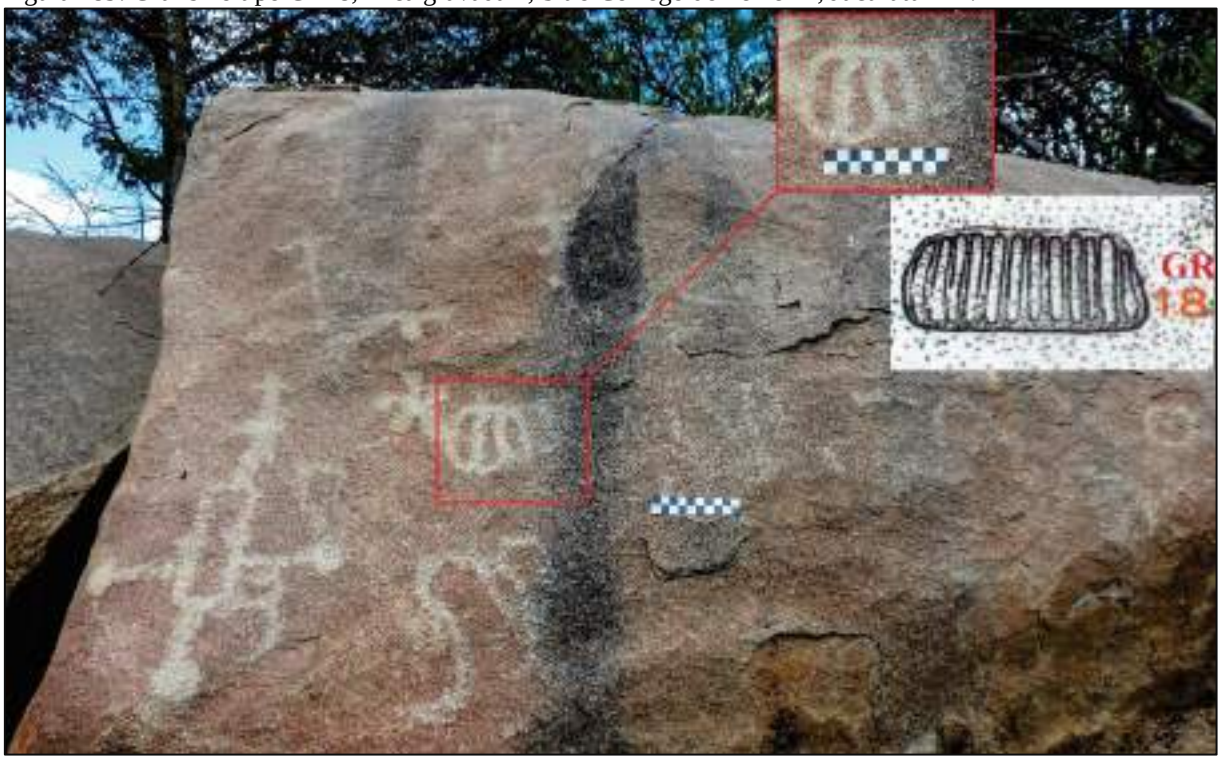
Figura 188 - Área gravada 1, ações intempéricas, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.




Todos os grafismos da área gravada 1 apresentam, como técnica predominate, a picotagem, com traços que variam entre 0,8 cm e 2,7 cm de espessura, com profundidades ocilando entre 0 mm e 0,2 mm no sulco dos grafismos. O instrumento gravador utilizado tinha caráter percutor com gumes que variavam entre 0,5 cm e 0,8 cm.

Dentre os oito (08) grafismos selecionados, apenas um (01) é recorrente. Os demais são irreconhecíveis. O grafismo recorrente (Figura 189) é semelhante ao Tipo GR 18 de Maranhão (2003), apresentando algumas caracteristicas morfológicas peculiares.

Figura 189: Grafismo tipo GR18, Área gravada 1, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.



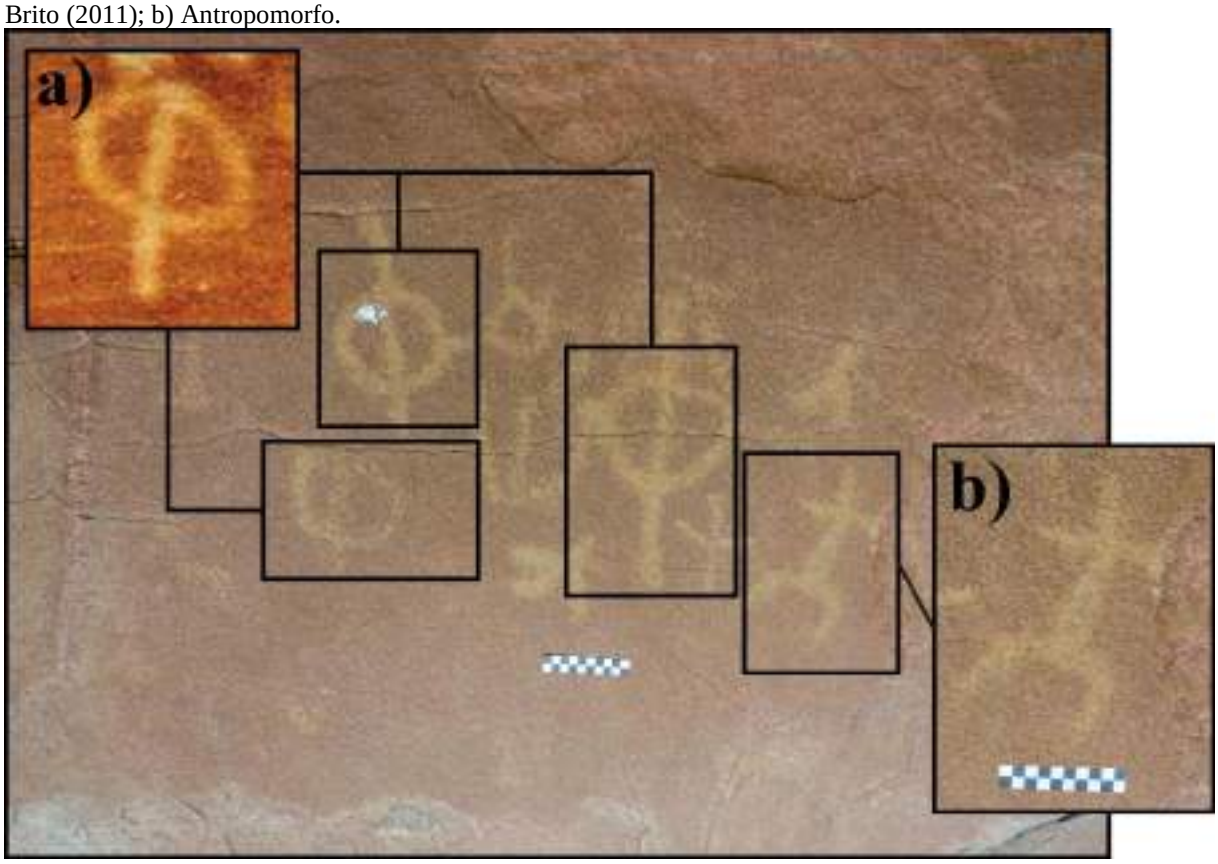

A área gravada 2 (Figura 190), está localizada no lajedo que compõe o sítio, em um espaço gravado de dimensões, mas com uma concentração maior de grafismos, se compararmos com o espaço da área gravada 1.

Figura 190 - Área gravada 2. Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.

A área gravada 2 apresenta nove (09) grafismos em bom estado de conservação e as técnicas utilizadas para a prática pictórica são a picotagem sete (07) grafismos, e a raspagem dois (02) grafismos. A espessura dos traços dos grafismos varia entre 0,8 cm e 2,3 cm, com uma profundidade média de 0,1 mm no interior dos sulcos. Os instrumentos gravadores tinham caráter percutor e raspador com gumes que mediam entre 0,4 cm e 0,7 cm para os percutores, e entre 0,9 cm e 1,2 cm para os raspadores.

Dos nove (09) grafismos analisados (Figura 191), três (03) são idênticos a recorrência 10 de Brito (2011), um (01) apresenta formato semelhante a um antropomorfo. Os outros cinco (05) foram classificados como irreconhecíveis. O espaço médio entre as gravuras é de 3 cm.

Figura 191 - Dimensão temática da área gravada 2, Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN. a) Recorrência 10 de Brito (2011); b) Antropomorfo.

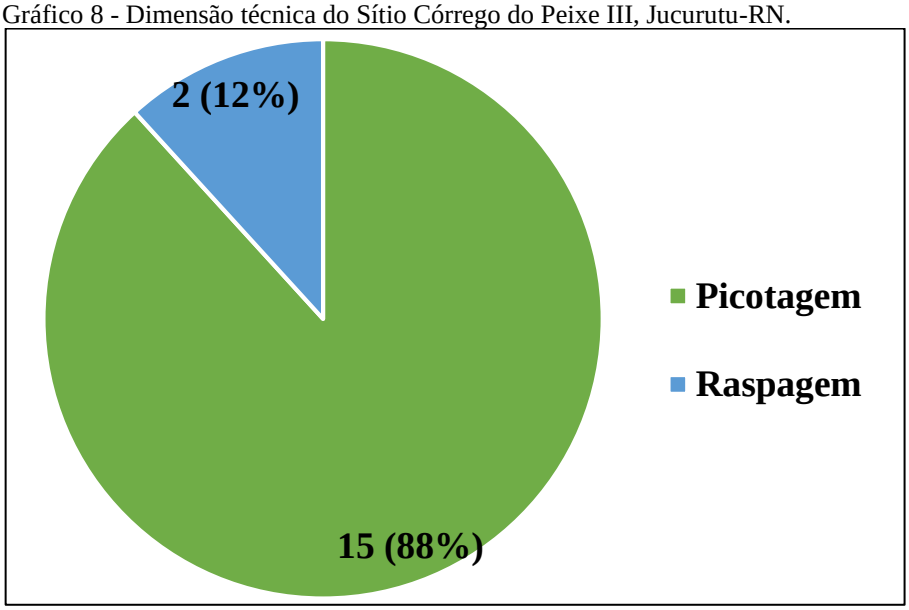



### 5.1.5.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe III

Foram analisados dezessete (17) grafismos no Sítio Córrego do Peixe III, dentre eles quinze (15) foram gravados a partir da técnica da picotagem, e dois (02), pela técnica da raspagem (Gráfico 8). A espessura média dos traços dos grafismos é de 1,6 cm com uma

profundidade média de 0,15 mm. A média dos gumes dos instrumentos utilizados tinham as seguintes medidas:  0,6 cm para os instrumentos percutores e de 0,9 cm para os raspadores.

Gráfico 8 - Dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe III, Jucurutu-RN.




Entre as dezessete (17) grafismos analisados, doze (12=77%) são irreconhecíveis, um (1=5%) reconhecível e quatro (4=18%) são recorrentes. Notamos que as gravuras recorrentes ocupam espaços distintos, aparecendo no centro das ACGs ou nos limites das extremidades das ACGs. O espaço médio entre os grafismos é de 4,2 cm, mas é nítida a utilização distinta do espaço gráfico, pois a área gravada 1 apresenta grafismos com distâncias superiores entre si maiores que a área gravada 2, o que demonstra essa distinção.

### 5.1.6 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe IV

#### 5.1.6.1 Localização

O acesso ao sítio arqueológico Córrego do Peixe IV, com coordenadas 6° 09' 07.6" e S 37° 09' 22.7" W, se dá a partir da cidade de Jucurutu-RN, saindo em direção ao município de Caicó-RN. Após percorrer cerca de 12 km (na comunidade de Aroeira), entra-se à direita em estrada de barro e percorre-se mais 14 km até chegar na Fazenda Pedra Ferrada (conhecida também como Baixa da Oiticica). O sítio está situado à cerca de 1000 m da casa sede da fazenda, em direção Sudeste, e cerca de 84 m de distância do Sítio Arqueológico Córrego do Peixe IV em sentido nordeste.

### 5.1.6.2 Geomorfologia

O sítio está situado em uma área plana, sem nenhum ponto de relevo ou natural de referência. A vegetação da área está preservada, apresentando uma Caatinga arbórea com espécimes de caibreiras (*Tabebuia aurea*) e demais remanescentes arbóreos da Caatinga.

O sítio está inserido no interior do vale do Córrego do Peixe, no próprio leito do corpo hídrico. Constitui-se em vários matacões graníticos, distribuídos sobre um lajedo (granítico), expostos graças a ação das águas do Córrego do Peixe (Figura 192). Essa localização torna a área do sítio uma zona facilmente inundável. Sobre as rochas, foi verificada uma biocobertura de líquens, além de áreas de desplacamento.

O sítio não apresenta possibilidades de sondagens ou escavações arqueológicas. Isto em decorrência de sua localização, já que o Córrego do Peixe V está inserido no leito do corpo hídrico homônimo, responsável pelo carreamento e intenso transporte sedimentar.

Figura 192 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.

### 5.1.6.3 O sítio

O Sítio Córrego do Peixe IV é composto por dois (02) painéis localizados em dois (02) matacões graníticos e um grafismo isolado, que contém áreas gravadas que medem respectivamente (Tabela 13)

Tabela 13 - Dimensões dos painéis do Sítio Córrego do peixe IV.

| Painel | Comprimento | Largura |
|---|---|---|
| 1 | 1,2 m | 2,4 m |
| 2 | 0,43 m | 0,85 m |

*5.1.6.3.1 Painel 1*

O painel 1 (Figura 193), é composto por duas (02) ACGs que medem respectivamente: ACG1: 1,9 m de largura por 57 cm de comprimento; ACG2: 1,1 m de largura por 58 cm de comprimento. A ACG1 é composta de nove (09) grafismos gravados, e todos foram elaborados a partir da técnica da picotagem. A espessura dos grafismos varia entre 0,9 cm e 2,7 cm, com uma profundidade oscilando entre 0 mm e 0,2 mm. O instrumento tinha caráter percutor com gume de medidas que variavam entre 0,5 cm e 0,8 cm.

Figura 193 - ACGs, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.

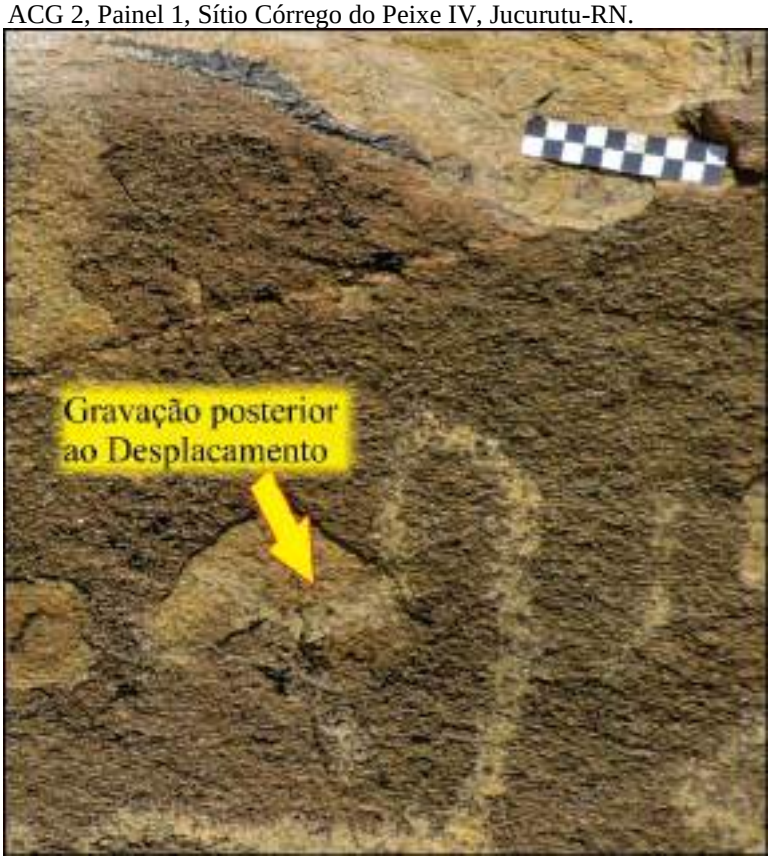
Todas as nove (09) gravuras da ACG 1 são de caráter irreconhecível, e os espaços entre os grafismos variam entre 3 cm e 5 cm. Notamos que existe uma relação entre os grafismos e o formato da superfície da rocha suporte, onde as ACG's seguem as divisões naturais do suporte, sem ultrapassá-las (Figura 194), assim o(s) indivíduo(s) adequaram o espaço gráfico ao espaço do suporte.

Figura 194 - Delimitação do espaço gráfico, ACG 1, AG1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.

Já a ACG2 (Figura 195), apresenta alguns pontos com desplacamento, no entanto, alguns grafismos foram elaborados posteriormente a esse evento (Figura 196). A ACG2 é composta por seis (06) grafismos, elaborados a partir da técnica do picoteamento, onde os traços têm espessura que varia entre 0,9 cm e 2,1 cm. A profundidade dos sulcos dos grafismos oscila entre 0 mm e 0,1 mm, e o instrumento utilizado tinha caráter percutor com gume de medidas que variam entre 0,2 cm e 0,6 cm. Os seis (06) grafismos têm caráter irreconhecível, com espaço médio entre as gravuras de 4,3 cm.

Figura 195 - ACG 2, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.

Figura 196 - Detalhe de gravação posterior ao desplacamento da rocha, ACG 2, Painel 1, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.



### *5.1.6.3.2 Painel 2*

O painel 2 (Figura 197) é composto por três (03) gravuras, elaboradas a partir da técnica do picoteamento, com traços que medem entre 0,8 cm e 10 cm, com uma profundidade média de 0,1 mm nos sulcos dos grafismos. O instrumento utilizado para a realização da prática pictórica tinha caráter percutor, com gumes que variavam entre 0,3 cm e 0,6 cm.

No Painel 2 existem dois (02) grafismos, que acreditamos representar fitomorfos, separados por uma distância de 7 cm. Além disso, existe um (01) grafismo irreconhecível que aparenta estar isolado, a 25 cm de distância, dos outros.

Figura 197 - Painel 2, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.

Verificou-se uma extensa biocobertura de liquens no suporte, a qual encobre as gravuras existentes, e nos leva a acreditar que a junção da esfoliação hídrica e liquens pode ter ocasionado a deterioção de traços e grafismos, nessa área gravada.

### *5.1.6.3.3 Grafismo isolado*

O grafismo isolado tem caráter reconhecível: trata-se de um antropomorfo, que mede 35 cm de comprimento. Ele foi elaborado a partir da técnica da picotagem, com traços que variam entre 1 cm e 2 cm de espessura e a profundidade de 0,1 mm no interior dos sulcos. O instrumento percutor tinha um gume com proporções entre 0,2 cm e 0,5 cm.

O antropomorfo (Figura 198) está parcialmente completo, pois uma parte do que seria a "cabeça" foi perdida pelo desplacamento de parte do suporte. Essa gravura está localizada em uma área de cascata, onde o fluxo de água nesse ponto é intenso, isso deixou o grafismo desgastado e com concentrações de líquens em alguns pontos do traço e ao seu entorno.

Figura 198 - Antropomorfo, grafismo isolado, Sítio Córrego do Peixe IV. Jucurutu-RN.

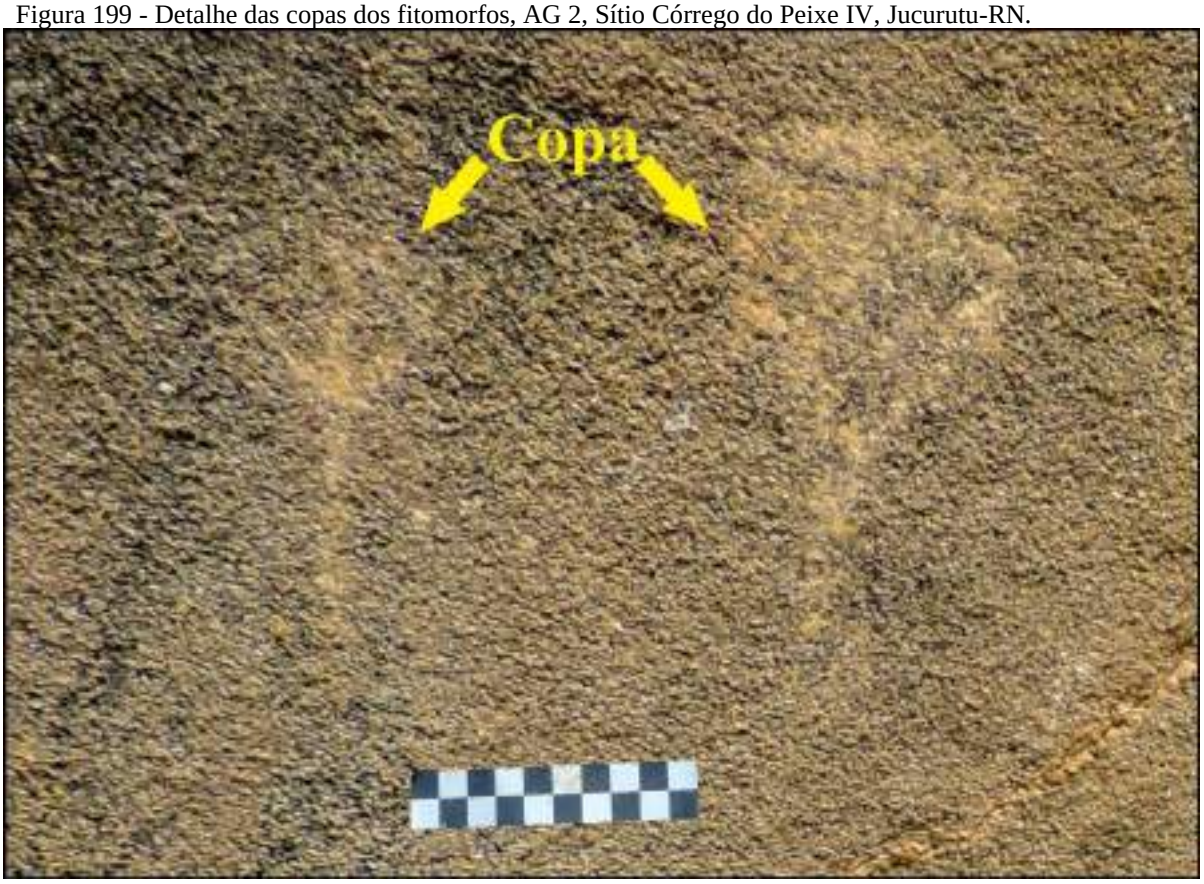
5.1.6.4 O perfil gráfico do Sítio Córrego do Peixe IV

Dos dezenove (19) grafismos analisados no Sítio Córrego do Peixe IV, todos foram elaborados a partir da técnica da picotagem. A média da espessura dos traços dos grafismos é de 2,3 cm, com uma profundidade média de 0,1 mm.

Todos os instrumentos têm caráter percutor, com a média da medida do gume de 0,5 cm. Os grafismos apresentam uma irregularidade nas bordas, característica típica dos grafismos gravados a partir da picotagem, vemos isso claramente na ACG 2 da AG1, os espaços entre os pontos de gravação podem chegar a 0,2 cm.

Entre os dezenove (19) grafismos, três (03) são de caráter reconhecível, e dezesseis (16) irreconhecíveis. O antropomorfo apresenta características “agrestóides” (MARTIN, 2003), representado sem noção de movimento, além de apresentar 35 cm de comprimento. Os dois fitomorfos do Painel 2 apresentam tamanhos semelhantes, 20 cm, com uma possível representação da copa, ou da folhagem de uma espécie arbórea (Figura 199).

Figura 199 - Detalhe das copas dos fitomorfos, AG 2, Sítio Córrego do Peixe IV, Jucurutu-RN.




A partir da análise dos suportes, e com a vetorização dos grafismos, não podemos inferir que o sítio Córrego do Peixe IV teve mais de um momento pictórico distinto, pois como trabalhamos com sobreposições de tonalidades nos grafismos, e os painéis não apresentaram essa característica, não podemos inferir essa informação. Tantos os grafismos do Painel 1, Painel 2 e o antropomorfo isolado podem ter sido gravados em um mesmo momento, ou em momentos distintos. No entanto, essa informação só pode ser comprovada com a aplicação de métodos de datação direta nesse acervo gráfico, o que não foi viável em nossa pesquisa.

### 5.1.7 O Sítio Arqueológico Córrego do Peixe V

#### 5.1.7.1 Localização

O Sítio Córrego do Peixe V está localizado nas coordenadas 6° 09' 06.4" S e 37° 09' 30.3" W. Para encontrar o sítio é preciso seguir do centro da cidade de Jucurutu-RN, em direção ao município de Caicó-RN. Após percorrer cerca de 12 km (chegando na comunidade de Aroeira) entrar à direita em uma estrada de barro e percorrer mais 14 km até chegar na Fazenda Pedra Ferrada, o sítio está situado à cerca de 974 m na direção Sul, e cerca de 181 m de distância do Sítio Arqueológico Córrego do Peixe VI, em sentido noroeste.

### 5.1.7.2 Geomorfologia

O Córrego do Peixe V (Figura 200) está cercado por Caatinga arbustiva, com alguns casos de remanescentes arbóreos, em bom estado de conservação. O sítio é formado por rochas graníticas, com um grande número de matacões sobre um lajedo.

Figura 200 - Vista geral do Sítio Córrego do Peixe V. Jucurutu-RN.

O sítio está localizado a cerca de 72 m de distância do Córrego do Peixe, em uma área de terreno arenoso, resultado de depósitos fluviais. Assim, uma sondagem arqueológica não é viável pois o terreno e as camadas estratigráficas estão bastante perturbados.

As rochas localizadas no sítio, sofrem a ação intensa dos agentes intempérico, apresentado rachaduras, desplacamentos e marcas hídricas com a presença de monóxido de ferro, ocasionadas pelo escoamento das águas sobre as rochas, principalmente no lajedo.

### 5.1.7.3 O sítio

O sítio é formado pois dois (02) painéis dispostos sobre um lajedo granítico. A primeira área gravada mede 1,60 metros de largura por 1,15 centímetros de comprimento. A segunda AG mede 4,05 metros de largura por 4,90 metros de comprimento.

#### *5.1.7.3.1 Painel 1*

No painel 1 (Figura 201) foram analisados sete (07) grafismos e todos foram elaborados a partir da técnica do picoteamento. Os grafismos têm traços com espessura que variam entre 0,9 cm e 2 cm, já a profundidade média dos sulcos dos grafismos é de 0,1 mm. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor, com gumes de 0,2 cm e 0,6 cm.

Figura 201 - Vista geral do Painel 1, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.

Dos sete (07) grafismos, quatro (04) são irreconhecíveis, e dois (02) são recorrentes ao tipo GR 16 evidenciado pela pesquisa de Maranhão (2003) (Figura 202), e um (01) é recorrente ao grafismo GRCP2 (Figura 203). Notamos que o painel 1 tem espaços entre os grafismos que

variam entre 12 cm e 20 cm, o que difere dos demais sítios analisados no córrego do peixe, que tem distancias bem menores, algo entre no mínimo 2 cm e no máximo 10 cm.

Figura 202 - Recorrências: a) Grafismo recorrente GR16 (MARANHÃO, 2003); b e c) Grafismo recorrente ao GR16 de Maranhão, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.

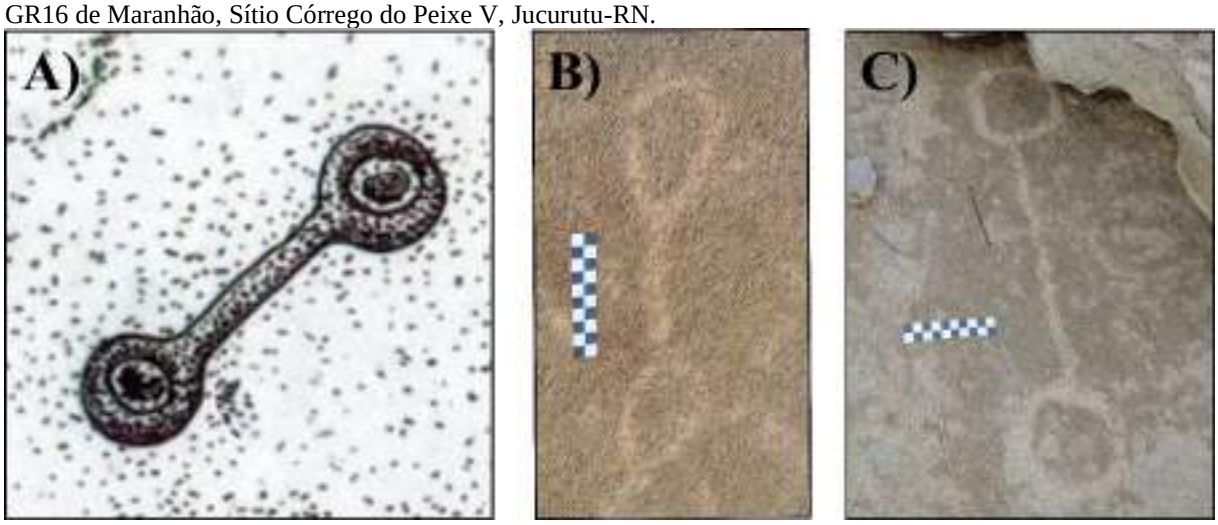



Figura 203 - Grafismo recorrente GRCP2. Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.

A área da rocha suporte onde o painel 1 está localizado passou por intensos eventos de desplacamentos, e isso pode ter contribuído para a destruição de grafismos. Ademais, o ângulo do suporte contribui com o escoamento das águas pluviais, por tem uma forma de “rampa”, ocasionando uma leve esfoliação hídrica no suporte.

*5.1.7.3.2 Painel 2*

O painel 2 (Figura 204), teve um total de onze (11) grafismos analisados, oito (08) foram elaborados a partir da técnica da picotagem e três (03) pela raspagem. A espessura dos grafismos dessa área gravada varia entre 0,8 cm e 2,2 cm, com profundidades no interior do sulco dos grafismos entre 0 mm e 0,1 mm. Os instrumentos tinham caráter percutor e raspador, com gumes de medidas entre 0,4 cm e 0,7 cm para o percutor e entre 0,9 cm e 1,2 cm para o raspador.

Figura 204 - Vista geral do Painel 2. Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.

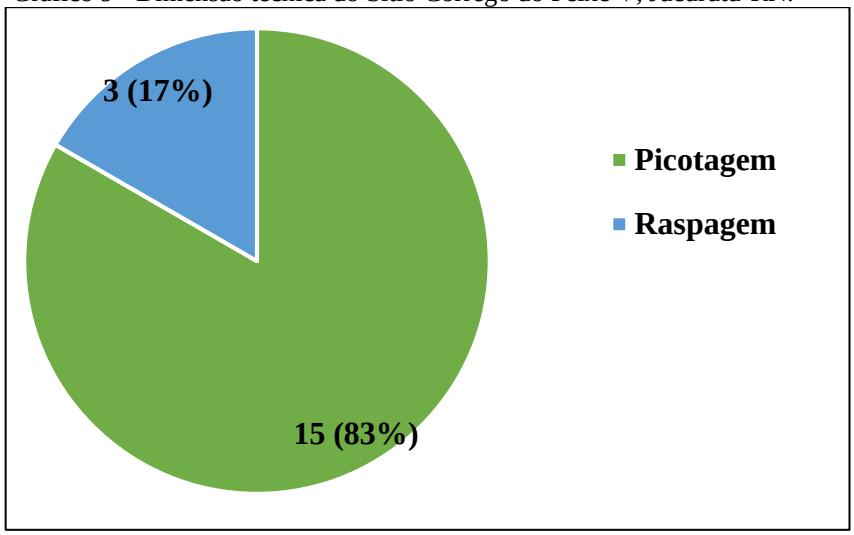
Todas as onze (11) foram considerados irreconhecíveis. O painel 2 tem uma ACG no seu centro que mede 1,23 m de comprimento por 75 cm de largura. O espaço médio entre as gravuras dentro dessa ACG é de 2,7 cm, e de 73 cm para os grafismos isolados que existem na AG.

5.1.7.4 O perfil Gráfico do Sítio Córrego do Peixe V

Foram analisados dezoito (18) grafismos, desses, quinze (15=83%) foram elaborados pela técnica da picotagem e três (3=17%) pela técnica da raspagem (Gráfico 9). Os grafismos do sítio Córrego do Peixe VI tem traços com espessura média de 1,3 cm, com a profundidade

média dos sulcos dos grafismos de 0,1 mm. A média dos gumes dos instrumentos utilizados para a prática pictórica é de 0,5 cm para o percutor e de 1 cm para o raspador.

Gráfico 9 - Dimensão técnica do Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.

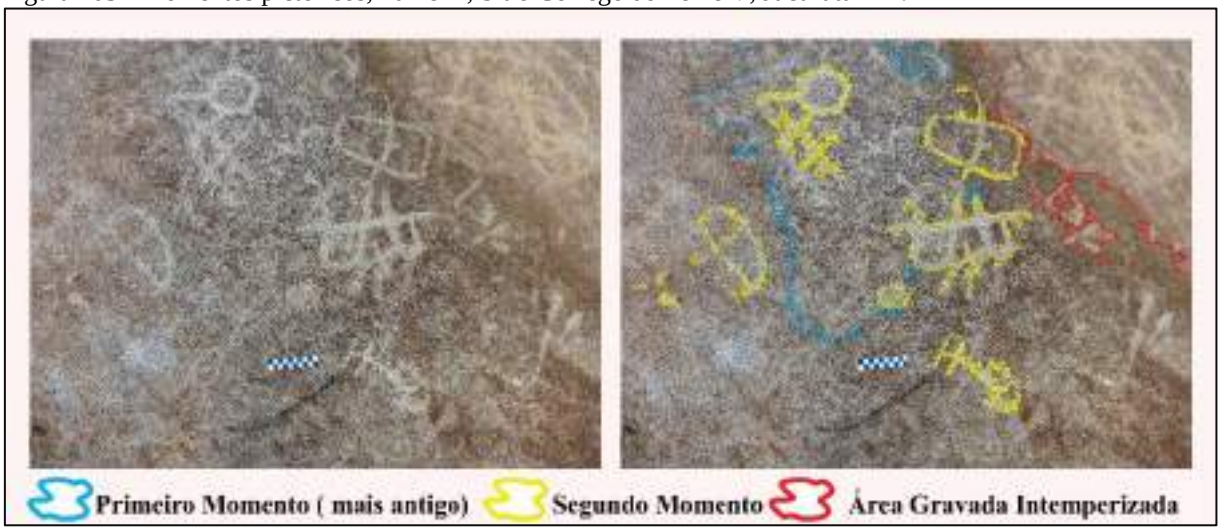



Dos dezoito (18) grafismos analisados, quinze (15=83%) tem caráter irreconhecível, e três (3=17%) são recorrentes, com espaços médios de 7,5 cm. Estas distâncias são diferentes entre as áreas gravadas, pois a área gravada 1 apresentou uma distância entre grafismos discrepante, em comparação à média verificada nos sítios da região.

Analisamos os painéis, com a finalidade de evidenciar momentos pictóricos distintos. No entanto o painel 1 não apresentou possibilidades de vetorização de camadas pictóricas. Os grafismos apresentam um estado de conservação ruim, em alguns casos; pois alguns grafismos foram afetados pela esfoliação hídrica, que pode deixar grafismos de mesmo momento pictórico com desgastes diferenciados.

A partir da vetorização das camadas pictóricas do painel 2 (Figura 205) percebemos que o sítio Córrego do Peixe V teve pelo menos dois (2) momentos pictóricos distintos. No entanto, o painel 2 apresenta alguns grafismos localizados em uma área intemperizada por uma mancha de água, resultado de anos de escoamento; esse fator influenciou na nossa análise, onde optamos por não avaliar esses grafismos “perturbados” por essa mancha de água.

Figura 205 - Momentos pictóricos, Painel 2, Sítio Córrego do Peixe V, Jucurutu-RN.




### 5.1.8 O Sítio Arqueológico Lajedo do Getúlio

#### 5.1.8.1 Localização

O sítio está localizado nas coordenadas 6° 09' 07.8"S e 37° 09' 27.3" W, com acesso a partir do centro da cidade de Jucurutu-RN, seguindo em direção ao município de Caicó-RN. Após percorrer cerca de 12 km (na comunidade de Aroeira), entra-se à direita em uma estrada de barro e percorre-se mais 14 km até chegar na Fazenda Pedra Ferrada (conhecida também como Baixa da Oiticica). O sítio está situado à 974 m na direção Sul, e cerca de 84 m de distância do Sítio Córrego do Peixe IV, em sentido sudoeste.

#### 5.1.8.2 Geomorfologia

O sítio (Figura 206) está localizado em uma área de vale alagável, com o entorno plano, sem nenhum ponto de relevo ou ponto natural de referência. A vegetação da área está conservada, com remanescentes arbóreos. Além disso, o solo do sítio é arenoso nas áreas mais próximas ao Córrego do Peixe e, torna-se pedregoso à medida que se distancia do córrego.

Figura 206 - Vista aérea do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Foto: Henrique Dantas.

A rocha suporte é composta por granito com veios de quartzo bem aparentes, apresentando áreas com desplacamento e esfoliação hídrica. A área do sítio, está uma zona facilmente inundável, a cerca de 30 m de distância do Córrego do Peixe.

### 5.1.8.3 O sítio

O sítio é composto por um grande painel e grafismos rupestres gravados, em um (01) afloramento granítico, com vários veios de quartzo e rachaduras naturais da rocha, que servem como demarcadores naturais de ACGs. No total foram identificadas treze (13) ACGs, no entanto, deste universo foram selecionadas onze (11) ACGs, que consideramos estar em um estado de conservação satisfatório. As ACGs medem respectivamente (Tabela 14):

Tabela 14 - Dimensões das ACGs do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

| ACG | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Comp | 3,9 m | 2,66 m | 2,6 m | 4,2 m | 5,06 m | 3,08 m | 3,52 m | 6,1 m | 2,26 m | 3,51 m | 2,56 m |
| Larg | 0,53 m | 2,4 m | 1,23 m | 3,05 m | 4,18 m | 2,17 m | 2,4 m | 1,81 m | 1,66 m | 2,10 m | 1,14 m |

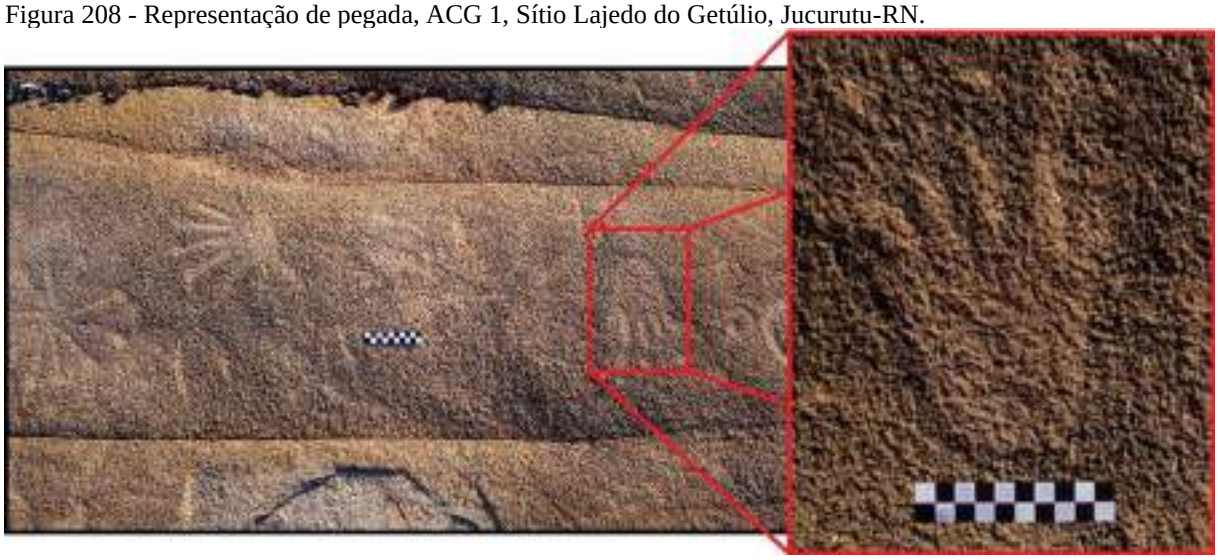
#### *5.1.8.3.1 ACG 1*

A ACG 1 (Figura 207) está localizada no cento do painel, e é composta por vinte e quatro (24) grafismos, todos elaboradas pela técnica da picotagem. A espessura dos traços das gravuras varia entre 1 cm e 2,1 cm, com profundidades que vão de 0,9 cm a 0,4 cm. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham gumes com medidas entre 0,2 cm e 0,4 cm.

Figura 207 - Imagem parcial da ACG1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Entre os vinte e quatro (24) grafismos identificados, vinte e três (23) são de caráter irreconhecível e um (1) é reconhecível, representando uma pegada. A distância média entre os grafismos da ACG 1 é de 3,5 cm. O grafismo reconhecível está localizado em uma extremidade da ACG (Figura 208). A área gravada tem como limitadores duas fissuras na rocha e um veio de quartzo em uma das extremidades, funcionando como demarcadores naturais. Os grafismos apresentam uma distância média de 2,6 cm desses demarcadores.

Figura 208 - Representação de pegada, ACG 1, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.



*5.1.8.3.2 ACG 2*

A ACG2 (Figura 209) está localizada a 24 cm em sentido norte da ACG 1. Na ACG 2 foram analisados trinta e quatro (34) grafismos considerados em bom estado de conservação. Desses, cinco (05) foram elaborados pela técnica da raspagem, quatro (04) pela técnica do polimento e vinte e cinco (25) pela técnica da picotagem. A espessura do traço varia entre 1 cm e 2,9 cm, com profundidades dos sulcos que podem variar entre 0,1 cm e 0,25 cm. Os instrumentos tinham caráter percutor e raspador, com gumes que media entre 0,2 e 0,4 cm para os percutores e entre 0,7 cm e 1,2 cm para os raspadores.

Figura 209 - Vista geral da ACG 2, Sítio Lajedo do Getúlio. Jucurutu-RN. Foto: Valdeci dos Santos Junior, 2016.

Dos trinta e quatro (34) grafismos analisados, três (03) foram considerados reconhecíveis (pegadas) (Figura 210), localizados na margem nordeste da ACG; os demais trinta e um (31) grafismos são de caráter irreconhecível. O espaço gravado da ACG foi utilizado de maneira uniforme, com distâncias entre grafismos que variam entre 2 cm e 5 cm. Alguns grafismos da ACG tem uma interação morfológica com o suporte em que estão inseridos. Podemos citar como exemplo a figura 210, que representa um grafismo puro composto por três linhas formadas por cúpulas, imitando a linha de uma rachadura que está ao lado.

Figura 210 - ACG 2, Sítio Lajedo do Getúlio. Detalhe de grafismos reconhecíveis e interação gravura suporte.

*5.1.8.3.3 ACG 3*

A ACG 3 (Figura 211) está localizada a 27 cm a Sul da ACG 2 e a 13 cm a Nordeste da ACG 1. Foram analisados vinte e um (21) grafismos com estado de conservação satisfatório, entre eles sete (07) foram elaborados a partir da técnica da raspagem e quatorze (14) pela técnica da picotagem. A espessura dos traços das gravuras varia entre 0,9 cm e 2,1 cm, com profundidades no interior dos sulcos que medem entre 0,9 mm e 0,2 cm. Os instrumentos utilizados para a confecção das gravuras tinham caráter percutor e raspador, medindo entre 0,2 m e 0,4 cm para o percutor e 0,8 cm e 1,3 cm para o raspador.

Figura 211 - ACG 3, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Dentre os vinte e um (21) grafismos analisados, vinte (20) são irreconhecíveis e um (01) é recorrente. O grafismo recorrente é um exemplar do GRCP2 que encontramos nos sítios Pedra ferrada e Córrego do Peixe I (Figura 212).

Figura 212 - Detalhe do GRCP2. ACG 3, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN

O espaço entre os grafismos na ACG 3 varia entre 3 cm e 11 cm, sendo uma ACG com grafismos mais dispersos se compararmos aos dois conjuntos anteriores. A distância média entre os grafismos e os demarcadores da ACG é de 9,2 cm. Os demarcadores da ACG são fissuras existentes na rocha suporte.

A ACG 3 apresenta três (03) pontos com desplacamento, e algumas manchas de líquens que se formam na extremidade noroeste, ocasionada por um acúmulo de água em uma poça natural, existente entre a ACG 3 e 2.

*5.1.8.3.4 ACG 4*

A ACG 4 apresenta um acervo gráfico muito rico, porém, o processo de intemperismo que a rocha está sofrendo, principalmente com o desplacamento da rocha, alguns grafismos apresentaram um estado de conservação ruim. Optamos por escolher apenas grafismos bem conservados.

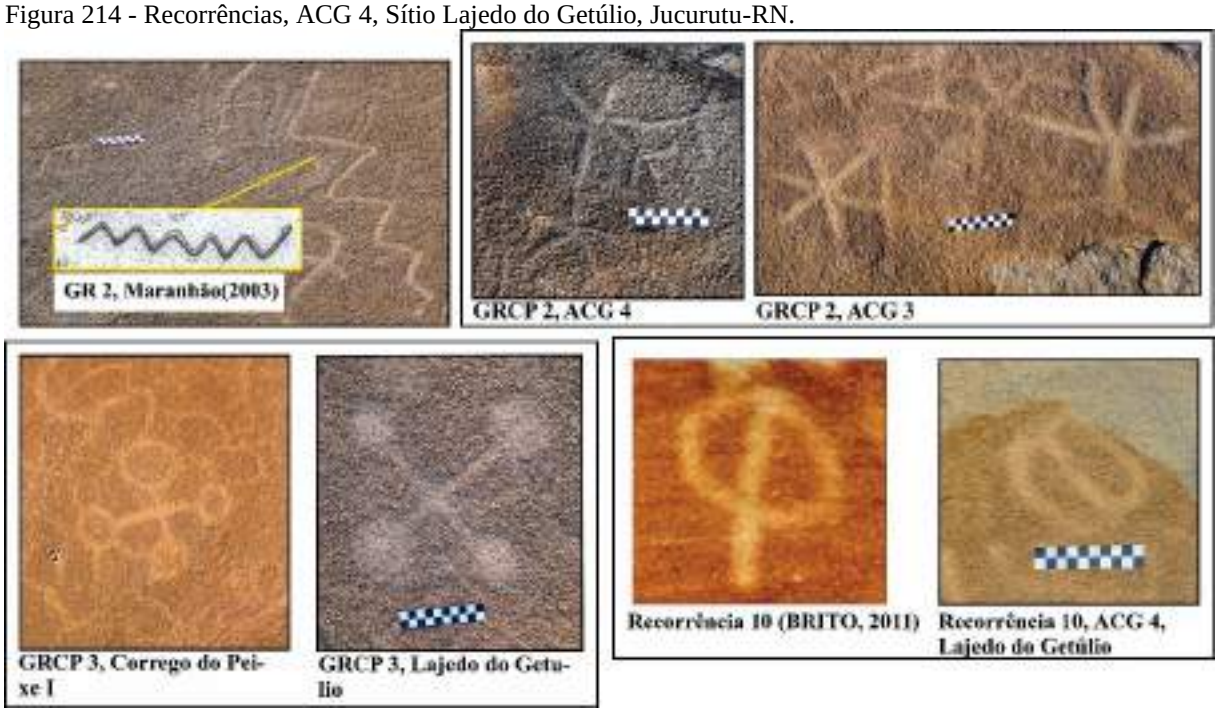
Foram analisados cinquenta e um (51) grafismos na ACG 4 (Figura 213), desses, treze (13) foram elaborados pela técnica da raspagem, seis (06) apresentam raspagem com polimento no interior dos sulcos dos grafismos e trinta e dois (32) foram elaborados a partir da picotagem. As espessuras dos traços dos grafismos da ACG 4 variam entre 1 cm e 2,3 cm com a profundidade entre 0,4 mm e 0,4 cm.

Figura 213 - Vista parcial da ACG 4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Foto: Valdeci dos Santos Junior, 2016.

Os instrumentos utilizados para prática gravadora tinham caráter percutor e raspador, com medidas que variam entre 0,3 cm e a,5 cm para o percutor e entre 0,8 cm e 1,3 cm para o raspador. Dos cinquenta e um (51) grafismos analisados, cinco (05) são de caráter recorrente, três (03) reconhecíveis e quarenta e três (43) irreconhecíveis. Entre os grafismos recorrentes podemos destacar um (01) do tipo GR 2 de Maranhão (2003), um (01) do tipo recorrência 10 de Brito (2011), dois (02) GRCP 2, e um (01) GRCP 3 (Figura 214).

Figura 214 - Recorrências, ACG 4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.



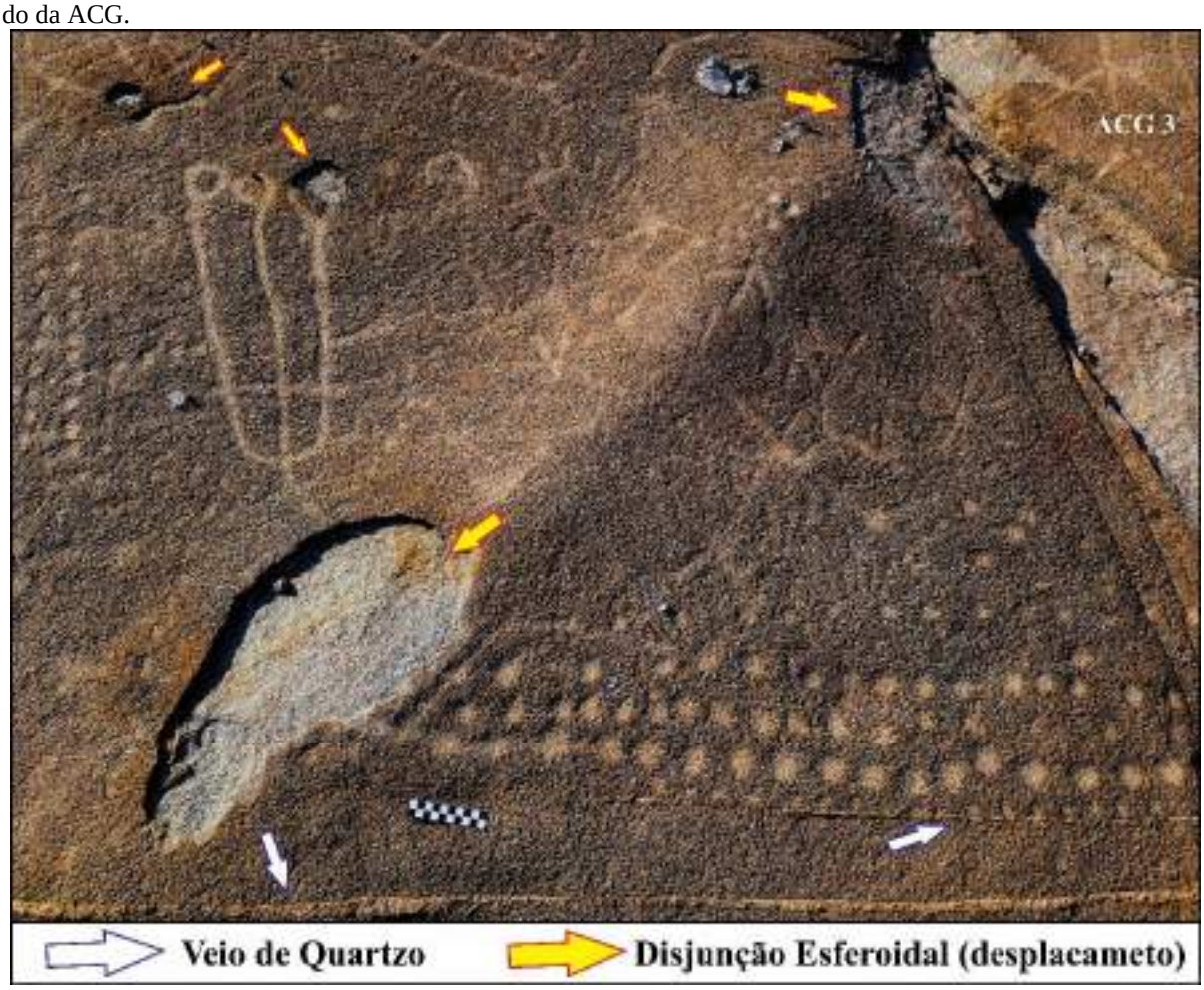

Já nos grafismos reconhecíveis (Figura 215) temos uma (01) representação zoomorfa e duas (2) representações de pegadas. Os grafismos reconhecíveis estão inseridos nas zonas periféricas da ACG, nos limites, próximos as bordas. O espaço médio entre os grafismos é de 8,8 cm e a distância média entre os grafismos e a borda é de 3,6 cm.

Figura 215 - Grafismos reconhecíveis, a) Zoomorfo, b) grafismo naturalista (pegada). ACG4, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

*5.1.8.3.5 ACG 5*

A ACG 5 é a maior entre as ACGs do Sítio Lajedo do Getúlio, ela está localizada a 34 cm a Norte e Nordeste da ACG3, e a 28 cm a Sudeste da ACG 4. A ACG 5 é delimitada a norte e noroeste por dois veios de quartzo e uma fissura na rocha, e a sudoeste e sul por uma fissura e um veio de quartzo (Figura 216).

Figura 216 - Vista parcial da ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio. Detalhes de agentes intempéricos e delimitadores do da ACG.

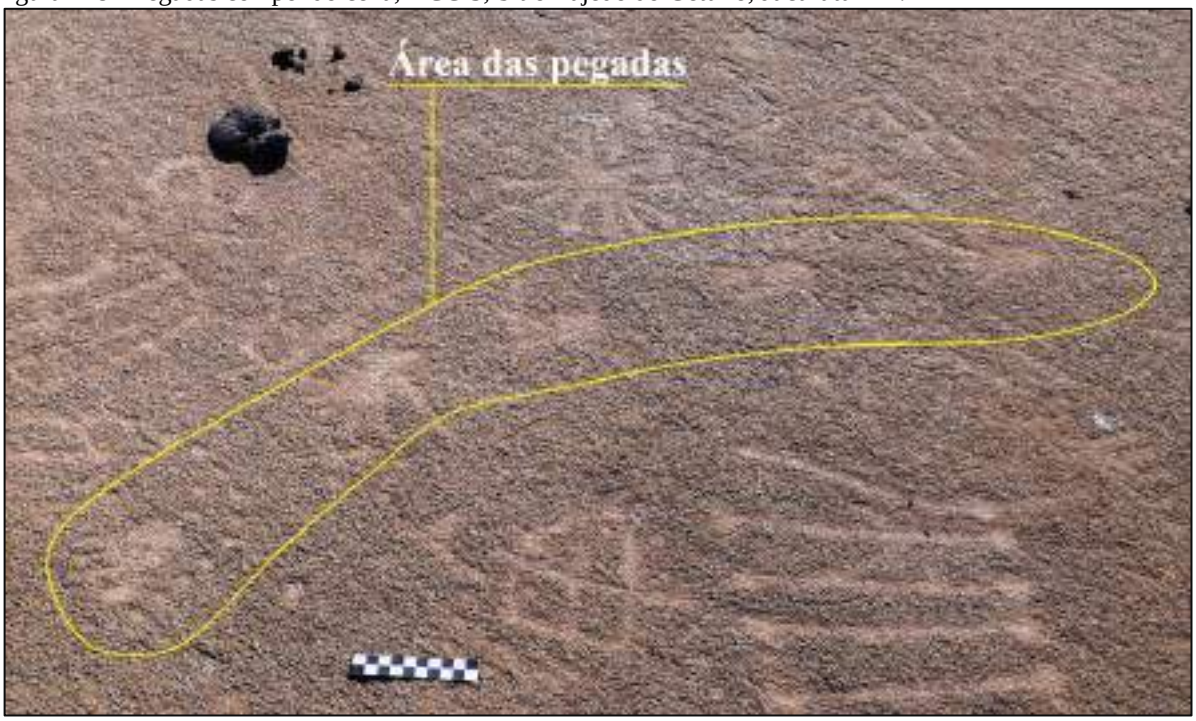



Foram analisados quarenta e cinco (45) grafismos, e dentre eles vinte e seis (26) foram elaborados a partir da técnica das picotagens, quinze (15) a partir raspagem, quatro (04) raspagem e polimento. A espessura dos traços na ACG 5 varia entre 0,7 cm e 2,5 cm, com profundidades entre 0,1 mm e 0,3cm. Os instrumentos utilizados para a gravação tinham caráter percutor e raspador, com gumes com medidas entre 0,2 cm e 0,5 cm para os percutores e entre 0,8 cm e 1,4 cm para os raspadores.

Dos quarenta e cinco (45) grafismos pesquisados, sete (07) são de caráter reconhecível, sete (07) são recorrentes e trinta e uma (31) são irreconhecíveis. Entre os grafismos reconhecíveis 6 são representações de pegadas, uma (01) na parte norte da ACG (Figura 217), e cinco (5) formando uma cena (Figura 218).

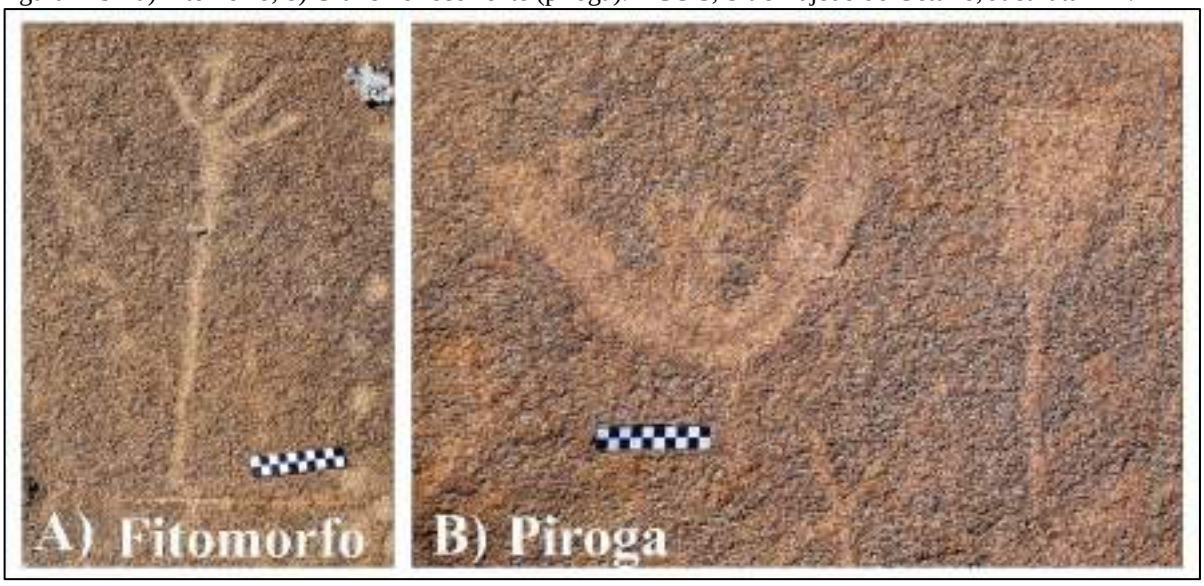
Figura 217 - Representação de pegada, ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Figura 218 - Pegadas compondo cena, ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.



Ainda sobre os grafismos reconhecíveis, na ACG 5, identificou-se um fitomorfo que teve seu tronco gravado a partir de uma pequena fissura na rocha suporte. Evidenciamos também o que pode ser a representação de uma "piroga", esse grafismo puro/recorrente/emblemático é comum nos grafismos da subtradição Seridó de pinturas rupestres. Os dois (02) grafismos (Figura 219) ocupam zonas periféricas da ACG 5, e foram elaborados a partir da técnica da raspagem.

Figura 219 - a) Fitomorfo; b) Grafismo recorrente (piroga). ACG 5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




Além da piroga, foram identificados mais seis (06) grafismos recorrentes na ACG 5, eles correspondem a um (01) tipo GR 7, um (01) tipo GR 11, um (01) tipo GR 16 todos do repertório de grafismos de Maranhão (2003), além disso, um (01) grafismo corresponde ao tipo recorrência 10 de Brito (2011), e dois (02) correspondem ao grafismo GRCP 3. Esses cinco (05) últimos grafismos estão citados estão inseridos em conjunto no limite sudoeste da ACG 5 (Figura 220), enquanto que, o grafismo recorrente do tipo GR7 está localizado no limite norte da ACG 5 (Figura 221).

Figura 220 - Recorrências GR 11 e GR 16 (MARANHÃO, 2003), GRCP 1 e recorrência 10 (BRITO,2011); ACG5, Sítio Lajedo Do Getúlio, Jucurutu-RN.

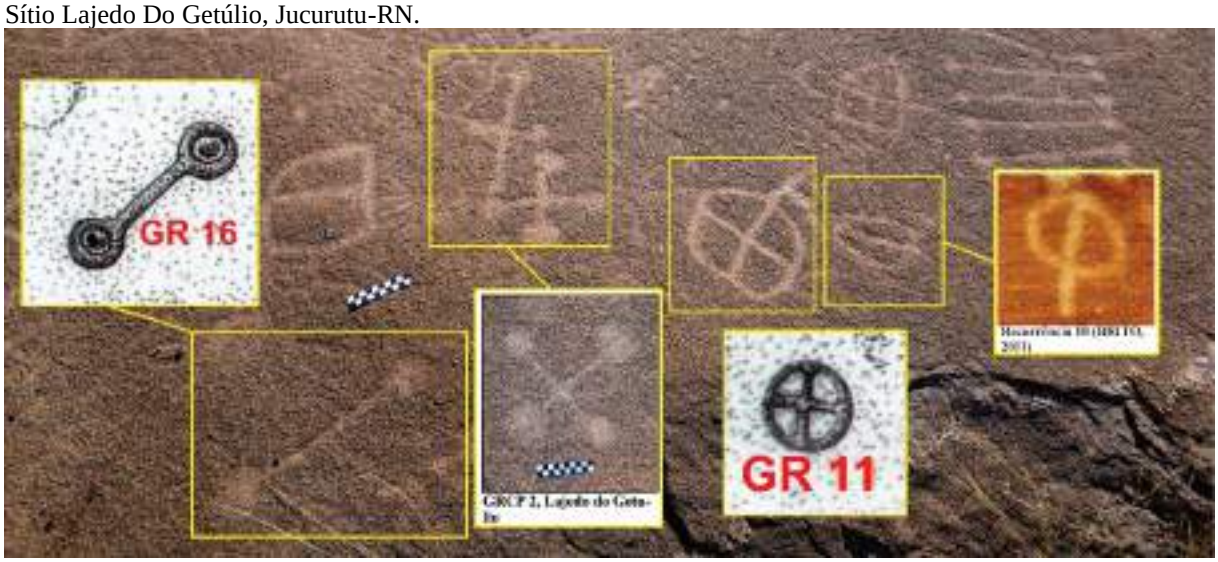
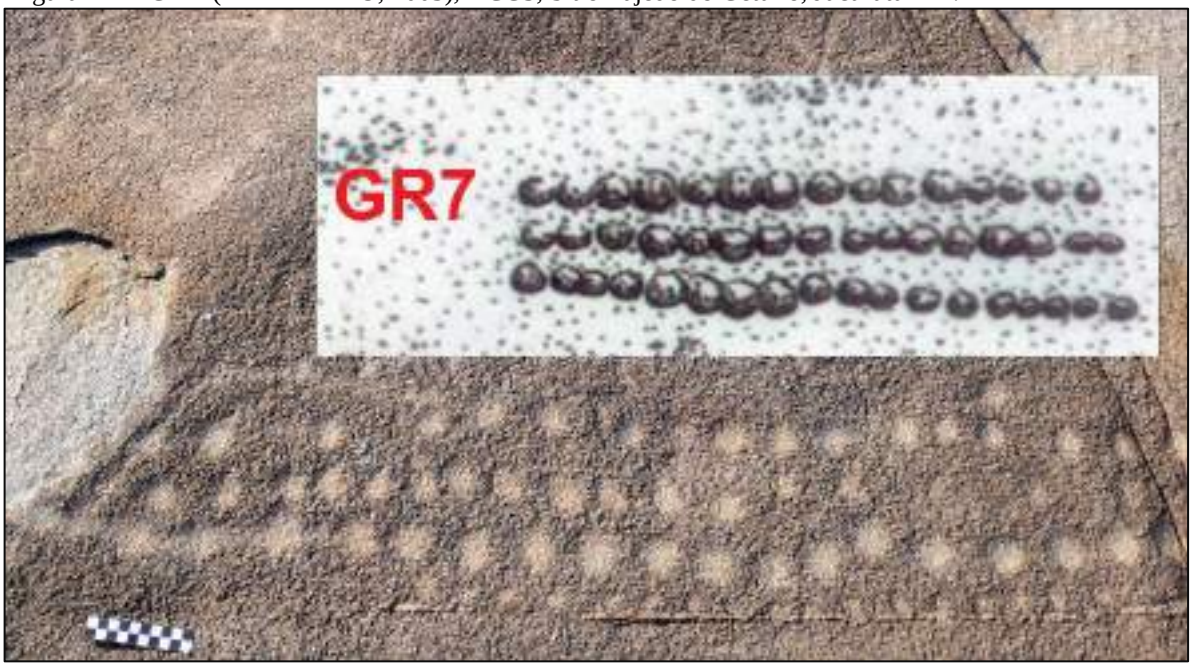



Figura 221 - GR 7 (MARANHÃO, 2003), ACG5, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




O espaço médio entre os grafismos da ACG 5 varia entre 2 cm e 6 cm, e se concentram nos limites da ACG 5 com as ACG 4 e ACG 3, diminuindo a quantidade de grafismos a partir do distanciamento das gravuras com esses limites entre as ACGs vizinhas. O espaço médio entre os grafismos e a borda da ACG é de 16 cm.

*5.1.8.3.6 ACG 6*

A ACG 6 está localizada a 10 cm a norte da ACG 4, e seus limites são fissuras naturais na rocha suporte. A ACG apresenta quatro áreas de desplacamento e uma marcas de escoamento da água sobre o suporte na extremidade sudeste (Figura 222).

Figura 222 - ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio. Jucurutu-RN.

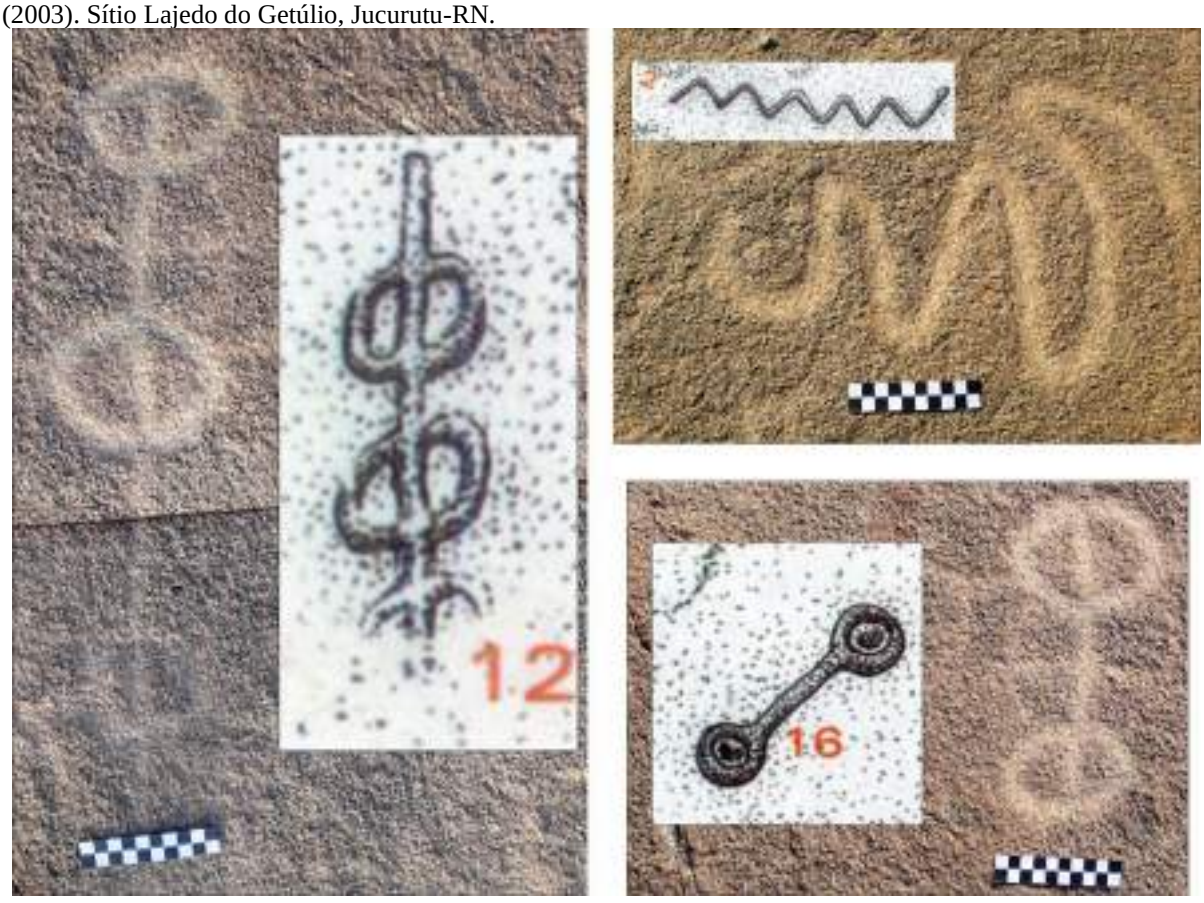
Foram analisados vinte e seis (26) grafismos, dos quais quatro (04) grafismos foram elaborados pela técnica da picotagem com raspagem, dois (02) pela raspagem com polimento e vinte (20) pela picotagem. A espessura dos traços dos grafismos varia entre 0,9 cm e 2,6 cm, com profundidades no interior dos sulcos dos grafismos entre 0,9 mm e 0,2 cm. Os instrumentos gravadores utilizados tinham caráter raspador e percutor, com gumes que tinham medidas que variavam entre 0,2 cm e 0,5 cm para o percutor e entre 0,7 cm e 1,1 cm para o raspador.

Dos vinte e seis (26) grafismos, um (01) tem caráter reconhecível (Figura 223), três (3) são recorrentes (Figura 224), e vinte e dois (22) são irreconhecíveis. O grafismo reconhecível representa uma impressão de uma mão, apresentando inclusive o que seriam os cinco dedos. Já os três (03) grafismos recorrentes correspondem aos tipos GR 2, GR 12 e GR 16 do repertório de grafismos recorrente de Maranhão (2003).

Figura 223 - Representação de mão humana, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio.

Foto: Valdeci dos Santos Junior, 2016.

Figura 224 - Grafismos Recorrentes, GR 2, GR 12 e GR 16 do repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003). Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.



No caso dos tipos GR 12 e GR 16 existe uma sobreposição entre ambos, pois o tipo GR 12 foi gravado em um período pictórico anterior, enquanto o tipo GR 16 foi gravado em um momento posterior. Somente com essas informações já podemos inferir que o Lajedo do Getúlio teve no mínimo dois momentos pictóricos distintos (Figura 225).

Figura 225 - Sobreposição de gravuras, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Além disso, as técnicas utilizadas foram distintas, pois no tipo GR 12, o grafismo foi elaborado por um picoteamento simples e, talvez, para dar um destaque maior ao grafismo que seria sobreposto, foi empregada a raspagem associada ao polimento no sulco do mesmo, deixando-o inclusive mais profundo.

Devemos salientar a existência de seis (06) grafismos semelhantes ao tipo GRCP 1 (Figura 226), mas que quantidades de traços distintos. Quanto ao uso da morfologia da rocha suporte, na extremidade sudeste da ACG temos um grafismo que é aplicado em áreas de declive da rocha e, existe um grafismo semelhante na ACG 4 (Figura 227). A distância média entre as gravuras da ACG 6 é de 3,2 cm. Já a distância média entre os grafismos e as bordas da ACG é de 5,1 cm.

Figura 226 - Concentração de grafismos semelhantes, ACG 6, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

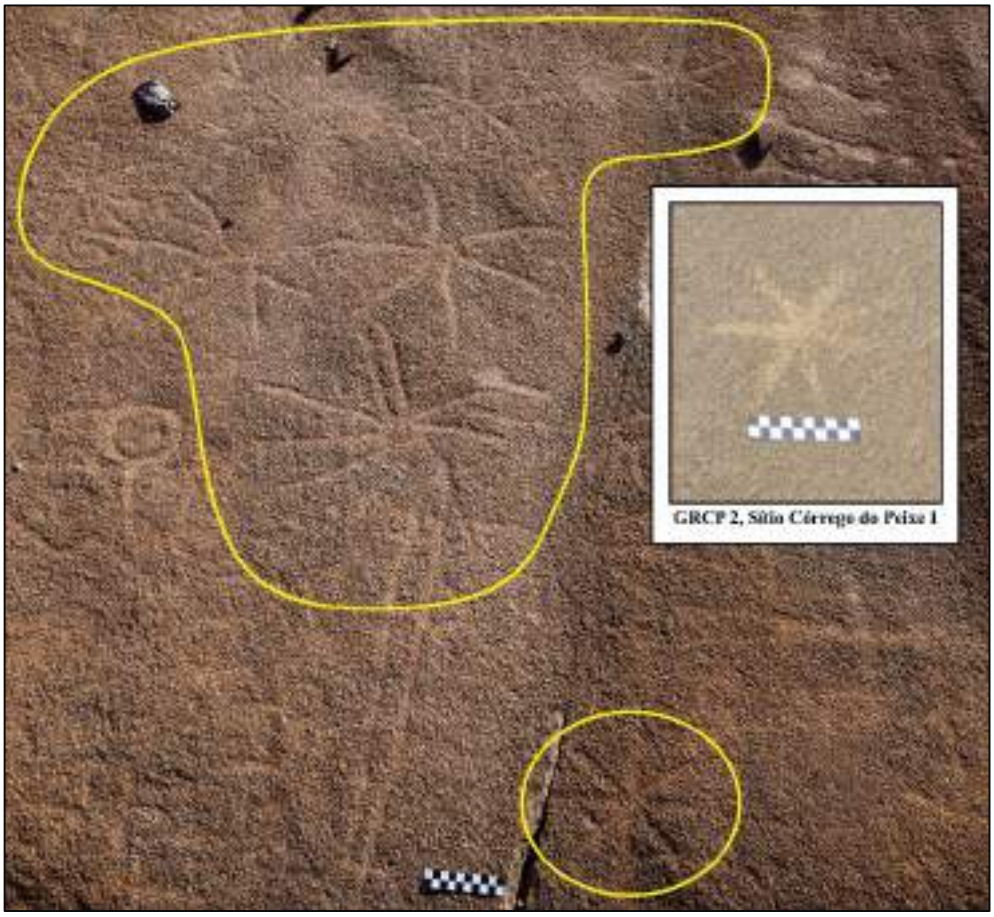



Figura 227 - Grafismos semelhantes em áreas de declive da rocha suporte, ACGs 4 e 6, Sítio Lajedo do Getúlio.

Foto da ACG 6: Valdeci dos Santos Jr., 2016.

### *5.1.8.3.7 ACG 7*

A ACG 7 (Figura 228) está localizada na extremidade Norte da área gravada do Sítio Lajedo do Getúlio, ela está localizada a 5,2 cm da ACG 6 e a 63 cm da ACG 4. Seus limites

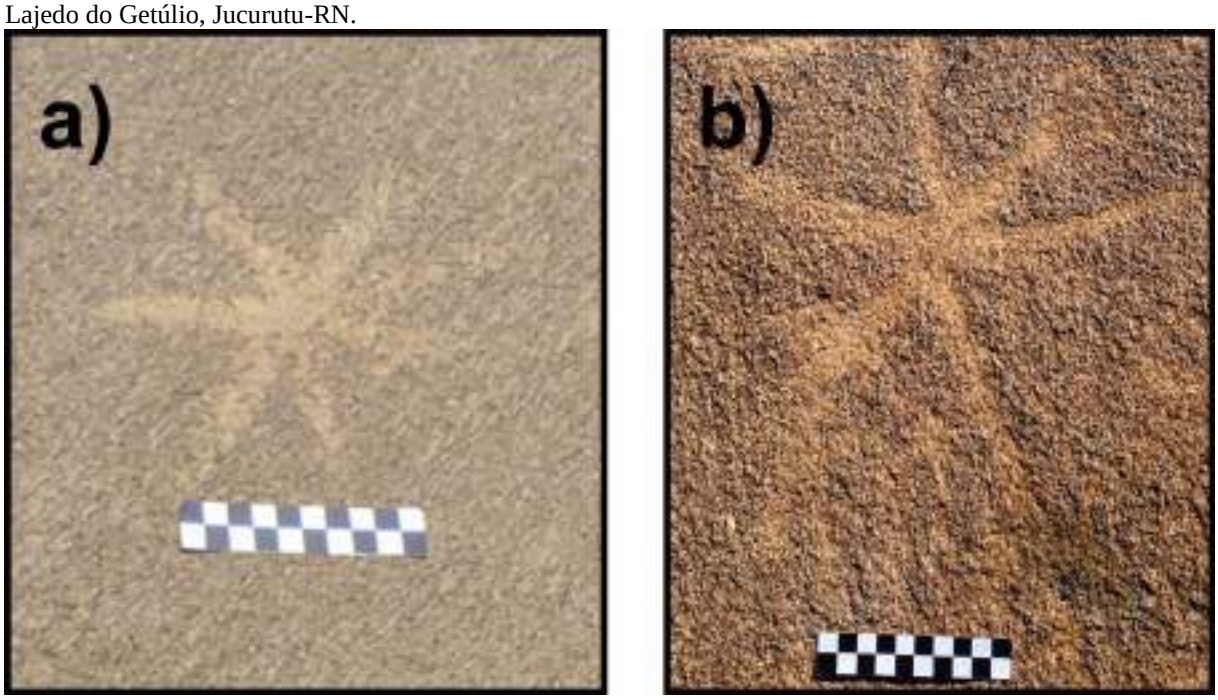
são rachaduras e fissuras ocasionadas pelo intemperismo. Apresentando apenas dois (02) pontos de desplacamento.

Figura 228 - Vista geral da ACG 7, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Foram analisados vinte e cinco (25) grafismos, desses grafismos nove (09) apresentam a técnica da raspagem com picotagem, e dezesseis (16) foram elaborados a partir da picotagem. A espessura dos traços dos grafismos da ACG 7 varia entre 0,8 cm e 2,1 cm, com profundidades no interior dos sulcos dos grafismos entre 0,5 mm 0,1 cm. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor e raspador com gumes que tem medidas entre 0,2 cm e 0,3 cm para o percutor e entre 0,5 cm e 1 cm para o raspador.

Entre os vinte e cinco (25) grafismos analisados, apenas um (01) foi relacionado ao tipo GRCP 2 (Figura 229); os demais são de caráter irreconhecível. O espaço entre os grafismos nessa ACG varia entre 2 cm e 4,6 cm, e a distância entre os grafismos e as outras ACGS varia entre 3 cm e 11 cm.

Figura 229 - Grafismos Recorrentes. a) GRCP2, Sítio Córrego do Peixe I, Jucurutu-RN; b) GRCP2, ACG 7, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




*5.1.8.3.8 ACG 8*

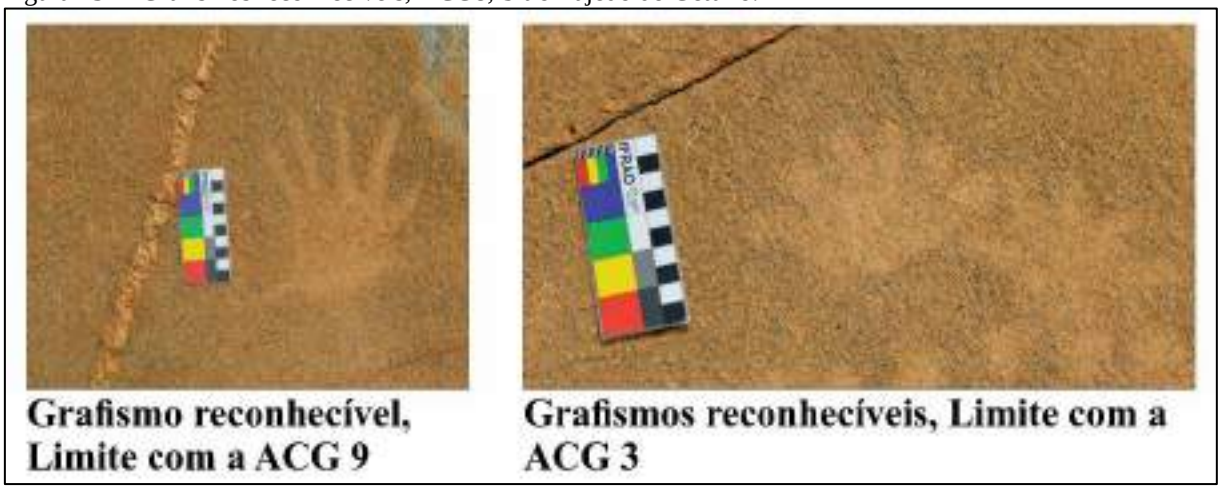
A ACG 8 (Figura 230) está localizada a 23 cm a sudoeste da ACG 3 e a 5 cm a sudeste da ACG 9. Ela está limitada por uma fissura na rocha a nordeste – que a separa da ACG 3, e por um veio de quartzo a norte. Na área da ACG 8 ocorrem quatro (04) pontos com desplacamento da rocha, e uma área com esfoliação hídrica que mede aproximadamente 2,32 m.

Figura 230 - ACG 8 e marcas intempéricas no suporte, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

A ACG 8 teve vinte e seis (26) grafismos analisados, dentre esses, sete (07) foram elaborados a partir da técnica da raspagem e dezenove (19) pela técnica da picotagem. Os traços dos grafismos têm espessuras que medem entre 0,8 cm e 2,1 cm, com profundidades no interior dos sulcos dos traços que variam entre 0,1 cm e 0,3 cm. Os instrumentos utilizados na gravação dos grafismos tinham características percutoras e raspadoras, com gumes que mediam entre 0,2 cm e 0,4 cm para o percutor e entre 0,5 cm e 0,9 cm para o raspador.

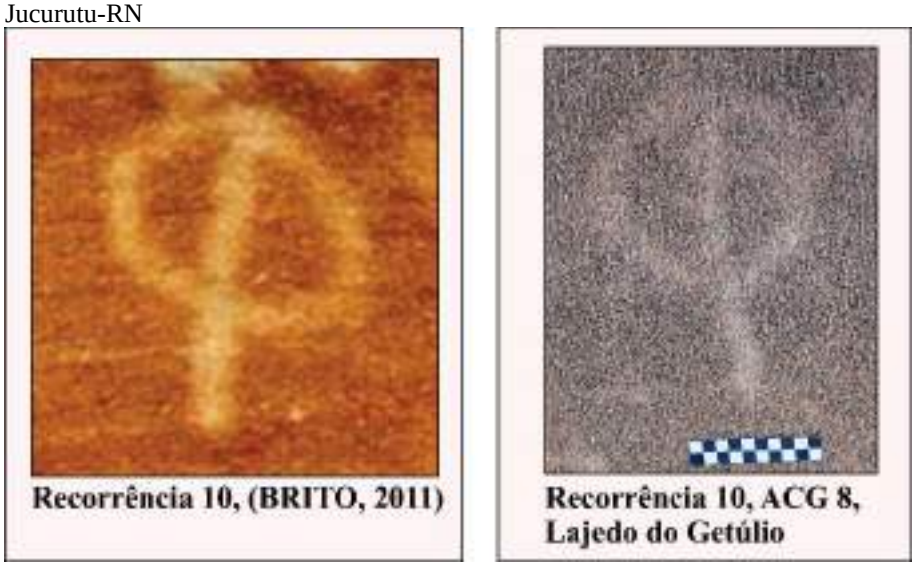
Dos vinte e seis (26) grafismos analisados, três (03) tem caráter reconhecível, um (01) é recorrente, e vinte e dois (22) são irreconhecíveis. Os grafismos reconhecíveis são representações de mãos humanas, presentes na extremidade noroeste e nordeste da ACG 8 (Figura 231). Já o grafismo recorrente, é idêntico ao tipo recorrência 10 evidenciada por Brito (2003) (Figura 232). O espaço entre os grafismos na ACG 8 varia entre 2 cm e 5,4 cm, já o espaço médio entre os grafismos e as bordas da ACG é de 9 cm.

Figura 231 - Grafismos reconhecíveis, ACG8, Sítio Lajedo do Getúlio.




Fotos: Valdeci dos Santos Junior.

Figura 232 - Recorrência 10 (BRITO, 2011), ACG 8, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN




*5.1.8.3.9 ACG 9*

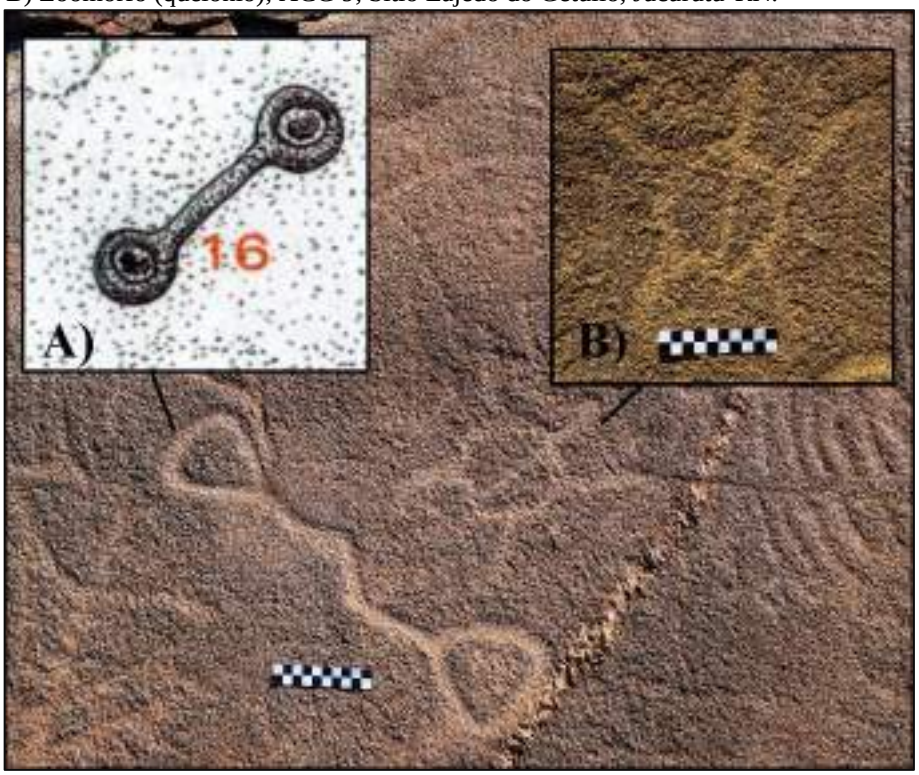
A ACG 9 está localizada a 20 cm a norte da ACG 8, a 15 cm a sudoeste da ACG 2 e a 23 cm da ACG 10. Suas delimitações são uma rachadura que vai de norte a nordeste da ACG, e um veio de quartzo que vai de sul oeste a sudeste. A ACG 8 apresenta uma (01) área de desplacamento e uma área de esfoliação hídrica (Figura 233).

Figura 233 - ACG 9, Desplacamento e esfoliação hídrica, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

A ACG apresenta uma grande quantidade de grafismos, no entanto apenas dez (10) grafismos tinham condições morfológicas e técnicas para a nossa análise. Entre os dez (10) grafismos, três (03) foram elaborados a partir do picoteamento com a raspagem, e sete (07) a partir da técnica do picoteamento. A espessura dos traços dos grafismos varia entre 0,8 cm e 2,2 cm, com profundidades no interior dos sulcos entre 0,09 cm e 0,2 cm. Os instrumentos gravadores tinham caráter percutor e raspador, com medidas de gume que variam entre 0,2 cm e 0,4 cm para o percutor e entre 0,3 cm e 0,9 cm para o raspador.

A Análise temática dos dez (10) grafismos (Figura 234) evidenciou um (01) grafismo reconhecível, um (01) recorrente e oito (08) irreconhecíveis. O grafismo reconhecível representa um quelônio, já o grafismo recorrente é semelhante ao tipo GR 16 de Maranhão (2003), com algumas alterações morfológicas, assim, acreditamos que esse grafismo pode ser uma variação estilística do GR16 de Maranhão (2003). Nota-se que os grafismos reconhecíveis e recorrente ocupam distancias que variam entre 1,5 cm e 3,7 cm, já a distância entre os grafismos e as bordas da ACG varia entre 3 cm e 12 cm.

Figura 234 - Grafismos: A) GR 16 (MARANHÃO, 2003) com variação morfológica; B) Zoomorfo (quelônio); ACG 9, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




*5.1.8.3.10 ACG 10*

A ACG 10 (Figura 235) está localizada a 23 cm da ACG 6, e têm seus limites demarcados a partir de fissuras na rocha apresentando também duas pequenas áreas de desplacamento. Foram analisados treze (13) grafismos, dentre eles onze (11) foram elaborados pela técnica da picotagem e dois (02) foram elaborados a partir da picotagem associada a raspagem. Os traços dos grafismos variam entre 0,9 cm e 2,4 cm, com profundidade no interior dos sulcos que variam entre 0,09 cm e 0,2 cm. Os instrumentos utilizados tinham caráter percutor e raspador com mediadas entre os gumes que variavam entre 0,2 cm e 0,4 cm para os percutores, e entre 0,3 cm e 1,3 cm para os raspadores.

Figura 235 - Vista geral da ACG 10, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Os treze (13) grafismos são de caráter irreconhecível com espaços entre si que variam entre 2,3 cm e 6 cm, já o espaço médio entre as gravuras é de 9 cm. A ACG 10 exibe uma grande quantidade de grafismos, no entanto, apenas os treze (13) escolhidos oferecem condições de análise para a nossa pesquisa, pois a grande quantidade de sobreposições atrapalha a identificação dos grafismos.

*5.1.8.3.11 ACG 11*

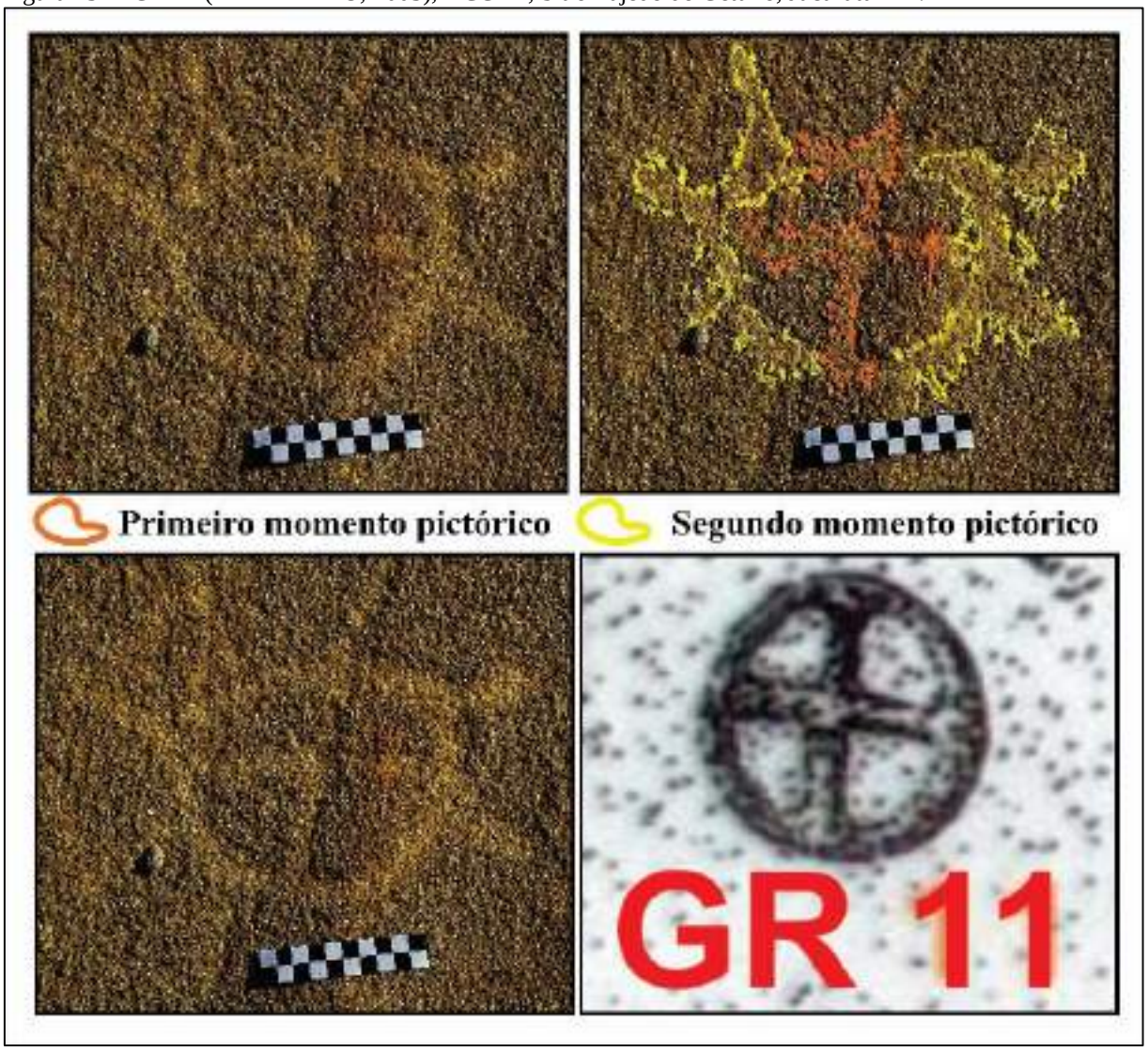
A ACG 11 (Figura 236) está localizada da extremidade norte da rocha suporte do Sítio, suas delimitações naturais são dois (02) veios de quartzo, um a noroeste e o outro a leste, e duas (02) fissuras na rocha, uma (01) a norte e outra a sul. A ACG 11 apresenta um ponto de desplacamento na sua extremidade noroeste e uma marca de esfoliação hídrica a 16 cm dos limites norte da ACG.

Figura 236 - ACG 11, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN, Jucurutu-RN.

Foram analisados onze (11) grafismos, e todos foram gravados a partir da técnica da picotagem. A espessuras dos traços dos grafismos na ACG 11 varia entre 0,8 cm e 2,1 cm. Com profundidade no interior do sulco dos traços entre 0,8 mm e 0,2 cm. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham caráter percutor com gumes que mediam entre 0,2 e 0,4 cm.

Dos onze (11) grafismos analisados, um (01) é recorrente dez (10) são irreconhecíveis. O grafismo recorrente é semelhante ao tipo GR11 do repertório de grafismos reconhecíveis de Maranhão (2003). No entanto, esse grafismo apresenta alterações no seu traço, pois foi regravado adicionando traços saindo do grafismo principal (Figura 237), com isso temos dois momentos pictóricos distintos bem aparentes. O espaço médio entre os grafismos na ACG 11 é de 7 cm e de 9 cm entre os grafismos e os limites da ACG.

Figura 237 - GR 11 (MARANHÃO, 2003), ACG 11, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

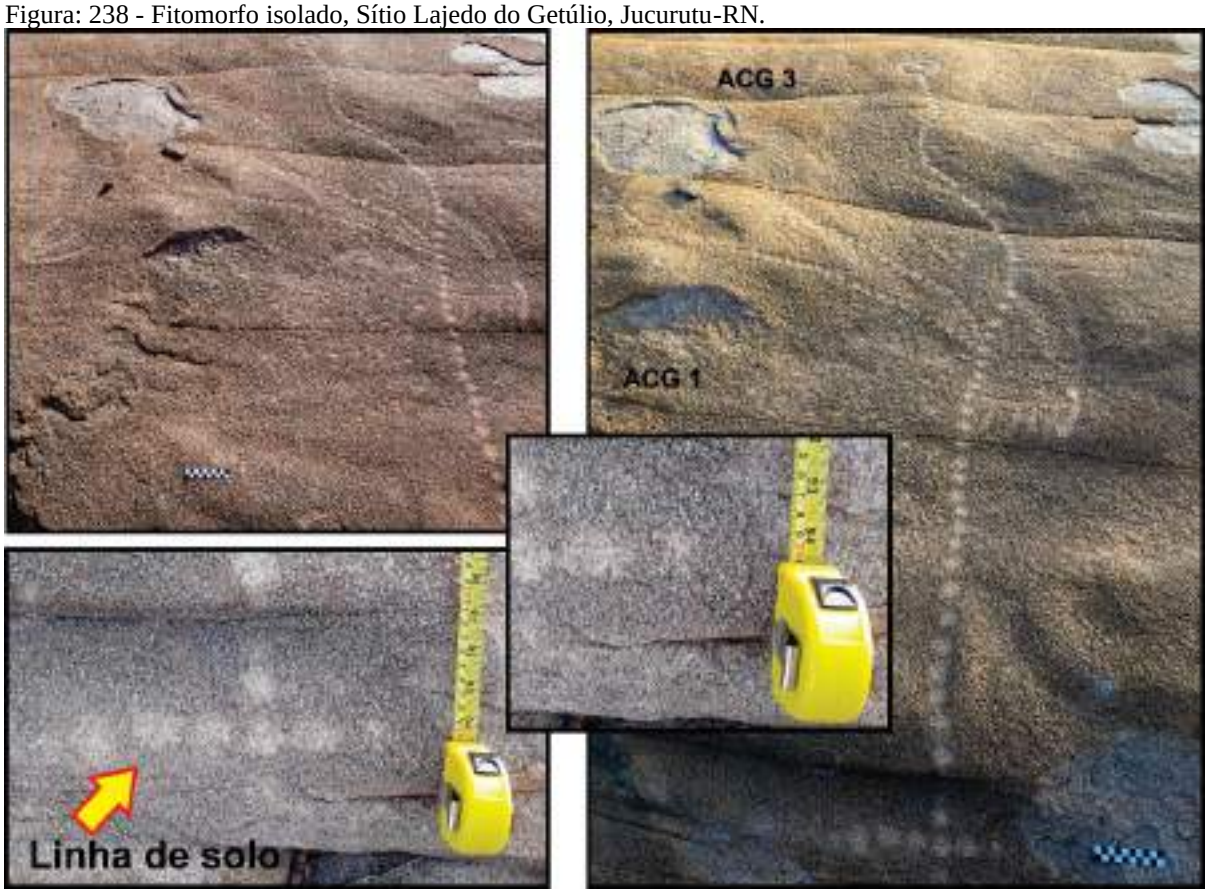



*5.1.8.3.12 Grafismos Isolados*

O Lajedo do Getúlio apresentou uma grande quantidade de grafismos isolados, no entanto, escolhemos apenas um (01) para registrar, pois, os outros apresentavam caráter irreconhecível que não agregaria muita informação interessante para a pesquisa. Assim, vamos abordar aqui um (01) grafismo de caráter reconhecível, que se destacou tanto pelo tamanho (2,4 m), quanto pela conservação.

O grafismo reconhecível é a representação de um fitomorfo que mede 2,4 m. O grafismo é composto por uma linha de cúpulas que se estende por uma área não gravada e duas (02) ACGS, as ACG 1 e 3, e se ramifica no que pode ser "galhos ou folhagem", por ter características de algum tipo de arbusto, e na extremidade nordeste do grafismo localiza-se uma forma arredondada com um cúpula no centro (Figura 238).

Figura: 238 - Fitomorfo isolado, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

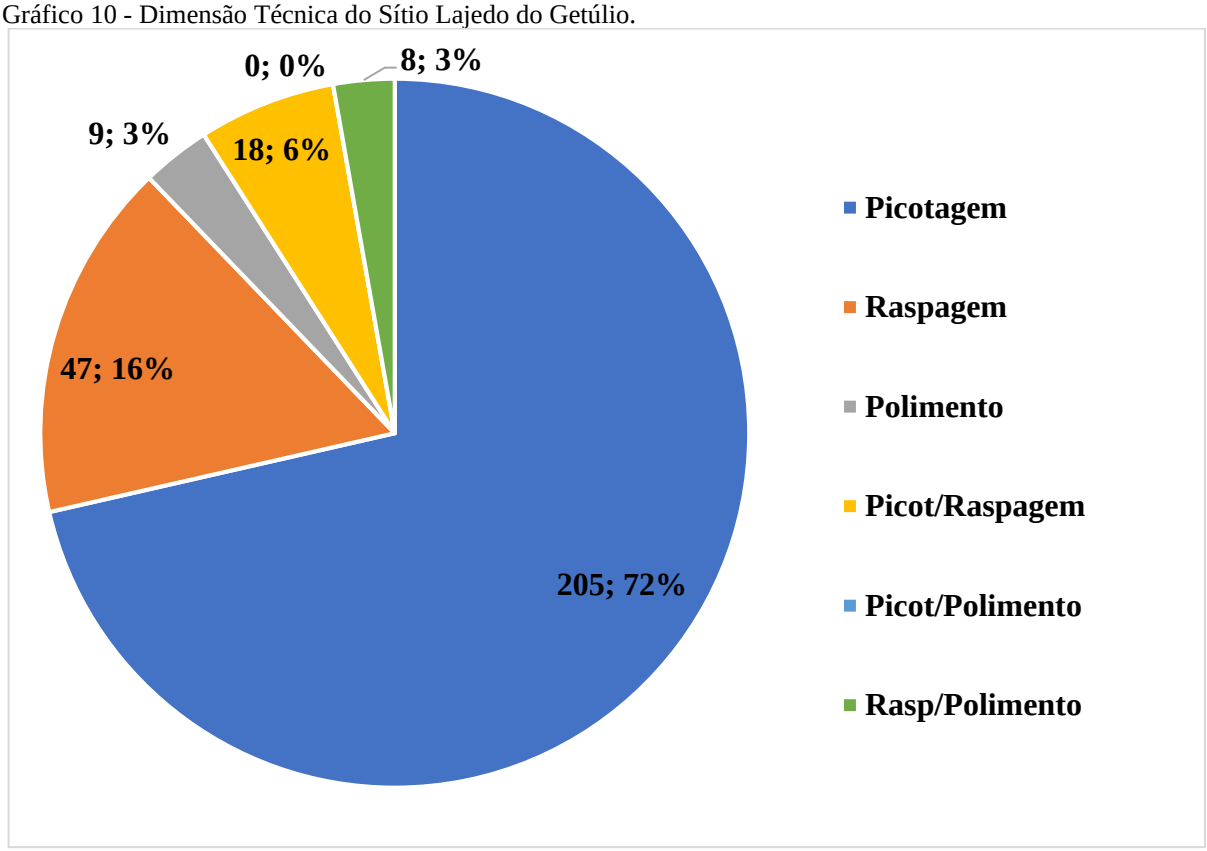



Nossa hipótese de grafismo fitomorfo se sustenta, pois, a maioria dos fitomorfos encontrados nos sítios do Córrego do Peixe apresentam uma linha horizontal (Figura 238) abaixo do "tronco" do grafismo, ou utiliza de alguma marca natural como veio de quartzo ou rachadura para demarcar o que seria o "solo". As cúpulas tem uma medida média do raio equivalente a 2,8 cm, com profundidade média de 0,2 cm. Elas foram polidas durante o processo de confecção, isso as deixa visíveis a qualquer hora do dia.

### 5.1.8.4 O perfil gráfico do Sítio Lajedo do Getúlio

Foram analisados duzentos e oitenta e sete (287) grafismos no sítio Lajedo do Getúlio, desses duzentos e cinco (205=72%) foram elaborados a partir da técnica da picotagem, quarenta e sete (47=19%) pela raspagem, nove (9=3%) pelo polimento, dezoito (18=6%) picotagem associada a raspagem, e oito (8=3%) pela técnica da raspagem associada ao polimento. Assim temos uma predominância na utilização da técnica da picotagem (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Dimensão Técnica do Sítio Lajedo do Getúlio.




A espessura média dos grafismos do Sítio Lajedo do Getúlio mede 1,5 cm com profundidade média no interior dos sulcos dos grafismos de 0,1 cm. Os instrumentos utilizados para a prática pictórica tinham os gumes com medidas médias de 0,3 c para o percutor e de 0,8 cm para o raspador.

Entre os duzentos e oitenta e sete (287) grafismos (Gráfico 11), duzentos e quarenta e sete (247=86%) tem caráter irreconhecível, vinte (20=7%) reconhecíveis e vinte (20=7%) recorrentes. Entre os vinte (20) grafismos reconhecíveis identificados (Gráfico 12), dezesseis (16=80%) são grafismos naturalistas (12 pegadas e 4 mãos), dois (2=20%) zoomorfos e dois (2=10%) fitomorfos. O espaço médio entre os grafismos nas ACGs do Lajedo do Getúlio é de 4,3 cm, já entre os grafismos e os limites das ACGs é de 7,2 cm, e de 22 cm entre as ACGs.

Gráfico 11 - Dimensão Temática do Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

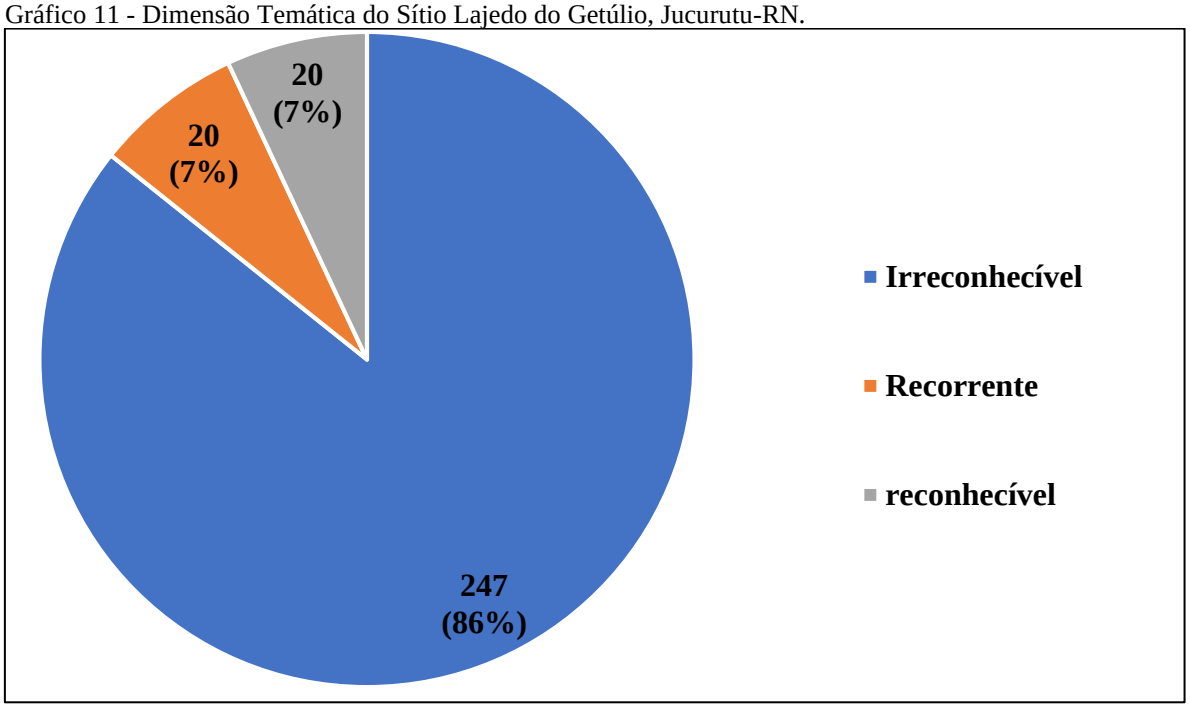
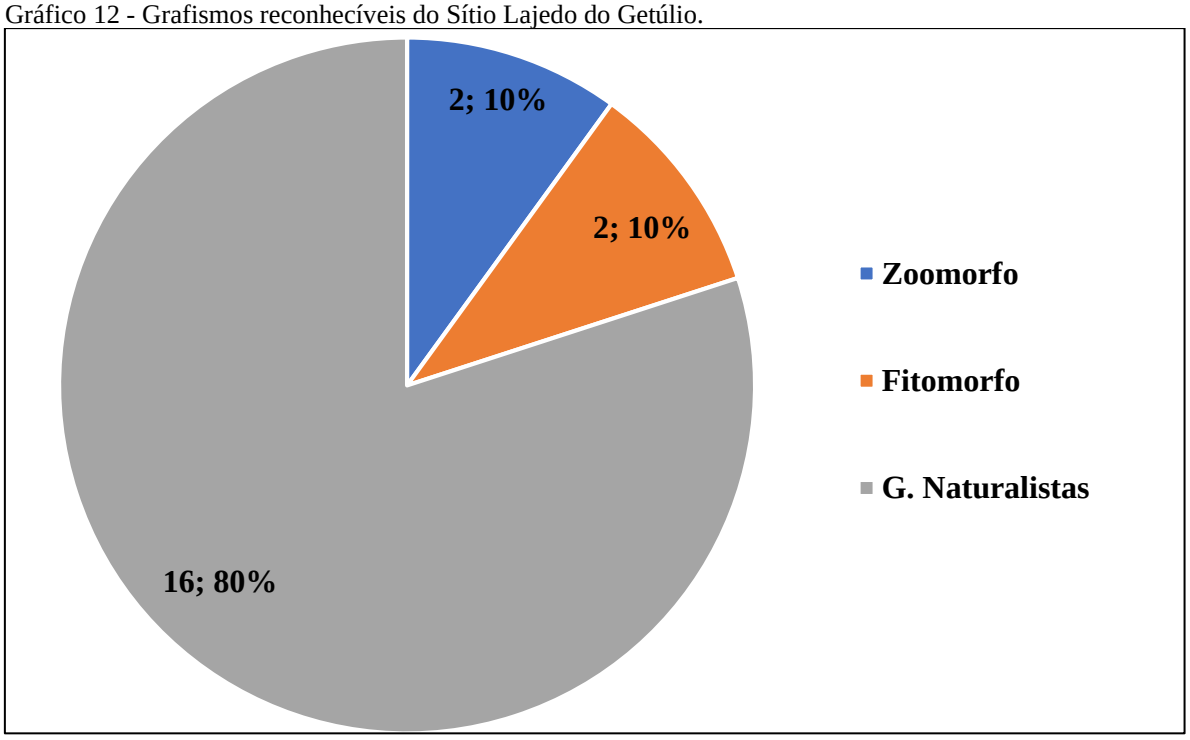



Gráfico 12 - Grafismos reconhecíveis do Sítio Lajedo do Getúlio.

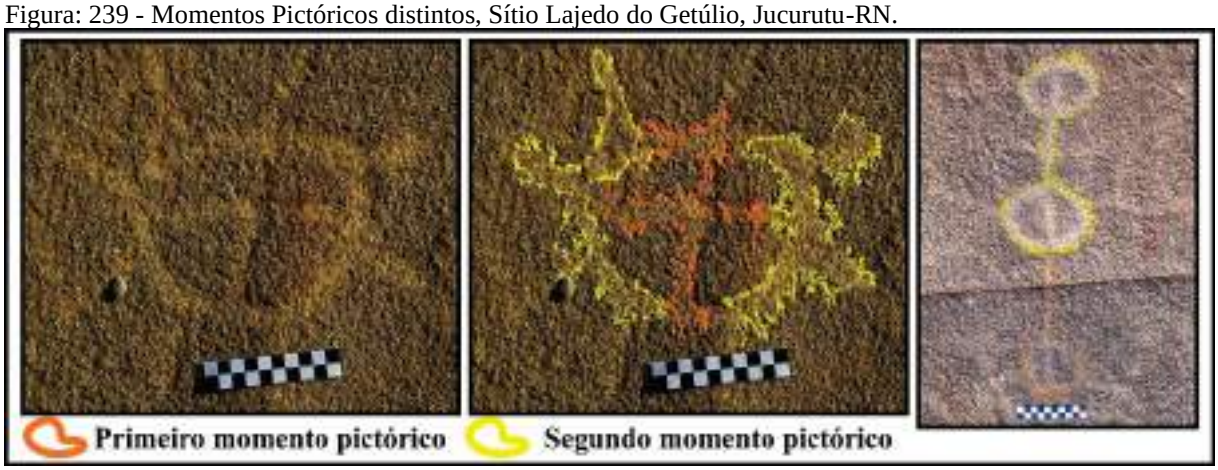



Vemos que a técnica da picotagem é predominante nos grafismos do Lajedo do Getúlio, e que essa técnica equivale aos primeiros momentos pictóricos do sítio. A partir de novos momentos pictóricos, novas técnicas vão sendo utilizadas. Isto serviria para dar um destaque nas gravuras, já que as técnicas da raspagem e polimento deixam os grafismos do Lajedo do

Getúlio mais aparentes. É importante salientar que todos os grafismos reconhecíveis tiveram a técnica da raspagem empregada nos seus traços.

A partir do Gráfico 12 vemos a predominância na escolha pelas temáticas de representações de pegadas no sítio Lajedo do Getúlio. É tão importante, que existe até a formação de cenas com as mesmas. Em relação a momentos pictórico só podemos inferir que o sítio teve pelo menos dois (02) momentos pictóricos distintos (Figura 239). Isto se deu, pois, as ACGs apresentaram varia áreas com grande concentração de sobreposição gráfica, o que impossibilitou nossa análise.

Figura: 239 - Momentos Pictóricos distintos, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




Notou-se que todas as ACGs obedeceram às divisões naturais da rocha suporte, que seriam as rachaduras, fissuras e veios de quartzo. Além disso as áreas mais centrais do sítio, próximas a uma grande rachadura, onde se acumula águas pluviais, apresentam todas as ACGs tem seus grafismos voltados para sua direção (Figura 240).

Figura 240 - Local de acumulo hídrico, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.

Foto: Valdeci dos Santos Junior, 2016.

# 6 O PERFIL GRÁFICO GERAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO CÓRREGO DO PEIXE: ANÁLISES E COMPARAÇÕES E RESULTADOS.

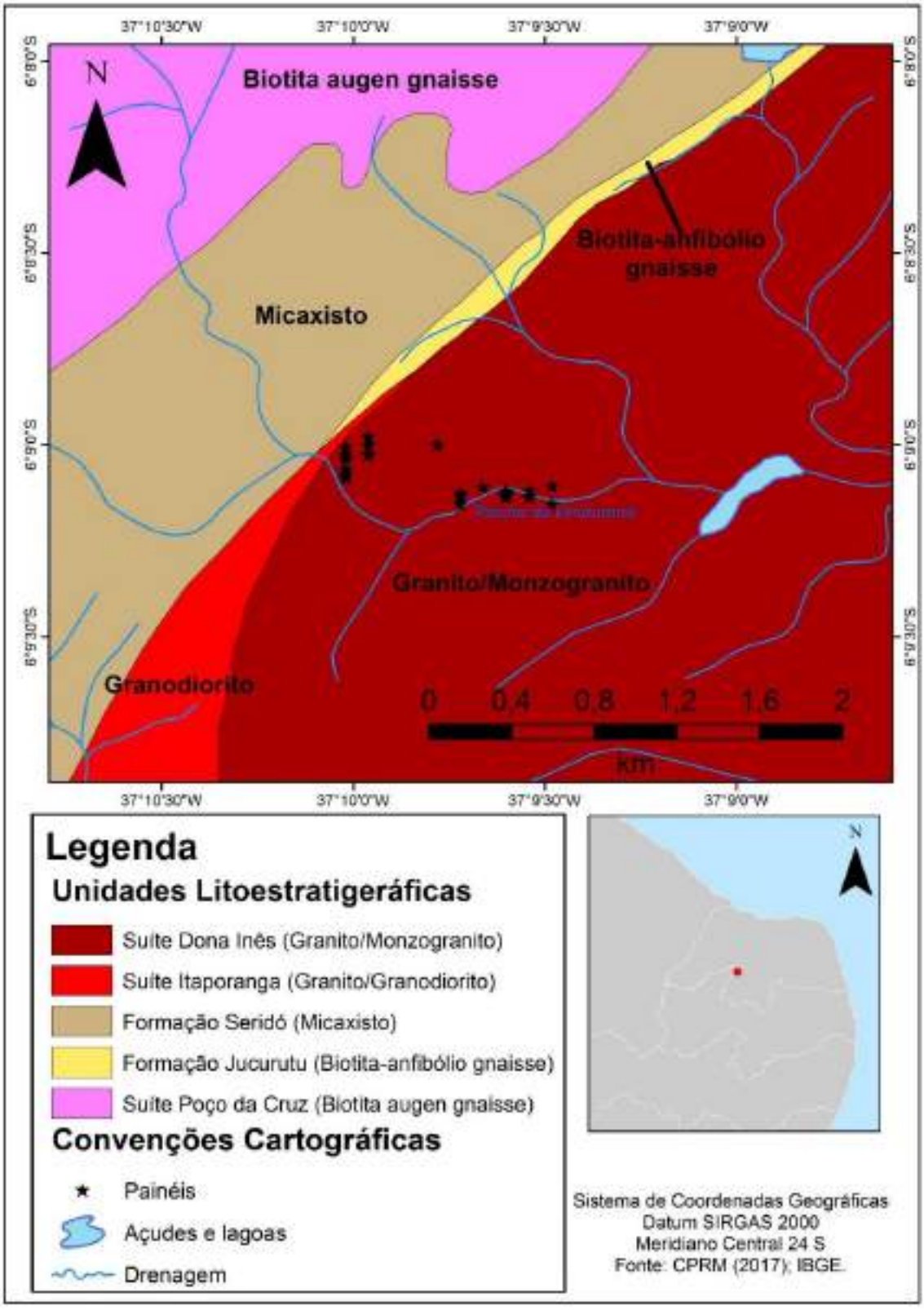
Com delimitação/definição de todos os perfis gráficos dos sítios do Córrego do Peixe vamos comparar nesse capítulo as informações obtidas para e estabelecer a principal técnica, os principais grafismos recorrentes, e as caraterísticas dos grafismos reconhecíveis dos sítios do Córrego do Peixe, bem como comparar essas informações aos dados obtidos por Maranhão (2003) e Brito (2011).

Inicialmente, é importante salientar que todos os suportes rochosos dos sítios são formados por rochas graníticas. A partir das análises[26], foi evidenciado que os suportes têm mineralogia típica do granito, conforme se vê o predomínio de minerais claros, como o quartzo, feldspato e o plagioclásio.

As informações se confirmam a partir do mapa da área (Figura 241) onde os sítios estão inseridos, pois vemos que os painéis dos sítios então localizados na unidade litoestratigráfica Suíte intrusiva Dona Inês, que é composta por rochas graníticas/monzograniticas. Acreditamos que a escolha dos suportes graníticos é intencional, e demonstra a percepção desses indivíduos e adaptação dos mesmos ao meio em que viviam, pois vemos que existiam outras unidades litoestratigráficas na região, mas os painéis estão inseridos apenas na suíte intrusiva Dona Inês.

[26] Análises feitas por George Oliveira, Bacharel em Geografia pela UFRN e Mestrando em Geografia pela UFPE.

Figura 241 - Mapa das unidades litoestratigráfica da área dos sítios do Córrego do Peixe.

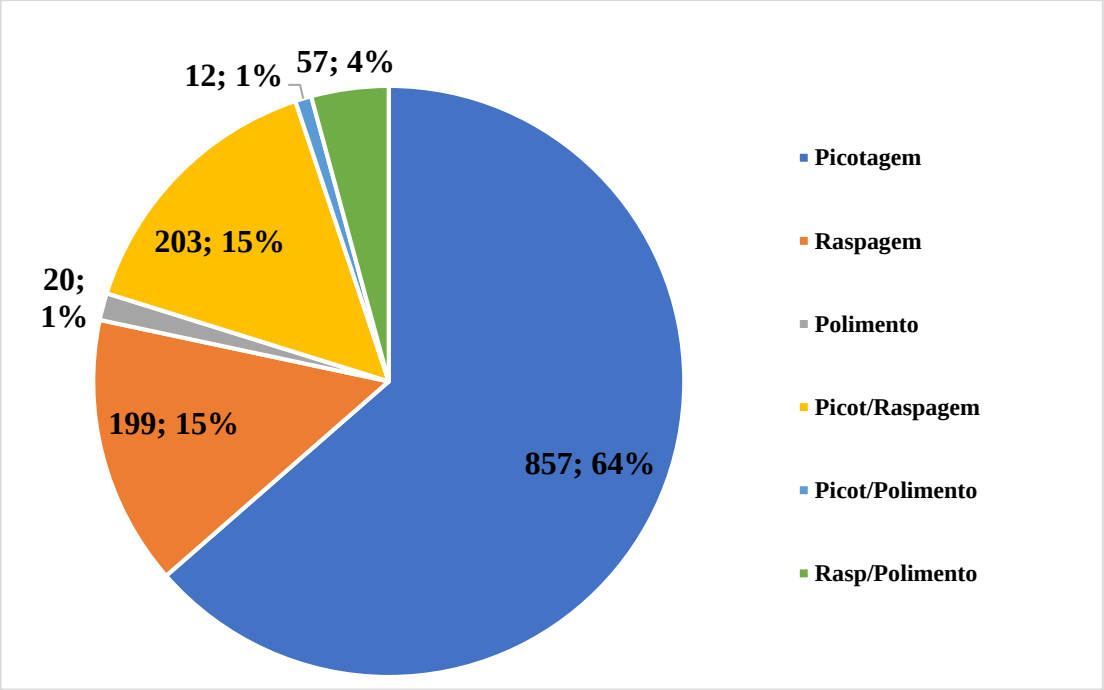



Fonte: CPRM (2017); IBGE. Elaboração: George Oliveira, 2018.

## 6.1 DIMENSÃO TÉCNICA

Foram analisados um total de mil trezentos e quarenta e oito (1348) grafismos, e desses, oitocentos e cinquenta e sete (857 = 64%) foram elaborados a partir da técnica da picotagem, duzentos e três (203 = 15%) pela picotagem associada a raspagem, cento e noventa e nove (199 = 15%) pela técnica da raspagem, cinquenta e sete (57 = 4%) pela associação entre as técnicas da raspagem associada ao polimento, vinte (20 = 1%) pela técnica do polimento e doze (12 = 1%) pela técnica da picotagem associada ao polimento (Gráfico 13).

Gráfico 13 - Dimensão técnica dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe




A partir desses dados vemos que a picotagem é a técnica predominante em todos os sítios, seguida pela picotagem associada a raspagem. Esses dados diferem das pesquisas de Maranhão (2003) que tem como técnicas principais a raspagem e picotagem com polimento; e Brito (2011), onde a principal técnica é a raspagem e suas associações com outras técnicas.

Esse elevado número de grafismos elaborados pela picotagem se dá, pois, os sítios do Córrego do Peixe ocupam grandes áreas gravadas, e geralmente a técnica inicial utilizada para a demarcação dos traços é a picotagem. Nesse contexto, os grandes espaços ricos em suportes facilitaram a gravação desses grafismos. No entanto, com a disputa de espaço favorável para a gravação, novas técnicas são necessárias para dar um destaque nas gravuras, e é aí que técnicas como a raspagem e o polimento são inseridas.

Observamos que quanto mais próximo o painel se encontra, do Córrego do Peixe, maior é o número de sobreposições no mesmo e, principalmente, sobreposições de grafismos

elaborados por técnicas como a raspagem e suas associações com outras técnicas. Quanto mais distantes do curso de água, maior a quantidade de grafismos picotados. Ou seja, a técnica da picotagem é utilizada em locais não gravados, ou pouco gravados e, quando o suporte já apresenta gravações, os indivíduos adotavam outras técnicas mais abrasivas para destacar seus novos grafismos criando assim, as sobreposições e as regravações.

Com a observação de como essas técnicas se comportam no suporte granítico, vemos que técnicas como a raspagem e o polimento deixam os grafismos mais aparentes. Isto é característico em sobreposições gráficas nesses sítios, principalmente nos grafismos recorrentes, que no Córrego do Peixe passaram por episódios de regravação.

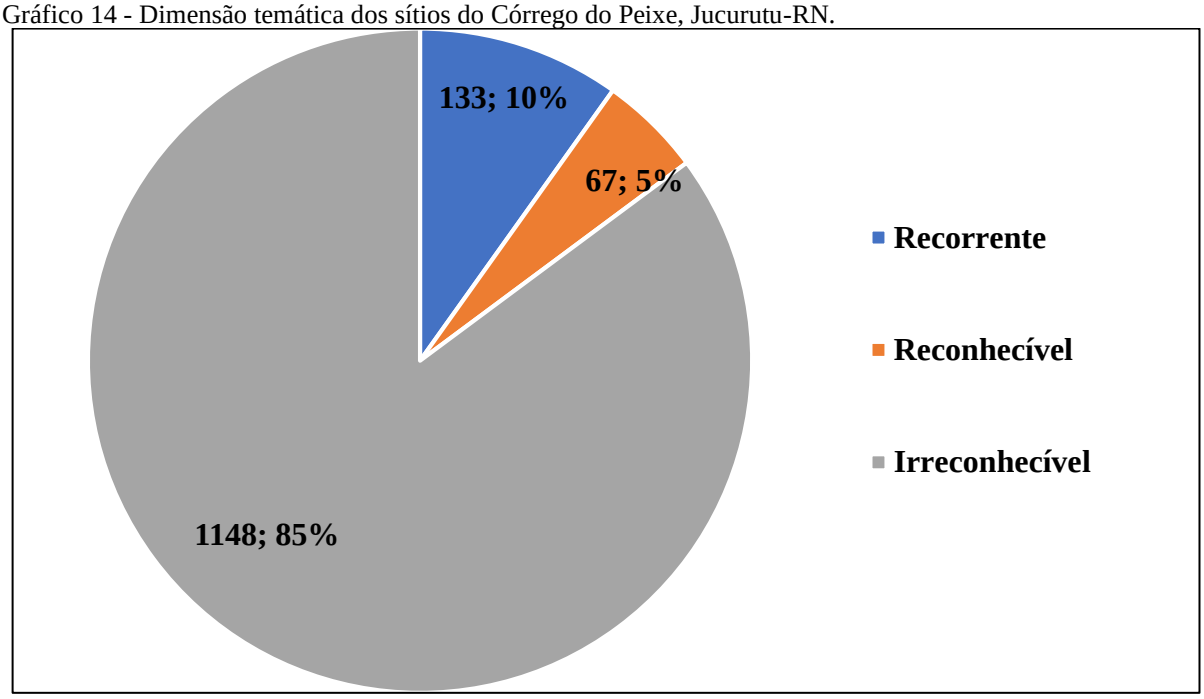
Constatamos que a espessura média dos traços dos grafismos é de 1,4 cm, e, se comparamos esses dados aos dos sítios de Maranhão (2003), os traços destes tinham espessuras mais delgadas, entre 0,5 cm e 1 cm. A profundidade média dos sulcos dos grafismos no Córrego do Peixe é de 0,2 mm, caracterizando-se, a maioria dos sítios, por um traço superficial. O único sítio em que se verificou sulcos de mais de 1 mm foi o Lajedo do Getúlio, com profundidade média de 0,3 cm a 3 mm. Os instrumentos utilizados para a prática gravadora dos sítios pesquisados têm as seguintes médias para os gumes: 0,5 cm para os percutores e 1 cm para os raspadores.

.

## 6.2 DIMENSÃO TEMÁTICA

Dentre os mil trezentos e quarenta e cinco (1345) grafismos analisados (Gráfico 14), sessenta e sete (67=5%) são reconhecíveis, cento e trinta e três (133=10%) são recorrentes e mil cento e quarenta e oito (1148=85%) são de caráter irreconhecível. Se compararmos esses números as pesquisas anteriores (MARANHÃO, 2003, BRITO, 2011), vemos que existe um grande número de grafismos reconhecíveis nos sítios do Córrego do Peixe, embora sejam 5% da amostra, pois Maranhão e Brito se quer citam a existência desse tipo de grafismos em suas amostras. Isso nos leva a evidenciar uma das principais diferenças entre os sítios do Córrego do Peixe e os sítios das Pesquisa de Maranhão (2003) e Brito (2011), que seria a grande quantidade de grafismos reconhecíveis.

Gráfico 14 - Dimensão temática dos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN.




Entre os sessenta e sete (67) grafismos reconhecíveis (Gráfico 15), temos sete (7=11%) antropomorfos, treze (13=19%) fitomorfos, onze (10=10%) zoomorfos, trinta e sete (37=55%) grafismos naturalistas. Os antropomorfos (Figura 242) são todos distintos, não apresentando nenhum padrão morfológico verificável. Nos zoomorfos identificados, também não se observou qualquer padrão morfológico. Identificamos grafismos em forma de lagartos (maioria), anfíbios e aves.

Gráfico 15 - Quantitativo dos grafismos reconhecíveis dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN.

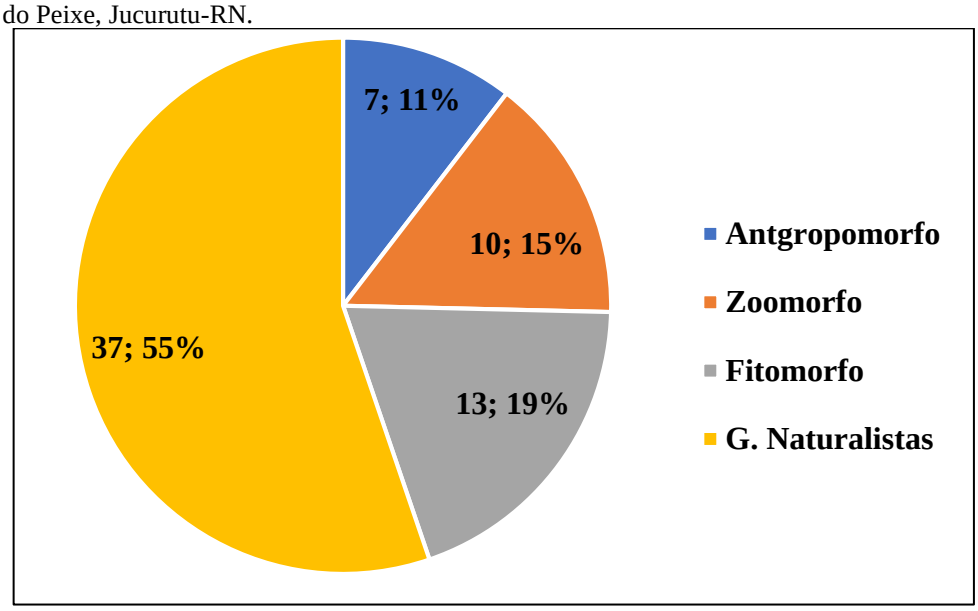
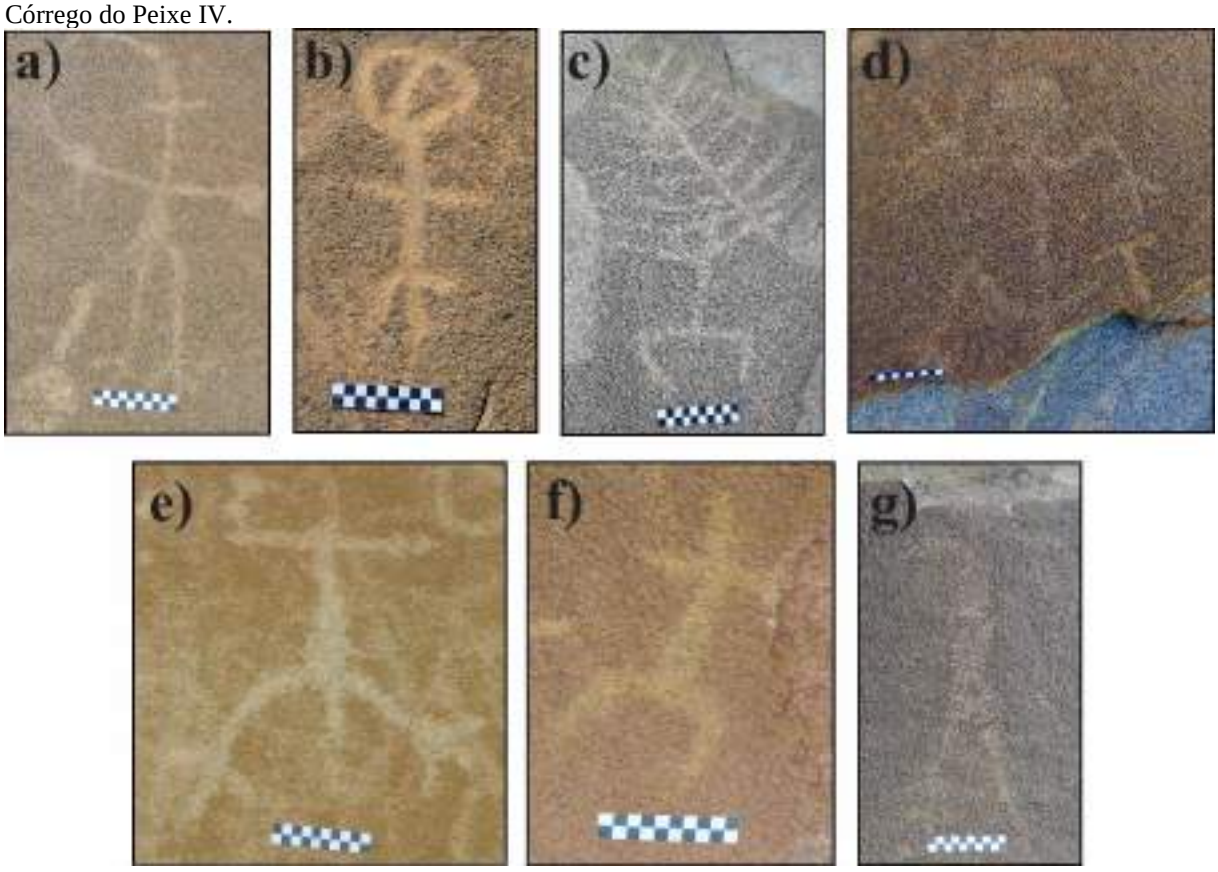
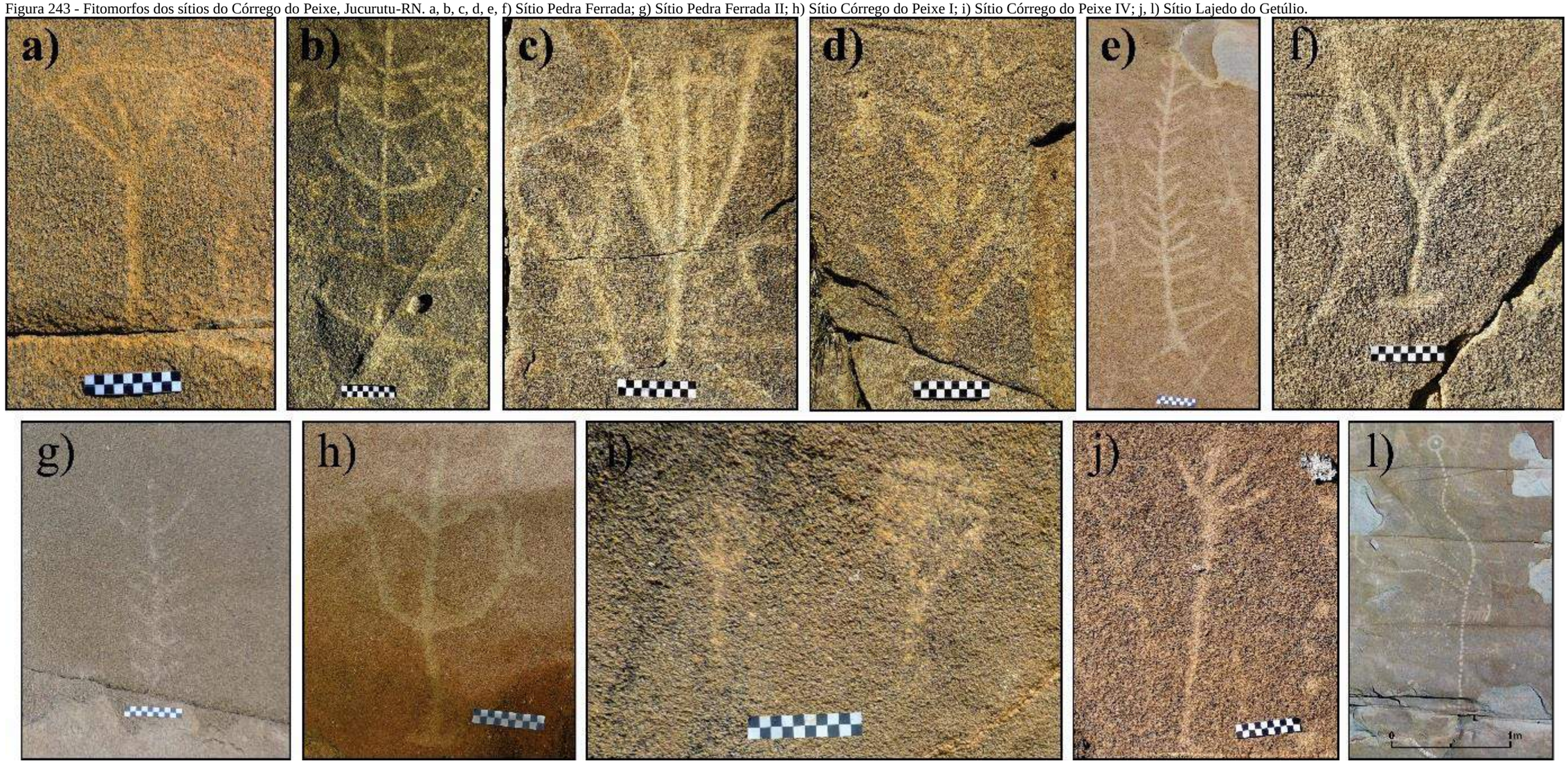


Figura 242 - Antropomorfos identificados nos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. a) Painel 1, Sítio Pedra Ferrada; b) Painel 3, Sítio Pedra ferrada; c) Painel 3, Sítio Pedra Ferrada; d) Grafismo isolado, Sítio Pedra Ferrada; e) Painel 5, Sítio Córrego do Peixe I; f) Área gravada 2, Sítio Córrego do Peixe III; g) Grafismo isolado, Sítio Córrego do Peixe IV.




Já para os Fitomorfos (Figura 243), o critério de análise é a copa e a possível representação do solo existentes nos grafismos. Em seis (06) dos treze (13) fitomorfos, verificamos um traço logo abaixo do grafismo, o que indica que o sujeito gravador sugere a representação do solo. Quando isso não ocorria, os indivíduos representavam os grafismos de maneira que o "tronco" do fitomorfo "brotasse" de uma rachadura ou linha natural da rocha, isso ocorre em dois (02) grafismos, dando a mesma impressão de solo que um traço gravado teria. Já as Mãos e Pegadas remetem aos formatos originais reais, inclusive com o mesmo número de dedos em alguns casos. No entanto, os tamanhos são variados e não seguem um padrão.

Figura 243 - Fitomorfos dos sítios do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN. a, b, c, d, e, f) Sítio Pedra Ferrada; g) Sítio Pedra Ferrada II; h) Sítio Córrego do Peixe I; i) Sítio Córrego do Peixe IV; j, l) Sítio Lajedo do Getúlio.



Percebemos que os sítios do Córrego do Peixe contêm duas identidades gráficas bem definidas: uma é caracterizada por grafismos recorrentes e grafismos reconhecíveis que ocuparam o mesmo momento pictórico, já a segunda identidade gráfica é caracterizada pela presença por grafismos recorrentes que eram regravados em momentos pictóricos distintos.

Justificamos a afirmação anterior pois os grafismos reconhecíveis dos sítios do córrego do Peixe são elaborados exclusivamente pelas técnicas da picotagem, raspagem e picotagem associada a raspagem, que seria uma característica de um momento pictórico. Já a segunda identidade gráfica, caracterizada principalmente pela regravação dos grafismos recorrentes, tem como principal processo a utilização de técnicas que tornavam os grafismos mais nítidos e consequentemente mais profundos, existindo um grande emprego de técnicas mais abrasivas como a raspagem e o polimento.

Dentre os cento e trinta e três (133) grafismos recorrentes analisados o tipo GR16 de Maranhão (2003) foi o que mais ocorreu, ocorrendo em cinco (05) sítios, repetindo-se vinte e nove (29) vezes. Já os grafismos GR2, GR18 de Maranhão (2003), recorrência 10 de Brito (2011) ocorrem em quatro (04) sítios sendo respectivamente dezenove (19) GR2, nove (09) GR18, dezoito (18) recorrência 10 de Brito (2011).

Se compararmos os resultados de incidência de grafismos recorrentes em sítios da nossa pesquisa com os de Maranhão (2003) vemos que as dimensões de repetições são semelhantes para os grafismos recorrentes que aparecem em ambas as amostra, no entanto, alguns grafismos que pertencem ao repertório de grafismos recorrentes de Maranhão (2003) não ocorrem nos sítios de nossa pesquisa são eles: GR 8, GR10, GR 13, GR 19, GR 20 e GR 21.

Além dos grafismos recorrentes de Maranhão (2003) e Brito (2011), encontramos três grafismos recorrentes existentes nos sítios do Córrego do Peixe, os denominamos de Grafismos Recorrentes Córrego do Peixe (GRCP), eles vão do 1 ao 3, e o GRCP 2 e 3 ocorram nos mesmos sítios, Córrego do Peixe I e Lajedo do Getúlio, em quantidades semelhantes. Também foi possível a identificação de uma possível piroga no sítio Lajedo do Getúlio, esse grafismo recorrente e emblemático é comum nos sítios arqueológicos com pintura rupestre da subtradição Seridó. A figura 244 representa o quantitativo geral dos grafismos recorrentes existentes nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe (Figura 244).

Figura 244 - Quantitativo geral dos grafismos recorrentes existentes nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN.

| | GR 1 | GR 2 | GR 3 | GR 4 | GR 5 | GR 6 | GR 7 | GR 8 | GR 9 | GR 10 | GR 11 | GR 12 | GR 13 | GR 14 | GR 15 | GR 16 | GR 17 | GR 18 | GR 19 | GR 20 | GR 21 | GR 22 | GR 23 | GR 24 | GR 25 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| P. Ferrada | 0 | 6 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 9 | 1 | 0 | 0 | 0 | 16 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 | 2 | 0 | 0 |
| P. Ferrada 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| C. Peixe I | 2 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 4 | 0 |
| C. Peixe II | 0 | 9 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| C. Peixe III | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| C. Peixe IV | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| C. Peixe V | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| L. Getúlio | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 4 | 3 | 1 |
| **Soma** | **2** | **19** | **0** | **4** | **0** | **1** | **1** | **0** | **10** | **0** | **16** | **2** | **0** | **0** | **0** | **29** | **1** | **9** | **0** | **0** | **0** | **18** | **2** | **11** | **7** | **1** |

Evidenciamos a existência de grafismos recorrentes com características morfológicas que destoam de seus pares. Alguns grafismos recorrentes ao repertório de grafismos de Maranhão (2003) apresentaram alterações nos formatos que acreditamos ser mudanças regionais e/ou de estilo, específicos para os sítios do Córrego do Peixe.

Notamos que os grafismos dos sítios do Córrego do Peixe seguem um grau de organização espacial bem definido, onde os grafismos de cunho reconhecível são gravados nas áreas periféricas das AGs e das ACGs, e os grafismos recorrentes ocupam áreas mais centrais das AGs e ACGs. Isso pode demonstrar um certo graus de importância de determinados grafismos para os grupos gravadores responsáveis por tais registros.

A proximidade dos painéis com o Córrego do Peixe tem influência direta na disposição das gravuras no suporte, pois as maiores concentrações gráficas estão localizadas em painéis próximos ao córrego, ou em áreas dos suportes que ficam parcialmente alagadas em determinado período.

No sítio Pedra Ferrada as maiores concentrações de grafismos e sobreposições estão localizadas nos painéis 3 e 4, que distam cerca de 30 metros do Córrego do Peixe. Já no sítio Córrego do Peixe I, no painel 1, está localizado numa área que no período de chuva acumula água. É justamente nesse local que estão localizadas as ACGs do painel 1. Já o sítio Lajedo do Getúlio apresenta uma área no centro do suporte, que em períodos de chuva acumula água. A exemplo do painel 1 do Sítio Córrego do Peixe I, é nessa área que estão as maiores ACGs do sítio Lajedo do Getúlio.

O espaço médio entre os grafismos nas AGs é de 3,2 cm, e de 2,7 cm no interior das ACGs. Já o espaço médio entre as ACGs é de 13 cm. Também é importante citar que todos os sítios têm suas áreas gravadas elaboradas e delimitadas seguindo os ângulos das rochas, rachaduras, fissuras e desplacamentos, exibindo assim uma interação entre a prática pictórica e os agentes naturais intempéricos que atingem os suportes. Podemos citar como exemplos as ACGs do painel 1 do Sítio Córrego do Peixe I, e as ACGs do sítio Lajedo do Getúlio, que são separadas justamente por fissuras e veios de quartzo existente nas rochas suportes.

## 6.3 APRESENTAÇÃO GRÁFICA

Notamos que os painéis apresentam grandes áreas gravadas, e dentro dessas áreas existem áreas de concentrações gráficas bem delimitadas onde a intensidade das sobreposições e números de grafismos estão posicionados em direção aos os corpos hídricos, seja o Córrego do Peixe, ou até mesmo poças naturais localizadas nos suportes dos painéis.

Vemos que existia uma tendência a gravar os grafismos reconhecíveis nas áreas periféricas das áreas gravadas, ou isoladamente. Já os grafismos recorrentes eram gravados nas ACG´s de uma forma mais homogênea.

## 6.4 MOMENTOS PICTÓRICOS

A partir das análises do acervo fotográfico, e com o auxílio do programa Photoshop CC, vemos que os sítios do Córrego do Peixe tiveram entre dois (02) e três (03) momentos pictóricos distintos, tendo em vista o grande número de sobreposições de grafismos. No entanto não foi possível a segregação de momentos pictóricos em painéis com grau de desgaste avançado. Os sítios do Córrego do Peixe tiveram os seguintes momentos pictóricos:

- Pedra Ferrada: 3 momentos;
- Pedra Ferrada II: 2 momentos;
- Córrego do Peixe I: 3 momentos;
- Córrego do Peixe II: 3 momentos;
- Córrego do Peixe III: 1 momentos;
- Córrego do Peixe IV: 1 momento;
- Córrego do Peixe V: 2 momentos;
- Lajedo do Getúlio: 2 momentos;

### 6.4.1 Caracterização dos momentos pictóricos

Os momentos pictóricos apresentaram características técnicas e espaciais definidas que seriam:

#### 6.4.1.1 Características Técnicas:

- **1º momento pictórico**: é caracterizado por grafismos bastante desgastados, onde é quase impossível a identificação dos traços morfológicos dos mesmos. Na maioria das imagens de painéis com três momentos pictóricos a última camada, ou o primeiro momento pictórico, apresenta apenas resquícios de uma área gravada;
- **2º momento pictórico:** é caracterizado por grafismos em um estado de conservação mediano, sem apresentar suas características técnicas perfeitamente, onde por exemplo

marcas de picotagem não ficam tão aparentes em grafismos realizados por tal técnica. No entanto é possível identificar as características morfológicas dos grafismos.

- **3° momento pictórico**: apresenta grafismos em um estado de conservação relativamente bom. Nesse momento os grafismos apresentam suas características morfológicas e técnicas bem próximas de como foram gravadas inicialmente.

#### 6.4.1.2 Características Espaciais:

Notamos que os momentos pictóricos estão distribuídos em um painel de maneira distinta, os onde os 2 primeiros momentos, na maioria dos casos, tinham seus grafismos gravados de maneira homogênea na área gravada, já o terceiro momento sempre aparece no cento das áreas gravadas e das ACGs.

# 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

A partir dos dados obtidos, e com as comparações aos trabalhos anteriores, principalmente a pesquisa de Maranhão (2003), podemos responder nossas perguntas iniciais que seriam: “Os conjuntos gráficos dos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe integram o mesmo perfil gráfico dos sítios com gravura rupestres já estudados na área arqueológica do Seridó? Ou apresentam um perfil gráfico específico, como ocorre nos sítios do Riacho do Chaves em Jucurutu-RN?”

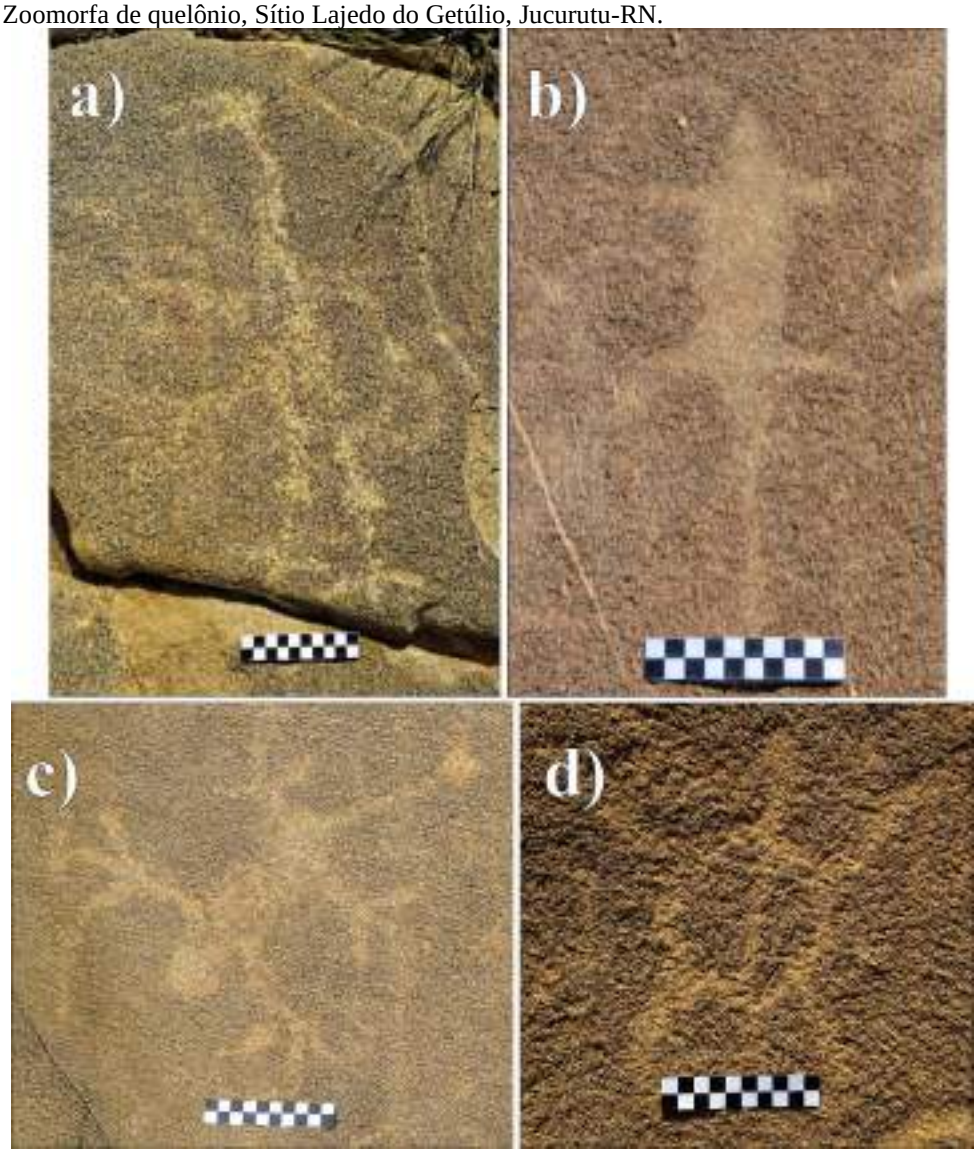
Vemos que os sítios localizados na área do Córrego do Peixe pertencem a duas identidades gráficas distintas e hipotéticas. A primeira é caracterizada por grafismos recorrentes aos da pesquisa de Maranhão (2003) e grafismos reconhecíveis, já a segunda identidade é caracterizada por um grande número de grafismos recorrentes que foram regravados durante mementos pictóricos distintos, esses grafismos recorrentes são os mesmos que integram a primeira identidade gráfica e fazem parte do repertório de grafismos recorrentes de Maranhão 2003, e Brito (2011).

É importante salientar que os grafismos recorrentes do acervo de Maranhão (2003) podem ter sido gravados em momentos pictóricos próximos ou até mesmo simultaneamente aos grafismos reconhecíveis encontrados nos sítios do Córrego do Peixe. Não estamos aqui para afirmar que existe uma identidade gráfica reconhecível e outra recorrente. O que queremos sugerir é que, até determinado período essas práticas poderiam ser simultâneas, e que posteriormente, esses grafismos recorrentes passaram a ser regravados, explicando maior profundidade nos sulcos e marcas de regravação.

Percebemos então que as únicas semelhanças entre o perfil gráfico dos sítios do Córrego do Peixe com os perfis dos sítios das pesquisas de Maranhão (2003) e Brito (2011) são as recorrências de grafismos existentes em ambos. Assim, os sítios do Córrego do Peixe têm um perfil gráfico específico para a área. Diferente dos sítios pesquisados por Maranhão (2003) e Brito (2011) existe uma grande quantidade de grafismos reconhecíveis que se quer foram citados nessas pesquisas, o que corrobora a ideia de uma identidade gráfica distinta entre os pesquisados por nossa pesquisa e os sítios pesquisados por Maranhão (2003) e Brito (2011).

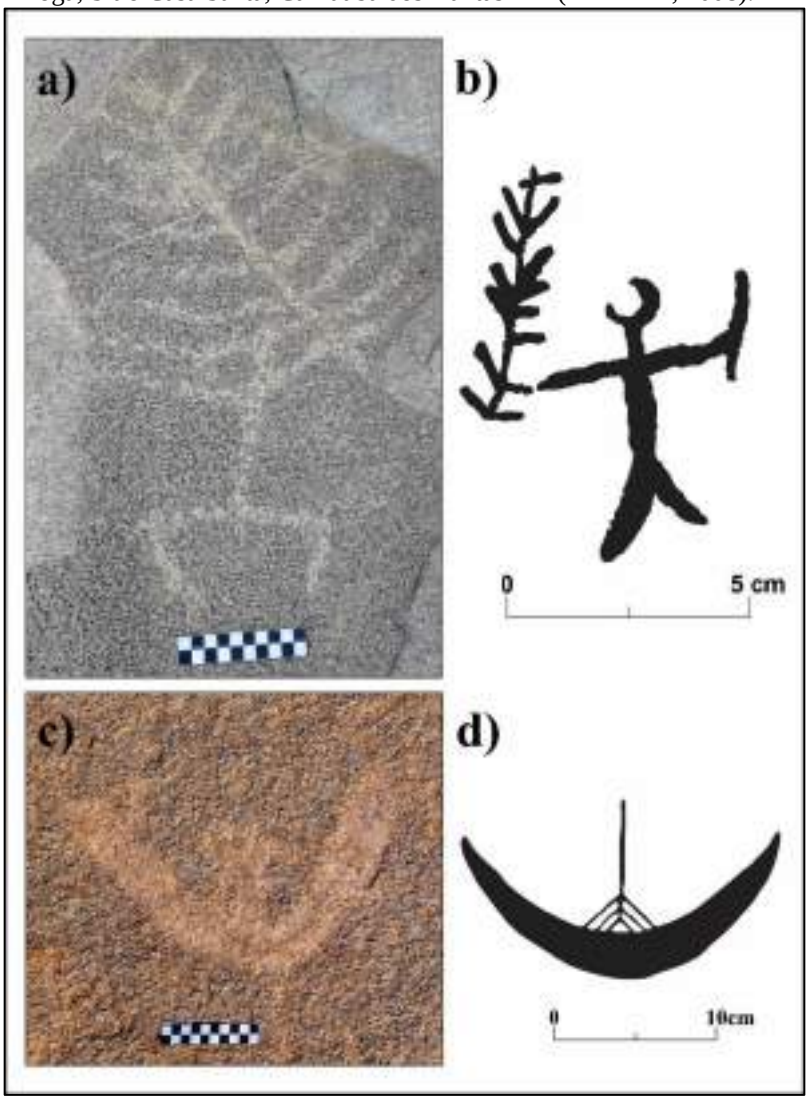
Os sítios do Córrego do Peixe se mostraram extremamente ricos em se tratando de acervo reconhecível. Nos zoomorfos (Figura 245), por exemplo, temos representações de Aves, lagartos, anfíbios e quelônios, todos representantes da fauna da área dos sítios. Já os fitomorfos demonstram pelo menos quatro espécimes de distintas.

Figura 245 - Zoomorfos. a) Representação zoomorfa de ave, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Representação zoomorfa de lagarto, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; c) Representação zoomorfa de anfíbio, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN, d) Representação Zoomorfa de quelônio, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN.




A partir de duas gravuras reconhecíveis existentes nos sítios Pedra Ferrada e Lajedo do Getúlio percebemos traços de uma possível influência da tradição nordeste de pinturas rupestres nas gravuras dos Sítios do Córrego do Peixe. Essa possível influência pode ser identifica nesses grafismos pois os mesmos apresentam características de grafismos emblemáticos dessa tradição, que seria o Antropomorfo segurando um ramo, localizado no sítio Pedra Ferrada, e uma Piroga, comum na subtradição Seridó (MARTIN, 2008), localizada no sítio Lajedo do Getúlio (Figura 246). No entanto, esses grafismos são, na maioria das vezes, associados a cenas compondo uma possível narrativa, o que não ocorre nos sítios do Córrego do Peixe pois eles foram gravados em áreas periféricas dos painéis, isolados de outros grafismos.

Figura 246 - Grafismos emblemáticos. a) Antropomorfo, Sítio Pedra Ferrada, Jucurutu-RN; b) Grafismo emblemático, Sítio Mirador, Parelhas-RN (MARTIN, 2008); c) Piroga, Sítio Lajedo do Getúlio, Jucurutu-RN; d) Piroga, Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas-RN (MARTIN, 2008).




Acreditamos que existam mais sítios arqueológicos na área do Córrego do Peixe, na futura área alagada da Barragem das Oiticicas, que se estende entre os municípios de Jucurutu, Jardim de Piranhas, São Fernando, estado do RN, e no município de Belém de Brejo do Cruz, no estado da Paraíba. Nossa intenção é intensificar prospecções na área antes que as obras da Barragem das Oiticicas terminem, pois sabemos que uma vez alagado, alguns pontos da barragem chegarão a mais de 30 metros de profundidade.

A partir dessa pesquisa descobrimos também a grande quantidade de sítios arqueológicos com registro rupestre gravados na área do município de Jucurutu, e que dos 25 sítios arqueológicos do município, apenas 18 foram estudados, sendo 8 nessa dissertação e 11 por Santos Junior (2016). No entanto, o trabalho de Santos Junior nos sítios do Riacho do

Chaves precisa ser intensificado, tendo em vista o reconhecimento dos grafismos existentes nos Sítios do Riacho do Chaves, existindo uma identidade gráfica exclusiva nesses sítios. Não sabemos quando novas obras de auto impacto ecológico e arqueológico podem ser aprovadas na região assim toda pesquisa na área é necessária.

## REFERENCIAS


AB'SABER, A. N. Sertões e sertanejos: uma Geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 7-59, 1999.

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 4. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Piranhas-Açu**. Brasília: ANA, 2014.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Piranhas-Açu**. Brasília: ANA, 2016.

AGUIAR, A. A tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, n. 3, p. 07-98, 1986.

AGUIAR, A**. A tradição Agreste**: análise de 20 sítios de arte rupestre. Recife: Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), 1987.

BARBOSA, R. J. N. **As pinturas rupestres da área arqueológica Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco**: estudo das fronteiras gráficas de passagem. 2007. 174 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BARBOSA, R. J. N. **Perfil gráfico das pinturas rupestres pré-históricas do Vale do Moxotó e quadrante nordeste da bacia hidrográfica do Pajeú – Pernambuco**. 2013. 195 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

BEZERRA JÚNIOR, J. G. O.; SILVA, N. M. Caracterização geoambiental da Microrregião do Seridó Oriental do Rio Grande do Norte. **Holos**, [s.i.], a. 23, v. 2, p. 78-91, 2007.

BRITO, F. P. **Análise de Gravuras Rupestres Pré-Históricas das Bacias Hidrográficas do Espinharas/Sabugi/Quipauá-Barra Nova no Seridó Ocidental-RN**. 2011. 122 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em. Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

CISNEIROS, D. C. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Brasil**. 2008. 322 f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em. Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

COUTO, H. H. **Ecolinguística**: estudos das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS (CPRM). Diagnóstico do município de Jucurutu. In: MASCARENHAS, J. C.; BELTRÃO, B. A.; SOUZA JUNIOR, L. C.; PIRES, S. T. M.; ROCHA, D. E. G. A.; CARVALHO, G. D. (Orgs.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Rio Grande do Norte**. Recife: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM): Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios (PRODEEM), 2005. Escala: 1:100.000.

DANTAS, J. A. **Indícios de uma civilização antiqüíssima**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1994. (Biblioteca Paraibana, n. 11).

FAUSTINO, J. **Planificación y gestión de manejo de cuencas**. Turrialba/CR: Catie, 1996.

GUIDON, N. Da aplicabilidade das classificações preliminares. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, Recife, n. 5, p. 117-128, 1982.

GUIDON, N. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Clio**: Série Arqueológica Recife, n. 5, p. 05-10, 1989.

GUIDON, N. Contribuição ao estudo da paleogeografia da área do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio**:Série Arqueológica, Recife, n. 15, p. 45-60, 2002.

COIMBRA, F. Glossário. In: BEDNARIK, R. C.; ACHRATI, A.; CONSENS, M.; COIMBRA, F.; DIMITRIADIS, G.; HUISHENG, T.; MUZZOLINI, A.; SEGLIE, D.; SHER, Y. A. **Rock art glossary**: a multilingual dictionary. Melbourne/AU: International Federation of Rock Art Organisations (IFRAO), 2010, p. 165-185. (Occasional Aura Publication, n. 16).

JOHNSON, M. **Teoría arqueológica**: una introducción. Barcelona: Ariel, 2005.

KL ENGENHARIA. **Construção da Barragem Oiticica**. Disponível em:<http://kleng.com.br/index.php/2016/10/14/projeto-de-integracao-do-rio-sao-francisco-pisf-texto-modelo-2/>. Acesso dia: 30 jul. 2017.

LEITE, M. N. **A subtradição Seridó de pintura rupestre – RN**: um estudo da identidade humana. 2004. 190 f. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

LUNA, S.; NASCIMENTO, A. Levantamento arqueológico do Riacho do Bojo, Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 13, p. 173-186, 1998.

MARANHÃO, R. B. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano**: um estudo técnico e cenográfico. 2003. 118. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MARCOS DANTAS. **Moradores de Barra de Sant'Ana decidem manter paralização das obras da Barragem de Oiticica**. Disponível em:<https://marcosdantas.com/moradores-de-barra-de-santana-decidem-manter-paralisacao-das-obras-da-barragem-de-oiticica/>. Acesso dia: 30 abr. 2017.

MARTIN, G. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB). **Clio**: Série Arqueológica, Recife, n. 16, p. 11-31, 2003.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Editora UFPE, 2008.

MARTIN, G. O estilo "Seridó" na arte rupestre do Rio Grande do Norte. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, v. 6-7, p. 379-382, Belo Horizonte, 1981-1982.

MARTIN, G. "Casa Santa": um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, Recife, n. 5, p. 55-80, 1982.

MARTIN, G. Arte rupestre no Seridó (RN); o sítio "Mirador" no Boqueirão de Parelhas. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, v. 2, n. 7, p. 81-95, 1985.

MATOS, F. A. S. **Os antropomorfos no registro rupestre do semiárido paraibano**: caracterização das representações na microrregião do cariri ocidental. 2015. 187 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA); AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Proposta de Instituição do comitê da bacia hidrográfica do Rio Piranhas-Açu, conforme resolução Nº 05, de 10 de abril de 2000, do Conselho Nacional de Recursos Hídricos**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Agência Nacional de Águas, 2005. (Volume 1).

MORAIS NETO, J. M. Contribuição ao cadastramento das itacoatiaras do "Vale do Sabugi", na fronteira seridoense da Paraíba. **Revista de Arqueologia**, [s.i.], v. 8, n. 1, p. 133-155, 1994.

MÜTZENBERG, D. S. **Gênese e ocupação pré-histórica do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre:** uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do vale do Rio Carnaúba – RN. 2007. 142 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OPEN BRASIL.ORG. **Secas do Seridó**. Disponível em:<http://secasdoserido.openbrasil.org/2016/08/caracteristicas-da-regiao-do-serido.html.> Acesso dia: 19 fev. 2018.

PESSIS, A-M. Apresentação gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre do Brasil. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, n. 5, p. 11-17, 1989.

PESSIS, A-M. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 15, p. 29-44, 2002.

PESSIS, A-M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 8, p. 35-66, 1992.

PESSIS, A-M. **Imagens da Pré-história**. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Prèhistorie. Images from Pre-History. São Paulo: FUMDHAM; PETROBRAS; A&A Comunicação, 2003.

PESSIS, A-M. Métodos de interpretação da arte rupestre: análise preliminar por níveis. **Clio:** Série Arqueológica, Recife, n. 6, p. 99-107, 1984.

PESSIS, A-M. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. **Clio**: Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 9, p. 07-14, 1993.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UNB, 1992.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia**: teorias, métodos y practicas. Traducción de Maria Jesús Mosquera Rial. 2. ed. Madrid: Akal, 1998.

SANTOS JÚNIOR. V.; CARLOS, H. F. M; OLIVEIRA, L.; GONZAGA, S. P. F. As gravuras rupestres dos sítios arqueológicos do Riacho do Chaves, município de Jucurutu, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. **Tarairiú**, Campina Grande, a. 7, v. 1, n. 11, p. 14-34, 2016.

SANTOS JUNIOR, V.; VALLE R.; LAVALLE, H.; OLIVEIRA, D. L.; BEDNARIK. R. G. Direct dating of petroglyphs in Rio Grande do Norte, Brazil. **Rock Art Research**, [s.i.], v. 35, n. 1, p. 85-97, 2018.

SILVA, A. C. **As representações zoomórficas na subtradição Seridó**. 2003. 123 f. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, A. S. B.; FORBELONI, J. V.; Os Impactos Ambientais e Sociais da construção da Barragem de Oiticica – Jucurutu/RN. In: Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens (ENEDS), 14., 2017, Itajubá/MG. **Anais**. Itajubá/MG: ENEDS; UNIFEI, 2017. Disponível em: <http://eneds.net/ocs/index.php/edicoes/eneds2017/paper/viewFile/478/422> Acesso em: 10 mar. 2018.

**ANEXO A - PROTOCOLO DE SÍTIOS COM REGISTROS RUPESTRES – FUNDAÇÃO SERIDÓ**

| LOCALIZAÇÃO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Nome do Sítio**: | | | | |
| **U.R.**: | | **Município:** | | **UF:** RN |
| **UTM E:** | **UTM N:** | **Latitude:** | **Longitude:** | |
| **Cota altimétrica:** | **Zona:** | **DATUM**: | **GPS - Modelo:** | **Precisão:**3m |
| **Data do levantamento:** | | **Guia:** | | |
| **Sítios relacionados:** | | | | |
| **Proprietário:** | | | | |
| **Endereço:** | | | | |
| **Acesso:** | **Mapa posicionamento:** | | | |

| DOCUMENTAÇÃO ARQUEOMÉTRICA E ARQUEOMÁTICA |
|---|
| **Documentação produzida:**( ) Levantamento fotográfico ( ) Levantamento fotogramétrico ( ) Sondagens ( ) Levantamento colorimétrico ( ) Elaboração de croqui ( ) Outros: |
| **Obs**.: |

| DADOS CARTOGRÁFICOS: |
|---|
| **Carta**: |
| **Mapa**: |
| **Posicionamento SIG:**( ) Sim ( ) Não |

| DADOS DO SÍTIO | | |
|---|---|---|
| **Tipo de sítio:**( ) Abrigo ( ) Céu aberto ( ) Gruta ( ) Matacão | | |
| **Superfície dominante do suporte:**( ) Lisa ( ) Rugosa ( ) Outra: | | |
| **Rocha suporte dominante:** | **Outras rochas:** | |
| **Unidade geológica da área:** | **Unidades de relevo:** | |
| **Posição do sítio no relevo:** | **Identificação do solo:** | |
| **Dimensão do sítio - Comprimento:** | **Largura:** | **Altura:** |
| **Área abrigada do sítio:** | **Abertura**: | **Orientação**: |
| **Possibilidade de inundação do sítio:** | **Distância da fonte atual de água:** | |
| **Rio**: | **Bacia hidrográfica:** | |
| **Descrição do abrigo:** | | |

| GRAFISMOS RUPESTRES | | | |
|---|---|---|---|
| **Tipos:**( ) Pintura ( ) Gravura | | | |
| **Sobreposição:**( ) Sim ( )Não | | | |
| **Descrição do conjunto rupestre:** | | | |
| **Imagem:** | | | |
| **Dimensão total da área pictórica:** | **Quantidade de manchas gráficas:** 17 | | |
| **Visualização da área pictórica:**( )Completa ( )Parcial ( )Escassa | | | |
| **Painel nº:** | **Comprimento** | **Espessura** | **Altura em relação ao solo:** |
| | | | |
| **Dominância de figuras:**( ) Reconhecíveis ( ) Não reconhecíveis | | | |
| ( ) Antropomorfo ( ) Zoomorfo ( ) Fitomorfo ( ) Objetos ( ) Grafismos puros | | | |
| **Distribuição das figuras no suporte:**( ) Isolada ( ) Agrupadas | | | |
| **Representação de cenas:**( ) Sim ( ) Não | **Tipo:** | | |
| **Tamanho dominante:** | **Suporte:**( ) Não trabalhado ( ) Trabalhado | | |
| **Técnica de preenchimento dominante:**( ) Simples ( ) Complexo | | | |
| **Cores:**( ) Vermelho ( ) Amarelo ( ) Branco ( ) Preto ( ) Outras | | | |
| **Obs:** | | | |

| OUTROS VESTÍGIOS | |
|---|---|
| **Vestígios de superfície:**( ) Sim ( )Não | **Tipo:**NA |
| **Possibilidade de escavação:**( ) Sim ( ) Não | **Justificativa:**. |
| **Obs:** | |

| DADOS DE CONSERVAÇÃO DO SÍTIO |
|---|
| **Exposição dos painéis pictóricos:**( ) Chuva ( ) Vento ( ) Sol |
| **Intemperismo biológico:**( ) Fungo ( ) Vegetal ( ) Animal |
| **Intemperismo físico-químico:**( ) Escamação ( ) Fraturas ( ) Desagregação ( ) Sais minerais ( X ) Pátina ( ) Mancha de água ( ) Fuligem ( ) Desplacamento |
| **Ação antrópica:**( ) Queimadas ( ) Exploração de pedreiras ( ) Pichações ( ) Queimada intencional ( ) Fogueiras ( ) Outros: |
| **Obs.:** |
| **DADOS SOBRE A CAMPANHA** |
| **Projeto:** |
| **Equipe:**. |
| **Nomenclaturas utilizadas:** N.I. = Não informado; N.A. = Não se aplica |